

O BRASIL LITERÁRIO
(história da literatura brasileira)

PREFÁCIO

O imperio do Brasil viu nestes ultimos anos sua influencia aumentar, a ponto de atrair a atençaõ de toda a Europa civilizada. Naturalistas, etnografos, historiadores, homens de estado, tomaram-no por objecto de seus estudos, de que resultou um numero consideravel de obras importantes.

Apenas por um aspecto o Brasil continuou até agora uma terra desconhecida dos Europeus: sua litteratura indigena e nacional conservou-se na obscuridade. Mal aparece entrevista em algumas obras sobre a litteratura portuguesa, vindo incluso como exiguo apêndice.

No entanto, a litteratura do Brasil fez tais progressos, sobretudo de trinta anos a esta parte, que não se lhe pode recusar por mais tempo o lugar que lhe compete na historia das litteraturas nacionais.

O que faz com que esta litteratura não tenha ainda atraido a atençaõ, mesmo na Alemanha, este país universal, é provavelmente o motivo de as suas fontes de estudo serem inacessiveis. As bibliotecas europeias mais ricas mal possuem as obras dos principaes autores brasileiros (a) e que difficuldade para conseguí-las!

(a) O provável seria que as bibliotecas de Lisboa e Coimbra possuissem grande copia de livros brasileiros. Mas não é o que acontece. Na verdade são os últimos lugares onde poderíamos encontrar alguma boa vontade no que tange à diffusão da litteratura brasileira. Os sentimentos de ciúme que Portugal tem em relação ao Brasil o ar de desdem com que considera esta antiga colonia, não induziria aquele país a conferir uma posição independente à litteratura brasileira, ao lado da portuguesa. O "Dicionario bibliográfico portu-

Nem mesmo é possível remediar esta lacuna, traduzindo qualquer historia literaria pois que os brasileiros não possuem nenhuma que chegue até os nossos dias. (b)

A bibliotheca Imperial de Viena vem recebendo de alguns anos a esta parte bom numero de livros do Brasil. Um dos passageiros da fragata "Novara", o cavalheiro Ferdinand de Hochstetter, foi encarregado por este estabelecimento de aproveitar-se de sua estadia no Rio de Janeiro para adquirir livros brasileiros. Alem disto, Jean Jacques de Tschudi teve a bondade de procurar aumentar esta coleção durante a sua passagem pelo Brasil, mediante compra ou doação.

Acrescentemos a isto que eu tire a felicidade de travor conhecimento com os escriptores mais distintos do Brasil. Quero falar dos srs. Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manoel de Araújo Porto-Alegre e Ernesto Ferreira França que me forneceram material de toda a especie e auxiliaram-me com seus conselhos. Ex-

guês" de I. Fr. da Silva revela-nos que muitas obras brasileiras fundamentais não se encontram nestas duas bibliothecas. O autor deste excelente livro teve que buscar por si a maior parte das obras mais modernas, principalmente as que appareceram depois da separação dos dois imperios. (N. do A.)

Este sentimento de incompreensão reciproca entre Brasil e Portugal persistiu século XIX a fora, sob a forma, em Portugal de desprezo a que Wolf allude e no Brasil de acendrada lusofobia, que aliás mesmo em nossos dias, cá e lá, atenuadamente embora dá de si evidencias sensiveis. (N. do T.)

(b) É verdade que Joaquim Norberto de Souza Silva, cujos estudos o tornam muito rapaz de semelhante empreendimento, há muito que trabalha em uma historia detalhada da literatura brasileira, mas até agora não publicou mais que alguns fragmentos. (N. do A.)

Joaquim Norberto, infelizmente, nunca foi além destes trabalhos, fragmentários, meritorios apesar de tudo. Nunca este autor conseguiu dar-nos livro organico e completo que Wolf preconizava. (N. do T.)

primo-lhes aqui publicamente meu reconhecimento, assim como ao sr. Tschudi que, não satisfeito de pôr à minha disposição a sua rica biblioteca, abriu-me o tesouro inesgotável de sua erudição.

Tais são as circunstancias que me levaram a preencher a lacuna importante que assinalai na historia litteraria.

Tentei esboçar o desenvolvimento da litteratura no Brasil. Acrescentei à minha historia uma antologia das obras dos escriptores de que falei. O que me levou a fazê-lo, foi antes de mais nada a raridade destas obras, ãepois o desejo de permitir ao leitor que julgasse por si mesmo.

Os senhores editores desejaram que a parte historica fosse traduzida para o frances. Seja-me permitido agradecer o doutor Van Muyden, que se esforçou em traduzir com a maior fidelidade possível as idéias do original.

Deixo que os leitores julguem o fructo desse trabalho de tres annos. Peço-lhes somente alguma condescendencia para o facto de o autor não conhecer o Brasil a não ser pelos livros, conhecimento, como se deduz, defeituoso e incompleto.

Meu livro tem em todo o caso o merito relativo de ser o primeiro e o unico que até agora appareceu na Europa sobre o assunto. (c).

Viena. Abril de 1862

Ferdinand Wolf

(c) Wolf aqui se mostra na verdade modesto. Livro como o seu é não só o primeiro a apparecer na Europa sobre o assunto como no Brasil ninguém se lhe antecipou numa obra, como a sua — de envergadura para a época em que foi feita. (N. do T.).

As notas que appareceram sem a referencia (N. do T.) são de Wolf.

INTRODUÇÃO

DEFINIÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA — DIVISÃO EM PERIODOS RESULTANTE DESTA DEFINIÇÃO — OBRAS CONSULTADAS

Pode-se com justiça falar agora em literatura brasileira. Todavia, os primeiros elementos literarios foram trazidos ao Brasil pelos conquistadores portugueses. Os colonos, seus successores, continuando a manter relações com a metropole e servindo-se de sua lingua, continuaram cultivando-os. A medida que iam se emancipando da mãe patria, os brasileiros de origem portugueza foram desenvolvendo-os com uma independência cada vez maior. (1)

(1) Veja-se Varnhagen *Historia Geral do Brasil*, Rio de J. 1854-57. 4^o vol. II. p. XXV, quanto à verdadeira nacionalidade dos brasileiros.

Este começo da introdução de livros de Wolf serviu para que se vissem nele indícios de um critério racial ou etnográfico applicado à litteratura e tão caro a Silvio Romero... Mas neste passo Silvio polemiza:

"Ferdinando Wolf (1863) nem por sembra teve o pressentimento d'este modo de ver, como já houve quem insinuasse. Primeiramente, porque não estabeleceu as bases da doutrina étnica brasileira; depois porque não assentou nela as leis de nosso desenvolvimento espirital; e mais, porque não diz uma palavra sequer do elemento africano; e mais ainda, porque não definiu o mestiço; porque não determinou o que se lhe deve no Brasil; porque não definiu ou outros concorrentes, indicando a contribuição de cada um; e, finalmente, porque, em todo o seu livro, quando só uma vez, alude, de passagem e rapidamente, ao assunto, é para negar (veja-se bem para negar) a influência directa dos habitantes primitivos

Os indígenas, com efeito, jamais tiveram cultura literaria propriamente dita. A esse respeito, apenas poderíamos assinalar alguns poemas a vez épicos e líricos, hinos religiosos ou guerreiros, ou simples melodias para regularem suas dansas, e por onde davam vasão aos seus instintos poeticos e musicais. Tais devem ser as unicas produções que podemos lobrigar nos dialetos indígenas.

Foi só indiretamente que os habitantes primitivos do país mereçê de sua união com os colonizadores e das racas hibridas (mamelucos e mesticos) que dai se derivaram é que exerceram, sobre o desenvolvimento do carater brasileiro e por consequinte sobre a literatura deste novo, uma influênciã, que vinha ainda aumentar a natureza rica e grandiosa do país. F' assim que ao fim de dois séculos, o carater nacional dos brasileiros e portanto o de sua literatura differia essencialmente do dos portuguezes.

Esta exposiçõ dos elementos que concorreram a formar a literatura brasileira, nos conduz naturalmente à divisãõ em periodos que iremos indicar. ²

1º periodo — Da descoberta do Brasil até o fim do século XVII. Os jesuitas principalmente introduzem a cultura literaria trazida da Europa: os colonizadores portuguezes e seus descendentes imitam servilmente os modelos portuguezes e espanhóis.

2º periodo — Primeira metade do século XVIII. A cultura literaria se estende e ganha raizes: fundam-se sociedades literarias, mas não obstante algumas veleidades de independencia, continua a imitaçõ pura e simples dos modelos portuguezes.

do país (só fala nestes) e de seus descendentes na psique nacional". (Historia da Literatura Brasileira, 1º vol. 3ª ed., págs. 301-302). (N. do T.).

3º periodo — Segunda metade do século XVIII — A cultura literaria expande-se cada vez mais assim como a tendencia à emancipação da influencia da metropole. A escola mineira é a principal representante deste movimento.

4º periodo — Do começo do século XIX e sobretudo da proclamação da independencia de Brasil (1822) até a emancipação tanto politica quanto literaria da mãe patria e do dominio exclusivo do pseudoclassicismo pela influencia dos romanticos (1840). A literatura brasileira assume um caracter nacional cada vez mais pronunciado em meio a tempestades politicas e mercê da influéncia direta das literaturas franceza e inglesa principalmente.

5º periodo — De 1840 até hoje. A monarchia se consolida; o governo e o proprio Imperador pessoalmente estimulam as letras e as belas artes. A literatura nacional propriamente dita desenvolve-se cada vez mais com o ascendente da escola romantica e dos elementos brasileiros. (2ª)

(2) Adotamos a divisão adotada por *Norberto de Souza Silva, Modulações poéticas. Precedidas da história da poesia brasileira, (Rio de Janeiro 1841, 8º p. 21-53)* e só nos apartamos dela na fusão que fazemos do 4º e do 5º Periodos num só a nosso 4º, visto que a declaração da Independência, seja qual for a importancia politica que tenha tido, não nos parece que tenha tido influéncia bastante sobre a literatura, além da de ter determinado uma época de transição difficilmente perceptivel. (N. do A.)

A divisão de Wolf baseia-se no crescimento cada vez maior da componente nacional na literatura. E tem um certo traço do arbitrio e convenção. Não podemos nos estender sobre a sua critica, o que nos levaria a capítulo longo de filosofia da Historia do Brasil.

De passagem anotemos uma critica de Silvio Romero ao esquema de Wolf:

Não obstante o interesse que oferece o espetáculo deste desenvolvimento e a importância sempre crescente que a literatura do Brasil assume para a América e o

"O defeito desta enumeração de fases é ser demasiado fragmentada e não atender ao critério do desenvolvimento das idéias em sua determinação. Por que fazer dos primeiros cinquenta anos do século XVIII um período literário do Brasil? Que houve então de especial na evolução espiritual dos brasileiros? Não se percebe facilmente. Que motivos aconselham a marcar uma fase com os primeiros quarenta anos do século XIX? Menos justificável ainda é este período" (obra citada, 1º vol., 3ª edição, pág. 304).

Silvio Romero foi variando no seu conceito quanto à divisão de nossa história literária. Na 1ª edição: período de formação (1500-1750); período de desenvolvimento autônomo (1750-1830); período de transformação romântica (1830-1870); período de reação crítica e naturalista, ao princípio, e, depois, parnasiana e simbolista (1870 em diante até os dias atuais).

Na 2ª edição propunha: período de formação (de 1592, data suposta da 1ª edição da Presopopêia — de Bento Teixeira Pinto, a 1768, data da publicação das Obras Poéticas, de Claudio Manuel da Costa); período de desenvolvimento autônomo (de 1768, da mesma data das Obras Poéticas de Claudio — a 1836, ano da publicação dos Suspiros Poéticos de Gonçalves de Magalhães); período de reação romântica (de 1836, ano dos Suspiros Poéticos — a 1875, época do aparecimento dos Ensaios e Estudos de Filosofia e Crítica de Tobias Barreto); período de reação crítica e naturalista e, depois, parnasiana e simbolista (de 1875, ano dos citados Ensaios, em diante, até os dias atuais).

Mais tarde simplificava: período de formação ou período clássico, de 1592 — a 1835; período de desenvolvimento ou período romântico, de 1836 — a 1875; período das reações antirromânticas, de 1875 em diante até os dias de hoje.

Para além simplificar mais ainda: período de formação ou período clássico, de 1592 a 1836; período de desenvolvimento ou de reações ulteriores, de 1836 até agora e a continuar pelos anos adiante (obra citada, 1º vol., págs. 305-306).

Aqui já Silvio Romero chega a uma esquematização apresentada à de José Veríssimo que não vê em nossa evo-

mundo civilizado, ela é muito mal conhecida hoje em dia na Europa. Ferdinand Denis é o único literato europeu que acrescentou a seu resumo de historia lite-

lucção litteraria mais que dois periodos, o colonial e o nacional. Em Ronald de Carvalho temos:

1º Período de formação, quando era absoluto o predomínio do pensamento português (1500-1750).

2º Período de transformação, quando os poetas da escola mineira começaram a neutralisar, ainda que pàlidamente, os efectos da influência lusitana (1750-1830).

3º Período autonomico, quando os românticos e os naturalistas trouxeram para a nossa litteratura novas correntes europeias (1830 em diante).

Artur Mota dá o seguinte quadro:

EPOCA DA FORMAÇÃO

- a) Período embrionário: das referencias dos viajantes.
- b) Período de elaboração: dos missionários e cronistas.
- c) Período de iniciação: desde a primeira manifestação em Pernambuco, até Gregorio de Mattos, na Bahia (centro Pernambuco).
- d) Período da diferenciação: a partir de Gregorio de Mattos até a Arcadia Ultramarina (centro Bahia).

EPOCA DE TRANSFORMAÇÃO

- a) Pleiade mineira: o arcadismo (centro Minas Gerais).
- b) Fase patriótica: preparo da Independência (em varios pontos do país).
- c) Fase religiosa: a poesia, a eloquencia sagrada e os publicistas (centro Rio de Janeiro).
- d) Transição dos classicos para os românticos: dos arcades a 1836 — proto-românticos (tendencia geral).

EPOCA DE EXPANSÃO AUTONOMICA — O ROMANTISMO

- a) Emancipação litteraria: mesmo antes de 1836, em parte.
- b) Fase religiosa ou mística: na poesia e na filosofia (a denominada escola fluminense).

raria de Portugal, um apêndice sobre a literatura desta grande monarquia americana (Paris 1826. 12.º, pag. 513-601) e além do mais esta obra apareceu numa época em que o desenvolvimento de que falamos mal se esboçava ainda. Não é pois motivo de admiração que os próprios nacionais não tenham sentido necessidade de escrever a história da literatura de seu país, antes de terem obtido a consciência da respectiva emancipação intelectual, e depois de haverem produzido obras

-
- c) O indianismo: na poesia, no romance e nas ciências.
 - d) O ecleticismo: Influência de Byron e Musset; a primeira boemia (a denominada escola paulista).
 - e) Nacionalismo concreto: sertanistas e tradicionalistas.
 - f) A poesia patriótica: precursores dos condoreiros.
 - g) Os condoreiros: influência de Victor Hugo (Castro Alves como protótipo).

EPOCA DE EXPANSÃO AUTONOMICA — O REALISMO

- a) Primeira reação contra o romantismo: poesia científica e social (escola de Recife).
- b) O naturalismo: influência de Zola, no romance; do positivismo, evolucionismo e transformismo.
- c) O psicologismo: Machado de Assis, em proeminência distinta.
- d) O parnasianismo e o lirismo com outras feições: na poesia e na prosa, inclusive os divergentes.

Afranio Peixoto propõe:

Século XVI — Literatura Informativa "sobre" o Brasil.

Século XVII — Literatura "do" Brasil, por Portugueses, em geral.

Século XVIII — Literatura "do" Brasil, por Brasileiros, em geral.

Século XIX — No começo, até a Independência, será o remanescente do século XVIII, com Gonzaga, Silva Alvarenga. Depois de 1822, com a Independência, será José Bonifácio, que, no exílio, em França, trouxe a moda nova, o "Romantismo". As "Poesias" de Américo Eliseo (seu pseudônimo) são de 1825. O "Romantismo" terá a reação "Naturalista", do

originaes. O mesmo deve ter acontecido entre outros povos. Só no decorrer dos ultimos trinta anos é que appareceram no Brasil obras objetivando reunir os materiais da historia litteraria futura ou tentar uma summa de seu desenvolvimento.

Assim em 1831, Januario da Cunha Barbosa, além do mais poeta, publicou um "Parnaso Brasileiro", de que não conhecemos nada, além do titulo (3).

Em 1841 Joaquim Norberto de Souza Silva fez preceder suas *Modulações poeticas* de um *Bosquejo da historia da poesia brasileira*, que nos dá em grandes traços um quadro fiel da litteratura brasileira. É a esta obra que devemos a nossa divisão em periodos. (4)

4 — Este mesmo escritor nos prometeu uma obra mais consideravel, uma historia da litteratura do Brasil, de que não appareceram infelizmente até agora senão alguns fragmentos publicados na *Revista do Instituto historico e geografico Brasileiro*, XVIII p. 29 e seguintes; XIX sup. p. 83 — e na *Revista Popular*, IX (1861). O Sr. Magalhães não executou por sua vez o seu projeto de escrever uma historia da litteratura brasileira, o que

melo para o fim do século, e, ao termo, o "Parnasianismo" e o "Simbolismo" serão outras reacções espirituais.

Século XX — Começa com "Os Sertões", de Euclides da Cunha, de 1902.

(Panorama da Litteratura Brasileira, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1947, 2ª ed.)

Com criterio inteiramente diverso, Viana Moog considera o Brasil um arquipelago de culturas em que distingue as seguintes áreas: Amazonia, Nordeste, Bahia, Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul, Metropole (Uma Interpretação da Litteratura Brasileira, CEB, Rio, 1943). (N. do T.).

(3) Ver J. M. Pereira da Silva, *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro 1843, 8º vol., p. V; D. J. G. de Magalhães, *Poesias*, Rio de Janeiro 1832, 8º, p. II; *Varnhagen o. c.* vol. I, p. 16.

não lastimamos muito, pois que ele prefere criar a criticar. Ele não escreve a historia, ele a faz. Com effeito publicou numa revista (*Nitheroy, Revista Brasileira I. pag. 132 — 159*) que em 1836 redigia em Paris, com alguns amigos um trabalho intitulado "Ensaio sobre a historia da literatura do Brasil" que não contem mais do que a introdução desta grande obra, mas que é escrita com tanto espirito e eloquencia, que não se pode deixar de lamentar que este trabalho tenha se mantido neste estado de fragmento. Ele queria dividir sua história literaria em dois periodos separados pelo ano de 1808. Por bem fundada que seja esta divisão, acreditamos mais vantajoso optar pelas subdivisões de Norberto como proporeionando uma visão de conjunto e fazendo salientarem-se melhor as fases do desenvolvimento literario do Brasil.

Em 1843, J. M. Pereira da Silva publicou a primeira parte de seu "Parnaso Brasileiro ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros, desde o descobrimento do Brasil; precedida de uma Introdução historica e biografica sobre a literatura brasileira. Rio de Janeiro" que contem os poetas dos seculos XVI, XVII e XVIII, e uma introdução historica. Em 1848, a segunda parte encerrando os autores do seculo XIX, era igualmente posta a lume. Se nesta obra o autor se limita, às noticias biograficas mais elementares, seu "Plutarco Brasileiro" (Rio de J. 1847, 2 volumes) (4) ofe-

(4) Em 1858 em Paris appareceu uma 2ª edição revista e aumentada sob o titulo de "Os varões illustres do Brasil durante os tempos colonials".

rece-nos pelo contrario biografias criticas detalhadas de numerosos dos maiores poetas brasileiros.

O livro do sr. F. A. de Varnhagen intitulado *Florelegio da poesia brasileira ou Coleção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um Ensaio historico sobre as letras no Brasil*, vols. 1 e 2 Lisboa 1850, vol. 3 Madrid 1853, 16° é ainda mais importante. O erudito autor desta obra não se contentou de nela publicar pela primeira vez um grande numero de fragmentos ineditos e extraviados de fontes muito raras; aí revela-nos a sua origem alemã, pela exatidão e a profundidade que demonstra na introdução historica que abre o primeiro volume. E' esta ultima parte do livro que nos serviu de modelo para os quatro primeiros periodos.

Valemo-nos tambem das informações das seguintes antologias:

Parnaso lusitano, ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, precedido de um Bosquejo da historia da poesia e ling. portug. pelo celebre Almeida Garret. Paris 1826. 5v. 32.º.

Grinalda de flores poeticas. Seleção de produções modernas dos melhores poetas brasileiros e portuguezes etc. Rio de J. 1854, 8.º.

Encontramos além disto, certo numero de noticias biograficas e criticas na *Revista Trimensal* (5) coleção de alta importancia para a historia, a geografia e a etnografia do Brasil. Depois no *Ensaio biografico-critico sobre os melhores poetas portuguezes* por José Ma-

(5) *Revista trimensal do Instituto historico e geografico do Brasil*. Rio de J., 1839, 59, 22, vol. 8.º.

ria da Costa e Silva; (5) nas "Memórias de literatura contemporanea publicadas por A. P. Lopes de Mendonça (Lisboa 1855. 8.º) e no *Dicionario bibliografico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva applicais a Portugal e ao Brasil*. Lisboa, 1858 — 6C. 8.º (Cinco volumes apareceram) (7)

(6) Lisboa, 1850, 56, 10, vol. 8.º.

(7) Uma noticia da Revista do Instituto nos informa que Francisco de Menezes deixou em manuscrito e incompleta uma obra intitulada *Os quadros da litteratura brasileira*.

Para a bibliografia, faz-se menção no dicionário de Silva, citado acima (II, págs. 51-54) de um livro cujo titulo é *Catálogo dos Livros do Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro*. Rio de J., 1853, 8.º. Este gabinete contem de 15 a 16 mil obras manuscritas ou impressas e quase todas portuguezas ou brasileiras.

Acrescentemos enfim que tivemos conhecimento dos titulos de *Origens da poesia da terra de Cabral*, por Antonio da Silva Pinheiro (Bahia, 1854, 8.º) e do *Discurso sobre a poesia em geral, e em particular no Brasil* pelo conego Fernandes Pinheiro, suplemento da tradução de Jô, por José Elói Ottoni, Rio de J., 1852, p. I, XXXIX.

PRIMEIRO PERIODO

DA DESCOBERTA DO BRASIL ATÉ O
FIM DO SÉCULO XV

CAPITULO I

OS JESUITAS PRINCIPALMENTE INTRODUZEM A CULTURA LITERARIA — PRIMEIROS ENSAIOS EM LATIM E EM PORTUGUES CONSOANTE OS MODELOS PORTUGUESES E ESPANHOIS — BENTO TEIXEIRA PINTO, O MAIS ANTIGO POETA BRASILEIRO.

A historia do desenvolvimento da civilização e da literatura do Brasil e de toda a America tem uma certa analogia com a da Europa moderna. Nestes dois continentes, atuaram os mesmos fatores, mas em sentido inverso. Na America este desenvolvimento teve o seu ponto de partida numa civilização anterior e de povos semi-selvagens, mas foram os conquistadores que trouxeram a civilização, enquanto que os indigenas quase todos barbaros (com excepção dos mexicanos e peruanos) só puderam utilizar-se da cultura nascente, misturando-se a seus opressores. E' por isto que a civilização americana é muito menos natural e menos original. Os proprios conquistadores, lutando sem cessar contra a natureza, as doenças e os selvagens, tiveram grande difficuldade para por sua vez, não se barbarizarem tambem, e só puderam conservar sua cultura intellectual mercê de uma ligação intima com a mãe patria,

que se encarregava, além do mais, de preencher os vazios que a guerra, o clima ou a doença acarretavam em suas fileiras. De outro lado, as tribus índias não eram susceptíveis de cultura como as nações germanicas que invadiram o império romano; não tinham como estas um genio capaz de remontando a corrente de uma civilização mais antiga, comunicar-lhe um novo elemento.

As tribus indígenas do Brasil possuíam, na verdade como disse o sr. Varnhagen, uma especie de poesia destinada a servir de texto a seus cantos. Este mesmo autor descreve-a da seguinte maneira: "Os indígenas tinham um genero de poesia, que lhes servia para o canto: os seus poetas, presados até pelos inimigos, eram os mesmos musicos ou cantores, que em geral tinham boas vozes, mas eram demasiadamente monotonos: improvisavam notes com voltas, acabando estas no consoante dos mesmos notes. O improvisador, ou improvisadora garganteava a cantiga, e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo, e no mesmo lugar em roda, ao som de tamborís e maracás. O assunto das cantigas era em geral as façanhas de seus antepassados: e arremedavam passaros, cebras e outros animais, trovando tudo por comparações, etc.

Eram também grandes oradores, e tanto apreciavam esta qualidade, que aos melhores faladores attribuiam muitas vezes por chefes." (7a)

(7a) Os primeiros cronistas da terra jovem são acordes em assinalar essa doce tendencia lirica do nosso incola. "São em geral grandes musicos e amigos de bailar" — afirma Gabriel Soares de Souza e, em relação aos tamolos do Rio do Janeiro — "eram grandes componedores de cantigas de improviso". E os tupinambás (o juizo é do mesmo Soares) "também se prezam de grandes musicos e ao seu modo cantam em sofrível tom e os musicos fazem mote, de improviso e suas voltas que acabam no consoante do mote, os quais

Mas os índios, por todo este tempo em que estavam abandonados a si próprios, não saíram deste embrião de poesia, e continuaram no nível dos selvagens pescadores e caçadores.

cantam e bailam juntamente em uma roda em a qual linge um tamboril em que não dobra as pancadas". (Tratado Descritivo do Brasil — Companhia Editora Nacional, 1938) Fernão Cardim, outro dos que, na narrativa ou na crônica, iam formando o acervo de nossa historiografia embrionária, corrobora informando que se os índios por acaso tomavam nas cidades "um bom cantor e inventor de trovas", poupavam-no. E mais ainda: "arremedam passaros, cobras e outros animais, tudo provado por comparações para se incitarem a pelear. Essas trovas fazem de repente e as mulheres são insignes trovadoras". (Tratado da terra e da gente do Brasil — Companhia Editora Nacional — 1933). E Simão de Vasconcelos: "Nenhuma outra satisfaz tanto a gente como a doçura do canto. Nela põe a felicidade humana. Chegou a ser opinião de Nóbrega que era um dos meios que mais se podiam converter a gentileza e por essa causa ordenou-se-lhe (a Anchieta) por em solfa as orações e documentos mais necessários da nossa santa fé porque à volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a inteligência das coisas de céu". (Vida do Venerável Joseph de Anchieta da Companhia de Jesus do Novo Mundo na Provincia do Brasil — Oficina de Ioam da Costa — Lisboa, 1672).

E não era assim apenas em relação aos índios do Brasil. Lettourneau, tratando de aztecas e incas, considera: "à peine sorties de la sauvagerie nous sommes plus heureux pour les textes, et diverses poésies ou fragments de poésie lyrique, oeuvre des anciens bardes mexicains ou péruviens, sont parvenus jusqu'à nous. Il n'existe même de différents genres et je puis citer des chants de guerre, des prophéties poétiques, une ode composée par un souverain et enfin des chansons d'amour. Les bardes de l'Amérique centrale à la fois poètes et musiciens composant les vers et les airs de leurs chants e chansons" (In Pinto da Rocha — A Tradição da Poesia através da História — In Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco — Recife, 1915, vol. XVII, pág. 236). (N. do T.).

No entanto, a literatura brasileira, começou mais ou menos como as suas irmãs da Europa; desenvolveu-se a principio sob a egide da Igreja e mereceu do cuidado dos seus servidores. Os missionarios christãos foram os que lançaram as primeiras sementes; foram os unicos a trazer alguma cultura litteraria e a ter interesse em conservá-la e disseminá-la; pois queriam fazer conquistas a um tempo espirituais e intellectuais, enquanto que os conquistadores leigos, soldados e aventureiros, sem instrução na maior parte das vezes, não tinham sido levados para o Novo Mundo senão pela atração de gloria e riqueza. Muitas vezes os primeiros colonos eram criminosos condemnados à deportação. (9^a)

(9a) Não se leva mais muito a serio a gravidade dos crimes dos degradados. Não há entretanto, fundamentos nem motivos para duvidar de que alguns fossem gente sã, degradada pelas ridicularias por que então se exilavam súditos, dos melhores, do reino para os ermos.

Era estrellissimo o criterio que ainda nos séculos XV e XVI orientava entre os portuguezes a jurisprudência criminal. No seu direito penal o misticismo, ainda quente dos odios de guerra contra os mouros, dava uma estranha prepôrção aos delictos. C. Malheiro Dias afirma que "não existia na legislação coeva código de severidade comparável ao Livro V das Ordenações Manuellinas". E acrescenta: "cerca de duzentos delictos eram nelo punidos com degrado".

A lei de 7 de janeiro de 1453, de D. Diniz, diz-nos o general Moraes Sarmento que "mandava tirar a língua pelo pescoço e queimar vivos os que deseriam de Deus ou dirigiam doestos a Deus ou aos Santos"; e por usar de feitiçarias "per quo uma pessoa queira bem ou mal a outra", como por outros crimes místicos ou imaginarios, era o portuguez nos séculos XVI e XVII "degradado para sempre para o Brasil" (62). Num país de formação antes religiosa do que etnocêntrica, eram esses os grandes crimes e bem diversa da moderna, ou da dos países de formação menos religiosa, a perspectiva criminal. (FREYRE, Gilberto, Casa Grande & Senzala, 1^o volume — Livraria José Olympio Editora, 5^a edição, 1946, Rio, pag. 109). (N. do T.).

Entre estes missionários, foram particularmente os jesuitas que se empenharam em expandir a cultura intelectual, sobretudo através da instalação de escolas. O primeiro estabelecimento da instrução superior, fundado no Brasil, em 1543 foi o da Bahia (9b), o segundo foi em 1554, em Piratininga; aqui se ensinava além da gramática latina elementos de teologia (10). Daí saíram os primeiros humanistas como os primeiros poetas formados no Brasil, entre outros o franciscano Vicente do Salvador, nascido na Bahia, em 1564, e autor de uma história do Brasil, ainda em manuscrito (*Cronica da Custodia do Brasil*) (11); depois o seu compatriota o padre Domingos Barbosa, de quem temos uma poesia latina sobre a paixão; os dois irmãos Martinho e Salvador Mesquita, o primeiro dos quais tendo feito imprimir em Roma de 1662 a 1670 inumeros livros; o segundo deixou tragedias em latim e um drama religioso. Citemos ainda Manuel de Moraes de Provincia de São Paulo, célebre por seus trabalhos históricos sobre

(9b) A data de 1543 não nos parece exata. Na Bahia, o Colégio dos Meninos de Jesus é bem posterior; o famoso colégio de Jesus da Bahia inaugurou-se por 1590-1591. E o ensino a principio primário, depois secundário, mas nunca superior como na referência de Wolf (Cfr. Leite, Serafim -- *História da Companhia de Jesus no Brasil* — Lisboa, 1938, 1º vol.). (N. do T.)

(10) Pereira da Silva, obra citada, I, p. 14.

(11) Jabotão — *Novo orbe serafico brasilico*. Rio de J., 1858, 8º, I, p. 378.

Wolf confunde duas coisas: a *História do Brasil* e a *Cronica da Custodia do Brasil*. O próprio Capistrano a certa hora também fazia a confusão admitindo que a segunda fosse a primeira parte daquela. (N. do T.)

Portugal e a America, e mais ainda pelas perseguições que sofreu da parte da Inquisição. (12)

As representações teatrais, instituídas pelos jesuitas, tiveram grande influencia sobre o desenvolvimento da literatura. Magalhães refere (de acordo com o Padre Paterina e Simão de Vasconcelos) que o padre José de Anchieta, que se pode denominar o Apostolo do Brasil, para pôr cobro a certos espedaculos indecentes, que tinham lugar nas igrejas durante o serviço divino, teve a idéia de compor um drama em verso (auto) intitulado *Pregação Universal*. Escrito em portuguez e tupi, era destinado às duas nações e tinha todos os traços assim como as personagens características da velha comedia; não era desempenhado por actores profissionais, mas por amadores, falando em seu nome proprio e confessando os seus proprios peccados. (13)

Em 1575, os jesuitas fizeram representar em Pernambuco o drama "O rico avarento e Lazaro Pobre". Causou boa impressão, tanto que muitos ricos se dispuseram a dar grandes esmolas. De acordo com a relação

(12) Varnhagen, o. c., I, p. XVII. Barbosa Machado, Biblioteca Lusitana, III, p. 317, 441 e 669. Pereira da Silva, I, p. 25-26.

(13) Pereira da Silva, I, p. 15-16.

"Em S. Vicente, afim de impedir as indecências que se cometiam em atos representados na igreja, introduziu com aplauso dos moradores da vila a parecer do padre Nóbrega, seu superior, um ato, seu, muito devoto, a que chamava pregação universal, porque servia para todos, portuguezes e indios, e constava de uma e outra língua, por que de todos fosse entendido". (Vasconcelos, Simão de; *Vida do venerável padre José de Anchieta* — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943, 1º volume, pág. 34). (N. do T.).

de viagem de Fernão Cardim (14) representaram em 1583 uma pastoral (Dialogo pastoril) em portuguez, castelhano e tupi. O mesmo autor allude a versos sobre o martirio do Padre Inacio de Azevedo e a uma representação do martirio das onze mil virgens, havida por oportunidade de uma procissão. As virgens eram transportadas num barco enfeitado de flamulas, ao som dos canhões, com o acompanhamento de dansas e de outras "invenções devotas e curiosas"; no mesmo barco festejou-se o martirio e uma nuvem então desceu do céu, e anjos arrebataram as virgens etc. Cita-nos ainda a representação de um dialogo sobre cada palavra do Ave Maria, dialogo que attribui a Alvaro Lobo. (15) Ve-se bem que estas peças tinham ainda o caracter dos autos e entremeses que encontramos em Gil Vicente e seus successores.

Os jesuitas por seu exemplo expandiram e conservaram a cultura litteraria entre os seus compatriotas, e procuraram como missionarios tirar partido do talento musical e oratorio dos aborigenes (16) E' porisso que Pereira da Silva (I, 14) diz com razão:

(14) Fernão Cardim, Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bala desde 1583 até 1591 Lisboa, 1847, 4º, p. 30.

(15) Veja-se Varnhagen, I. P. XXII.

(16) Magalhães cita, na p. 156 a seguinte passagem da vida de Simão de Vasconcelos sobre o Padre Anchieta: "Estavam estes (os filhos dos selvagens) já bastante instruidos na Fé, ler, escrever e contar: foi traça de José que viessem estes meninos para os campos encorporar-se com seus discipulos em favor e ajuda dos Pais. com o effeito que logo veremos. Continuavam estes na nova Aldea sua escola, ajudavam a beneficiar os officios divinos em canto de órgão, e instrumentos musicos (o bom gosto e incitamento, que podia haver para os Pais, que já ali estavam, vindos de seus sertões). Es-

“Os começos da civilização do Brasil, a instrução recebida pelo povo, os conhecimentos que se divulgaram e enfim os primeiros germes de uma literatura, devemos tudo isto aos jesuítas.” (17).

Estas primeiras sementes deram frutos durante as lutas contra os holandeses e a sua expulsão final (1624-1662); foi então que os colonos começaram a ter consciência não só de suas qualidades de portugueses, como ainda da de pais da nacionalidade brasileira. Estes fenómenos não deixaram de ter repercussões sobre o desenvolvimento do jesuíta Antonio Vieira (18), tão celebre como orador. Português de origem, pertence mais ao Brasil por ter aí passado grande parte de sua vida e por suas obras. Sua longa e benemerita ativida-

pathavam-se à noite pelas casas de seus parentes, a cantar as cantigas pias de José em própria língua contrapostas ás que eles costumavam cantar vans e gentilleas.”

(17) Norberto de Souza, na *Revista do Instituto* (XVIII, p. 30) fala também com entusiasmo da actividade dos jesuítas como missionários e de sua influencia sobre os indios. Exclama: “Contempla as figuras venerandas dos Jesuítas, que trabalhando na catequese dessas tribus errantes, aproveitavam-se do seu talento poético, de sua lingua harmoniosa e flexível, fazem versos pagãos com pensamentos cristãos, e introduzem o teatro nas cidades, que surgem no meio dos desertos, fazendo representar as comédias de Anchieta nos adros das igrejas e sombra das florestas”. Um autor protestante, Handelman (Geschichte von Brasilien, Berlin, 1860, 8º, p. 78-81) não deixa de referir-se com elogios à actividade civilizadora dos jesuítas.

(18) É fora de duvida que Antonio Vieira nasceu a 6 de fevereiro de 1608 em Lisboa. Morreu a 18 de julho de 1697 na Bahia. Encontram-se no dicionário bibliográfico português de da Silva, I, p. 267-293 as melhores informações sobre suas biografias e numerosas obras. Veja-se além disto, o julgamento, menos favorável de Varnhagen, Hist. do Brasil, II, p. 50-51.

de, sobretudo com o objetivo de obter que os indios fossem tratados mais humanamente (19) atividade que fez que merecesse o epiteto de Las Casas do Brasil, sua grande eloquencia, seus conhecimentos extensos para a epoca contribuíram para ampliar a civilização no país que nos ocupa. Seus discursos e suas cartas tornaram seu nome illustre e produziram no Brasil uma floração de oradores sacros, de que os mais celebres são Antonio de Sá e Eusebio de Matos. (20)

Não possuímos mais quase nada dos primeiros ensaios de poesia feita no Brasil em lingua portugueza, no fim do seculo XVI no começo do XVII; alguns fragmentos de canções populares (modinhas) traem uma epoca tão afastada que se pode attribui-los à epoca que nos ocupa. (21) Bento Teixeira Pinto, nascido em meia-

(19) V. Handelman, p. 246 e seguintes.

(20) V. Varnhagen. *Florilegio*. I.O. XVIII, que cita ainda numerosos oradores sacros illustres desta epoca. V. ainda Pereira da Silva, I, p. 24, e sobre Antonio de Sá os *Varões II.* do mesmo autor, pag. 310.

(21) Varnhagen, *Florilegio*, I; p. XXI-XXIII refere-se a elas nestes termos: "Das modinhos pouco conhecemos; e essas insignificantes, e de epoca incerta, a não ser a balana:

"Bangué, que será de tí".

glosada por Gregorio de Mattos essa mesma sabemos ser antiga mas não nos foi possível obtê-la inteira.

Não deixaremos de lembrar a do Vitú, que cremos ter o sabor do primeiro século da colonização, o que parece comprovar-se com o fato de ser conhecida pelo Brasil inteiro.

"Vem cá Vitú! Vem cá Vitú!

— Não vou lá, não vou lá, não vou lá; —

Que é dele o teu camarada!

— Agua do monte o levou:

Não foi agua, não foi nada,

Foi cachaça que o matou."

dos do século XVI em Pernambuco, (21a) passa por ser o mais antigo poeta brasileiro em lingua portugueza, embora se não conheça mais do que o titulo de uma de suas publicações, *A Prosopopéia*, escrita em oitava rima e dedicada a seu compatriota e amigo, o governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho. Esta poesia, hoje muito rara foi impressa em Lisboa por Antonio Alvares em 1601, com a *relação do Naufragio* (22) de que iremos falar. De qualquer modo Teixeira é o primeiro prosador brasileiro importante; sua narração do naufragio que ele sofreu em 1565 com seu amigo Albuquerque Coelho, voltando a Lisboa, é clara e de estilo simples e natural. Apareceu a principio em Lisboa, como nos diz no titulo *Relação do Naufragio que fez Jorge Coelho vindo de Pernambuco em a nau Santo Antonio em o ano de 1565*. Lisboa, em casa de Antonio Alvares, 1601. Depois em "Prosopopéia", no segundo volume da *Historia tragico-maritimo* e enfim na *Revista do Instituto*, XIII, o. 279-

Igualmente antiga nos parece a modinha paulista:

*Mandei fazer um balato,
Para botar algodão...; etc.*

(21a) Rodolfo Garcia demonstrou haver este poeta nascido no Porto. É cristão novo, (N. do T.).

(22) Perelra da Silva, I, p. 26 e *Var. II.* fala também de poesias líricas (versos pastoris, eglogas, grande porção de sonetos, abundantes de trocadilhos) de Bento Teixeira que elle diz encontrarem-se na *Fenix Renascida* publicada em Lisboa em 1762. Como não temos em mão este livro e nenhum autor fala dele, é impossível que emitamos a nossa opinião a respeito. Acreditamos necessário indicar o ano do nascimento de nosso poeta. O "Parnaso" dá o de 1580, o que é evidentemente falso. Os *Var. II.* o ano de 1545, o que não está provado, (N. do A.).

José Verissimo contesta a existência destes poemas de Bento Teixeira Pinto na "*Fenix Renascida*". (N. do T.).

314. O próprio autor fala de seu estilo com uma modestia ingenua, na passagem seguinte do prefácio:

"Quiz antes ser notado de breve que de prolixo (sic) porque o meu intento principal é ser o Senhor louvado e glorificado de todos, o qual usando com sua benignidade com afligidos, os tira de perigos e os chega a salvamento, pelo que peço não olhem as palavras, que são as que são, mas ao meu intento, que é ser o Senhor louvado para sempre".

Não se sabe se outra obra em prosa que lhe é atribuída, o *Diálogo das Grandezas do Brasil* seja verdadeiramente dele. Ignora-se igualmente quando e como morreu. (23)

Pero de Magalhães Gandavo, contemporâneo de Teixeira afirma (*História da provincia de Santa Cruz, a*

(23) É Norberto de Sousa que nos deu as melhores informações sobre Teixeira na *Revista do Instituto*, XIII, pág. 274-278. Encontramos na mesma coleção, pág. 402-405, um artigo de Varnhagen que contém numerosas retificações de erros relativos ao motivo da discussão relativa ao autor do *Diálogo* citado. Veja-se a *História do Brasil* do mesmo autor, II, pág. 53, onde ele nega que Teixeira seja o autor da *Prosopopéia* e da *Relação*. Diz: "Cumpro declarar que, segundo bons informes, não fora nenhum Bento Teixeira Pinto quem a rôgo de Jorge de Albuquerque e do piloto Afonso Luis escreveu a "Prosopopeia" ou relação do naufragio que corre com o seu nome mas sim um Antonio de Castro que foi mestre do duque D. Teodosio II." Veja-se ainda no *Dic. bibliogr. port.*, de In. Franc. da Silva, I, pág. 354-355.

Pesquisas mais modernas (Capistrano de Abreu) entendem ser o autor dos "Diálogos" Ambrosio Fernandes Brandão (para mais detalhes, cfr. a edição de "Dois Mundos Editora Ltda.", Rio de Janeiro, s. d.). Quanto à atribuição da autoria de "Relação do Naufrágio" a Bento Teixeira vem sendo quase que sistematicamente negada pelos historiadores da literatura brasileira. (N. do T.).

que vulgarmente chamamos Brasil, Lisboa 1576, prologo, p. 3) que havia então no Brasil outras pessoas que escreviam mais e melhor que ele. “Que não faltavam na terra pessoas de engenho e curiosos, que em melhor estilo e mais copiosamente que ele escrevessem”.

Em todo o caso, o rei D. João IV de Portugal que foi o primeiro a dar a seu herdeiro o titulo de príncipe do Brasil, em 1645, nomeou um brasileiro, Diogo Gomes Carneiro (nascido em 1628 no Rio de Janeiro, morto em Lisboa em 1676) *Cronista geral* do Brasil. (24)

(24) Varnhagen, I. p. XIX. Pereira da Silva, *Var. II*, pág. 311, diz de Carneiro: 10/6. *Morreu em Lisboa em 1676, deixando varias obras literárias e históricas incompletas.*

CAPITULO II

GREGORIO DE MATOS, PRIMEIRO POETA BRASILEIRO IMPORTANTE; SEU IRMÃO EUSEBIO; BERNARDO VIEIRA RAVASCO; MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA E OUTROS POETAS, ATÉ O FIM DO SECULO XVII. IMITADORES SERVIS DOS ESCRITORES PORTUGUESES E ESPANHOIS CONTEMPORANEOS.

A lista dos poetas brasileiros consideraveis, cujas obras chegaram até nós, começa pelos irmãos Matos, assim como os representantes das duas divisões principais da poesia, a seria e a comica. Suas vidas e suas obras formam um contraste completo.

Ambos receberam uma educação cuidada dos pais, Gregorio de Matos e Maria da Guerra, proprietários de um engenho situado em Patatiba. As primeiras noções das ciencias foram-lhes ministradas no collegio dos jesuitas na Bahia, onde se distinguiram entre os seus condiscipulos, de que muitos como Gonçalo da Franca, Domingos Barbosa, Manuel Botelho de Oliveira, Martinho de Mesquita, Salvador de Mesquita e Gonçalo Ravasco Cavaleanti de Albuquerque deveriam chegar a fazer um nome nas letras, e atrair para si a atenção dos mestres.

Os jesuitas procuraram reter o mais velho Eusebio, nascido na Bahia, em 1629, onde logo teve reconhecidos os talentos variados, a piedade sincera, o carater calmo e modesto. Recebeu ordens em 1644, e dedicou-se à eloquencia do pulpito, sob a direção do celebre

Antonio Vieira que ele substituiu mais tarde por Antonio de Sá. (25). Desempenhou além disto as funções de professor no collegio dos jesuitas onde ensinou durante tres annos philosophia, e por dez annos letras latinas. Dos vinte e seis annos que passou a serviço da Igreja, a metade foi na ordem dos jesuitas. Vemos com effeito que, em consequencia de dissensões com estes religiosos, abandonou-os para fazer-se carmelita, tendo tomado o nome de frei Eusebio da Soledade. (26) Morreu na Bahia no convento desta ordem em 1692.

Não somente se celebrizou por seus discursos, escriptos asceticos, poesias em latim e vulgar, como ainda por seus talentos musicais e por sua grande aptidão para o desenho.

De suas obras, foram impressas as seguintes: Em 1677, *Ecce Homo* ou *Práticas*, isto é, considerações asceticas sobre a Paixão de N. S., sua oração funebre sobre o bispo D. Estevão dos Santos, pronunciada a 14 de Julho de 1672; seu *Sermão da Soledade* impresso ainda durante a sua vida, e depois de sua morte, o primeiro volume de seus "Sermões" recolhidos pelo padre João de Santa Maria, obra esta não acabada.

(25) Varnhagen, obra citada, pág. 5 diz de nosso Eusebio, comparando-o aos dois outros oradores sacros mais celebres do então: "*Foi grande pregador: a ponto que a Bahia, então acostumada só a apreciar os sermões do grande Vieira, e do seu rival no estilo o P. Antonio de Sá, seguiu unânime voto que era superior este ultimo aos outros na voz e accionado. Vieira na lógica e clareza das provas, mas que a ambos excedia Mattos em polimento de frase e sutileza.*"

(26) Quando Antonio Vieira voltou em 1681 para a Bahia, já encontrou Eusebio frade carmelita e tendo sabido que se abandonara sua ordem por culpa dos jesuitas exclamou: "*Pois tão mal fizeram (os jesuitas) que tarde se criarão para a Companhia outros mattos.*"

Todos estes escritos em prosa principalmente as *Praticas* distinguem-se por sua eloquencia e estilo modelar.

Quanto a suas poesias, de que numerosas chegaram até nós, foram confundidas com as de seu irmão e publicadas juntamente; seu carater religioso, sua tendencia mistica e asectica faz que se distingam facilmente das outras.

Varnhagen houve por bem publicar estas poesias e à parte; mas como a sua autoria não é perfeitamente certa, dispô-las sob a rubrica de *Litigiosas entre os dois irmãos Gregorio e Eusebio de Mattos, vol. I pag. 109-27 (27)*. Ele apenas nos apresenta uma como pertencendo indiscutivelmente a Eusebio, a parodia de uma produção de seu irmão, em dez oitavas. Este louva aqui as graças de sua amante Dona Brites, enquanto que Eusebio deplora, e conservando as mesmas rimas, a sorte destes encantos, que a morte transformou em outras tantas fealdades. (28)

Em vez desta parodia que, malgrado o talento de versificação que nelas o autor denota, não tem grande valor poetico e não caracteriza Matos, damos na 2.^a parte algumas de suas poesias religiosas, que trazem evidentemente as marcas de sua piedade sincera, de sua grande simplicidade, de seu talento poetico. (29)

(27) Da Costa e Silva, obra citada, IX, pág. 208 as attribui a Eusebio e declara: "*me convenci de que eram todas de Frei Eusebio*".

(28) *Parodiando com palavras forçadas outras dez estancias do seu irmão Gregorio de Mattos, no retrato de certa D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o ultimo estava apaixonado* (obra citada, p. 8-10).

(29) Veja-se a noticia biográfica e critica que nos dá Varnhagen, antes na *Revista do Instituto*, VIII, p. 540-546, do-

Não se pode conceber contraste mais chocante do que a vida dos dois irmãos Matos. Gregorio muito mais célebre como poeta, mas também frívolo, tão aventureiro, e satirico quanto o seu irmão era serio, nasceu na Bahia em 20 de Dezembro de 1633 e recebeu no batismo o nome de João, que na crisma foi mudado pelo padre D. Pedro da Silva, no de seu pai, Gregorio.

Depois de haver terminado os primeiros estudos, embarcou para a Europa, onde a exemplo dos brasileiros desejosos de adquirir conhecimentos mais completos, seguiu o curso da Universidade de Coimbra. Ali passou sete annos, durante os quaes se fez notar pelo talento e o genio poetico como por sua inclinação para a satira.

Depois de haver obtido o grau de bacharel em direito, despediu-se de Coimbra por alguns versos satiricos e dirigiu-se a Lisboa, onde começou sua carreira de advogado. (30) Como jurisconsulto, distinguio-se tanto

pols no Florilegio, I. o. 3-7 e que seguimos; e a noticia bibliografica sobre as suas obras no Dicionário de I. F. da Silva, II, p. 247. (N. do A.)

A 2ª parte é a antologia do livro do Wolf, mas que eliminamos desta edição. (N. do T.).

(30) Citemos, como o faz Varnhagen, este adeus do Coimbra. É caracteristico da tendencia do Gregorio e da vida de universidade desta epoca:

*Adeus Coimbra inimiga,
Dos mais honrados madrastra,
Quo eu me vou para outra terra
Onde vivo mais á larga.*

*Adeus prolixas escolas
Com reitor, metrinho, o guarda,
Lentes, bedéis, secretario,
Que tudo somado é nada.*

por sua maneira engenhosa de tratar os casos, que foi nomeado juiz criminal assim como curador de orfãos e ausentes. O celebre juriconsulto Pegas fala de seus julgamentos como modelos de ciência jurídica.

Quando em seguida à desordem extrema que reinava nos negocios publicos sob o reinado de Afonso VI de Portugal, formou-se um partido com o objetivo de pôr as redeas do governo nas mãos do infante D. Pedro (mais tarde Pedro II) Gregorio de Matos, tomou logo o partido do príncipe, ganhando o seu favor. Este, feito rei, prometeu a Gregorio o primeiro lugar vago na corte suprema, desde que ele quisesse antes ir ao Rio na qualidade de commissário real para examinar a administração do governador D. Salvador Correia de Sá e Benevides, que havia deixado o seu posto em 1661.

Apesar de sua tendência a criticar e ver o mau lado das coisas, Gregorio era dotado de bastante equi-

*Adeus famulo importuno,
Ladrão publico de estrada,
Adeus: comei d'esses frutos,
Que a bolsa está já acabada.*

*Adeus ama mul sofrida,
Que se a pagu nos tardava.
Furtaveis sem consciencia
Meios de carneiro e vaca.*

*Adeus amigos livreiros,
Com quem não gastei pataca.
No discurso de sete anos
De tantas carrancas cara,*

Lá então o desembargador Belchior da Cunha Brochado escrevia a um dos seus amigos de Lisboa para recomendar-lhe Gregorio: "Anda aqui um brasileiro, tão refinado na satira, que, com suas imagens e seus tropos, parece que batia Momo às cançonetas de Apolo".

dade e bonomia para reconhecer nisto uma maquinação do partido dirigida contra o ex-governador, partidario de Afonso; comprehendeu que se queria justificar, através dele as perseguições que seriam movidas contra êste magistrado e recusou-se a aceitar esta missão.

Gregorio perdeu assim o favor do rei e toda possibilidade de continuar em Portugal. Deixou Lisboa e a corte e tomou o partido de voltar a sua patria. Desembarcou em 1679, depois de uma ausência de 35 anos da sua cidade natal (31) para a qual havia sido despachado um arcebispo. Este, cujo nome é D. Gaspar Barata Mendonça, e que se havia retido na Europa por motivos de saúde, tinha-o com efeito nomeado vigario geral, e primeiro tesoureiro da catedral; para desempenhar estas funções, ele teria apenas que tomar ordens menores. Mas perdeu esta dignidade, quando em 1683 seu protetor teve que renunciar ao arcebispado, que ele só administrava por

(31) De acordo com alguns, as sátiras violentas de Gregorio teriam causado a sua desgraça e sua volta ao Brasil. O celebre poeta Tomas Pinto Brandão que veio no mesmo navio de Gregorio, dizia dele:

*Procurel ir-me chegando
A um Bacharel mazombo;
Que estava para a Baía,
Despachado o desgostoso,
De lhe não darem aquillo,
Com que rogavam a outros,
Pelo crime de poeta,
Sóbro jurista famoso.*

É possível que estes "crimes de poeta" tenham dado muitos inimigos a Gregorio; mas o motivo que enunciamos no texto, de acordo com Pereira da Silva (Varões II. do Brasil, l. pág. 162-164) nos parece mais honroso para ele e mais provável ainda. Januario da Cunha Barbosa é também de nosso aviso.

procuração, sendo D. João da Madre de Deus nomeado seu sucessor. Este, muito provavelmente induzido pelos numerosos inimigos, que o humor satirico carreara a Gregorio, destituiu-o sob o pretexto de que ele se recusava a receber as ordens maiores e a não abandonar o habito ecclesiastico.

Nosso poeta viu-se então forçado a retomar a profissão de advogado; durante longo tempo quasi morre de fome, tanto mais que se havia casado com uma viuva honesta mas pobre Maria de Povos, cuja tendencia à dissipação quase que o arrasta à ruina.

todavia, dava plena evasão a seu humor satirico e lançava contra os seus adversarios os panfletos mais violentos. Não poupava ninguém; nem seus clientes cujas causas defendia com toda a erudição e a perspicácia de que era capaz; nem os juizes, nem o clero, nem mesmo os governadores da Bahia. Atacou successivamente a D. Roque da Costa Barreto, seu antigo protetor; D. Antonio de Souza Menezes, que tinha o cognome de "Brago de Prata", pois havia substituido por um deste metal o que perdera nas guerras de Pernambuco; o marques de Minas, D. Matias da Cunha e finalmente D. Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho. Este irritou-se de tal maneira que Gregorio julgou prudente deixar a Bahia e retirar-se a uma casa de campo, onde viveu como Diogenes, evitado e temido por todos. Suas satiras eram notaveis pelo espirito caustico, pela ingenuidade maliciosa, e a versificação elegante e facil; e embora frequentemente cinicas, passavam de mão em mão, despertando o riso de todos, menos dos atingidos. Vê-se por aí que essa tendencia para a satira foi tão irresistivel quanto fatal. Embora tivesse prometido como Ovidio *nunquam satiras dicam*, continuou a escrever tal

como o poeta romano. Com efeito sua esposa, o havia conjurado de resistir a seu instinto satírico para não atrair para a família desgraças maiores; em vez de seguir os seus conselhos, tomou-a para alvo de suas sátiras. Esta extravagância não se limitou à vida pública de Gregorio, mas exerceu uma influencia às vezes comica, porem no mais das vezes desastrosa sobre as suas relações domesticas, pois que se seguiram dissensões conjugais e uma ruina quase completa.

Citemos apenas a seguinte cena que dá uma idéa das extravagancias que se atribuem a Gregorio. Os conflitos domesticos tinham se tornado tão fortes que sua mulher tomou o partido de deixar a casa e refugiar-se na do tio. Este procurou reconciliar os esposos; Gregorio consentiu immediatamente, mas só se ela viesse pelas mãos de um capitão do mato, como uma escrava fugida. Todos estavam convencidos de que condição tão dura não poderia ser seria, não passando de mais uma excentricidade do poeta, e porisso foi aceita. Mas ele persistiu na sua exigencia e tratou de fazer a coisa com o minimo escandalo possivel. Gregorio recompensou generosamente o capitão e declarou que todos os filhos que sua mulher lhe desse teriam o nome de Gonçalo, "porque se dissesse que a sua casa era de Gonçalo." (32)

Quando em 1694, D. João de Alencastre foi nomeado governador da Bahia, Gregorio teve permissão de voltar. O novo governador agradeceu-se com o talento do poeta. Mas ou por ter motivos de queixa das sátiras de Gregorio, ou que quisesse apenas poupa-lo à vingança do sobrinho de Camara Coutinho, seu prede-

(32) V. *Januario da Cunha Barbosa*, obra citada, p. 334.

cessor, que tinha sido tão violentamente atacado, fê-lo prender traiçoeiramente e desterrou-o para Angola. Antes do embarque, deu-lhe não apenas bons conselhos, mas ordenou-lhe que fosse tratado com todas as atenções imagináveis. Muniu-o também de cartas para o capitão do navio e para o Governador da colonia, D. Pedro Jacques de Magalhães.

Estes abrandamentos à sua pena não diminuíram o furor de Gregorio, que se via banido pela violencia e já em idade avançada; o que lhe suavizou um pouco a travessia, foi sua viola, que tocava admiravelmente, e sobretudo a composição de novas satiras.

Chegado a Africa, estabeleceu-se em Loanda e retomou a profissão de advogado. Teve logo oportunidade de, numa revolta da guarnição local, prestar grandes serviços ao governador da cidade, de quem se fez amigo. Recebeu dele permissão de voltar a Pernambuco, onde chegou em estado de tal penuria que se viu obrigado a viver de esmolas.

Neste estado de desgraça, D. Caetano de Melo e Castro então chefe do governo de Pernambuco, e que tinha apreciado o talento de Gregorio quando de sua permanencia em Lisboa, compadeceu-se dele. Procurou-lhe um lugar no asilo de velhos e designou-lhe uma pequena pensão, pedindo-lhe que ficasse tranquillo durante os poucos anos que lhe sobravam de vida e que principalmente deixasse os outros em paz. A anedota seguinte prova o que lhe custou abster-se de escrever e quantas vezes transgrediu as ordens de seu benfeitor.

(33)

Um dia duas mulatas de má fama e eirrentas, encontraram-se à porta da casa do poeta. Ebrias de furor, a principio se injuriaram e depois chegaram a

vias de fato e, caindo, formaram um grupo tão ridiculo quanto indecente. À vista dista, Gregorio exclamou: *Aqui de El-Rei contra o Sr. Caetano de Melo!* Os circunstantes espantados lhe havendo perguntado o que tinha contra o Governador, respondeu: — *Proibiu-me de fazer versos quando se me oferecem tais assuntos!*

Mas logo a morte vinha impor-lhe silencio. Enfraquecido por seu longo exilio, succumbiu em 1696 com a idade de 73 anos, vitima de um acesso de febre e foi enterrado com grandes honras na igreja dos capuchinhos franceses de Nossa Senhora de Penha em Pernambuco. Suas ultimas poesias, escritas já de mão trêmula, foram dois sonetos, nos quais exprimia seu arrependimento pelos erros de sua vida (34).

Embora Gregorio de Matos esteja entre os melhores e mais fecundos poetas brasileiros e que suas obras hajam sido recolhidas com zelo e possuamos dele numerosos ineditos, dele se publicou com grande numero de depurações impostas pelas obscenidades que pululam em seus escritos (35).

(34) Possuimos de autoria de um dos contemporaneos de Gregorio, o bacharel Manuel Pereira Rebelo, uma biografia manuscrita do poeta, na qual se encontra bom numero de anedotas e ditos de espirito que lhe são atribuidos. O mesmo bacharel recolheu também suas obras em quatro grandes volumes manuscritos, divisão projetada pelo próprio autor. Consultamos, além disto, as biografias publicadas de Jan. da Cunha Barbosa na obra citada, de Varnhagen, I, p. ii, 16, de Pereira da Silva, o. c. de Da Costa e Silva, o. c. IX, pág. 162 e seguintes e I. P. da Silva *Diccionario*, III, pág. 164-166.

(35) Jan. da Cunha Barbosa publicou pela primeira vez em seu "Parnaso Brasileiro", 5º caderno uma mela duzia de poesias de Gregorio — Pereira da Silva não dá mais que duas em seu "Parnaso Brasileiro" e alguns especimes em seus *Varões illustres*, I, pág. 171-182. A escolha mais completa encontra-se no "Florilegio" de Varnhagen, I, p. 17-105 e III, p. 310. Além disto em Da Costa e Silva, o. c. — L. A.

Vemos, pela vida de Gregorio, que era um poeta nato e com uma necessidade irresistível de provar seu genio satirico; eis porque suas poesias têm todas um carater mais ou menos acentuado de improvisação, de agudeza, de transbordamentos subitos, às vezes de uma grande simplicidade, às vezes tambem muito espirituais. Mas a direção de Gregorio longe está de ser escolhida, a forma é descuidada, embora a versificação seja facil cai enfim frequentemente no trivial.

Com tudo isto, não se pode descreheer que tomou por modelos os poetas espanhois de seu tempo, Lope de Vega, Gongora e sobretudo Quevedo que ele imita tão servilmente, o que se pode provar mediante um coitejo de textos. (36) Assim se encontra nele principalmente nos romances o emprego de assonancias, completamente abandonado pelos poetas portuguezes posteriores.

Rebello da Silva, cita em seu romance "A mocidade de S. João" V. Lisboa, 1853. 8º vol IV, p. 378 uma satira geral de todo o governo de Portugal escrita por Gregorio de Matos no ano de 1713. Seria por acaso obra de nosso Gregorio? Esta satira tem com effeito por motivo o governo de Pedro II e "escrita" poderá significar o momento em que foi composta ou copiada?

Numerosos poemas fesceninos de Gregorio de Matos encontram-se num volume dactilografado da Biblioteca Publica Municipal de São Paulo onde tivemos a oportunidade de compulsalo. Esta imoralidade ou amoralidade poetica não era só de Gregorio de Matos mas comum em numerosos outros poetas europeus, seus contemporâneos. Os moveis desta obscenidade merecem ser estudados. A propria publicação da parte fescenina da obra de Gregorio de Matos, impõe-se como uma necessidade a um melhor esclarecimento de certa hora de nossa vida cultural. Impõe-se, e de um ponto de vista estritamente científico, que estes versos acabem por sair do anonimato em que persistem (N. do T.).

(36) Varnhagen nos fornece varios exemplos, II, p. 715.

Reintroduziu por outro lado os versos de dez sílabas que a antiga poesia portuguesa havia haurido da provençal e que tinha sido substituída pelas redondilhas indígenas. (36a) O verso de dez sílabas recebeu a princípio o nome de *verso de Gregorio de Mattos* (v. da Silva obra citada p. 165) (36b)

Em vista da popularidade de sua forma, seu tom jovial, a cor local e sua individualidade bem pronunciada, as sátiras de Gregorio mereceriam ser melhor conhecidas. Mas suas numerosas desigualdades, a falta de elevação que denotam a sua pequena profundidade filosófica, faz que degenerem frequentemente em puras farças, e enfim o conhecimento dos lugares e das pessoas que exigem, afastam delas numerosos leitores. Pode-se compará-las com razão a estes mendigos de Murillo, cuja graça maliciosa transparece, através de seus andrajos. (37)

(36a) Este capitulo dos "plágios" de Gregorio de Mattos tem sido retomado por outros estudiosos em nossos dias, como é por exemplo o caso do Sr. Silvio Julio. (N. do T.).

(36b) Nunca vimos vulgarizada esta designação do verso de dez sílabas. (N. do T.).

(37) Como espécime do espirito local de Gregorio, damos aqui um soneto que Varnhagen (III, p. 310) diz ser uma das composições mais características de nosso poeta. Infelizmente, ele não o comentou:

AOS CARAMUROS DA BAHIA

Há coisa como ver um "payayá"
 Mui prezado do ser caramuru,
 Descendente do sangue de tatu,
 Cujo torpe idioma é "copebá"!

A linha feminina é carinã
 Moqueca petitinga, carimã (sic),
 Mingau de puba, vinho de cajá,
 Pisado n'um pilão de Pirajá:

Como os dois irmãos Matos, os outros poetas brasileiros desta época tomaram por modelo principalmente os autores espanhóis, que davam então o tom em Portugal. Assim Bernardo Vieira Ravasco, (nascido na Bahia em 1617, morto nesta cidade a 20 de Julho de 1697) irmão do celebre jesuita Antonio Vieira, e que, depois de se haver distinguido na guerra contra os holandeses, occupava o lugar de secretario de estado e alcaide mor de Cabo Frio diz-se que compoz quatro volumes manuseritos de poesias em portuguez e em espanhol, todas imitações dos poetas citados. Fizeram outrora muito rumor, mas com excepção de algumas contidas na "Fenix Renascida" continuam ainda ineditas. (38)

*A masculina é um Aricobé,
Cuja filha Cobé é um branco Pahy
Dormiu no promontorio de Pacé:
O branco era um mardo que veio aqui;
Ella era uma India do Maré
Copéba, Aricobé, Cobé, Pahy.*

Caramuru, na lingua dos indios o trovão, é o nome dos europeus, portadores de arma de fogo, ou de descendentes de europeus. O soneto ridicularisa os habitantes da Bahia que querem passar por europeus, enquanto não passam de mestiços.

(38) Vejam-se as noticias biograficas em Barbosa Machado, na *Revista do Instituto*, IV, 377-378 e em Pereira da Silva *Varões* II, II, 308/10. O filho natural de Bernardo Ravasco, Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque deve tambem ter escrito autos sacramentais. V. Pereira da Silva, p. 313, que deu como amostra em seu "Parnaso" um soneto com uma glosa em oitavas de autoria de Bernardo.

Manuel Botelho de Oliveira pelo contrario cuidou melhor de sua gloria poetica, pois é o primeiro brasileiro que publicou as suas produções. (39)

Como os precedentes, nasceu na Bahia, em 1636. Seu pai Alvares de Oliveira, capitão de infantaria, enviou-o a Coimbra, onde estudou direito quase que à mesma epoca que Gregorio de Matos, com quem se ligou estreitamente. A imitação deste, occupava-se então de poesia e compunha versos em portuguez, latim, italiano e sobretudo em espanhol; esta lingua estava então em grande moda entre os portuguezes. Tomou por modelos Luiz de Gongora e sua escola. (40)

De volta a Bahia, exerceu a profissão de advegado e por algum tempo contava-se entre as autoridades da cidade. Morreu em idade muito avançada, a 5 de Janeiro de 1711, em sua cidade natal.

Alguns anos antes de sua morte, em 1703 mandou suas poesias a Lisboa. Apareceram aqui em 1705, no impressor da Inquisição Miguel Menescaal. Formam um volume in-quarto de 340 paginas sob o titulo essencialmente gongorico de: *Musica de Parnasso, devidida em quatro coros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias.*

(39) "Manuel Botelho de Oliveira foi o primeiro brasileiro, que do Brasil mandou ao prelo um volume de poeias". Varnhagen, obra citada, I, p. XXVI.

(40) José Maria da Costa e Silva *Ensaio bibliografico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*, X, p. 68) diz de nosso poeta "Naquella cidade (Coimbra) se aperfeiçoou na lingua latina, aprendeu a lingua italiana, e estudou com mais afinco a castelhana, que era então a lingua da moda para a sociedade aristocratica, e para a sociedade poetica, porque era o idioma de Gongora, que era nessa época o oráculo da poesia, tanto em Portugal como em Castela".

Na dedicatória deste livro encontra-se a passagem seguinte que prova então que o gosto da poesia estava assás expandido no Brasil e que os que a tratavam eram muito estimados: *"Nesta America, inculta habitação de barbaros indios, mal se podia esperar que as Musas se fizessem brasileiras, contudo quizeram tambem passar-se a este emporio, onde, como a doçura do assuecar é tão simpatica com a suavidade do seu canto, acharam muitos engenhos que, imitando aos poetas de Italia e Espanha, se applicassem a tão discreto entretemimento, paru que se não queirasse esta ultima parte do mundo, que assim como Apolo lhe comunica os raios para os dias, lhe negasse as luzes para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior aos de que é tão fertil este país, ditaram as Musas as presentes rimas, que me resolvi expor á publicidade de todos, para ao menos ser o primeiro filho do Brasil, que faça publica a suavidade do metro; já que o não sou em merecer outros maiores credits na poesia."*

Na ultima frase, faz evidentemente alusão ás produções dos irmãos Matos, Bernardo Vieira Ravasco e outros poetas brasileiros mais importantes que ele.

Seus poemas em lingua portugesa não traem uma imaginação muito viva, e possuem todos os defeitos das imitações dos modelos escolhidos, de que eles exageram ainda os defeitos sem poder alcançar as produções de um genio como o de Gongora, sejam quais forem os erros deste. Trazem o sinal indelevel da procura. Em todos eles se sente o trabalho, a falta de inspiração e uma versificação correta demais para não ser o fruto de longos e penosos estudos; todavia, distinguem se por uma habilidade tecnica tão grande e uma linguagem tão escolhida que a Academia de Lisboa o colocou

entre os classicos. (41) O que alem disto, lhe assegurou um lugar honroso na historia da literatura brasileira foi o profundo sentimento nacional que nela se respira, a sua cor local. (42) Uma de suas melhores poesias é a silva, a Ilha da Maré, descripção um pouco longa e às vezes muito prosaica da Ilha da Maré, perto da Bahia, mas onde as passagens relativas aos encantos da natureza dos tropicos emprestam uma cor a um tempo poetico e local, que não se pode deixar de admirar.

Entre suas poesias escritas em espanhol, as mais notaveis são as duas comedias que formam um suplemento intitulado *Descante Comico*. Elas têm por titulo *Hay amigo para amigo* (publicada tambem anonimamente nas *Comedias farsas*) e *Amor, enganos y zelos*. Estas duas peças que não devem ter sido jamais representadas, não traem nenhum talento dramatico. O dialogo é verboso, a exposiçãõ muito lenta, as numerosas expectorações lyricas só servem para disfar-

(41) "A Academia Real das Ciencias de Lisboa declarou classica, e texto de lingua a parte portuguesa destas poesias, o isto já não abona pouco o merecimento delas" (Da Costa e Silva, obra citada, p. 70).

(42) "Outro merito e não pequeno de Manoel Botelho do Oliveira, atento o tempo em que escreves, é certa porção de colorido americano, que tanto se faz desejar na maior parte dos poetas brasileiros, ainda os de maior esfera"... "Também não é para mim pequeno titulo de gloria o ser ele o primeiro poeta do Brasil, que não se envergonhou de ser tido por americano, pois apresenta nas suas composições alguns raios de colorido local. Posto que educado na Europa, longe de desprezar a terra do seu nascimento mostra por ela um entusiasmo às vezes excessivo, mas que muito honra os sentimentos do seu coração" (Da Costa e Silva, p. 70 e 83).

gar a falta de ação. Só têm interesse como os primeiros ensaios de introdução da comedia espanhola no Brasil.

Um dos compatriotas de Oliveira, José Borges de Barros, conhecido principalmente como cronista e orador sacro (vigário geral de Coimbra e de Évora, nascido na Bahia em 1657, morto em Estremoz em 1719) também se ensaiou como autor dramatico. Uma só de suas comedias "A constancia com triumpho" chegou aos nossos dias. (43)

Quanto aos outros poetas brasileiros deste periodo, só conhecemos os nomes dos seguintes: João Alvares Soares, nascido na Bahia em 1676, conhecido como autor da "Progymnasia Literario"; Diogo Grasson Tinoco que deve ter publicado em 1689 uma poesia intitulada "O descobrimento das Esmeraldas" de que possuímos só algumas estrofes citadas por Claudio Manuel da Costa em suas notas do poema "Vila Rica". D. Joana Rita de Souza de Pernambuco etc. (44)

(43) V. *Revista do Inst.*, VII, p. 557-558 (segundo Barbosa Machado) e Varnhagen, p. XXVI.

(44) V. Pereira da Silva, *Os var. il.*, II, p. 318 e Varnhagen, p. XXVI e XXXI.

SEGUNDO PERIODO

PRIMEIRA METADE DO SECULO XVIII

CAPITULO III

CRESCER DIA A DIA A IMPORTANCIA DA COLONIA. A BAHIA PRINCIPALMENTE TORNADA RESIDENCIA DO VICE-REI, VE CADA VEZ MAIS EXPANDIR A CULTURA DAS LETRAS E ASSISTE A FORMACAO DE NUMEROSAS SOCIEDADES LITERARIAS. CARACTER PANEGIRISTA DA POESIA — JOÃO BRITO DE LIMA, MANUEL DE SANTA MARIA E OUTROS POETAS CONTEMPORANEOS — SEBASTIÃO DA ROCHA PITA.

O governo geral da Bahia e sua capital a cidade do Salvador, sobre a Bahia de todos os Santos tinham sido já durante o seculo XVII o centro da civilização brasileira, e é de seu seio que saíram as notabilidades literarias do tempo.

Depois do começo do seculo XVIII, principalmente depois da ascensão de D. João V de Portugal (1706-1750); depois sobretudo que o governo geral da Bahia tornou-se vice-reinado (1720-1760) sua importancia não fez mais que aumentar com sua riqueza.

“Bahia” diz Varahagen, “era então uma região cumulada de todos os dons do céu. Sua população vivia na abundancia, e gosando uma tranquillidade completa, e só pensava em se divertir. Não havia festa de santo popular, nem nascimento nem casamento de membro de familia real que não fosse festejado com

pompa e em seguida cantado. Faltassem ocasiões e os vicereis e suas famílias eram objeto de panegíricos de toda espécie, principalmente de epitalâmios e poemas genethliacos.”

Como por toda a parte a cultura literaria e principalmente a poesia crescia no Brasil em meio do bem estar de uma corte luxuosa e isto tanto mais que os chefes do governo prezavam o luxo intelectual, procuravam favorece-lo, reunindo os interessados. Foi assim sobretudo sob o vice-reinado de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, que fundou na Bahia em 1724 a primeira sociedade literaria sob o nome de Academia Brasileira dos Esquecidos. (45)

Este estado de coisas imprimiu naturalmente às produções poeticas um carater especial, o de poesias de circumstancia, puramente panegiricas, ao mesmo tempo que a ciencia tomava aspectos academicos. Isto porque a poesia brasileira muito mais que a portugueza, não tem raizes no povo, e a imitação dos modelos espanhois e portuguezes não permitia a livre expansão do genio nacional.

Entre os poetas de circumstancia desta epoca, citemos de inicio, Brito de Lima e Gongalo Soares de Franca, ambos membros da Academia dos Esquecidos.

João Brito de Lima, nasceu a 22 de Outubro de 1671 na Bahia, onde passou toda a sua vida como ca-

(45) Sobre esta Academia e outra semelhante (dos Felizes) fundada em 1736 no Rio de Janeiro, a *Rev. do Inst.*, I, p. 80-82 e Varnhagen, o. c., I, o. XXXIV-XXXV. Este último acredita que o nome dos Esquecidos vem do fato de que os seus membros terem sido esquecidos pela Academia de História fundada em 1720 em Lisboa. Embora os escritos de nossa Academia hajam se incendiado com o navio que os levou a Lisboa, Varnhagen afirma ter visto alguns na biblioteca do convento de Aleoçaba; cita-os mas declara-os insignificantes.

pitão da milícia e membro do conselho municipal. Morreu pobre, com a idade de 74 anos, no ano de 1742. (46)

Sua mocidade foi contemporânea dos melhores tempos dos Matos e de Vieira, a quem estava ligado e cujas glórias, provavelmente o estimularam a tentar a carreira das letras.

Este impulso puramente exterior, sem que corresponda a um verdadeiro talento dá-lhe uma grande habilidade de versificação, mas não lhe permite escolher outros assuntos fora das festas de corte que frequentemente tinham lugar. Reina em suas poesias uma imitação servil do estilo então em moda. As que foram impressas em 1718 a 1742 compõem-se em grande parte de panegiricos, de uma elegia sobre a morte do filho primogenito do conde de Vila Verde, de um poema sobre o casamento do príncipe real, o panegirico já citado, uma elegia sobre a morte de D. Leonor de Vilhem etc. Em todas estas produções faz grande exhibição de conhecimentos mitologicos; são pobres de idéias, e as pou-

(46) Em seu poema panegirico do Desembargador Inacio Dias Madeira (Lisboa 1742) que ele compoz em idade avançada, deplora sua sorte nas estrofes seguintes que citamos porque inspiradas por um sentimento verdadeiro:

*As más correspondencias que experimento,
Da contraria fortuna a feroz lru,
A longa idade e queixas tão atrozes
Tem trocado em lamento as doces vozes.
Sendo certo que dando aos meus versos
A muitos os louvores tão baratos
Encontra sempre naturais adversas,
E tropeço com animos ingratos.
Efeitos da fortuna são diversos
Que aos meritos se mostram meus gratos,
E creto nasce por influxo forte
Mais que de gratidão, da minha sorte.*

cas que aquí se contam difficilmente se revelam, occultas que ficam nos tropos abundantes do estilo culterano. As maiores são em oitavas, que raramente se distinguem por sua harmonia, sua estrutura e seu impeto.

Brito de Lima, no entanto, é o mais fecundo dos poetas deste periodo e desfrutou de grande popularidade entre os seus contemporaneos.

Entre as suas produções inéditas, é preciso citar a epopéia "Cezaria" em 1300 oitavas, na qual cantou a raça e as ações do rei D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, conde de Sabugosa, protetor das letras. (47)

De Gonçalo Soares de Franca, nascido tambem na Bahia, só se publicaram trabalhos de circumstancia sobre a morte do rei Pedro II; sabe-se no entanto que deixou manuscrito o começo de um poema sobre a descoberta do Brasil, "Brasilia" e provou com a escolha do assunto um gosto raro nesta epoca. (48)

Os irmãos Bartolomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão são muito mais celebres, o primeiro por seu invento do balão (que lhe valeu o cognome de voador) o segundo como diplomata e homem de estado, que como poetas. Suas produções poéticas não passam de puros derivativos. (49)

(47) V. sobre Brito de Lima, *Revista do Inst.*, X-116-119; Varnhagen, I, p. 189-198, e I. F. da Silva, *Dicionario*, III, p. 331-332.

(48) V. Barbosa Machado, II, p. 406 e IV, p. 152. As poesias relativas à morte de Pedro II compõem-se de uma glosa, de cinco sonetos e catorze emblemas e appareceram em Lisboa em 1709 — O "Brasilia" constava de 1800 oitavas e o poeta o leu pela primeira vez na Academia dos Esquecidos.

(49) Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos em 1685 e morreu em Toledo em 18 de Novembro de 1794. Seu irmão Alexandre, nasceu no mesmo lugar em 1695 e expirou depois de uma vida muito ativa em Lisboa a 31 de Dezembro

Os nomes da maior parte dos outros poetas do tempo encontram-se entre os colaboradores da "Relação Panegirica" publicada pelo conego João Borges de Barros (50) por ocasião das exequias de D. João V de Portugal (Lisboa 1753). Isto basta para caracterisar estes escriptores. (51)

Os dois franciscanos, o frei Francisco Xavier de Santa Teresa e o fr. Manuel de Santa Maria Itaparica, elevaram-se no entanto acima do circulo estreito da poesia de circumstancia.

O primeiro, nascido na Bahia a 12 de Março de 1686, morreu em Lisboa, em 1737, penitenciaro geral de sua ordem, examinador das tres ordens militares e do priorado do Crato, e enfim Consultor da Bula da

de 1753. V. sobre estes dois celebres brasileiros Pereira da Silva, *Os Var.* II., p. 211-257; I. F. da Silva, *Diccion.*, vol. I, p. 33 e p. 232; e sobre Alexandre, Da Costa e Silva, IX, p. 37 e seguintes.

(50) V. a respeito, Barbosa Machado, o. c., IV, p. 174-175.

(51) V. Varnhagem, o. c., p. XXXVI, onde temos os nomes destes poetas. O mesmo autor cita ainda (p. XXXV) muitos poetas deste periodo como tendo publicado os seus livros e que ele no entanto não pode consultar. Citemos João de Melo, jesuita de Pernambuco, de que appareceu em 1742 um volume de poesias; Luiz Canelo de Noronha, nascido na Bahia em 1689; Manuel José Cherem, nascido em 1729 no Rio de Janeiro e cujas obras appareceram em Coimbra em 1753; José Pires de Carvalho Albuquerque (nascido na Bahia em 1701, secretario de Estado do Brasil. V. Pereira da Silva, *Var.* II., II, p. 323) que publicou em 1757 um poema (*Culto metrico, tributo obsequioso dedicado nas aras da Sacratissima pureza de Maria Santissima.* etc. Lisboa, 1757 — 88 oitavas).

Enfim, o poeta Fr. Manuel Rodrigues Correia de Lacerda, citado por Barbosa Machado, o. c., pág. 553, nasceu em Pernambuco e publicou em Lisboa (1741, 74 oitavas) um poema intitulado "O Genetliaco".

Cruzada. Sua reputação de teologo e orador era grande. Foi tambem membro da Academia Real de Historia de Lisboa e sob o nome de Eledio, da Accademia de Roma. Além de algumas poesias de circumstancia, temos dele um poema ao Espirito Santo e a tragi-comédia intitulada "Da Santa Felicidade e seus filhos" mas infelizmente estes escritos continuaram ineditos, não obstante o successo que então obtiveram. Os manuscritos que tinham sido então depositados no arquivo de Olinda não foram encontrados por Jaboatão. (52)

Varnhagen teve mais sorte com a obra de outro franciscano.

Mamel de Santa Maria, nasceu em 1704, perto da Bahia, na Ilha de Itaparica, donde lhe vem o sobrenome. Recebeu ordens em 1720 no convento de Paraguassu e dedicou-se com grande successo à pregação. Outrora não se conheciam dele senão alguns trechos de circumstancia citados por Jaboatão (o. c. pag. 370) mas Varnhagen conseguiu encontrar suas obras mais consideraveis num volume impresso no fim do seculo XVIII. Este livro que é anonimo não pode deixar de ser attribuido a Manuel. (53) E eis o titulo: *Eustachidos. Poema sacro e tragicomico, em que se contem a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido e de sua mulher e filhos. Por um anonimo, natural da Ilha*

(52) V. Barbosa Machado, II, p. 302 e IV, p. 147: Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico brasileiro* — Rio de Janeiro — 1538 — 8º, I, p. 356 e 357. Pereira da Silva, *Os Var. Il.*, II, p. 319 e 320; I. F. da Silva, *Diccionario*, III, p. 97.

(53) Varnhagen deu no seu "Florilegio" ainda outro poema anonimo do tempo (1710). É a *Chacara funebre à sepultura de D. Ana de Faria e Sousa assassinada por seu marido o alferes André Vieira, em Pernambuco*, em estrofes de 10 versos, mas de interesse puramente local.

de Itaparica termo da cidade da Bahia. Dado a luz por um devoto do Santo, sem lugar e data de impressão 4.º, IV e 128 paginas.

O autor declara no aviso ao leitor haver empreendido esta obra por uma devoção particular a Santo Eustaquio e have-la terminado após longa interrupção. Diz que quer manter-se anonimo, pois que não procura a gloria, e só pretende dar um bom exemplo. "*Porcm como sabes da minha patria, sendo esta uma pequena ilha com pouca ou nenhuma literatura, com muita facilidade, se quizeres, podcs vir em conhecimento do autor.*"

A vida de Santo Eustaquio forneceu frequentemente o assunto de poemas epicos, por ex., os "Eustachius" de L'Abbé, escrito em latim e impresso em 1672. Nosso autor poderia ter baseado aqui o seu modelo. (53a)

A obra de Santa Maria é dividida em seis cantos de que cada um é precedido de uma oitava que indica o seu conteúdo. Toda a epopeia é igualmente escrita em oitavas. Os espécimes comunicados por Varnhagen (*Descrição do inferno e Destruição de Jerusalem*) não traem muita imaginação, mas a versificação é muito hábil e a escolha dos temas geralmente feliz. No quinto canto, oitavas 13-22, o autor descreve numa visão a posteridade sob os traços de um velho (Postero) que o aconselha a celebrar sua ilha natal por uma descrição poetica de suas belezas. Esta passagem se distingue pelos sentimentos patrióticos, nela expressos com fervor.

Manuel não ficou aquem de sua fama na descrição da Ilha de Itaparica, acrescentada a *Eustachidos*. (*Des-*

(53a) Varnhagen cita ainda entre as produções modernas um "Eustaquido" espanhol. *Eustaquido ó la religión laureada*, por F. Fr. Antonio Montiel. Málaga, 1796. 2 volumes.

crição da Ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia, da qual se faz menção no canto quinto) Parece haver tomado por modelo a descrição já citada da Ilha da Maré por Botelho de Oliveira; descreve em oitavas e detalhadamente os animais, as plantas e as frutas da ilha.

E' interessante constatar aqui este interesse pelas particularidades da natureza indigena, fator tão importante no desenvolvimento da literatura brasileira. E' por esta razão que mencionamos aqui alguns poetas do Brasil que escreveram em latim e tomaram por assunto de seus cantos a natureza de seu país. Assim Prudencio do Amaral (nascido no Rio de Janeiro em 1675) cantou a fabricação do assucar em versos heroicos no seu poema "De opificio saccharico". Esta obra faz parte de quatro livros *de rebus rusticis brasilicis* de José Rodrigues de Melo, em que é celebrada a cultura da mandioca e outras raízes, do tabaco etc. (54)

Falta mencionar ainda um poeta deste período, cujas produções literarias não tem nenhum valor, mas que pela maneira poetica de representar a historia nacional e por seu estilo distinto, occupa uma posição honrosa na literatura brasileira. E' o autor da primeira historia do Brasil escrita com gosto, Sebastião da Rocha Pitta.

(54) V. Varnhagen, p. XXX. (N. do A.)

Estes versos foram publicados recentemente sob o titulo de "Georgicas Brasileiras" (Canto sobre Coisas Rusticas do Brasil), a versão para a nossa lingua é de autoria de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. A edição em foco (Publicações da Academia Brasileira — Rio de Janeiro — 1913 — tem ainda a biografia e notas de autoria do Regina Pirajá da Silva). (N. do T.)

Nascido na Bahia a 3 de Maio de 1660 de pais ricos e considerados, foi enviado à Universidade de Coimbra, depois de alguns estudos preliminares no collegio dos Jesuitas da Bahia. Não tinha então mais que dezesseis annos, mas logo após, em 1682, era bacharel em direito canonico. De volta à patria, casou-se com dona Brites de Almeida, e viveu longamente retirado nas terras que possuia à margem do Paraguassu perto da cidade de Cachoeira, occupado apenas na administração dos seus bens. Mas embora não tivesse participado dos movimentos politicos daqueles tempos, nem porisso descurou de sua cultura intellectual, pôs-se ao corrente das novas produções literarias e scientificas e entregou-se mesmo por desfastio a alguns ensaios poeticos. Escreveu, além de algumas poesias que se elevam muito pouco acima do mediocre, um romance de cavalaria no genero "O Palmeirim da Inglaterra" (55). Esta obra caiu no olvido.

Na idade madura, dispôs-se a escrever a historia de sua patria e executou este projeto, sacrificando a ele os prazeres da solidão e da vida familiar. Com effeito, não se contentou em consultar todas as obras precedentes e fazer pesquisa nos arquivos dos conventos, mas foi a Portugal, para aproveitar-se dos arquivos e bibliotecas de Lisboa, para o que se preparou, estudando o francees, o italiano e o holandes.

(55) Barbosa Machado, o. c., pág. 700, vol. III, fala de duas obras de circumstancia de que ele deveria ser autor: a descripção dos funerais do rei Dom Pedro II na Bahia, e um panegirico de D. Josepha de Vilhena. Estes dois escritos vieram a lume em Lisboa em 1709 e em 1721 e encerram sonetos, décimas e romances em portugúes e espanhol,

Chegou assim a terminar em 1728 a sua historia da *America portuguesa, desde o seu descobrimento até o ano de 1724*. Aparecem em Lisboa no ano de 1730.

Esta obra alcançou grande successo e seu autor foi nomeado (em consequencia) membro da Academia de Historia de Portugal e cavalheiro da Ordem de Jesus Cristo.

Rocha Pitta voltou então à sua patria e passou o resto dos seus dias, occupado na administração de suas terras e cercado de numerosa familia. A morte veio arrebatá-lo a estas doces occupações a 3 de Novembro de 1738. Contava então 78 anos.

Sua obra é notavel, do ponto de vista científico, como a primeira historia detalhada do Brasil, mas ainda porque o autor aqui accumula na medida do possível todos os materiais relativos a seu assunto. Foi-lhe censurada a falta de senso critico e a grande credulidade, que fez com que ele retificasse tradições mal provadas. Mas para sermos justos, é preciso levar em conta o estado da critica historica naqueles tempos, a maneira de ver da epoca e a ortodoxia do autor. Sua historia é notavel ainda pelo patriotismo que vibra em cada uma de suas paginas, pela exposição viva, por um estilo florido que chega a ampulosidade, mas que não é mais que o resultado do carater brasileiro. Em suma, o coração e a imaginação occupam aí maior lugar que a razão e a critica, e o talento poetico revela-se mais que o espirito frio do historiador. (56)

CAPITULO IV

ENSAIOS DRAMATICOS — ESTADO DO TEATRO NO BRASIL — AS OPERAS DO JUDEU ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Vimos que nos meados do século XVIII, a poesia lirica é a unica que apresentou desenvolvimento razoavel no Brasil. E ainda esta poesia era toda de imitação, sem raizes no povo e não tinha para distinguila mais que uma ligeira côr local.

Nestas circumstâncias, e em vista da falta de uma base popular e de um carater nacional, bem pronunciado, não é surpreendente que não se tenha ainda produzido um drama nacional, e tanto tinha que ser assim que a poesia do tempo não revelava nada de épico. A civilização, além do mais, era bastante incerta para fazer sentir necessidade de uma cena regular.

Os unicos ensaios dramaticos do primeiro periodo foram ou misterios religiosos, ou então produções que não chegaram a serem apresentadas, talvez por não terem sido escritas com esta finalidade.

Além disto, viram-se às vezes representações teatrais nas festas da corte; não apenas dansas mimicas ou entremeses, como ainda comedias propriamente ditas. Infelizmente, estas peças eram escritas em espanhol e os proprios atores representavam-nas nesta lingua.

Assim sabemos que em 1717 foram representadas na Bahia as duas comedias de Calderon *El Conde Lucanor* e *Afectos de Odio e Amor*. Em 1729 para a festa do duplo casamento dos principeis reais de Es-

panha e Portugal com a infanta Maria Barbara de Bragança e Maria Ana Vitoria de Bourbon foram representadas as peças do mesmo poeta intituladas *Fineza contra fineza*, *La fiero el rayo y la piedra* e *El monstruo de los jardines*, assim como as comedias de Moreto: *La fuerza del natural* e *El desden con el desden*. (57)

Entretanto, nascem no Brasil no começo do seculo um poeta dramatico como Portugal não tinha tido depois de Gil Vicente e não teria que ter mais tarde igual, feita uma ressalva para Almeida Garret.

O autor de peças conhecidas sob o nome de Operas do Judeu, só é, na verdade brasileiro de nascimento e pertence a Portugal por sua cultura e atividade. O que apesar disto, nos leva a falar dele nesta obra, é o desejo de aproveitarmos desta occasião para tornar conhecidos, em torno de um dos homens mais bem dotados do Brasil, um certo numero de fatos, que es ultimos anos trouxeram completamente à tona. (58)

Antonio José da Silva — tal o nome do autor destas peças, pertencia a uma destas familias que, embora

(57) V. Varnhagen, o. citada, I. p. XXXIII e XXXIV e sobre representações análogas posteriores sua *História do Brasil*, II, p. 207-208.

(58) Nossas fontes são: Varnhagen, o. c., *Revista do Instituto*, IX, p. 114-124; Pereira da Silva, *Os Var.* III, I, p. 259-281; José Mario da Costa e Silva, obra citada, X, p. 328-371; Inocencio Francisco da Silva, *Dicionario bibliografico portuguez*. Nesta obra encontramos indicadas e julgadas todas as fontes de que nos aproveitamos. Não sabemos se a edição de nosso poeta (com biografia) anunciada por Rodrigo de Souza da Silva Pontes, appareceu. Esta parte de nossa obra foi publicada como monografia no 34º volume dos "compte-rendus" da sessão de filosofia e de historia da Academia de Viena, assim como à parte, Viena, 1860, 8º.

de origem judaica, tinham recebido do Governo permissão de estabelecer-se no Rio de Janeiro e tiveram mais tarde que abraçar o cristianismo. Seu pai, João Mendes da Silva, advogado de renome, tinha composto varias obras poeticas, de que só sabemos os nomes. (59) Teve de sua mulher, Lourença Coutinho, tres filhos, o ultimo dos quais, nosso poeta, nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1705.

Foi nesta epoca que a inquisição, introduzida em Portugal e nas colonias durante o reinado de D. João III, começava a vigiar no Brasil com um zelo novo os cristãos recém-batizados, e a perseguir os judeus cu os que suspeitava de judaismo.

A mãe de nosso poeta teve esta infelicidade e foi acusada pela inquisição que a fez transportar para Lisboa em 1713. Sua familia seguiu-a e João Mendes continuou aí a exercer sua profissão de advogado. Foi assim que Antonio José chegou a Portugal com a idade de oito anos, para não mais sair. Depois de ter feito os seus preparatorios, dirigiu-se a Coimbra para se dedicar principalmente ao estudo do direito canonico. Bacharelou-se em 1726 e começou a trabalhar na banca do pai.

Seja que malgrado sua dignidade canonica, continuasse guardando algum apego à religião mosaica,

(59) Barbosa Machado, ob. cit., IV, pág. 186 cita de João Mendes da Silva, nascido no Rio em 1656, morto em Lisboa em 1736, as obras seguintes inéditas e provavelmente perdidas: *Officio da Cruz*, tradução em verso, "Fabula de Leandro e Ero" em oitavas; a tradução de um hino de Santa Barbara e um poema lirico "Cristiados". Os assuntos destas obras provam que o seu autor ou era um neófito muito zeloso ou um judeu esperto. A inquisição não o perseguiu, enquanto atingiu tão duramente membros de sua familia.

seja por mera desconfiança infundada, foi levado a 8 de Agosto de 1726 perante o tribunal de Inquisição onde foi então submetido a processo. Nos autos, dizia-se expressamente que durante a tortura, apenas invocou o nome de Deus e jamais o da virgem ou o de um santo. Num auto da fé de 13 de Outubro de 1726, Antonio José repetiu solenemente e em publico sua abjuração, tendo sido posto em liberdade.

Voltou a seu pai para continuar com ele a profissão de advogado. Parece então que a sua abjuração fosse sincera; pelo menos, passou a evitar todo o commercio com judeus ou cristãos novos; e obteve as boas graças de numerosos monges de boa reputação.

Em 1734 desposou Leonor Maria de Carvalho. Ela no ano seguinte lhe dava uma filha, que recebeu o nome de sua avó materna, Lourença.

Foi então que Antonio José se fez conhecer como autor dramático.

Já se havia na verdade occupado de poesia em Coimbra e tinha escripto em 1729, para o casamento do infante Dom José, depois rei uma "zarzuela". Depois passou a applicar-se ao estudo de Metastasio, Moliere e Rotrou. O fato de morar perto de um teatro (Pátio da comedia) e que ele o frequentasse muito (60) pode ter

(60) Varnhagen (o. cit., pág. 24) que seguimos neste passo, não designa exactamente este teatro. O titulo do "Teatro Comico portuguez" que encerra as obras de Antonio José, dá o Teatro Público do Bairro Alto de Lisboa, como aquelle em que foram representadas. Consoante dados de Da Costa e Silva, poder-se-ia crer ao contrario que as obras do Judeu tivessem sido antes representadas num teatro de fantoches. Este autor diz: "*e como naquelle tempo havia na Mouraria um teatro mui frequentado, em que representavam figuras inanimadas, para ele principiou a escrever seus dramas que foram ali muito accitos e applaudidos*" etc.

tido influencia sobre a sua literatura. Fez representar depois em 1733 certo numero de operas, e com exito crescente. *O Labirinto de Créta*, as *Variedades de Protheo* e as *Guerras de Alcerim e Maugerona*, appareceram em 1736 e 1737. Foi ainda por este tempo que fez sua celebre poesia *Glosa ao soneto de Camões, "Alma minha gentil, que te partiste"*, na qual exprime *Portugal! o seu sentimento na morte da sua bellissima Infanta, a Senhora D. Francisca* (em 14 oitavas). (61)

Antonio José da Silva obteve grandes rendimentos não só como advogado (continuou os negocios do pai, depois da morte deste a 9 de Janeiro de 1736) como ainda por seus numerosos trabalhos dramaticos, que lhe valeram alem de grande numero de amigos, os aplausos das multidões.

Infelizmente, o merito traz sempre consigo a inveja; um poeta comico que teve o encargo de ridicularizar os vicios e loucuras de seu tempo, é levado às vezes a fazer alguma alusão que é depois explorada pelos maliciosos. Ria-se à representação de suas peças, mas não faltavam pessoas que ligassem passagens do Anfitrião às torturas que padecem nos calabouços da Inquisição (62) o que este temivel Tribunal tam-

(61) Esta poesia appareceu a principio com outras produções relativas a esta morte, sob o titulo "Acentos saudosos das Musas portuguezas", 1a. parte. Lisboa — 1738 — 4º.

(62) Como esta:

RECITATIVO

*Sorto tirana, estrella rigorosa,
Que maligna influir com luz opaca,
Rigor tão fero contra um innocente!
Que delicto fiz eu, para que sinta
O peso desta asperrima cadeia,
Nos horrores de um carcere penoso,*

bem observou. A multidão aplaudia, mas designava as peças em questão com o nome de Operas do Judeu!

Foi assim que a tempestade se formou sobre a cabeça deste infeliz, para quem tudo parecia sorrir, e o seu desencadeamento foi mera questão de oportunidade. E esta não tardou.

A 5 de Outubro de 1737, Antonio José festejava em família o segundo anniversario de sua filha, quando bateram rudemente à sua porta. Viu entrar então os heleguinos da inquisição, que convidaram o casal até então feliz a trocar a comoda casa situada perto de um estabelecimento de caridade no Largo Socorro, pelos terriveis calabouços (os do Rocio) de um tribunal inacessivel à piedade.

A denunciante, é verdade, foi obrigada a segui-los. Era uma negra a serviço da mãe de Antonio José, que

*Em cuja triste, lóbrega morada
Habita a confusão, e o susto mora?
Mas se acaso, tirana, estrela impia,
É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho!
Mas, se a culpa, que tenho, não é culpa,
Para que me usurpues com impiedade
O credito, a esposa, a liberdade!*

A R I A

*Oh que tormento barbaro
Dentro do peito sinto!
A esposa me desdenha,
A patria me despenha
E até o céu parece
Que não se compadece
De um misero penar.
Mas oh Deuses, se sós justos
Como assim tiranamente
A este misero inocente
Chegais hoje a castigar?*

teve que castigá-la por uma falta qualquer. Por virgãça, e provavelmente ainda excitada por gente perversa, acusara o patrão de volta ao judaismo. Logo, ela própria teve o justo castigo de suas calúnias, pois entrando na prisão, ficou de tal modo abalada diante de seus horrores, que morria alguns dias depois.

Instruía-se então o processo de Antonio José sob o numero seis do corredor meio novo. Viu-se então que a denuncia não tinha provas; ela só se baseava em vagas suspeitas como as que poderiam advir dos informes de uma negra boçal. Os juizes procuraram então provas através da propria encarceração.

Sabemos pelos documentos ainda conservados nos arquivos reais da Torre do Tombo (66) que os carcereiros tinham ordem de observa-lo através de aberturas feitas nos angulos da abobada da prisão. Todos diziam haverem visto Antonio José ajoelhar-se com fervor, fazer o sinal da cruz e pronunciar algumas orações cristãs. Alguns apenas acrescentavam que em alguns dias, jejuava. Este jejum, natural nas circunstancias em que se encontrava, foi interpretado como preserção de Moisés, e foi a unica prova de sua culpabilidade, com o depoimento de um homem, que se havia preso com ele.

Com semelhantes juizes, protestou sua innocencia, e apelou ao testemunho de homens conhecidos como o chefe da Moeda Real, D. Matias Aires Ramos da Silva Eça, o poeta da "Henriqueida" Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira e que continuou seu amigo até a sua morte (67) e mesmo pessoas conhecidas por

(66) Em 1821 foram all encerrados todos os documentos relativos à inquisição. Varnhagen poude assim obter copias exatas de todas as peças do processo de Antonio José e publicou pela primeira vez um relato autentico deste episodio.

(67) Pereira da Silva, ob. cit., I, p. 262 e 266

sua piedade, entre outras as dominicanas. Todos confirmaram o zelo com que cumpria as praticas da religião. Nem mesmo a intervenção de D. João V poude salva-lo.

A 11 de Março de 1739, foi pronunziata a decisão que transferia aos tribunais seculares o encargo de pronunziar contra ele a *sentença de relaxação ao braço secular* enquanto que Antonio José e seus amigos viveram até a publicação e a execução da sentença na esperança de que a inquisição acabasse reconhecendo sua innocencia. Tirou-se-lhe esta illusão de maneira terrivel, informando-se-lhe na tarde de 16 de Outubro de 1739 que iria perecer na fogueira, genero de morte que, por pressentimento estranho, ele soube deserever com tanta veracidade. (68)

Tres dias depois, num auto da fé que teve lugar a 19 de Outubro de 1739, este julgamento foi surripido com todo o rigor.

A morte terrivel de um homem que tinha feito rir tantos outros deu motivo à primeira tragedia brasileira. (69)

(68)

*A morte sempre é tormento,
Sendo breve é menos mal,
Mas é pena, sem igual,
O morrer a fogo lento,
E este modo violento,
E é morte mais rigorosa;
De seu fim tarde se gosa,
Sendo no vulto que atira,
Por dilatado mais dura,
Por continua mais penosa.*

Fol com o mesmo pressentimento que Antonio faz dizer a Sancho em seu "Dom Quixote": *Toda a justiça acaba em tragedia.*

(69) É notavel que a primeira tragedia feita por um brasileiro tenha tido por assunto a morte do primeiro come-

No mesmo auto-da-fé, sua mulher e sua mãe foram condenadas, por haverem reincidido inúmeras vezes no judaísmo, a prisão por tempo indeterminado depois de terem padecido a medonha tortura moral de verem queimar-se o objeto de sua afeição. A mãe de José morria tres meses depois. (70)

Os dois primeiros volumes da obra intitulada *Theatro comico Portugues, ou Coleção das Operas Portugue-*

diante nacional. Magalhães fez dele o heroi de um drama que appareceu em 1839 e que teve por titulo "O Poeta e a Inquisição". Essa peça revela tanto patriotismo quanto talento. Outro poeta brasileiro moderno, Joaquim Norberto de Sousa Silva consagrou o segundo dos seus cantos epicos (Rio de J., 1861) à memoria do Infortunado judeu. Intitula-se "A corona de fogo".

(70) D. Inocencio Franc. da Silva dá na obra citada o teor das sentenças contra o nosso poeta, sua esposa e sua mãe. El-las. *Sob o titulo: "Pessoas relaxadas em carne nº 7. Idade 34 anos. Antonio José da Silva, X. N. (cristão novo) advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador nesta de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de judaismo no auto da fé. que se celebrou na Igreja do Convento de S. Domingos desta mesma cidade em 13 de Outubro de 1726. Convielo, negativo e relapso".*

Sob a rubrica: "Pessoas que não abjuram, nem levam habito. Nº 5. Anos de idade 27. Leonor Maria de Carvalho, X. n., Casada com Antonio José da Silva que vai na lista, natural da vila de Corilhã, bispado da Guarda, e moradora nesta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé que se celebrou na igreja de S. Pedro da cidade de Valhadolid, reino de Castela, em 26 de Janeiro de 1727: presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio. — nº 6. Anos de idade 61. Lourença Coutinho, X. n., viuva de João Mendes da Silva, que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e moradora nesta de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé que se celebrou no Rocio desta mesma cidade em 9 de Julho de 1713; presa terceira vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio".

sus que se representaram na casa do teatro publico no Bairro Alto de Lisboa. — Lisboa, 1744-46 4 vol. 8º (71) contem certo numero de peças de Antonio José. É verdade que elle não é ali citado, mas o nome do autor é traído pelas duas decimas que se seguem ao prefacio ao "leitor desapaixonado" e que constituem acrostico. (72)

(71) Vejam-se sobre as diferentes edições desta coleção e suas relações. Varnhagen, o. citada, I, p. 206-208. Acrescente-se que a 2a. edição dos dois primeiros volumes, de que a Bibliotheca imperial de Viena possui um exemplar (ela possui também a edição de 1759-1761 em 4 volumes) não traz o nome do impressor Luis Ameno mas *Lisboa, na regia officina Silviana, e da Academia Real, 1747.*

A passagem da Advertencia do Coletor omitida nas edições posteriores está em concordancia com os dados de Varnhagen.

(72) Inocencio Franc. da Silva, ob. cit., p. 180, fez observar pela primeira vez e justamente que o prefacio "Ao leitor e "As decimas" são evidentemente obras do autor e que por conseguinte não ha necessidade das allusões demasiado vagas de Varnhagen para provar que Antonio José é o autor destes trabalhos. O acrostico seguinte, tirado de suas "Decimas", basta para atesta-lo:

*Amigo leitor, prudente,
Não critico rigoroso,
Te desejo, mas piedoso
Os meus defeitos consente;
Nome não busco excelente
Insigne entre os escritores;
Os aplausos inferiores*

*Julgo a meu plectro bastantes,
Os encomios relevantes
São para engulhos maiores,
Esta comica harmonia*

*Passa tempo é douto e grave;
Honesto, alegre e suave*

As outras poesias contidas nos volumes III e IV foram sem razão atribuidas ao nosso poeta, como Varnhagen o demonstrou. (73)

Não conhecemos sinão oito peças que hajam sido impressas, seja separadamente, seja na coleção de que tratamos. Eis seus titulos — *Vida de D. Quijote de la Mancha* — *Esopaida, ou Vida de Esopo*; — *Os Encantos de Medea Anfitrião, ou Jupiter e Alemena* (na primeira parte) — *Labirinto de Creta* — *Guerras do Alecrim e Mangerona*; — *Variedades de Protheo* — *Principio de Factonte* (segunda parte). Alem disto e de acordo com Varnhagen p. 206, temos algumas ainda inéditas como *Os Amantes de escabeche*; — *S. Gonçalo de Amarante* — e talvez tambem: *As firmezas de Protheo*; — *Telemaco na Ilha de Calipso* — e o *Diabinho á mão furada*.

O "Don Quijote" foi traduzido para o francez por Ferdinand Denis nas suas "Obras primas do teatro portuguez, Paris, 1823. 8º."

Ve-se, pelos titulos de suas peças, que Antonio José tratou numerosas vezes de assuntos mitologicos, mas

*Divertida a melodia:
Apolo que ilustra o dia*

*Soberano me reparte
Ideias, facundia e arte
Leitor, para divertir-te
Vontade para servir-te
Afeto para agradar-te.*

(73) Da Costa e Silva, ob. cit. p. 355-56, filla-se à opinião de Varnhagen e nota: "mas basta considerar a sua linguagem, maneira de dialogar, e o forçado dos gracejos para reconhecer, que quem compoz as operas conteadas nos dois primeiros volumes não podia ser autor das que compõem o terceiro e o quarto".

seus deuses e deusas, seus gregos e seus romanos, são como seu cavalleiro da Triste Figura, seu Don Fuas, e seu Don Gil Vaz, portuguez de seu tempo; todos são tratados com tanta originalidade que as peças de Antonio José podem ser consideradas, depois das de Gil Vicente, como as mais populares de Portugal. Embora destinadas para serem representadas como uma grande "mise-en-scène" e com acompanhamento musical, e embora adaptadas ao gosto de um publico avido de espetaculos, (74) o que faz que se tenha o que chamamos de dramas populares, elas possuem não obstante um comico tão vigoroso, tantas ideias picantes e engenhosas que interessam ainda aos leitores portuguezes de hoje como os estrangeiros. Como não deveriam elas ter captivado os espectadores na cena, onde outrora foram acolhidos por aplausos freneticos, onde possuíam ainda toda a sua força original, quando os comediantes estavam à altura de seu papel. Era uma successão de surpresas continuas, de situações comicas e de ditos espirituosos. (75)

(74) Como o proprio autor o diz na primeira das duas decimas:

*Os aplausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes*

(75) Um poeta citado por Denis ("Obras primas do teatro portuguez" p. 35), José Anastacio da Cunha contemporaneo de Antonio José, e perseguido como ele pela inquisição, dirigiu-lhe os versos seguintes:

*O Antonio José, doce e faecio;
Tu que foste o primeiro que pizaste
Com mais regular soco a cena lusa,
O povo de Lisboa mais sensivel
Foi no teatro a teus jocosos ditos
Que no rocio a voz da humanidade.*

“E’ no desenvolvimento da ação.” diz Pereira da Silva (obra citada pag. 273) “na invenção de aventuras, no choque habil das paixões e das intrigas que se comprimem, se unem, se separam e se resolvem com a velocidade do relampago, a rapidez do vento, que reside a força de Antonio José; é por este meio que empolga os espectadores, surpreendidos e eletrizados.”

Alem disto, serve-se com grande habilidade de locuções, proverbios e ditos de espirito do povo, de modo que suas peças possuem tambem um valor linguistico notável.

Este tom popular é tanto mais apreciavel, assim como esta liberdade e esta independencia de Antonio José, que precisamente por esta epoca os poetas da península iberica principiavam a abandonar o carater nacional sob a pressão do pseudo-classicismo francês e de que nosso poeta tivera conhecimento através de seu amigo, o Conde de Ericeira, dos preceitos de Boileau, considerados então como oraculares. Apesar disto e embora tivesse estudado Metastasio, Molière e Rotrou, Antonio José conservou, todavia, toda a originalidade de seu talento e persistiu no caminho escolhido (76)

Se os juizes deste infortunado tivessem sido capazes de apreciar sem prevenções o seu talento, teriam reconhecido que suas obras não poderiam ter sido oriundas de um homem mergulhado no mosaismo orthodoxo, mas sim de um espirito livre e cheio de vida, que, se tivesse sido inspirado por tradições estrangeiras, estas só poderiam ter sido as da velha comedia espanhola.

Antonio José, hauriu desta ultima o “Gracioso” que se encontra em quase todas as suas peças. Como

(76) V. Magalhães, “Antonio José ou o Poeta e a Inquisição” tragédia. Rio de J., 1839, 8º, p. 11.

as comedias espanholas, as suas operas não conheciam as tres unidaes; as cenas pateticas e comicas se succedem, enquanto que as “soubrettes” e os Scapins têm uma parte fundamental nas decisões dos heroes e das heroínas; apenas nas operas, a parodia occupa um lugar muito maior que nas comedias espanholas. Antonio José, alem disto, dividiu a maior parte de suas peças de maneira particular em duas partes. O “Proteo” e o “Faetonte” são as unicas divididas em tres atos como as comedias de Calderon.

De resto, não podemos nos levar pelo nome “opera” para fazer das peças de Antonio José dramas cantados no sentido moderno e passando assim a considera-los como accessorios da musica. Elas são ordinariamente em prosa, e aqui e aeolá, encontramos um recitativo, uma aria, ou alguma coro. São propriamente “zarzuelas” mais extensas que de costume, cujo nome provem de seus assuntos mitologicos e de sua pomposa “mise-en-scène.” (77)

Para fazer-se uma idéia do talento de invenção e da verde comica de Antonio José, basta que se comparem o seu “Anfitrião” com os de Plauto e Camões, e ver-nos-emos surpreendidos com o partido completamente

(77) As operas bufas de Offenbach, que tem hoje tão grande voga, aproximam-se muito das de Antonio José; com poucas modificações estas poderiam fornecer a este compositor tão espiritual os mais formosos libretos. É possível que, como supõe Bouterweck (*Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*, 4ª parte, p. 358) as operas italianas protegidas então pela corte de Lisboa hajam produzido esta reacção popular. Bouterweck, por outro lado, e contra os seus habitos, fez um julgamento tão parcial e tão superficial sobre as operas do Judeu, que devem ter chocado por sua rudeza e irregularidade, e não se deu ao trabalho de penetrar o espirito delas. Não se aterrorizou com o nome de Judeu, e consentiu em reconhecê-lo um espirito inventivo.

novo que o poeta brasileiro soube tirar deste assunto, principalmente da cena entre Alemene e o esposo.

A mesma habilidade encontra-se na "Vida de Esopo" e na maneira por que adaptou a dramatisação deste assunto ao gosto nacional. A cena por exemplo, em que Esopo é vendido a Xarxo por seu mestre o filósofo Zenon, distingue-se tanto pelo característico das personagens como pela vivacidade de um dialogo cheio de espirito e petulancia. (78) Esta cena serve ao mesmo tempo de exposição, o que prova o talento dramatico de nosso poeta, onde esta parte da peça é sempre curta e jamais sem ação.

Da Costa e Silva (o^b. citada, pag. 345 e s.) cita como modelo de exposição a do "D. Quixote". O cavalleiro fez-se barbear pelo barbeiro e recomen^d-o que trate bem a barba mais honrada de todas as Espanhas; ao mesmo tempo, pede-lhe noticias e quando o barbeiro lhe diz que o Grande Turco apresta-se para fazer de novo a guerra contra os potentados cristãos, e que já se armou em Biscaia um exercito destinado a combate-los, Dom Quixote responde: "Para que afinal todas estas maquinas? Eu sei como é possível em menos de uma hora vencer todas as esquadras dos tureos." Só depois que o barbeiro fez juramento de discrição, fez-lhe a confidencia de que bastaria mandar contra o inimigo alguns cavalleiros errantes ou ele sosinho para que se os venesse. Em apoio destas palavras, cita os romances de cavalaria e as empresas neles referidas, e quando sua tia, sua sobrinha e mesmo o barbeiro,

(78) Em Bouterweck (p. 361-362) encontramos citados alguns fragmentos desta cena, como prova de seu espirito "forçado e absurdo". O mesmo autor confessa portanto "que através deste baixo comico transiuz uma imaginação pouco comum".

não veem em tudo isto mais do que um acesso de loucura, ele emprega contra este ultimo um *argumentum ad hominem* derrubando-o por terra. Esta exposição é tão original quanto dramatica.

Se Bouterweck diz desta peça que não chega a ter o merito da invenção, Barbosa du Bocage, um dos primeiros poetas portuguezes da segunda metade do seculo XVIII (79) julga-a de outro modo. Da Costa e Silva conta deste poeta a anedota seguinte: (1. e. pag. 34) visitando um dia Barbosa durante a sua ultima doença, achou-o no leito, deitado em decubito ventral e rebentando de rir, com um livro à mão. Perguntou a causa deste riso e Barbosa respondeu: "São as operas do Judeu; encontrei no "Dom Quixote" uma idéia tão extravagante "*que admira haver escapado a Cervantes*". Leu então, riundo-se a cena em que Dom Quixote, persuade-se cada vez mais de que sua incomparavel Dulcinéia foi transformada pelos magicos em Saneho Pança, até que este lhe prova a sua identidade por um *argumentum ad hominem*. (80)

A peça mais conhecida de Antonio José é a intitulada "As Guerras de Alecrim e Mangerona". E' preciso saber que em Cintra, encantador recanto de Lisboa, os elegantes tinham o habito de se encontrar num passeio, onde descansavam sobre uns baneos de pedra ali postos. Eles se dividiam em dois partidos reconheciveis pelos ramalhetes de alecrim e de mangerona, que cada um tinha adotado para senha de reconhecimento. São estas guerras galantes que prova-

(79) Morreu em 1805.

(80) Na tradução de Ferdinand Denis, esta passagem encontra-se nas pags. 416-419 com a seguinte anotação: "Toda esta cena seria de um verdadeiro comico, se não acabasse tão grosseiramente".

velmente inspiraram ao nosso poeta sua obra prima. (81)

Ele faz apparecerem num passeio duas damas de mantilha, seguidas por dois cavalheiros que lhes fazem a corte e as conjuram de darem um sinal a indicar que a aceitariam. Uma dá então um ramalhete de alecrim, outra um de mangerona, declaram-se as duas loucas por seus emblemas e convidam os seus cavalheiros respectivos a rivalizarem de zelo e habilidade para dar à flor da predileção de sua amante a palma das invenções engenhosas. Os dois cavalheiros, D. Gil Vaz e D. Fuas, começam então com ardor, a uma contrassenha, a luta que deu o nome à peça, quando vem saber que suas belas eram D. Cloris e D. Nize, sobrinhas e herdeiras de um avaro muito rico, D. Lanserote. Mas este as fechava muito envidosamente e lhes interditava toda e qualquer visita, e além disto tinha feito vir D. Tibureio, seu sobrinho, filho de um gentilhomen rural, para que escolhesse uma de suas primas, pois que a outra tinha que ser encerrada num convento.

(81) Da Costa e Silva a quem devemos esta noticia não teria deixado em suspenso a questão de saber se a peça de Antonio José tem sua origem neste episodio ou pelo contrario se ele examinou com cuidado a passagem seguinte, em que o tio de duas senhoras, à chegada do sobrinho, que deve escolher uma das duas explica do modo seguinte os nomes da dama do alecrim e e da dama da mangerona:

D. Lanserote. *Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que ha nesta terra dois ranchos, um do Alecrim, outro de Mangerona, e fazem taes excessos por estas duas plantas, que se matarão umas ás outras.*

D. Tibureio: *E vossa merce consente, que minhas primas sigam essas parcialidades?*

D. Lanserote: *Não vedes, que é moda, e como não custa dinheiro, bem se pode permitir.*

Muitos ardis tornaram-se necessários para penetrar nesta casa, vencer as precauções do Argus, despojar de posse o outro pretendente, conquistar o coração das belas e enfim obter as suas mãos. Este, é na verdade o assunto mais comum das comédias e que vem sofrendo nos diversos casos centenas de variações; mas Antonio José soube tornar mais complicadas e mais originaes intrigas tão conhecidas, de modo que os dois concorrentes, embora amigos não agissem nunca de comum acordo e procurassem um sobrepujar o outro, para alcançar assim o galardão da vitória. Esta rivalidade leva a novas complicações, de ciume entre os amantes, e o que é sobretudo uma idéia feliz, as artimanhas de um são descobertas e utilizadas em proveito do outro. D. Fuas, com effeito, não tem criado e se vê forçado de ganhar Fagundes, aia de Lanserote, enquanto que D. Gil Vaz possui na pessoa de seu domestico Semicupio, o Gracioso e a personagem principal da peça, um auxiliar tão inesgotavel nas suas artimanhas quanto habi em pô-las em execução. Semicupio tem, além d'isto, um aliado, Sevadilha, criada da nora de D. Gil Vaz, e a "Graciosa" da Opera. Ele faz-lhe naturalmente a corte, e recebe ainda uma flor como sinal. Esta flor tem o nome da malmequer, mas embora seja o emblema do recato fingido, não é preciso por isso levá-la mais a serio que esta meia virtude, quando se a vê nas mãos de uma criada.

Estas intrigas produzem uma serie de situações comicas e de cenas bastante engraçadas, que feitas para a representação, perderiam se traduzidas os encantos que até hoje mantem no original. Não é preciso no entanto calar que o autor se serve nas snas obras dramaticas, de pequenos recursos como seja o apelo a disfarces, alcapões etc, em uso desde tempos imemoriaes entre peccas comicos, tanto que os limites da verosimilhança são

frequentemente a'trapassados, que a graça é por vezes muito grosseira para agradar nos dias de hoje e os desfechos não chegam a ser obras primas, do ponto de vista da psychologia. No entanto, se se considera a habilidade com que Antonio José soube acomodar-se ao gosto de seu publico (82) e que não tinha atingido grau tão alto depois de Gil Vicente, e pôr em cena costumes verdadeiramente populares, não se pode deixar de assinalar a suas peças um lugar muito alto na poesia portugueza. Além disto, a parodia, que prejudica todas as outras operas de nosso poeta, é estranha a esta; ella é toda de sua invenção, e a esse respeito denota um talento incomum.

Embora esta peça não possa ser julgada a não ser se interpretada, ou à leitura completa do original, não podemos deixar de traduzir algumas cenas que darão ao menos uma idéa da maneira de Antonio José.

D. Tibureio viu-se de repente presa de uma colica violenta. Manda-se Sevadilha a procura de um medico e ella encontra logo mais D. Gil Vaz e sem eriado que rondam em torno da casa, imaginando um ardil para penetrar. Semicapio acoi selha então o aproveitamento de uma bela occasião, entrando assim disfarçados de medicos. Seu senhor faz algumas objeções:

DOM GIL VAZ — Está louco? Pois nós sabemos Medicina?

(82) A peça em questão foi representada pela primeira vez no carnaval de 1737 no teatro do Bairro Alto de Lisboa, como todas as demais. É pois uma verdadeira farça carnavalesca! Almeida Garret, quando escreveu a introdução de seu "Parnaso lusitano" (1826) não levava Antonio José em alta conta (vol. I p. XLVIII.) "*Talvez que o Alecrim e Mangerona seja a melhor de todas, e de certo o assunto é eminentemente comico e portuguez: hoje teria todo o merito de uma comedia histórica; e se fora tratada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça*".

SEMICÚPIO — Assim como há Filosofia natural, por que não haverá natural Medicina?

DOM GIL VAZ — E se o doente morrer por falta de remédio?

SEMICÚPIO — Mais depressa morrerá por muitos remédios.

DOM GIL VAZ — E que lhe havemos aplicar?

SEMICÚPIO — Tudo o que não fôr veneno; porque o que não mata, engorda.

Ocultam este ardil mesmo a Sevadilha e Semicupio manda-a embora, oferecendo-lhe de ir procurar o medico em seu lugar.

Quando são levados ao leito do enfermo, em torno do qual toda a casa está reunida, aí encontram D. Fugas, disfarçado tambem, em medico por instigação de Fagundes.

Depois que cada um destes "mediees naturais" acahou de examinar o doente e preserever um remedio diverso, sem deixar escapar a oportunidade de fazer algumas chalaças mais ou menos grosseiras, (83) cada uma das duas belas e os outros circunstantes, queriam aproveitar-se da ocasião para fazer uma receita contra a doença que acreditavam que elle tivesse. Isto leva a

(83) Semicupio faz com que se deesse preferença a seu remedio, gritando com unção:

Senhores meus, à grande queixa, grande remedio; o mais eficaz é, que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor retrocesse debaixo para cima.

D. Tiburcio: *Como é isso de bichas nas meninas dos olhos?*

Semicupio: *É um remedio topico; não se assuste, que não é nada.*

D. Tiburcio: *Vossa mercê me quer cegar?*

Semicupio: *Calc-se aí; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.*

uma cena que só se pode ler no original, tanto mais que contem os sonetos das tres flores, hoje tornado celebre.

Estas obras de um poeta brasileiro, que fez época na literatura portugueza, e que teria tido influencia mais duradoura ainda, se tivesse tido successores, capazes de purificarem o gosto nacional e de manterem afastado o pseudo-classicismo francees (84), últimamente voltaram a merecer consideração reconquistando o seu lugar na literatura brasileira (85).

(84) Da Costa e Silva diz ainda hoje com razão (p. 371): *Seria muy util que algum dos mancebos, que hoje seguem com muito talento a carreira teatral, se deixassem de imitar os melodramas, e vaudevilles francezes, e se applicassem a aperfeiçoar o sistema dramatico de Antonio José, criando a verdadeira comedia popular portugueza de que ele lançou os fundamentos.*

(85) Parece que se representaram ultimamente no Brasil as peças de Antonio José. V. a critica de minha monografia já citada no "Katholische Literatur Zeitung", Viena, 1860, n. 40, p. 360, por M. Wiedmann.

TERCEIRO PERIODO

SEGUNDA METADE DO SECULO XVIII

CAPITULO V

NOVO SURTO DA LITERATURA NO BRASIL SOBRETUDO EM CONSEQUENCIA DA BOA ADMINISTRAÇÃO DE POMBAL. O RIO DE JANEIRO É DECLARADO RESIDENCIA DO VICE-REI, O QUE CRIA UM NOVO CENTRO LITERARIO. FUNDAM-SE ACADEMIAS, PRINCIPALMENTE A CHAMADA ARCADIA ULTRAMARINA; A ESCOLA DE MINAS GERAIS ENVOLVEU-SE NA INCONFIDENCIA DE MINAS. CONSEQUENCIA DESTE ACONTECIMENTO PARA A LITERATURA.

E' principalmente ao terceiro periodo que se aplica o que diz Pereira da Silva ("Paraso brasil. I. p. 34) da literatura brasileira do seculo XVIII: "Era uma copia e uma imitação da literatura portuguesa, que por sua vez era uma imitação da franceza; mas no entanto através de seu prisma, reconhecia-se sua nacionalidade, sua origem nova e santificada."

Na segunda metade do seculo XVIII, a literatura do Brasil tomou com efeito novo sarto, sob a influencia de novas circunstancias que iremos mencionar. Enquanto que de um lado, não se atreve a se apartar de seus modelos, as literaturas portuguesa, franceza e italiana, mostra de outro uma tendencia sempre crescente à independencia, e os germes de um desenvolvimento nativista e original.

As circunstancias que contribuíram para isto, foram de início o commercio florescente do Rio de Janeiro; o fato de o vice-rei haver feito aqui sua residencia em 1763, criando-se com isto um novo centro (86) de cul-

(86) Tentou-se em 1747 fundar uma tipografia no Rio de Janeiro, para evitar a remessa de manuscritos a Portugal; mas o estabelecimento de Antonio da Fonseca não produziu mais que duas ou tres brochuras de pouca importancia, e logo após era fechado, seja por o negocio não haver correspondido ao seu dono, seja por o Governo have-lo suprimido. Carlos Rizzini refere a odisséia d'este tipografo primitivo:

"Embaraços financeiros forçaram Antonio Isidoro da Fonseca a mudar a sua tipografia para a Colonia. Até 1745 e durante pelo menos dez anos fora impressor em Lisboa. E de conceito, pois entre os seus clientes figuraram D. Antonio Caetano de Sousa, Cândido Lus'tano, Fr. Apolinário da Conceição, o conde de Ericeira e Fr. Agostinho de Santa Maria. Imprimiu a 5a. edição da Vida de D. João de Castro, de Jacinto Freire de Andrada, as Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, as Noticias de Portugal, de Manuel Severim de Faria, e as três óperas publicadas em vida por Antonio José.

O confiseo e a deportação acabaram de desgraçar Isidoro. Em Maio de 1750 ele requeria ao soberano licença para voltar a trabalhar no Rio de Janeiro, por não ter meios de fazê-lo em Lisboa, "pois desfez a sua casa e a sua officina, assim para satisfazer a alguns credores, como para a assentar no dito Rio de Janeiro, com o intento de ganhar o que lhe era preciso e a sua mulher". Não ofendendo com o seu modo de vida o bem comum nem as leis, esperava da real clemência pudesse "estabelecer a dita imprensa no Rio de Janeiro, na mesma forma e para o mesmo fim de que usava dela, ou na Bahía, e, se necessário for, fará termo, com as penas que V.M. for servido impor-lhe, de que não imprimirá livros sem licença de V.M. e do Santo Officio, nem outro algum papel, de que se siga dano ao Reino ou a algum vassalo dele". À margem do requerimento, o despacho: "cseusado". Ignora-se o fim de António Isidoro da Fonseca. Ao officio não tornou." (Rizzini-Carlos — O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil — Livraria Kosmos Editora, São Paulo, s. d., pág. 312-313 — N. do T.).

tura pela exploração das minas de ouro de Minas Gerais e o cultivo desta provincia, e enfim a importancia crescente do Brasil para a mãe patria. Esta importancia subiu principalmente depois do momento em que os olhos penetrantes de Pombal, que tratava a rica colonia tão bem quanto a metropole, veio em auxilio daqueles de seus filhos que revelavam talento, e constituiu mesmo o plano de transferir a sede da monarchia para o Brasil (87) cujo brilhante futuro ele adivinhava.

Logo se verificaram no Rio de Janeiro tentativas de sociedades literarias, sob o modelo das Academias e das Arcadias espalhadas então pela Europa. Já em 1736, Mateus Saraiva, medico, organizara nesta cidade e sob os auspicios do Governador, uma sociedade composta de trinta membros, sob o nome de "Academia dos Felizes" e occupava-se de botanica, mas cuja duração foi curta. Em 1752, via-se nascer no Rio de Janeiro uma sociedade de pessoas instruidas sob a denominação pomposa de "Academia dos Seletos" e cujo principal objectivo era, ao que parecia, cantar em prosa e verso, as virtudes e façanhas do capitão geral Gomes Freire de Andrada. (88) Em 1772, formou-se sob a prote-

(87) Pereira da Silva, "Parnaso Brasil", I. p. 372, diz que a atenção de Pombal estava dirigida sobretudo para a cidade de Belém, na provincia do Pará, e que sonhara transportar para aquil a sede da monarchia brasileira. Considerava-a um ponto central e pensava por ai impedir o fracionamento futuro dos dois reinos. Quanto aos numerosos brasileiros que occuparam então cargos importantes ou que se distinguiram nas ciencias, v. Varnhagen, c. cit. I, p. XLIV-XLVI e Pereira da Silva, "Parnaso", I, p. 37.

(88) Esta Academia publicou sua historia e os frutos de seus trabalhos, sob o titulo seguinte: "*Jubileo da America na gloriosa exaltação e promoção do Ilmo. e Exmo. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão general das capitancias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e S. Paulo. Coleção das*

ção do vice-rei Marquês de Lavradio, grande amigo das ciências, a mais importante das academias do Rio de Janeiro, sob o modesto nome de "Sociedade Literaria". Entrementes, tambem se ensaiou fundar de novo na Bahia uma Academia, a "Sociedade Brasileira dos Academicos Renascidos" que durou pouco tempo. (89) A "Arcadia ultra-marina", (89a) ao contrario, teve a influencia maior e mais direta sobre a literatura brasileira. Foi fundada no Rio de Janeiro e ao modelo da Arcadia italiana pelos poetas Silva Alvarenga e José Basilio da Gama. O successor do marquês de Lavradio, o vice-rei Dom Luis de Vasconcelos e Souza, (depois de 1799), era um grande animador da literatura e protegia particularmente a Silva Alvarenga. Foi sob a sua egide e a do bispo José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco que nasceu a Arcadia ultramarina. Logo reuniu em seu seio todos os literatos de talento entre os quais, Bartholomeu Antonio Cardovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Baltasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manoel de Arcuda Camara, José Ferreirã Cardoso, José Mariano da Conceição

obras da Academia dos Seltos que na cidade do Rio de Janeiro se celebron em obsequio e aplauso do dito Excelentissimo heroe. Pelo Dr. Munoz Tavaras de Siqueira e Sá, secretario da mesma academia. Lisboa, 1754.

(89) V. sobre estas academias brasileiras a Revista do Inst. I, 79-86.

(89 a) Nada de mais nebuloso na nossa historia literaria do que a Arcadia Ultramarina a que Wolf sempre se refere no decorrer deste livro. Silvio Romero admite que se trate de outro nome da Sociedade Literaria. Quanto a nós, chegamos a ter a impressão de que se pode tratar de instituição imaginaria ideal em que os poetas imaginassem enquadrar-se. De qualquer maneira nunca ninguém conseguiu objetivar melhormente a sua existência. (N. do T.).

Velloso, e Domingos Caldas Barboza. (90) A estes juntaram-se os poetas nascidos na provincia de Minas ou ai residindo, principalmente os de Vila Rica (hoje Ouro Preto) como José de Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, etc. Formaram por sua vez uma sociedade celebre nos anais politicos e literarios do pais sob o nome de escola mineira. Nesta provincia, as minas de ouro determinavam não apenas a vida material mais activa como ainda um desenvolvimento consideravel da cultura intellectual. (91)

E' precisamente desta provincia que partiram os movimentos revoleuionarios e as tentativas de independencia, a frente das quais se collocaram. estes poetas.

Como na vida destes eseritores, teremos que voltar frequentes vezes a esta revolução denominada "Inconfidencia das Minas", e que ella contem os germes da independencia politica e literaria do pais, comprehende-se que aludamos a ella em algumas palavras, a exemplo do que faz Varnhagen (o. cit. I, p. XLII a XLIV) (92)

(90) V. Pereira da Silva, *Os Var. II*, I, p. 335-338.

(91) V. Varnhagen, o. cit., I, p. XXXVII. É verdade que pelo fim do século XVIII a riqueza desta provincia diminua cada vez mais. V. Handelman, o. c. p. 591. Pode-se dizer no entanto que a propria natureza parecia ter feito de Minas um centro poderoso de vida nacional e Varnhagen diz com razão ("Rev. do Ins., VIII, p. 275): *se pode bem asseverar ser o devido foco para concentração da nacionalidade e civilização brasileira.*

(92) V. ainda Pereira da Silva "Os var. II", II, p. 1-10 Joaquim Norberto de Souza Silva, *A Conjuração Mineira, estudos historicos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional*. V. Rev. do Inst., XXIII, p. 679. O mesmo autor fez do chefe dos conjurados, José da Silva Xavier, o heroi do primeiro canto ("Cabeça de Martir") de seus "Cantos Eplcos". (R. de J., 1861).

Em 1783 D. Luis da Cunha de Meneses foi nomeado capitão general da provincia de Minas. Este homem vaidoso, tinha-se tornado a um tempo odioso e ridiculo pelas faltas cometidas em sua administração, de modo que se tornou assunto de uma satira em nove cartas, "As Cartas Chileras", escrita por um poeta de Vila Rica sob o pseudonimo de Critilo, e dirigida a um certo Doroteu, habitante da capital. (93) Estas cartas, que foram publicadas em 1780 continham uma serie de acusações ao mau governo do capitão-general, e dando evidencia do descontentamento geral, não contribuíram pouco a entreter e aumentar a fermentação, dando-lhe o caracter de uma conjuração. Com a chegada do successor de Meneses, o visconde de Barbacena, em 1788, espallhou-se o rumor de que este exigiria de uma vez 700 arrobas de ouro, que constituíam a capitação da provincia e que não tinham sido ainda

(93) De acordo com Varnhagen, Claudio Manuel ou Alvarenga Peixoto poderiam ser os únicos a quem se poderia attribuir a autoria destas cartas. No entanto, ele não se atreve a pronunciar sobre nenhum deles (v. o. citada, I, p. XLII e II o. 365-367).

Provavelmente o tema mais controvertido da literatura brasileira seja este da autoria das "Cartas Chilenas". A par das teorias de Varnhagen foram aparecendo outras. Um trabalho do sr. Caio de Melo Franco dá como autor Claudio Manuel da Costa, referendado depois por Ronald de Carvalho e Rodolfo Garcia. Tito Lívio de Castro adm'te que possa não ter sido de nenhum dos classicamente indigitados mas de qualquer outro, desconhecido. Atribuem-na a Alvarenga Peixoto, Ferdinand Denis, Camilo Castello Branco, Teófilo Braga, Silvio Romero. E a Gonzaga, Alberto de Faria, Artur Mota e José Verissimo. Aham que é trabalho de colaboração. Pereira da Silva e Sud Meneuci. Mais modernamente o sr. Afonso Arinos de Melo Franco defende a autoria de Gonzaga (Cfr. a proposito do problema a edição deste das "Cartas Chilenas" — Imprensa Nacional — Rio, 1940). (N. do T.).

pagas. Os interesses materiais mais caros eram então ameaçados e este partido, que se mostrava estimulado pelo exemplo da independência dos Estados Unidos e dos precursores da Revolução Francesa, soube habilmente aproveitar-se de todos os meios revolucionários para procurar desde então implantar a independência da colônia ou a proclamação de uma república brasileira. Um dos chefes dos conjurados, Joaquim José da Silva Xavier, cognominado o "Tiradentes", oficial da milícia de Vila Rica, erguen num almoço publico um brinde à Independência de Minas Gerais e a do Brasil. A maior parte dos circunstantes aplaudiu. (94) e o poeta Alvarenga Peixoto chegou a improvisar uma bandeira nacional e fazer um apelo às armas. (95) Não se chegaria a tais extremos. Já Menezes soubera da conjuração, mas a subestimara, e seu successor, Barbaçena, a quem o coronel Joaquim Silverio dos Reis, havia traído o segredo da conspiração, tratou logo de agir com o maximo rigor. Acreditou que tiraria aos sublevados todos os motivos de se levantarem, dando-lhes a certeza de que a derrama não seria feita. Mas em 1789, quando o chefe da conjuração, Silva Xavier, voltava do Rio de Janeiro aonde fora à procura de novos prosélitos seu projeto foi denunciado ao vice-rei Luis de Vasconcelos. Este determinou a prisão immediata de Silva Xavier e ordenou ao visconde de Barbaçena de lhe entregar os outros acusados e vir ele proprio se desculpar. Barba-

(94) Handermann. o. cit. p. 592.

(95) A bandeira nacional, proposta por Alvarenga Peixoto e aprovada pelos conjurados, devia mostrar uma figura quebrando cadeias e a seguinte legenda, "libertas quao sera tamen". O poeta estimulou os que hesitavam ainda, mostrando-lhes que bastaria abastecer a provincia de polvora, sal e ferro por dois anos, etc. V. Pereira da Silva, *Os var. II.*, II, p. 86.

cena apressou-se em enviar diretamente a Lisboa uma denuncia detalhada, e de se justificar, antedatando os autos do processo; depois fez prender todos os conjurados e fê-los transportar ao Rio de Janeiro, exceção feita de Claudio Manuel, que se matara na prisão. A 18 de Abril de 1792, era lido aos prisioneiros o julgamento que condenava onze à morte, cinco a desterro perpetuo e os outros a desterro temporario nos presidios de Africa. Silva Xavier, todavia, foi o unico a ser executado, a pena dos outros tendo sido convertida em banimento perpetuo. Entre estes ultimos encontravam-se os poetas brasileiros Alvarenga Peixoto, Tomaz Antonio Gonzaga e Domingos Vidal Barbosa. E entre os desembarcadores enviados de Lisboa, Antonio Diniz da Cruz e Silva, um dos mais illustres poetas de Portugal.

Esta inconfidencia de Minas fez epoca na historia literaria do Brasil, seja pelos poetas que nela desempenharam os papeis principais, seja pelas ideias de independencia que fez naseer. E deste acontecimento que data na literatura brasileira a tendencia, antes tímida, mas agora cada vez mais acentuada, à emancipação, seja somente pela presença de uma cor mais local, seja ainda pelo escolha de assuntos nacionais, principalmente na epopéia.

E' um fato curioso que começassem então agora as tentativas deste genero. As produções do tempo eram, é verdade, imitações de poemas estrangeiros, porque não tinham base popular, mas seus autores já se atreviam a transportar a ação a sua patria, e fazendo os indigenas desempenharem papel secundario como ainda exprimirem sentimentos patrioticos.

CAPITULO VI

OS POETAS EPICOS JOSÉ BASILIO DA GAMA, SANTA RITA DURÃO E JOSÉ FRANCISCO CARDOSO.

José Basilio da Gama foi um dos poetas de Minas e um dos fundadores da "Arcadia Ultramarina". Nasceu em 1740, de pai e mãe pobres na vila de S. José do Rio das Mortes. Seu pai morreu cedo (95) deixou a familia em estado de dificuldade. Foi porisso enviado ao Rio da Janeiro, ao cuidado do brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim que devia cuidar de sua educação. Este julgou oportuno confiar seu protegido de quinze anos ao collegio dos jesuitas, que reconheceram logo as suas capacidades e resolveram fazê-lo entrar como noviço na Ordem. Não tinha ainda pronunciado os seus votos quando chegava ao Brasil o decreto real que prohibia a ordem dos jesuitas em todo o territorio e bania todos os seus membros. Só os noviços poderiam continuar, rompendo todo contato com os religiosos. Foi o que fez José Basilio, que continuou seus estudos no seminario episcopal de São José. Por seu talento e boa conduta, ganhou as boas graças do capitão general do Rio de Janeiro e do Brasil meridional, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, e do bispo Dom Antonio do Desterro, a quem dedicou sempre o maior reconhecimento. Infelizmente, logo

(95) Sabo-se agora que seu pai era o Capitão mór Manuel da Costa Villasboas e pertencia como sua mãe d. Quitéria Inacia da Gama a uma das primeiras familias de Minas Gerais. V. I. Fr. da Silva, Dicionario, IV, p. 269.

tinha que padecer a morte do conde de Bobadela que morria a primeiro de Janeiro de 1763. Este acontecimento e a mudança de dois de seus amigos para o interior da capitania, decidiram-no a pedir à sua família e a seus protetores permissão e dinheiro necessários para continuar os estudos em Coimbra, o que lhe foi consentido. Apesar das recomendações que lhe haviam sido dadas, sentiu-se tão isolado em Portugal e todo o mundo tão indisposto em relação a sua pessoa como antigo jesuíta, que se decidiu a partir para Roma. Conta-se que foram os discípulos de Loidola, cuja influencia era ainda muito grande na cidade dos papas, que lhe forneceram a soma necessaria e deram-lhe um lugar de professor no seminario de Roma. Em 1763, foi recebido membro da Arcadia desta cidade sob o nome de Termino Sepilio, graças a algumas poesias que o tornaram conhecido, principalmente uma sobre a morte do conde de Bobadela. Pouco depois, no entanto, deixava Roma e voltava a seu pais, via Napoles e Portugal. Mal chegado ao Rio de Janeiro, era denunciado como jesuíta, preso e devolvido a Lisboa num vaso de guerra.

Levado a Lisboa, diante do Tribunal da Inconfidência, só foi solto sob a condição de dentro de seis meses ir para Angola, e só deixar esta colonia com a permissão do Governo. José Basilio teve então a feliz idéia de compor um epitafio ao casamento da filha do marquês de Pombal. Celebrava em oitavas harmoniosas, não apenas a noiva, como ainda seu poderoso pai, que tinha restabelecido a gloria da monarchia portuguesa, e liberto sua patria do jugo dos jesuitas. Terminava, implorando a intercessão da noiva para que não fosse enviado para a Africa, e lhe permitia-

do assim ser testemunha da felicidade crescente de Portugal. (96)

Pombal leu esta poesia, reconheceu o talento de nosso poeta e soube apreciar as vantagens que teria em ganhar para si um homem, que, aluno dos jesuitas e acusado de cumplicidade com eles, pronunciava-se tão abertamente contra estes religiosos. Perdoou-o da pena de banimento, deu-lhe em 1771 carta de nobreza e fidalguia e por decreto de 25 de junho de 1774, um lugar de official no ministerio do exterior e de secretario particular. (97)

José Basilio desfrutou então de alguns anos tranquilos que lhe permitiram emprender e terminar produções poeticas mais extensas. Terminou sua obra principal, a epopéia "Uruguai", escreveu uma menor chamada "Quitubia" em que canta um chefe africano, aliado ardente dos portuguezes, durante as guerras com a Holanda; depois um Cantico aos Campos Eliseos e enfim numerosas pegas de circunstancia em louvor de Pombal ou pelas festas de sua familia. Quanto às tragedias que deve haver composto, nunca viram a luz da publicidade. Estes trabalhos lhe valeram um lugar na Academia de Portugal, enquanto que ele ganhava cada vez mais a confiança do ministro.

(96) No fim, dire-se nestes termos à noiva:

*Eu não verei passar teus doces anos,
Alma de amor e de piedade cheia;
Esperam-me os desertos africanos,
Aspera, inculta e monstruosa arcia...
Ah! tu fazes cessar os tristes danos,
Que eu já na tempestade escura e feia...
Mas diviso, e me serve de conforto
A branca mão que me conduz ao porto!*

(97) V. Varnhagen, o. citada, I, p. 276. Pereira da Silva, Os Var. II, I, p. 367.

Mas foi o que causou a sua ruina. Foi envolvido na desgraça de seu protetor, quando, em 1777 com a ascensão de D. Maria I, foi privado de todas as suas dignidades e expulso da Corte, enquanto se abandonava por completo o seu sistema. José Basílio teve que se demitir de seus empregos, e entregar-se de novo aos caprichos da fortuna, que se comprazia em mandá-lo de um país a outro. Sentiu-se tão menos seguro em Lisboa, que não julgou digno imitar os louvaminheiros do ministro tombado em desgraça que mudaram subitamente de tom e o cobriram de oprobrios; teve, ao contrario, a coragem de louvá-lo ainda e de agradecer de publico os beneficios que lhe fizera. (98) Para cumulo de desgraça, os jesuitas cujo prestigio agora subia, puseram-se a atacar o poema "Uruguai" que era dirigido contra a dominação deles na America e em veementes panfletos acusaram-no de ingra-

(98) Diz por exemplo numa poesia tão nobre quanto bela, dirigida a Pombal.

*Não o vil interesse de ouro ou prata,
 Não a esperança de honras,
 A minha voz levanta! Nem da plebe,
 De subitas catastrofes amiga,
 As tumultuosas ondas me arrebatam:
 E só, é só a gloria
 E o amor da virtude que me inflama.*

*Almas eu vejo de remorsos cheias,
 Co'as mãos tapando o rosto.
 Confusas esconderem-se aos meus versos.
 Convosco falo, ó vós, ao braço ingratos
 Que ás honras vos subiu de alga e lodo:
 Tremei, tremei, indignos,
 Ouvindo a voz terrível da verdade.*

L. Fr. da Silva, Dicionario, IV, p. 271, duvida no entanto que José Basílio tenha sido o autor desta ode.

tidão. (99). E' de resto digno de nota que José Basilio, que se mostrou tão desconhecido para com Pombal, não o foi jamais em relação aos jesuitas, que o tinham educado e favorecido de todos os modos. Semelhante conduta que não se coaduna com seu caracter, só se pode explicar pelo fato de que ele visse alguma coisa de diabolico no poder dos jesuitas e attribuisse sua má fortuna às relações que mantinha com eles.

José Basilio acreditou então que devesse voltar ao Rio de Janeiro. À sua chegada, Luis de Vasconcelos e Souza era ainda vice-rei e D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, protetor de nosso poeta e amigo da poesia, occupava o bispado desta cidade. O vice-rei era, além disto, muito amigo do poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, nascido na provincia de Minas Gerais, perto da cidade natal de José Basilio. Este foi então bem acolhido e sob os auspícios dos dois protetores, fundou como já dissemos a "Areadia Ultramarina" conforme a Areadia de Roma, de que ele era membro. O favor do vice-rei (100) conseguiu que se lhe desse em 1787 o lugar de cavalheiro da rainha.

Esta felicidade não deveria durar muito. Luis de Vasconcelos, este protetor das letras, foi substituído pelo conde de Rezende, que, sombrio, desconfiado, inimigo de toda idéa liberal, era o antipoda de seu antecessor. Em vez de estimular a poesia e reunir

(99) Por exemp'o, em *Resposta apologetica ao poema intitulado O Uruguai*.

(100) Seguimos as biografias de José Basilio dadas por Varnhagen, o. cit. I, p. 273-277; e Pereira da Silva "Os Var. II.", p. 359-373. V. também o dicionario bibliografico de I. Fr. da Silva, IV, p. 268-373, que também dá uma relação completa dos trabalhos de José Basilio.

em torno de si os homens de talento, Rezende proeuvou impedir todo surto, não via nas sociedades literárias e científicas mais do que focos de conspiração que se deveriam abafar pela dissolução e o afastamento dos seus chefes. A descoberta da conspiração de Minas, empresa criminosa e perigosa, assim a parte que nela tiveram numerosos escritores serviram para confirmá-lo neste parecer. Ordenou então a dissolução da "Arcadia ultramarina" e ameaçou encarcerar os descontentes. Então José Basílio compreendeu que não podia continuar no Brasil e tratou de procurar um asilo na Europa.

Dirigiu-se a Lisboa, onde levou vida reclusa mas as vicissitudes da sorte destruíram-lhe a saúde. Uma estação de águas que fizera em Mó, perto de Coimbra, em 1792 pouco abrandou os seus males de que acabou por succumbir em Lisboa a 31 de julho de 1795. (101)

A obra principal de José Basílio é seu "Uraguai" que tem por assunto as lutas das tropas espanholas e portuguesas sob o comando do general Gomes Freire de Andrade, (102) contra os índios do Paraguai dominados e excitados pelos jesuitas (1756). Estes selvagens não queriam submeter-se às condições do tratado concluído a 13 de janeiro de 1750 entre as coroas de Espanha e de Portugal, e pelo qual os portugueses recebiam as sete missões situadas às margens do Uruguai em troca da colonia do Sacramento cedida à Es-

(101) Segue-mos as biografias de José Basílio dadas por Varnhagen, o. c., I, p. 273-277 e Pereira da Silva, *Os Var.* II, I, p. 358-373. V. também o dicionário bibliográfico de I. Fr. da Silva que dá a lista completa das obras de José Basílio.

(102) José Basílio celebra aqui este general que o havia protegido, sem se esquecer de seus amigos e benfeitores, o general de brigada Alpoim e seu filho Vasco Fernandes.

panha. Os jesuítas na verdade não instigaram os selvagens à revolta mas protestaram numerosas vezes junto ao governo espanhol contra a cessão de seus estabelecimentos, e que havia lesado fortemente os seus interesses. As lutas que os indigenas sustentaram, com uma energia que lhes não era habitual, e cujo plano traia uma intelligencia superior, terminou pela submissão e a occupação dos principais estabelecimentos pelos portuguezes.

E' possível que, tratando esta materia, José Basilio tenha atendido à sua aversão pelos jesuítas e seu desejo de agradar a Pombal, mas não é menos importante observar que havia escolhido um assunto patriótico e soube encontrar em seu país os elementos de uma epopéia. Celebra, é verdade, a vitoria das armas portuguezas e espanholas mas o seu maior interesse incide sobre os indigenas, pintando-lhes os caracteres e os costumes, dando-nos episodios tocantes e descrições magnificas. Põe em jogo, malgrado seu é possível, as simpatias pelos vencidos, pelas victimas do engodo. E' certamente com toda a razão que José Basilio procurou os elementos poeticos no proprio Brasil. Conseguim despertar o interesse por este país e suas particularidades e contribuiu razoavelmente para o livre surto do sentimento nacional. Pereira da Silva (pag. 388) elogia esta epopéia em que o autor nos deu uma das obras modernas, em que o espirito nacional brilha de modo intenso. e onde se destacam as descrições eloquentes deste continente. (103)

(103) Almeida Garret (Parnaso Lusitano, I. p. XLVII) diz de José Basilio: "*que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros*" e "*Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor escra de sua poesia que nele é verdadeiramente nacional, e legitimamente americana*".

A forma do poema é por outro lado bastante peculiar. Em vez de seguir o caminho batido da escola dominante, esparramando o seu assunto por 12 ou 24 cantos, compostos de alexandrinos ou de oitavas, com acompanhamento obrigatório de mitologia e alegoria; em vez de buscar o seu assunto em tempos mais afastados, deu em cinco cantos em versos de onze sílabas, uma narração concisa de acontecimentos que viu desenrolarem-se aos seus olhos. Permitiu-se, todavia, algumas fantasias e soube, não obstante a unidade de ação, ligar os episódios entre si, à maneira do romancista espanhol. Uma das cenas mais celebres, é a sorte trágica de dois amantes, o chefe indio Cacambo e sua noiva Lindoia.

Admiram-se principalmente o momento em que Cacambo, à voz do espirito de seu amigo Cepé, morto na batalha precedente fatal aos indios, põe fogo na vegetação que cobre as margens do rio para assim fazer morrer os seus inimigos. Depois, a cena em que dirigindo-se à casa de sua noiva, é separado dela pelo jesuita Balda, chefe da missão, e atirado ao calabouço para aí perecer de dor. Enfim o episodio em que Lindoia, desesperada com a perda de seu noivo, fez-se picar por uma serpente e é encontrada sem vida por seu irmão Caititu.

No 5.^o canto, o mais fraco e em rigor superfluo, em vez de descrever os quadros encontrados nos estabelecimentos principais dos jesuitas e representando os seus feitos ou antes ou seus crimes, o autor teria feito melhor se tivesse exposto a organização politica das missões, fazendo incidir sobre ellas um julgamento qualquer.

Apesar disto, o poeta poudo gritar com justo orgulho ao fim de sua obra:

Serás lido, Uruguai! Cubra os meus ossos
 Embora um dia a escura noite eterna;
 Tu vive, e goza a luz serena e pura.
 Vai aos bosques da Arcadia; e não receies
 Chegar desconhecido àquela arcia.
 Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,
 Urna triste a Mireu não todo encerra.
 Leva d'stranho céu, sobre ela espalha,
 Co'a peregrina mão, barbaros flores:
 E busca o sucessor, que te encaminhe
 Ao teu lugar, que ha muito que te espera! (104).

— Neste poema, José Basilio distingue-se por uma verificação harmoniosa e frequentemente imitativa, e acabou por adquirir, por suas outras poesias tambem, a reputação de mestre do estilo e da harmonia.(105)

O autor do "Caramuru" José de Santa Rita Durão contemporaneo e compatriota de José Basilio, distingue-se tambem por seu patriotismo. Nascceu em 1737 em Cata Preta, localidade pertencente à diocese do Inficionado, a quatro milhas da cidade de Mariana. Seus pais, o sargento-mor Paulo Rodrigues Durão e Dona Ana Garez de Moraes, possuíam aqui suas terras. Depois de haver feito seus estudos no collegio dos jesui-

(104) *Epicos brasileiros publicados pelo Sr. Varnha-*
 Lisboa, 1845. Esta obra contém o "Uruguai" e o "Caramuru" de Santa Rita Durão, com notas criticas e historicas. A edição mais recente do "Uruguai", que conhecemos é a de Rio de J. publicada por Paula Brito em 1856.

(105) Um irmão de José Basilio, Antonio Caetano de Almeida, distinguu-se como poeta. Cita-se entre as suas odes aquella sobre a creção da estatua equestre de D. José I (v. Joaquim Norberto de Souza Silva, *Modulações poeticas*, p. 31). Era tambem membro da Arcadia ultramarina. (V. Varnha-gen, o. citada, I, p. XXXVIII).

tas no Rio de Janeiro, dirigiu-se à Universidade de Coimbra para aí continua-los; obteve o grau de doutor em teologia a 24 de dezembro de 1756. (106)

Em todo o caso, ele em 1758 entrava na Ordem dos eremitas de Santo Agostinho (*ordem graciano*) (107) tanto que pronunciou na igreja desta comunidade em Leiria o sermão solene por ocasião do atentado levado a efeito contra a pessoa do rei D. José I a 3 de setembro deste mesmo ano. Este discurso sobre o texto: 56. I *Benedictus Deus tuus, qui conclusit homines, qui levaverunt manus suas contra Dominum meum regem* fez muito rumor e lançou os primeiros fundamentos de sua reputação de orador.

Este atentado deveria, no entanto, ter tido consequências funestas, pois os jesuitas foram geralmente acusados de terem sido os seus autores. O bispo de Leiria, D. João da Cunha aproveitou-se da oportunidade para ganhar os favores de Pombal, atacando numa pastoral violentamente os jesuitas. Durão, como antigo aluno dos Jesuitas, sempre lhes havia sido grato (o que prova a 53.^a oitava do canto 10.^o do "Caramuru") e além disto o estilo da diatribe do bispo longe estava de ser coisa perfeita; logo, induziu-se a atacar e ridicularizar o seu autor. Esta imprudência, era tanto maior que o irmão do bispo, Frei Carlos da Cunha, era o seu prelado. Durão viu-se logo vítima das persegui-

(106) Estes detalhes sobre os primeiros anos da vida são mencionados por Pereira da Silva (Var. II. O. p. 30) Varnhagen e da Costa e Silva dizem que não se sabe nada de preciso sobre os primórdios de sua existência, antes que obtivesse o grau de doutor, e que a única coisa certa é que nasceu em Cata Preta. I. Fr. da Silva. Dicion. V. p. 113, acredita ao contrario que Durão nasceu pelo ano de 1718.

(107) I. Fr. da Silva dá mesmo 1738 (sic) como data do sua entrada nesta ordem (obra citada).

ções dos dois irmãos, seus superiores e da irrisão de seus confrades, de sorte que se aborreceu do convento e percebeu o perigo que lhe constituía continuar morando em Portugal. Resolveu então dirigir-se pela Espanha à Roma, cidade que há muito constituía o alvo de suas aspirações. Mas não deveria chegar sem perigo a seu destino; vinha de rebentar a guerra entre Portugal e Espanha e nosso poeta que atravessava este ultimo país, foi preso como espião e mantido prisioneiro em Segovia até a conclusão da paz. (108)

Pode então prosseguir na sua viagem a Roma onde se secularizou e viveu doze anos como abade. Aqui entrou em relação com os poetas mais destacados do tempo, conheceu o seu compatriota José Basílio da Gama, o que exerceu certa influencia sobre o seu genio poetico. Não se pode deixar de notar na forma dos seus eseritos a dos italianos, assim como o seu amigo pode haver contribuido por suas opiniões e seu exemplo para que ele acabasse por escolher um assunto nacional. (109)

Em 1772, Pombal occupava-se da reorganização da instrução publica e principalmente da Universidade de Coimbra. Ordenou que futuramente as cadeiras dos professores fossem concedidas mediante concursos, accessíveis a todos os doutores e nomeou reitor o conde Francisco de Lemos. Este era compatriota e amigo de Durão, o que levou este ultimo a voltar para Portugal, onde tratou de disputar uma cadeira de theologia. Conseguiu seu alvo, e já era professor em 1778, pois que teve que pronunciar neste alo, a oração de sapiencia, de que um dos mais recentemente nomeados era habitualmente encarregado. Seu discurso appareceu sob

(108) Pereira da Silva, o. c., p. 303.

(109) V. Varnhagen, "Rev. do Inst.", VIII, p. 280.

o título de *Josephi Duram, Theologi Conimbricensis O. E. S. A. pro annua studiorum, instauratione oratio*, Coimbra 1778. 4.º Não é só um modelo de estilo elegante e de eloquência florida, como ainda uma obra capital, encerrando ideias importantes mesmo para a história literaria. Vemos por lá que nesta época ele havia entrado na ordem dos premitas de Santo Agostinho (O.E.S.A.) Logo após, sabe-se que foi revertido de diversas dignidades nesta confraria, entre as quais a de prior.

Esta existência calma e segura proporcionou provavelmente a nosso autor o ocio necessario à conclusão de sua epopéa, o que ele fez, diz-se com grande facilidade. Sabemos, com efeito, que o Frei José Agostinho de Macedo, autor de um poema epico notavel (*O Oriente*) e membro da Ordem dos Agostinhos foi enviado então pelo prelado da ordem (prelado da Graça) ao convento de Coimbra, para ser ali tratado com severidade por causa de sua vida pouco monastica e de alguns escandalos a que deu lugar. Macedo diz-nos que Durão, então, prior, mostrou-se indulgente para com os peccados de juventude de seu confrade e não exceutou, com toda a severidade, as ordens de seu superior. Tratou-o ao contrario com doçura e fez que ele o ajudasse na redação de seu poema. Durão havia conservado o costume adquirido no Brasil de tomar um banho por dia; durante este tempo, ditava a Macedo com uma facilidade espantosa as estancias de sua epopéa. Este depois lhas relia à noite enquanto que os dois, sentados à uma mesa de pedra, descansavam à margem do Coselhas, e fazendo-se então as correções que o poeta julgava necessarias. (110)

(110) Damos este episódio de acordo com Da Costa e Silva (o. cit., VI, p. 210) que a ouviu contar do proprio Ma-

Depois de haver terminado o seu poema, Durão dirigiu-se a Lisboa e hospedou-se no hospício do "Coleginho" de sua ordem, onde assistiu à impressão de sua obra. Era entre 1779 e 1781, pois foi então que o "Caramuru" appareceu lançado por Du Beux, "livreiro francês," que tirou dele dois mil exemplares.

Esta produção sobre a qual havia fundado e com toda razão suas esperanças de gloria, foi a principio acollida muito friamente em Portugal e no Brasil, o que affligiu a ponto de destruir todas as poesias que conservava então ineditas. E' com certeza a este aborrecimento que se deve attribuir sua morte prematura, a 24 de janeiro de 1784 em Lisboa. Foi enterrado na Igreja do Coleginho. (111)

Ele diz no prefacio do *Caramuru*: "*Os successos do Brasil não mereciam menos um poema, que os da India (Os Lusíadas de Camões). Incitou-me a escrever este o amor da patria*". Durão tomou por assunto a

cedo: *Eu ouvi repetidas vezes a José Agostinho contar o modo porque o Poeta Brasileiro compunha o seu Poema. De acordo com Varnhagen ("Florilegio", I, p. 34) o mesmo Macedo deve ter contado a seu amigo Fr. Freire de Carvalho, que ele tinha visto frequentemente às margens do Coselhas, Durão ditando com a maior fluencia, as estancias de seu poema a um negro livre, que ele chamava com pronuncia brasileira Bernardo. É possível que Durão se haja utilizado a principio deste antigo escravo antes de ter encontrado um secretario mais capaz na pessoa de Macedo. Pereira da Silva (ob. cit., p. 306) confirma também Da Costa e Silva.*

(111) V. Varnhagen, *Rev. do Inst.*, VIII, p. 276-283, o *Florilegio*, I, p. 341-347; Da Costa e Silva, obra citada, p. 206-262; Pereira da Silva, *Os Var.*, II, I, p. 301-331.

Este ultimo dá todos os documentos relativos à morte e ao enterramento de Durão; prova-o no verbete Durão de seu Dicionário (V, p. 111-113). V. no mesmo local a lista dos escritos de Durão e de suas edições.

historia fabulosa da descoberta e da colonisação da Bahia de Todos os Santos por Diogo Alvares ou Caramuru, como o chamavam os indigenas.

Esta palavra significa de acordo com Rocha Pita, "dragão que sai do mar". (112) Diogo Alvares, que se dirigia para a India por 1510, naufragou nas costas da Bahia e foi o unico entre todos os seus companheiros que não foi comido pelos tupinambás, habitantes do país. Impôs-se-lhes mediante o uso de sua arma de fogo, de sorte que adquiriu grande poder sobre os selvagens. Viveu longo tempo entre eles, e quando mais tarde os portuguezes se apoderaram do país, foi o interprete deles junto aos habitantes. Este fato historico foi embelezado pela tradição, que fez de Diogo Alvares uma personagem semi-mitica. Esta, diz-se, ganhou o amor de Paraguassu, filha de um chefe indigena, embarcou com ele num navio francez que aportou estas costas e chegou a França onde se casou; o rei e a rainha da França foram os padrinhos de baptismo da esposa. Logo depois Alvares voltava para a Bahia, com sua mulher agora chamada Catarina, mas teve um conflito com Francisco Pereira Coutinho, que era o donatario da capitania da Bahia e foi levado preso por seu adversario, que espallhou a noticia de sua morte. Paraguassu desesperada e querendo vingar o marido, excitou então os tupinambás a se revoltarem contra Coutinho, venceu-o numa luta obstinada e acabou por matá-lo. Diogo Alvares, libertado por sua mulher, submeteu-se ao novo governador geral

(112) Na lingua guarani as grandes moreias do mar, cuja picada é muito perigosa, tem o nome de "Caramuru"; nada de espantoso pois que as selvagens tenham assim chamado um estrangeiro repellido pelo mar e expandindo por toda a parte o terror.

Tomé de Souza e morreu em idade avançada (1587.. deixando numerosa posteridade. (113)

Este assunto só pode ser epico na sentença mais largo do vocabulo; conviria melhor a uma sequencia de cantos semelhantes aos romances spanhois ou antes a um romance. (114) Para uma epopóia propriamente dita, seja popular, seja erudita, falta-lhe base historica grandiosa, como as lutas de um povo civilizador, as expedições de um heroi celebre, alguma descoberta de alcance imenso. Dirão sentiu-o, pois que pede perdão de ter cantado assunto assim passivo:

..... na adversa sorte,
Pois só conhece heroe quem nela é forte

e na estrofe seguinte (canto II, estancia 49)

Quanto merece mais que em douta lra
Se cante por heroe quem pio e justo,
Onde a cega nação tanto delira,
Reduz á humanidade um povo injusto!
Se por heroe no mundo só se admira
Quem tirano ganhava um nome augusto,
Quanto o será maior que o vil tirano
Quem nas feras infunde um peito humano?

(113) V. sobre a base histórica desta tradição á erudita memoria de Varnhagen, 59-I "O Caramuru perante a historia", *Rev. do Inst.*, X, p. 129-152. V. Pereira da Silva, obra citada, p. 307-315, e Handelman. *Geschichte von Brasilien*, p. 54-55 e 75-76.

(114) Varnhagen tentou tratar este assunto em xacaras. *Florilegio*, III, p. 226-240: "O matrimonio de um Bisavó, ou o Caramuru. Romance historico brasileiro." Pena apenas que ele não tenha escolhido o verso propriamente dos romances, o de oito sílabas, em vez do de seis, e que não tenha se utilizado de um tom popular mais apropriado ao assunto que o tom do crenista.

Ele não deveria ter tratado as aventuras de um homem atirado em meio dos selvagens e adquirindo sobre algumas populações incapazes de cultura, uma influência muito problematica pela superioridade de sua civilização, a pompa e o pathos que só convem às empresas de um herói historico. Teria interessado muito mais, se tivesse seguido José Basilio, não apenas no tocante à escolha do assunto, como principalmente na maneira de tratá-lo. O estilo assim estaria mais em consonancia com o fundo e não o teria prejudicado por sua difusão e monotonia.

Alem disso, Durão não enriqueceu a tradição com qualquer invento particular, nem tampouco a modificou de maneira original. Deixou mesmo de lado a parte mais atraente, que deveria ter começado o poema, as perseguições de Diogo Alvares per Pereira Coutinho, e a vingança de Paraguassu.

Isso não provem apenas do pequeno talento de composição de nosso poeta, como ainda de um motivo mais profundo, não pessoal e por este motivo importante à historia literaria. É que então o sentimento de dependencia da metropole e da borra dos colonos abafava o sentimento de patriotismo dos brasileiros para que os portuguezes pudessem apparecer a uma luz desfavoravel em suas relações com os indigenas. Não se poderia pô-los agora no primeiro plano e isto só foi possível, como logo mais veremos, depois, da Independencia do Brasil. O amor do solo natal irrompen então com tal força que deixou traços marcados na vida cotidiana e na literatura. Assim José Basilio da Gama e Durão só puderam preparar Magalhães e Gonçalves Dias. Este fato exerceu grande influencia sobre o desenvolvimento da literatura do Brasil, para que não nos atenhamos a ele e não ceustatemos em nossos dois poetas de um lado o amor da patria e os primeiros sin-

tomas do sentimento nacional e do outro a dependencia da metropole com as suas consequencias inevitaveis.

O talento de Durão não reside na composição, mas nos detalhes, nas descrições, nos episodios, a que teve que recorrer para seguir o caminho da epopéia erudita e encher dez cantos de muitas centenas de oitavas. Admira-se a sua maestria da lingua, a leveza espantosa e a harmonia de sua versificação, e a maneira por que conduz os episodios. Alguns destes ultimos ficaram celebres. Citemos as descrições das tribos selvagens, que, excitadas por Jararaca, rival de Diogo Alvares, surpreendem os tupinambás; depois a descrição de seus combates e principalmente o discurso de Jararaca a seus guerreiros antes da batalha, digno dos indios tão amigos da eloquencia. (115) Enfim a morte de Moema, rival de Paraguassu, que, quando Diogo Alvares embarca para a Europa com ela, segue o bereo a nado, com numerosas outras mulheres, dadas a Diogo consoante o uso indio, e cujo amor só se extingue no meio das ondas.

Estes traços da vida e dos costumes indios, que enchem a maior parte do poema, tornam-no interessante e original. Teriam altura maior, se Durão como nos episodios que citamos, os tivesse feito sempre tão ingenuamente e não tivesse às vezes emprestado aos Indios sentimentos e idéias que não poderiam ter. Citemos a passagem em que Gupeva, chefe dos tupinambás, expõe longamente a seu amigo Alvares, suas idéias metafisicas, depois os versos formosos, em que Paraguassu

(115) Da Costa e Silva diz com razão (o. c., VI, p. 240): *“Este discurso de uma eloquencia agraste, e verbosa, versando sobre poucas idéias diferentemente repetidas, e cheio de rasgos de jactancia, está em perfeita harmonia com o caracter feroz e arrogante dos Demostencs do Deserto.”*

pergunta, após a batalha a Alvares o que aconteceria depois à alma dos mortos não batizados. Este lhe expõe então o dogma da duração eterna, porém ela responde argumentando como um filósofo do século XVIII, de modo que se sente Alvares vencido.

Não obstante estes defeitos, Durão e José Basílio tem o merito de terem pintado os indigenas da America muito antes de Cooper e Longfellow. Muitos dos personagens criados por eles como Cacambo, Cepé, Jarraraca, Lindoia, Paragassu, Moema tornaram-se tipos na poesia brasileira. "O Uruguai" e "Caramuru" popularizam-se dia a dia e começam a ser conhecidos no estrangeiro (há duas traduções francesas de "Caramuru".)

Um terceiro poeta brasileiro desta epoea tentou o genero epico. E' José Francisco Cardoso, nascido na Bahia (116) e professor de filosofia nesta cidade. Compôs em latim um poema heroico que tem por assunto a expedição de Donald Campbell contra o Rei de Tripoli. Mencionamos este poema que não faz parte da literatura brasileira nem pela materia tratada nem pela lingua, apenas porque teve a honra de ser traduzido para o portuguez por um poeta, destaqueo, Barbosa de Bocage. Mostra alem do mais que o exemplo dos dois poetas precedentes não fora sem fruto no Brasil.

(116) Pereira da Silva ("Os. Var. II.", II, p. 334) chama-o sem razão José Ferreira Cardoso e dá o ano de 1761 como sendo o de seu nascimento, o que parece ser verdadeiro.

CAPITULO VII

POETAS LIRICOS DA ESCOLA MINEIRA — CLAUDIO MANUEL DA COSTA, TOMAZ ANTONIO GONZAGA, MANUEL INACIO DA SILVA ALVARENGA, ALVARENGA PEIXOTO E OUTROS.

A poesia lirica do periodo que nos interessa é menos nacional que a epopéia seja porque resida em sua natureza exprimir sentimentos mais ou menos comuns a todos os homens, seja que o gosto do pseudo-classicismo francez então dominante entre todos os povos néo-latinos, tenha exercido sua influencia sobre a literatura brasileira através da de Portugal. Mas embora a forma e até certo ponto os sentimentos estivessem acomodados a este gosto e tivessem tomado certo tom convencional e os poetas liricos brasileiros, em vez de cantar a magnificencia de seu país, os caminhos misteriosos da florestas virgens e as ondas de seus rios sem limites, tivessem preferido errar nos jardins bem alinhados de Cintra e nas margens cultivadas do Tejo, e tendo-se revestido das roupagens tradicionais dos pastores, modulavam suas saudades, segundo o tom então em moda em Lisboa, venas transparecer principalmente na Escola mineira, os acentos da natureza e que o sopro da liberdade deveria tornar logo mais, bem poderoso.

O mais antigo destes poetas de Minas é Claudio Manuel da Costa. Nasceu a 9 de Junho de 1779, na vila de Mariana, elevada em 1745 a categoria de cidade sob o nome de Marianopolis. Seus antepassados haviam saído de São Paulo para se estabelecerem junto a um veio aurifero, o ribeirão do Carmo que dera a

Mariana o seu primeiro nome de Vila do Ribeirão do Carmo. Depois de ter feito os seus primeiros estudos no collegio dos jesuitas no Rio de Janeiro, foi para Coimbra, com a idade de 17 anos. Estudou aí direito mas occupou-se tambem de poesia, para a qual se sentia com vocação e formou sua arte principalmente consoante Virgilio, Guarini e Rodrigues Lobo, pois que o idillio estava então em moda na Italia e em Portugal. Publicou em Coimbra alguns ensaios poeticos de repercussão (*Munusculo metrico, Labirinto de amor, Numeros harmonicos*, etc.) Sob o nome de pastor do Mondego ou do Tejo, cantava a sua Nize em versos harmoniosos e bem torneados e conservou por toda a vida uma predileção marcada por esta maneira de exprimir-se, como pelo rineão de sua juventude. Seu harmoniosos e bem torneados e conservou por toda a vida amor pela poesia pastoral recebeu novas forças com sua viagem a Milão e Napoles e no tempo que passou em Roma onde foi recebido membro da Academia dos Arcades. Aprendeu tão bem o italiano que compos nesta lingua grande numero de cantatas e sonetes bem acolhidos na Italia.

De volta a Portugal, ficou em Lisboa até 1765, e embarcou para a sua patria que não deveria mais deixar. Um amor infeliz fez ao que se diz que elle abandonasse a metropole onde era muito estimado e onde entretinha relações com os homens os mais distintos e tinha sido mesmo recebido membro da Academia sob o nome de Glauceste Saturnio. Sempre guardou fidelidade a Portugal, e as comparações que faz em suas poesias entre este pais e o Brasil, são sempre em desvantagem deste ultimo. Diz por exemplo de sua vida no Brasil no prefacio da collecção de poesias que fez imprimir em 1768 em Coimbra: "Não permitte o gén,

que alguns influxos, que deví às águas do Mondego, se prosperassem por muito tempo: e destinado a buscar a Patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aquí entre a grosseria dos seus gênios, que meros pudera eu fazer, que entregar-me ao ócio, e sepultar-me na ignorancia! Que menos do que abandonar as fingidas ninfas dêstes rios; e no centro dêles adorar a preciosidade daesles metais, que têm atraído a êste clima os corações de tôda a Europa!

“Não são estas as venturosas praias da Areádia; onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feia a corrente dêstes ribeiros, primeiro que inspire as idéias de um poeta deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhe tem pervertido as côres! A desconsoação de não poder substabelecer aquí as delicias do Tejo, da Lima e do Mondego, me fêz entorpecer o engenho do meu berço...”

Esta fabula não passa ao fundo de uma allegoria. O poeta descreve as fontes de seu ribeirão (com as quaes às vezes se identifica) sua infancia feliz e os brincos de sua juventude, depois conta seus amores com a cruel Eulina (é o nome que o poeta dá a sua amante) que lhe é arrebatada por Apolo; descreve o desespero que o leva a blasfemar contra este Deus. Para vingar-se, Apolo excita os homens a rasgarem o seio do rio para retirarem dele ouro e pedras preciosas de que são tão avidos. O poeta retrata-nos enfim as dores do Carmo, que vê as suas ondas avermelhadas por seu proprio sangue, passa com a rapidez de uma flecha diante de Mariana e acaba por se precipitar de uma altura incomensuravel entre os rochedos que o esmagam.

Esta poesia inspirada por um patriotismo um pouco piegas mas que contem algumas formosas descrições,

assim como um poema chamado "Vila Rica" (117) são quase as unicas produções de Claudio Manuel em que se revela poeta brasileiro, enquanto que nas outras o elemento português e italiano sufocaram por completo o nacional.

Claudio Manuel se mostron melhor patriota na vida pratica. Depois de se ter estabelecido como advogado em Vila Rica, capital de capitania de Minas Gerais, gaugou numerosa clientela e uma reputação consideravel de jurisconsulto e economista por seus eseritos sobre o orçamento e sua tradução da "Riqueza Nacional" de Adam Smith. Estas obras continuaram inéditas, mas nem por isto tornaram o seu nome conhecido entre os homens de estado. Muitas vezes, os governadores consultaram-no sobre assuntos administrativos e quando em 1780 Dom Rodrigo José de Menezes foi posto à frente do governo da provincia, nomeou nosso poeta segundo secretario de estado. Mas Claudio resignou a este lugar e retomou sua profissão de advogado, com a nomeação do visconde de Barbacena para o posto de governador (1788). Estava convencido da injustiça dos impostos que se exigiam dos catadores de ouro e que não haviam variado, embora o produto das lavagens fosse cada vez menor. Esta taxa foi então exigida com o atrazo oriundo da penuria dos anos precedentes e deu lugar a muitas exações.

Estas medidas deram lugar a um tão grande numero de descontentamentos na colonia que os conjurados de Minas, como já o dissemos, não acreditaram poder por mais tempo esconder os seus planos. Claudio, que tinha entre os conspiradores numerosos amigos com quem havia fundado a "Arcadia Ultramarina" tomou

(117) Este poema composto em 1773, só foi impresso em 1841 em Ouro Preto (Vila Rica). V. Varnhagen, *o. cit.*, p. 214; e I. F. da Silva, *Dicionario*, II, p. 80.

parte na conjuração. A descoberta da conjura causou sua ruína. Levado à prisão com a idade de 60 anos, desesperado enforcou-se (1790) em sua cela depois dos primeiros interrogatorios (118)

Vimos que Cláudio Manuel seguira principalmente os modelos portugueses e italianos e cultivara o poesia pastoral então em voga. Suas obras se compõem principalmente de sonetos, cantatas, canções, eglogas... Se não se elevam muito pelos assuntos e o tom acima do círculo de idéias da poesia pastoral, a natural e doce melancolia que as envolve, e sua versificação harmoniosa, tornam-no superior a outros poetas do tempo. Cláudio Manuel teve o merito incontestavel de haver acomodado as formas puras e elegantes dos autores italianos à poesia lirica portugueza que se ressentia ainda de um pouco de gongorismo. A Academia portugueza coloca-o por sua linguagem entre os classicos. Seus sonetos eroticos em sua maior parte, em que imitou com muita felicidade o estilo de Petrarca, acrescentando-lhe elementos do espirito moderno, podem ser incluídos entre os mais belos da lingua portugueza. Damos os dois sonetos, (118 a) que mostram que depois de sua volta ao Brasil, as campinas deste pais lhe apparecem envolvidas de tom elegiaco; os objetos não tinham mudado

(118) V. sua biographia por Pereira da Silva, *Os Var.* II, II, p. 10-22, que nos dá as peças de accusação (acordam de 18 de Abril de 1792) e o processo verbal de sua morte. Varnhagen (o. c., I, p. 248), diz sobre a sua morte um pouco misteriosamente: *Na cadeia do Vila Rica em 1790 foi assassinado com veneno, ou talvez assassinou-o o seu genio concentrado.* I. Fr. da Silva, *Dicionario*, II, p. 79, acredita que haja morrido no começo de 1789 e que se enforcou na cadeia. Encontramos no mesmo lugar a lista de obras de Cláudio Manuel e de suas edições.

(118 a) Isto na antologia que não consta de nossa edição. (N. do T.).

mas mudou quem os contemplava. Depois destas produções, admirou-se principalmente suas cantatas e suas canções, em que alcança a correção elegante de Metastasio acrescentando-lhe doçura e saudade peculiares, aos portuguezes; de sorte que apesar da imitação dos modelos italianos, conservaram cor original e certa ingenuidade.

O amigo mais íntimo de Claudio Manuel entre os poetas de Minas, era Tomas Antonio Gonzaga, mais conhecido sob o nome poetico de Direcu e cantor de Marília. Portugal e Brasil disputaram entre si a honra de haverem visto nascer este novo Petrarca. A querela, é verdade, foi decidida em favor de Portugal, pois que se provou que nasceu no Porto em Agosto de 1744, foi batizado a 2 de setembro na Igreja paroquial de São Pedro (118 b) mas apesar disto, os brasileiros podem reivindicá-lo e com razão, e a historia de sua literatura deve nomeá-lo, visto que não apenas seus pais eram brasileiros, e que ele nasceu no Porto durante uma estada delles ali, como ainda porque passou a maior parte de sua vida na America, ali tendo estudado poesia com seus amigos de Minas. Foi lá que o amor de uma brasileira lhe inspirou os cantos que o tornaram imortal. Foi vitima dos interesses da provincia de Minas, depois de se haver elevado à altura de um dos primeiros literatos deste pais por suas poesias que se tornaram populares e num grau excepcional.

Seu pai, João Bernardo Gonzaga, juiz real em Angola, em Cabo Verde e Pernambuco quando do nascimento de nesso poeta ouvidor no Porto, foi nomeado em 1759 membro da Corte suprema da Bahia e voltou à sua patria. Foi lá que Tomaz Antonio passou, como

(118 b) V. os documentos relativos a este fato em Pereira da Silva, *Os Var.* II, II, p. 77-79.

diz ele próprio, a flor de sua idade. (119) Foi enviado, como a maior parte dos brasileiros, que queriam adquirir educação mais extensa, à Universidade de Coimbra, onde se matriculou como estudante de direito em 1763, e adquiriu o grau de bacharel cinco anos mais tarde. Depois de haver desempenhado as funções de juiz real em Beja e em algumas outras cidades, deu-se-lhe o lugar de ouvidor em Vila Rica. Foi lá que se uniu a Claudio Manuel da Costa e a outros poetas de Minas e travou conhecimento com D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, que ele cantou sob o nome de Marília e cujo amor o tornou poeta.

Como juiz, Tomaz Antonio distinguin-se logo e de tal modo que os governadores sob os quais servia, consultavam-no sob todos os assuntos administrativos de importância. Passava além disto em toda a capitania com um dos homens mais virtuosos e mais habéis, mas esta reputação e seu nobre caráter acarretaram-lhe a ruína. Tomaz Antonio acabava de ser nomeado conselheiro na Corte suprema da Bahia e ia desposar sua cara Marília, quando foi descoberta a "inconfidência de Minas" na qual estava comprometido. Em vez de voar no seio do amor, foi carregado de ferros e remetido ao Rio de Janeiro. Seus juizes no entanto, entre os quais estava seu colega de universidade, o poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, não puderam encontrar outras provas de sua culpabilidade, fora do fato de sua ligação com numerosos dos conjurados. Foi acusado de ter tido conhecimento de seus projetos e de tê-los favorecido, aconselhando ao intendente fazer cobrar immediata-

(119) *Pintam que os mares sulco da Bahia,
Aonde passei a flor da minha idade:
Que descobro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grão cidade*

mente todos os impostos atrasados, o que acarretou o descontentamento geral de que falamos. Pretendea-se tambem que os conjurados o houvessem eleito presidente da republica futura, uns negaram isto, outros declararam só haver feito correr este boato para atraírem proseliticos em virtude da estima que cercava o seu nome. Tomás Antonio Gonzaga protestou innocencia diante dos juizes e nas poesias que na prisão dirigiu a amada. (120) Damos a Lira 38, do segundo livro, em que na sua apostrophe à justiça, pronunciou-se com detalhe sobre estas absurdas calumnias. (120a) Poder-se-ia ao menos censura-lo de ter conhecido os projetos que ele supunha quimericos, e de ter tido muita nobreza para não denunciar os seus amigos. Apesar disto, Gonzaga (121) foi condemnado a 18 de Abril de 1792 a desterro perpetuo em Pedras de Ançoche, pena que foi mudada em dez anos de exilio em Moçambique.

Perdeu então toda a esperanza de rever sua patria e sua amada; numa de suas poesias mais tocantes, despedia-se delas, convencido de que ia para a morte. Esta não deveria chegar ainda, mas a sorte do nosso poeta foi mais triste do que imaginara. A 22 de Maio de 1793, era embareado para Moçambique (122); lá quiz abraçar a profissão de advogado, mas caiu numa melancolia pro-

(120) Varnhagen diz, o. c. II. p. 416 que depois de ter examinado cuidadosamente as poesias de Gonzaga, convenceu-se de que "*estamos profundamente convencidos de que Gonzaga foi martir da prognosticada sedição, e que até era a ela inteiramente alheio. Assim o protestou bem solenemente aos juizes, e com todo o vigor d' alma o protesta nos seus versos a si mesmo, à sua Maria, e ao mundo.*"

(120 a) Segunda parte que, como se viu não consta de nossa edição. (N. do T.).

(121) V. Pereira da Silva, o. c., p. 46-53.

(122) Revista do Inst., XIII, p. 405

funda, a que veio acrescentar-se uma febre nervosa. Curou-se desta doença, mas perdeu de tal modo qualquer lembrança do passado e foi preso de tal obnubilção que se esqueceu da própria Marília e acabou por desposar sua enfermeira. Nesso poeta estava na verdade são de corpo e entregava-se completamente aos cuidados de sua mulher, D. Juliana de Souza Mascarenhas; mas não fazia mais que vegetar e abandonava-se de tempos em tempos a acessos de melancolia e mesmo de colera, quando chorava, gritava e se maltratava. Numa palavra, enlouquecera. A morte só em 1809 punha fim a esta vida miserável. Marília quiz de início consagrar-se à dor e à saudade do anjado, mas foi mais tarde persuadida por seus pais a casar-se e morreu com a idade de oitenta e quatro anos em 1854!

Como Petrarca, Gonzaga deu a immortalidade à mulher que cantou. Como Laura, Marília brilha de luz viva na pleiade das mulheres illustres da poesia. O poeta italiano foi com efeito seu modelo; como ele, só escreveu para celebrar a bem-amada e destruiu, como diz numa de suas belas poesias todas as produções de que Marília não fosse o assunto. Marília de Dirceu é o título de sua coletanea poética, dividida em duas partes, (123) como a de Petrarca. A pri-

(123) A primeira edição, que appareceu editada por Buihões, só contém duas partes. Uma terceira foi acrescentada na segunda de 1800 e embora a edição da Imprensa regia (1812) e as de Lacerda (1811 e 1819) publicadas por criticos de reputação, não contenham esta terceira parte, ella foi em todo o caso reimpressa mais tarde para satisfazer o publico que queria ter a obra completa. Esta terceira parte não contém (salvo o canto de cisne que é evidentemente de Gonzaga) sinão poesias estranhas a Marília e que por conseguinte foram compostas antes que o poeta tivesse conhecido sua

meira contem as poesias anteriores à prisão do poeta; cantam seus amores, a beleza de Marília e a felicidade que o seu pastor desfrutava. A segunda, composta na prisão e escrita sobre materiais cuja utilização lhe foi ensinada pela necessidade, (veja-se a descrição destes ensaios na primeira Lira da segunda parte) encerra as queixas dirigidas a sua amante. Ele aqui deplora a felicidade perdida, protesta sua inocência, descreve seu estado e assegura que apenas a idéia de amá-la é que o impediu de suicidar-se. Consola-se, pensando que sua inocência será conhecida cedo ou tarde e que em todo o caso, estes cantos tornarão imortal seu amor, seu nome e o de Marília. (124)

Gonzaga atingiu seu objetivo, pois que no Brasil e em Portugal poucas são as pessoas, interessadas na poesia, que não saibam de cor as estrofes apaixonadas de Dirceu a Marília, principalmente as da primeira parte, a que ele deu altura, pelo encanto das imagens, o tom verdadeiramente anaerontico, a harmonia da dicção e a leveza da versificação, entre as produções

amada e que ele devera ter condenado ao fogo. E' possível ainda que lhe hajam sido atribuídas falsamente. (V. Varnhagen, II, p. 413.

(124) Elo diz por exemplo.

*Só podem conservar um nome ilustre
Os versos ou a história.*

Dirige a sua amada as palavras seguintes:

*Em vão terias
Essas estrelas,
E as tranças belas,
Qua o céu te deu:
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.*

eroticas mais graciosas da lingua portuguesa. Apesar disto a imitação, por muito feliz que tenha sido de Anacreonte ou Petrarca, transparece em toda a parte, enquanto que a forma pastoral lhes dá um andamento convencional.

Os cantos da segunda parte são muito mais simples e mais naturais. A versificação e a linguagem aqui não degeneram, pelo contrario, temos nele a expressão de sentimentos enobrecidos pela infelicidade e são mais originaes, pois que são o resultado de circumstancias individuais.

E' pois a justo titulo que as poesias de Gonzaga se tornaram os livros favoritos dos povos de lingua portuguesa. O numero de edições que foram feitas só cede às obras de Camões; foram além disto traduzidas, na maioria das linguas europeias (em francees por Monglave, em espanhol por Enrique Vedia, em italiano por Ruscalla etc.)

Consultamos a edição de Pereira da Silva (Rio de Janeiro, 1845) precedida de uma biografia do poeta. (125)

Assim como Direcu deu a seus cantos o nome de sua amada Aleindo chamou suas poesias eroticas de "Glaura". O árcade Aleindo Palmireno, ou oficialmente Manuel Inacio da Silva Alvarenga, nasceu por 1740 em São João d'el Rey na capitania de Minas Gerais (126) Depois de ter feito alguns estudos na sua pro-

(125) Revista e corrigida em seus *Var. II*, I. p. 43-79. Vi, também Varnhagen, o. c., II, 409-439.

(126) Pereira da Silva. *Os Var. II*, dá com certeza o ano de 1758 como sendo o de seu nascimento, mas este deve-se ter dado dez anos antes, visto que em 1772, apparecia como autor com o seu poema "O Desertor das Letras". Januário da Cunha Barbosa diz além disto (*Rev. do Inst.*, III, p. 342), que viveu quase oitenta anos e morreu em 1814 e Januário foi

vineia natal e no Rio de Janeiro, foi para Coimbra onde se bacharelou em direito. Foi então que Pombal reformou os estudos, o que o levou a ridicularisar o estado anterior num poema heroi-comico "O Desertor das Letras", em que recomendava ao mesmo tempo os aperfeiçoamentos levados a efeito pelo Ministro. Este ordenou em 1773 a impressão desta obra, contra a vontade do autor, cujo talento só era conhecido de alguns poucos amigos intimos, e que não se acreditava ainda preparado para enfrentar a publicidade. Apesar de seus meritos, este poema ficava bastante atraz do "Hissope" de Antonio Diniz.

Alvarenga passou logo a advogar em Lisboa, e fez-se conhecer ao mesmo tempo por seus talentos poeticos, principalmente por sua ode por oportunidade da inauguração da estatua equestre ao rei D. José. José Basilio da Gama, de quem ganhou a amizade e de quem se manteve amigo pelo resto da vida, introduziu-o nos circulos literarios de Lisboa, o que o fez atrair ainda mais para si a atenção de Pombal, de quem José Basilio era secretario particular. Estas relações valeram sem duvida a Alvarenga sua nomeação para o posto de comandante da milicia negra no distrito do Rio das Mortes onde tinha nascido.

Apesar do ambiente agradavel que se tinha formado em Lisboa, tomou então o partido de voltar à patria de que não podia continuar separado. Alvarenga estabeleceu-se como advogado em S. João d'el Rey, onde deu entrementes um curso gratuito de retorica. Estas occupaões não o afastaram de seus trabalhos poeticos;

a um tempo seu amigo e discipulo. Joaquim Norberto de Souza e Silva diz (Modul. poet., p. 32), 70 I: *Silva Alvarenga nasceu em Minas Geraes pelos anos de 1740.*

enviou entre outros, a seu amigo José Basílio da Gama, a descrição poetica de sua viagem sob o titulo "O templo de Netuno" e outra composição allegorica, "A gruta americana" em que tentou antes de qualquer outro, aliar as imagens da patria às comparações da mitologia classica.

Mais tarde mudava-se para o Rio de Janeiro, onde fora chamado como professor de retorica e poetica. Em Agosto de 1782, abriu seus cursos, em presença das pessoas mais destacadas da cidade e com a aprovação do vice-rei Luis de Vasconcelos e Souza, grande amigo das belas letras e que o honrava com sua amizade. Animado por este dignitario, fundou, como dissemos a "Arcadia Ultramarina" com José Basílio da Gama, que vinha de volta à patria e algumas outras pessoas. Procurou mesmo cultivar a poesia dramatica no Brasil, promovendo com seus amigos um teatro de amadores. Por ai, queria antes julgar estes ensaios para em seguida representar os trabalhos mais felizes no teatro publico da capital. Embora numerosas entre estas peças tenham obtido successos, nenhuma chegou a ser publicada e os nomes dos seus autores caíram no olvido.

Infelizmente, o liberal Vasconcelos foi substituido pelo sombrio Conde de Rezende, que, dando ouvidos aos delatores, fez fechar as reuniões poeticas, nas quais não via nada alem de um clube politico. Para o governador, bastaria ter comparecido a uma das reuniões para ser preso sem julgamento. Denunciado pelos franciscanos, que encaravam a Arcadia como um clube jacobino, Manuel Inacio, foi metido, sem outra forma de processo com numerosos de seus companheiros nos calabouços subterraneos da Ilha das Cobras, onde foi mantido por mais de dois anos, até a chegada de uma ordem expressa de soltura, emanada do governo da metrópole.

Esta prisão produziu em Manuel Inacio uma tendencia à melancolia, que fez com que passasse a levar uma vida muito reclusa. Nem porisso deixou de advogar e de dar os seus cursos até que lhe sobreveiu a morte a 1.º de novembro de 1814. (127)

Já fizemos observar que Alvarenga como Gonzaga deu a suas poesias eroticas o nome de sua amada e que estas principalmente tornaram-no celebre. Pelo talento poetico, é sem duvida inferior a Gonzaga, mas por um aspecto, occupa um lugar mais elevado no panteão brasileiro. Esforçou-se com effeito para dar tambem à poesia lirica uma côr americana, seja pelas imagens ou comparações tomadas de empréstimo à natureza brasileira, seja empregando formas nacionais num ritmo popular. E' verdade que poderia ter alguma coisa de poeta de corte, pelo emprego de inevitaveis pastores e de escriptor erudito por todo o aparato da mitologia classica; em troca, seus personagens não frequentam mais as bordas do Tejo e do Mondego, mas antes as dos rios de sua patria; suas driades e hamadriades animam os cajueiros e mangueiras do Brasil e o poeta metamorfoseia-se em beija-flor. Serviu-se da forma nacional do rondó com estribilhos e redondilhas. Alvarenga tem, pois, o merito de ter aberto um raminho novo; na occasião seu exemplo não foi seguido, porque a dependencia da metropole era ainda muito grande em politica como em poesia. Mas estas primeiras sementes, como as de seu amigo José

(127) Seguimos aqui principalmente a biografia do conego Januário da Cunha Barbosa (*Rev. do Inst.*, III, p. 338-342. Varnhagen, o. c. I, p. 299 á 301; e Pereira da Silva, *Os Var.* II, I, p. 333-339). Este último dá o dia de 1 de Novembro de 1812 como o da morte do poeta, sem todavia documentar esta asserção.

Basilio, para a epopéia, não pereceram e deram frutos abundantes, quando o sol da liberdade veio fazê-las amadurecer.

As poesias eroticas de Alvarenga são antes canções; seus ritmos musicais revelam-nos o filho de um músico, a quem a arte do seu pai não era desconhecida (O próprio Alvarenga era um grande tocador de rabeca).

Estes cantos de amor publicados por um dos amigos sob o título, de "Glaura" (128) a modestia excessiva do poeta havia impedido de torná-los conhecidos — contém em duas partes 69 rondós e 57 madrigais que celebram sua amada viva e choram-na morta. (129) Causam no conjunto pela monotonia da forma e de assunto mas os de n. 35-39 mostram que têm encantos de detalhe.

As outras produções do poeta, suas odes, suas canções, etc. entre as quais se encontram composições extensas como o Poema às Artes, não foram recolhidas, (130) embora algumas entre elas sejam celebres. Citamos apenas a sua ode "À mocidade portuguesa".

(128) A edição que temos diante de nós, impressa em Lisboa em 1799, é provavelmente a primeira; porém ela tem 248 págs. em oitavo, como a de 1801, citada por Varnhagen (o. c. O. p. 301).

(129) Não são divididas em duas pela morte de Glaura, como as poesias de Petrarca pois que as elegias só começam no rondó 48, "A Magua", enquanto que a 2a. parte já começa no rondó 34.

(130) Apareceram na Coleção de poesias inéditas, Lisboa, 1809-1811-12, seja no Parnaso Brasileiro, do conego Januário da Cunha Barbosa, no Florilegio de Varnhagen, etc. O poema às Artes foi também impresso a parte em Lisboa, 1812, 8º. A Ode a Afonso de Albuquerque que Pereira da Silva atribue a Alvarenga e outros a Vidal Barbosa, é, segundo Varnhagen (o. c., p. XLI) de seu irmão João Inácio.

Todas se distinguem pelo que se chama a poesia da linguagem.

Como professor de retórica, Alvarenga adquiriu direitos ao reconhecimento de seus compatriotas, contribuindo à introdução de um gosto melhor como se ele tivesse se formado na França do século de Luis XIV, e fazendo abandonar na eloquência da cátedra a dialética envelhecida dos jesuitas e o culteranismo espanhol. Entre os seus alunos contam-se alguns dos melhores oradores sacros do Brasil. (131) Não se deve confundir com Silva Alvarenga de que acabamos de falar, o poeta contemporaneo Inacio José de Alvarenga Peixoto, nascido no começo do ano de 1749 no Rio de Janeiro. Depois de ter feito o curso do collegio dos jesuitas desta cidade, foi à Coimbra, onde obteve o título de bacharel em direito canonico. Com a proteção de Pombal, conseguiu um lugar de juiz real em Cintra e mais tarde, como desejasse voltar à sua patria, um emprego no tribunal do Rio das Mortes, na capitania de Minas Gerais.

Em Portugal já se havia feito conhecer por algumas produções poeticas. Depois de sua volta ao Rio de Janeiro, em 1776, obteve o favor do vice-rei, o marques do Lavradio, dedicando-lhe uma tradução do "Merope" de Maffei. Na provincia de Minas, ligou-se naturalmente aos poetas que ali moravam, e fez-se amigo principalmente de Claudio Manuel da Costa e Gonzaga. Mais

(131) V. Januário da Cunha Barbosa (o. c., p. 340) que, orador distinguido e aluno de Alvarenga, diz de nosso poeta: *Talvez que sem as lições de Manoel Ignácio não tivessem apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os S. Carlos, os Sampaio, os Ferreiras d'Azevedo, os Oliveiras, os Alvernes, e outros pregadores de nomeada, que deixando os habitos da antiga escola, abriram carreira luminosa, aos que annunciam com mais dignidade e efficacia as doutrinas da nossa santa religião.*

tarde foi recebido como membro da Arcadia ultramarina. Seu cognome era provavelmente Eureste Fênicio (132).

Depois fixou-se em São João d'el Rey onde se desincumbiu excelentemente dos deveres de seu cargo, mandava frequentemente a seu protetor, o marques do Lavradio, poesias, entre as quais sendo de notar um drama em verso, "Eneias no Lacio" que foi recebido com muito favor, porem que se acabou perdendo. Por suas offerendas poeticas, ganhou tambem a amizade do governador da provincia, D. Rodrigo José de Menezes, mais tarde Conde de Cavaleiros. Peixoto festejou o nascimento do filho deste magistrado com uma poesia em vinte oitavas tornada celebre. "Ao nascimento do filho do Governador D. Rodrigo", em Varnhagen o. c. p. 375-378.

Mais tarde, abandonou sua carreira de advogado, eason-se e entregou-se apenas ao cultivo de suas numerosas terras, assir: como as de sua mulher, uma das herdeiras mais ricas da região. Esta posição e seu conceito pessoal valeram-lhe a nomeação ao posto de coronel de cavalaria na milicia do Rio Verde.

Mas quando em 1783, D. Rodrigo José de Menezes foi substituído no Governo de provincia de Minas por D. Luis da Cunha Menezes, conhecido pelos abusos de toda a especie que cometen, o estado da capitania tornou-se cada vez mais intoleravel e Peixoto, levado por seu patriotismo, foi vitima das tristes consequencias da exaltação dos espiritos. Contentou-se a principio em

(132) Pelo menos se lhe atribui um poema trazendo o nome de Eureste e chamado "Resposta de Nize a Glenn" em resposta ao poema de Claudio Manuel (*Despedida ou Adeusos a Nize*). V. no entanto Varnhagen (o. c. II, p. 364) que acrescenta também esta resposta às poesias de Peixoto (p. 388-397).

atacar o Governo com suas sátiras, pois é muito provável que ele seja o autor das "Cartas Chilenas" de que já falamos (Cap. V) e que appareceram sob a responsabilidade do pseudónimo de Critilo. Mas logo após participava da inconfidência de Minas de que foi um dos chefes. Foi condemnado à morte a 18 de abril de 1792; seus bens foram confiscados e sua familia declarada infame; a sentença de commutação da pena em banimento perpetuo no presidio de Ambaca, em Angola, só lhe foi lida no pé do cadafalso.

Quando Peixoto chegou ao presidio, com a idade de quarenta e quatro annos, já era velho e seus cabellos embranquecidos precocemente atestavam a extensão de seus padecimentos. Lá tambem teve que soffrer perseguições e o governador, que o tinha na conta de homem perigoso, fo-lo transportar, para o interior, onde a morte pôs termo a seus males em 1793. (133)

E' impressionante que o tom das poesias de um homem tão energico e tão ativo seja assim tranquilo; suas odes, seus sonetos e suas canções eroticas distinguem-se pelo minimo de paixão que encerram e pela observação escriptural das regras. Em troca, sua ode à rainha D. Maria I prova que era capaz de alçar-se a um voo mais alto, principalmente quando o amor da patria, seus sonhos de independencia do Brasil, vinham inspira-lo. Implorava então à sua soberana de vir ao Brasil e de estender seu dominio por toda a America. Só esta poesia bastaria para assegurar-lhe o titulo de poeta.

Entre os autores da escola mineira, membros da Arcadia ultramarina, citemos ainda Domingos Vidal

(133) V. Pereira da Silva, o. c., II, p. 81-88; Varnhagen, o. c., II, p. 363-368.

Barbosa, nascido no Rio de Janeiro em 1751. Estudou medicina em Paris, envolveu-se na conjuração de Minas e sofreu a pena de desterro perpetuo nas costas da Africa onde morreu em janeiro de 1793. Alguns lhe atribuem a celebre ode a Afonso de Albuquerque. (134) Depois Bartolomeu Antonio Cardovil, nascido na capitania de Goiás, em meados do seculo XVIII, formou-se em Coimbra e morreu por 1800 no Rio de Janeiro. Compôs não sem habilidade poesias semelhantes às de Pindaro; seu ditirambo dirigido às ninhas goianas tornou-se celebre. (135) Entim João Pereira da Silva, nascido no Rio de Janeiro, em 1743, conego professor de retorica e filosofia; alem de numerosas traduções do latim, do francees, do ingles, e do Italiano, temos dele algumas poesias satiricas e comicas, que lhe valeram certa reputação como "O Carnaval" e a "Estolaiada". Morreu no Rio em 1813 (136).

(134) V. J. Norberto de Souza Silva, *Modul.*, p. 22; Pereira da Silva, *Os Var. II.*, II, p. 331; e *Parn. Bras.*, I, p. 244-247.

Como já havíamos dito, Pereira da Silva acabou por attribuir a ode a Albuquerque a Silva Alvarenga enquanto que Varnhagen reivindicava-a para seu irmão João Inácio. Em troca, Vidal Barbosa deve ter composto uma ode não menos celebre dirigida ao vice-rei D. Luis Vasconcelos e Souza.

(135) Encontram-se poesias deste autor no *Parnaso Brasileiro* de Januário da Cunha Barbosa, *Caderno I*, p. 34, 38, 42, 43, 48; *Parnaso Brasileiro* de Pereira da Silva, I, p. 102, e Varnhagen, obra citada, II, p. 593-603. Norberto de Souza Silva, o. c., p. 32. De acordo com Norberto de Souza Silva deve ter traduzido a arte poética de Horacio. V. ainda I, *Franc. da Silva, Dicion. Bibliogr. portug.*, I, p. 330.

(136) V. Norberto de Souza Silva, o. c., p. 37; Pereira da Silva, "Os Var. II.", II, p. 330; e o *Parnaso bras.*, do mesmo autor, I, p. 218-223 que contem o "Carnaval" de nosso poeta.

CAPITULO VIII

OUTROS POETAS DESTE PERIODO: ANTONIO MENDES BORDALO, JOAQUIM JOSÉ DA SILVA, DOMINGOS CALDAS BARBOSA, FRANCISCO DE MELO FRANCO, BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA, MANUEL JOAQUIM RIBEIRO, ETC.

Se citamos entre os poetas deste periodo (137), Antonio Mendes Bordalo, é unicamente porque êle nasceu no Rio a 24 de Outubro de 1750. Aos 16 anos, foi para Portugal, onde ficou até a sua morte, que occorreu a 17 de fevereiro de 1806, o que faz com que de fato pertença a este ultimo pais. Alem disto, distinguuiu-se mais como juriseconsulto e advogado que por suas produções poeticas que não lhe eram mais que um agradável passatempo. Elas nos provam apenas de que nobres sentimentos estava animado e como era grande sua habilidade tecnica. O pouco que se conhece dele são suas satiras e a Satira aos abusos da magistratura e outras provam que como Juvenal a indignação poude fazer dele um poeta. (138)

(137) E' obvio que para os escritores que viveram quer no século XVIII quer no XIX, nós só podemos inclui-los numa das duas épocas, considerando o caráter especial de seus escritos e suas tendências gerais. Os numerosos e frequentemente quase imperceptiveis matizes que aqui observamos tiveram portanto um certo carater de arbitrio, o que faz que um outro possa em muitos casos e com igual razão collocá-lo entre os escritores de outro periodo.

(138) V. Varnhagen, o. c., II, p. 577-584. Innoc. Franc. da Silva, o. c., I, p. 207.

Quanto à vida de Joaquim José da Silva, sabe-se apenas que era sapateiro e vivia no Rio de Janeiro. Os versos que temos dele são improvisos em forma de glosas, recordam o genero burlesco de Gregorio de Matos, e são notaveis como testemunho de que o povo conservara este antigo genero de poesias que vem dos espanhois. (139)

Domingos Caldas Barbosa é mais notavel que os anteriores. Nascen no Rio de Janeiro de uma escrava negra, que seu pai trouxera de Angola. (140) Esta origem e cujos traços não se podem apagar, parece-lhe haver sido motivo de muitas tristezas. Entretanto, seu pai que tinha notado as sues felizes disposições, fê-lo estudar no collegio dos jesuitas do Rio de Janeiro. Seus progressos corresponderam à expectativa dos mestres, mas a vivacidade de seu espirito e seu odio pela ruça privilegiada levaram-no à salta, com que grangeou muitos inimigos. Impellido por eles, o capitão general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, fez prender o pobre mulato e pô-lo num regimento destinado à Colonia do Sacramento, que então não era melhor do que um presidio da Africa. Ficou aqui até a sua occupação pelos espanhois em 1762. Caldas Barbosa voltou então com o resto do seu regimento ao Rio de Janeiro, mas despediu-se

(139) V. Varnhagen, o. c., II, p. 585-592.

(140) Januário da Cunha Barbosa (*Rev. do Inst.*, IV, p. 210) assegura ter ouvido da boca de um parente do poeta, que este nascera durante a travessia da Africa para a América; mas Varnhagen (o. c., II, p. 455 e III, p. 297) provou por dados do próprio poeta que ele nasceu no Rio de Janeiro. Pereira da Silva (*Os Var.* II., p. 329) afirma que nasceu na Bahia em 1738, mas sem documentar a assertiva.

depois de se haver convencido de que a sua côr lhe tirava qualquer possibilidade de acesso. Seu pai conseguiu arranjar os recursos necessários para mandá-lo a Lisboa, o que ele fez, dirigindo-se logo em seguida a Barcelos. Aqui travou conhecimento com dois Vasconcelos, José de Vasconcelos e Souza, mais tarde conde de Pombeiro e seu irmão, o Marquez de Castelo Melhor, amigos da poesia e isto decidia de seu futuro. Depois da morte de seu pai e de muitos anos em que andou em busca de um protetor em Coimbra em Lisboa, sem ter podido obter nada do rei que morreu no momento em que o poeta vinha de dedicar-lhe seu poema denominado "Lebreida", encontrou um refúgio certo na casa do conde de Pombeiro, que lhe conseguiu um emprego de capelão na Casa da Suplicação, o que o obrigou a tomar ordens menores. Caldas Barbosa durante toda a vida guardou gratidão para com os Vasconcelos, que celebrou em boa parte de suas poesias.

Por sua intervenção foi admitido na alta sociedade de Lisboa, onde se tornou tão agradável por seu talento de improvisação e por suas cantigas que cantava com o acompanhamento de uma viola, tanto que nenhuma festa se realizava sem que se o chamasse. Caldas Barbosa soube acomodar-se a esta posição ma tanto humilhante. Jamais se aborreceu e teve enxada de sufocar por completo o seu amor proprio; além disto não se meteu em nenhuma intriga e soube, de suas numerosas relações, tirar proveito para os seus companheiros infelizes. Muitos poetas procuravam sua amizade; foi recebido membro da Arcadia de Roma sob o nome de Lereno Selinuntino e foi mesmo celebrado por muitos escritores contemporaneos como José Agostinho de Ma-

cedo, Belchior Curvo Semedo etc. (141) Foi tambem uma dos fundadores e presidente da Nova Arcadia de Lisboa que realizava sessões no palacio do conde de Pombeiro. (142)

Porém encontrou no caminho numerosos invejosos e ingratos que puzeram em ridiculo sua posição de dependencia, suas poesias de circumstancia muito desiguais e mesmo a sua côr ("o luto Caldas"). Entre estes detractores, encontramos o proprio Barbosa du Bocage, em quem o amor de maledicencia sobrepujava a amizade que tinha por nosso poeta. (143)

Caldas Barbosa morreu de repente com mais de 60 anos a 9 de Novembro de 1800. (144) Del' appareceu publicada a coletanea de suas Cantigas improvisadas (em dois volumes) alem de numerosas composições de grande valor poetico. Estas ultimas nos mostram que soube fazer mais alguma coisa que não fosse poesias de circumstancia e improvisos. (145)

Suas glosas e improvisos sobre assuntos dados distinguem-se por sua graça, sua leveza e seu espirito, e

(141) V. Varnhagen, o. c., II, p. 459-453.

(142) V. I. Fr. da Silva, Dicton., II, p. 185.

(143) V. Varnhagen, o. c., p. 454.

(144) V. as biografias por Januário da Cunha Barbosa e por Varnhagen, o. c.

(145) Varnhagen, o. c., II, p. 459 e III, p. 295-297 cita: *A Doença*, poema em 4 cantos (Lisboa, 1777); *A Eccopilação da História Sagrada* (3a. edição, Lisboa, 1819) extrahido da Biblia, em verso, destinado sobretudo às escolas; *A Vingança da Cigana*, drama joco-serio de um ato (Lisboa, 1791) etc. As Cantigas appareceram em Lisboa em 1806-7. Uma contrafação appareceu na Bahia em 1813. Nova edição; Lisboa, vol. I, 1819; vol. II, 1826; V. I. Fr. da Silva Dicton., II, p. 185-186 que dá uma lista das obras de Caldas Barbosa.

teriam bastado por si sós para provar seu talento poetico, de sorte que ele poudo dizer:

*Versos me viram fazer
Por inato e doce dom.*

São, ao revés muito desiguais, o que não deve espantar, quando se leva em conta que longe de serem o resultado de uma inspiração poetica, foram na maior parte das vezes impostas. Ao lado de ditos de espirito excellentes e graciosos epigramas, encontram-se frequentemente banalidades e jogos de palavras, torcidos de frase pueris numa linguagem no mais das vezes descuidada e incorrecta. Estes productos do momento perdem muito em serem separados das circumstancias que os occasionaram, e de seu acompanhamento musical, que deveriam esconder a maior parte dos seus defeitos.

Por estas razões, não podemos bem julgar Caldas Barbosa, e assinalar-lhe o lugar nas letras brasileiras senão por meio de suas produções verdadeiramente literarias.

E' preciso confessar que seus poemas didaticos não passam de prosa rimada e que seus panegiricos não se elevam muito acima de suas poesias de circumstancia; mas as encantadoras quintilhas, seus deliciosos sonetos provam-nos como ele era senhor da forma. Em numerosos dos transbordamentos liricos de nosso poeta, respira toda a profundidade de seus sentimentos, e se o tom de melancolia que aqui por vezes encontramos, poderia surpreender-nos vindos como vem da parte dum cantor de viola, basta que nos lembremos que às vezes os bufões de sociedade sofrem não obstante o papel feliz que desempenham. Este fato ainda é mais explicavel em Caldas Barbosa, em quem a situação de dependencia continua e a cor fizeram muitas vezes amaldiçoar a

hora do nascimento. (146) Na poesia "A melancolia" descreveu com uma simplicidade tocante o que o seu coração sentia, enquanto que na chamada "Que é a saudade" deu-nos a mais bela definição deste sentimento peculiar aos portugueses. Estes especímenes mostram além do mais como se julga mal este pobre nula-to, considerando-o simples improvisador ou cantor de viola.

Como Caldas Barbosa, o poeta Francisco de Melo Franco pertence antes a Portugal que ao Brasil. Nasceu a 17 de setembro de 1757 em Paracatu, na provincia de Minas Gerais; embora seus pais não fossem ricos e tivessem numerosa familia para sustentar, puzeram-no no seminario de São Joaquim no Rio de Janeiro. Ponde em seguida continuar os estudos de medicina em Lisboa e Coimbra, onde se fez notar por sua applicação. Mas seu zelo levou-o a pronunciar-se sobre a ignorancia de alguns professores e as doutrinas escolásticas que reinavam então. Os inimigos influentes que ele conseguiu denunciar-mo à Inquisição como livre-pensador. Foi preso e ficou encerrado por quatro anos nos calabouços deste tribunal terrivel. Os males que padeceu, tornaram-no poeta como Cervantes e tantos outros. Expressiu suas queixas sobre a injustiça huma-

(146) Apesar disto, Caldas Barbosa sempre conservou um profundo amor por seu país natal. Veja-se a prova nestes versos muito conhecidos:

*Nós lá no Brasil
A nossa ternura,
A assucar nos sabe
Tem muita doçura.*

Januário da Cunha Barbosa cita dele um livro impresso (o. c., p. 211) e intitulado: Memória em honra às Musas Brasileiras. Não conseguimos obter nenhuma informação a respeito desta obra.

na e as misérias decorrentes de suas “noites sem sono” em que revelou considerável talento. No entanto, estes sofrimentos deram-lhe uma fiel companheira, pois (147) uma senhora, citada perante o Tribunal de Inquisição para depôr contra ele, recusou-se constantemente e foi condenada a um ano de prisão por desobediência. Os dois postos em liberdade, casaram-se.

Melo Franco ponde então concluir seus estudos e bacharelou-se em medicina. Mas antes de deixar a Universidade, não se esquivou de deixar-lhe um adeus satirico em verso. Escreveu em quinze dias, com o auxilio de seu amigo e condiscipulo José Bonifácio de Andrada e Silva, uma poema heroi-comico “O reino da estupidez” em que pintava com as cores mais vivas a rotina universitaria e ridicularizava principalmente o reitor. Esta peça em verso, distribuida por ocasião de uma festa da universidade, fez grande sensação e foi mesmo causa do afastamento desta autoridade e de algumas reformas; mas foi em vão que se procuraram localizar seus autores. Muito tempo após, por esse meio Melo Franco se assegurava um lugar na historia litteraria do Brasil. Sua satira, embora inferior ao “Hissope” de Antonio Diniz pela fineza e a graça, pertence portanto às melhores produções deste genero pelo espirito, a vivacidade, das descrições e a elegancia da linguagem. (148)

(147) De acordo com Pereira da Silva (*Os Var. N.*, II, p. 185), estas insonias devem haver principalmente contribuido para assegurar a reputação do poeta. Barbosa du Bocage, crítico tão severo, fala dele com maiores elogios. Só os conhecemos de oitva.

(148) Apareceram edições em Paris em 1819 e 1821; em Lisboa em 1833. E' reproduzido nos “Satiricos Portugueses”, Paris, 1834-in 32, p. 139-197. Em nenhuma das duas edições se faz referência ao autor.

Melo Franco firmou logo sua reputação e assegurou-se boa situação financeira graças à clinica e como autor de obras scientificas e foi recebido como membro da Academia de Lisboa. Mas estas atividades impediram-lhe de continuar o convívio com a poesia.

Convocado para o posto de medico ordinario da noiva do infante Dom Pedro, a arquiduqueza Leopoldina de Austria, partiu para o Rio de Janeiro, onde chegou ao fim do ano de 1817. A principio, sentiu-se desvanecido com a boa acolhida que lhe foi proporcionada mas seja por efeito de intrigas, seja por suas ideias liberais, caiu logo em desgraça e a sorte se lhe fechou. A esta mortificação, de que não se curou jamais, veio acrescentar-se a perda de toda a sua fortuna, colocada numa casa que faliu. Estas causas e talvez a mudança de clima e de habitos destruíram-lhe a saúde. Foi em vão que procurou recuperar suas forças no clima mais puro, de São Paulo; à sua volta ao Rio de Janeiro, numa chalupa, sentiu aproximar-se o fim; desembarcou e morreu numa cabana a 22 de Julho de 1823. (149)

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha é um dos raros poetas brasileiros desta epoca que não foram educados em Portugal e não passaram ali a maior parte de suas vidas.

Nasceu a 4 de setembro de 1769 em Barcelos do Rio Negro, vila da provincia do Pará, de pais muito considerados. Perdeu-os aos sete anos de idade e, destinado por seu tutor à agricultura, só deveu ao padrinho, o arcebispo e vigário-geral José Monteiro de Noronha, a felicidade de receber uma educação liberal.

(149) V. sua biografia por Pereira da Silva, *Os Var.* II, II, p. 171-186; e na *Rev. do Inst.*, V, p. 345-349. V. ainda o *Dicionario bibliográfico* de I. Fr. da Silva, III, p. 10 e 11.

Quando quis ir a Coimbra, viu que não tinha meios para manter-se, sequestrados que tinham sido os bens de sua família. Teve que continuar na sua pátria, onde se casou e levou na sua terra uma vida discreta que lhe permitiu cultivar suas aptidões literarias e seus talentos poeticos, sem desdenhar a agricultura.

Seu carater honrado e seus conhecimentos agronomicos atrairam para ele a atençaõ do capitão-geral Martinho de Souza e Albuquerque, que não quiz deixar sem utilização um talento como o seu e nomequ-official da milicia e diretor da aldeia india de Oeiras. Tenreiro mostrou-se digno desta confiança. Sob a sua direção, melhoraram as condições de bem estar da população; os indios deixaram seus desertos para aí se estabelecerem, atraídos por sua reconhecida humanidade. O successor de Martinho de Souza, D. Francisco de Souza Coutinho, soube tambem apreciar Tenreiro, e como se estava na perspectiva de abolir os cargos de diretores de indios, ofereceu-lhe um lugar de capitão no seu regimento de cagadores e de secretario da alfandega do Pará.

Mostrou-se igualmente digno de confiança e só perdeu seus lugares em consequência de intrigas e de um conflito entre o governador, o bispo D. Manuel Almeida de Carvalho e o juiz real Luis Frota de Almeida, pendencia em que tomou o partido deste ultimo, seu amigo intimo. Retirou-se para a vida privada e voltou à sua terra. Mas o novo governador, o conde dos Arcos, tendo tido conhecimento do tratamento injusto que lhe fora infligido, deu-lhe o lugar de Escrivão da Mesa grande do Pará, emprego em que foi confirmado pelo principe regente D. João.

Tenreiro morreu a 11 de Novembro de 1811 (150)

Suas obras só foram recolhidas muito mais tarde e publicadas por seu filho sob o título de "Obras Literarias" (Pará, 1850). Encontramos aqui além de alguns discursos em prosa, alegorias dramaticas, sonetos, odes, etc. Entre suas poesias conhecem-se principalmente suas odes imitadas de Heraeio, como as em louvor de seus protectores, o governador Manoel da Gama Lobo de Almeida e o general Martinho de Albuquerque. Não se pode deixar de assinalar a influencia feliz do estilo classico, porem elas são mais notaveis do ponto de vista retorico que do poetico. (151)

Tenreiro pertence ainda completamente à antiga escola classica franceza e embora nunca tenha deixado o Brasil, o elemento patriotico está ausente dos seus escritos.

(150) V. sua biografia, Rev. Inst., II, p. 257-260.

(151) V. os especimes dados por Varnhagen, o. c., III, p. 7-22. O soneto seguinte dirigido à mulher de um soldado morto por ter sido fiel a seu marido, adquiriu grande celebridade:

*"Se acaso aqui topares caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Estu nova ao esposo aflito errante.*

*Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o pecto,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante.*

*Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte,
Porém que alivio busque á dor amara;*

*Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé, que lhe jurara,
A mancha conjugal prefere a morte."*

A esta escola pertence ainda Manuel Joaquim Ribeiro. Era professor de filosofia em Minas e publicou sob os auspícios do capitão geral Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, suas "Obras Poeticas" que appareceram em Lisboa no anno de 1805. A maior parte é consagrada ao louvor deste senhor, mas em algumas poesias eroticas, dirigidas a sua amante Jônia, imitou Gouzaga ao ponto que se podem facilmente confundir-se. Não obstante a forma pastoral escolhida soube exprimir seus sentimentos com versos naturais e harmoniosos. (152)

Joaquim Norberto de Souza e Silva cita ainda (Modul. p. 32-33) os poetas seguintes desta escola: Joaquim Ignacio de Seixas Brandão de Minas Gerais, José Inacio da Silva Costa de Rio de Janeiro, e o Pe. Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas de Sabará, celebre tambem como pregador e que morreu depois de tres anos de loucura. Assegura-se que suas poesias, em grande parte traduções de passagens classicas de autores francezes, italianos e espanhois se perderam.

(152) V. Varnhagen. o. c., I, p. XLIX e especimens, II, p. 537-553.

QUARTO PERÍODO

DOS PRINCÍPIOS DO SÉCULO XIX E SOBRETUDO DA PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL ATÉ A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E LITERÁRIA DA MÃE-PÁTRIA E DO DOMÍNIO EXCLUSIVO DO PSEUDO- CLASSICISMO PELA INFLUÊNCIA DOS ROMÂNTICOS (1840)

CAPÍTULO IX

*O ELEMENTO CRISTÃO RENASCE NA LITERATURA
BRASILEIRA — ANTONIO PEREIRA DE SOUZA
CALDAS — FRANCISCO DE S. CARLOS — JOSÉ
ELOI OTONI.*

Não obstante o surto que a literatura brasileira tomou desde a segunda metade do século XVIII, não obstante as primeiras centelhas do espírito nacional que vimos brilhar na política como nas letras no seio da escola mineira, a dependência política, literária e social em reação à metropole nem por isto continuou a deixar de ser dominadora. A própria escola mineira recebeu da metropole sua impulsão, seus modelos, seu gosto e mesmo a forma de seus escritos. Os jovens do Brasil nem por isto deixaram de continuar procurando

a Universidade de Coimbra, em busca de cultura científica ou literaria.

Os primeiros passos que encaminharam o Brasil numa senda nova, partiram do proprio Portugal. O regente Dom João, fugindo da mão poderosa de Napoleão, foi levado a transferir pela primeira vez a sede do governo para as possessões transatlânticas, onde chegou a 23 de janeiro de 1808. Recebido com entusiasmo pelo povo, foi logo saudado com o título de imperador do Brasil. Um dos primeiros atos de seu governo foi o de abrir os portos brasileiros a todas as nações do mundo. Isto equivalia a uma declaração de independencia, a elevação em 1815 da antiga colonia ao mesmo nivel da metropole, e sua emancipação completa em 1822 foram consequencias inevitaveis destes acontecimentos. (154)

As consequencias desta revolução politica não tardaram a fazer-se sentir na literatura. Logo mais se desencadeava a rivalidade e mesmo a opposição para

(154) Montalverne, o maior orador do Brasil, descreve como segue a influéncia que o estabelecimento da Corte e principalmente a pessoa de D. João exerceram sobre o desenvolvimento do Imperio (Obras oratorias, Rio de Janeiro, 1853, I, p. VI): *A chegada do Principe Regente ao Brasil foi saudada com o pressagio de sua grandeza, e sua futura independencia. Os grições coloniais estalaram um a um, entre as mãos do Principe, que a posteridade reconhecerá por o verdadeiro Fundador do império do Brasil. As artes, a industria, e o commercio florceram á sombra do genio creador deste monarca generoso, para quem o Brasil era o sonho mais agradável de sua vida. Tudo que o Brasil possui em estabelecimentos de pública utilidade, teve nele sua origem. Arsenacs, Academias de marinha, Teatro, Museu, Escola, e Arquivo militar, Tesouro, Imprensa, Bibliotheca, Praças públicas, tudo é devido á sua beneficéncia, e á sua sollicitude. A ação protetora do Principe devia exercer nos espiritos uma poderosa influéncia.*

com a mãe-pátria; o sentimento de independência política dava marcas de si nas letras, fortalecendo-as, e o apoio que não se queria pedir de Portugal, obtive-se-o na França e na Inglaterra. Quando mais tarde, partia da Alemanha o gosto pelo que é verdadeiramente popular, e expandindo-se por toda a Europa, a jovem nacionalidade brasileira não deixou de influenciar-se por ele.

Estes dias viram nascer e crescer no Brasil a imprensa política cujo principal representante era o "Correio brasiliense," publicado em Londres por Hipólito José da Costa Pereira, e que se distinguiu por sua tendência nacional e seu matiz científico. (155)

Mas anteriormente a este movimento político, tinha-se visto recrudescer no Brasil o espírito cristão, realçado por algum tempo pelos "humanistas" da escola Clássica franceza do século XVIII. Neste país, onde sempre a eloquência tinha sido cultivada com predileção, este elemento que, fundido com o nacional, deveria formar o romantismo moderno, encontrou uma terra toda preparada. Também os principais promotores deste movimento foram dois dos primeiros oradores sacros do tempo, Antonio Pereira de Souza Caldas e S. Carlos.

Antonio Pereira de Souza Caldas nasceu a 24 de Novembro de 1762 no Rio de Janeiro, onde seu pai desfrutava no commercio mercedo acatamento. Com a idade de

(155) V. sobre H. J. da Costa Pereira, *Os Var.* II, de Pereira da Silva, II, p. 338-339. Hipólito publicou mais tarde em Londres, *O Investigador*, no Rio de Janeiro, *O Patriota* e a *Gazeta* e enfim a "Idade de Ouro". V. sobre os primórdios da imprensa política no Brasil e sobre a influência que Hipólito exerceu através de seu "Correio Brasiliense", Varnhagen, *Hist. do Brasil*, II, p. 350-356.

oito anos, foi mandado a parentes seus em Lisboa, na esperança de que o clima mais doce de Portugal fortalecesse a sua constituição debil. Da lato, melhorou de saude a ponto de aos 16 anos poder começar seus estudos em Coimbra. Mas precisamente nesta epoca, a queda de Pombal e da rainha D. Maria I tinham desencadeado uma reacção cega, de modo que a Universidade, embora reformada pelo antigo ministro, caiu de novo sob a influencia desastrosa da escolastica, toda a aspiração à liberdade sendo reprimida até com o auxilio da Inquisição. Em tal atmosfera, um espirito tão bem dotado e tão independente como o de Souza Caldas não poderia sentir-se à vontade e diz-se mesmo que deste tempo é que data a melancolia que nunca mais o abandonou. Procurou então consolo na poesia e previu toda a extensão de seu talento por fragmentos bem realizados como *do homem selvagem* e *As Aves, Noite filosofica*.

Mas suas brilhantes faculdades e a sua superioridade intelectual, atraíram para si a atenção do governo. Suas opiniões, que exprimia muito abertamente, tornaram-no suspeito e chegou a ser accusado de maçonaria (156). A inquisição como sempre não deixou escapar esta oportunidade de persegui-lo; nosso poeta era preso e só deveu a sua mocidade ser primido apenas por um desterro de seis meses junto aos padres catequistas de Rilhafoles, que evitavam de tira-lo de seus erros, mediante o apelo a exercicios religiosos.

Entregue à calma do claustro e sob a direção benigna dos frades, cuja amizade conquistara por sua modestia e dedicação, Souza Caldas estudou com zelo as Santas Escrituras e ouviu pela primeira vez a voz interior que o illuminou quanto à sua vocação. Cou-

servou um grande reconhecimento por esta congregação, e voltou muito mais tarde a seu aprazível convento para obter o descanso que suspirava. Os monges não tardaram a certificar-se dos sentimentos religiosos do neofito e pediram eles próprios a sua liberdade.

Mas estes acontecimentos só serviram para aumentar a tendência para a melancolia de Souza Caldas e quando, logo depois de sua saída do convento, recebeu a notícia da morte de seu pai, foi tomado de tristeza tão profunda que teve que empreender uma viagem à França para distrair-se. O embaixador de Portugal em Paris, filho do marquez de Pombal, acolheu-o muito bem e pô-lo em contato com os maiores sábios da terra.

Depois de sua volta a Portugal, Souza Caldas concluiu seus estudos e colou grau. Seus amigos ofereceram-lhe um lugar de juiz no Rio de Janeiro mas sua resolução de tomar ordens, havia amadurecido e ele partiu para Roma onde contava ordenar-se. Nosso proprio poeta descreve a sua viagem a Genova numa carta, entremeada de versos dirigidos a seu amigo João de Deus Pires Ferreira, e ele se desincumbe de sua função de maneira muito original e muito poetica. Na ode ao Criador, composta no estreito de Gibraltar, anuncia e prova o seu desejo de fazer-se cantor sagrado no sentido mais elevado da palavra; grita ao final deste hino grandioso:

Meu Senhor e meu Deus.
Ah! Cante a minha voz, antes que eu morra,
Um hino de louvor ao vosso nome,
Ao vosso nome santo!

Em Roma, não recebeu apenas as insignias exteriores de apostolado, mas sua alma encheu-se de santidade de sua vocação de poeta religioso. Dev disso

as primeiras provas em suas odes *Sobre a necessidade da Revelação, Sobre a existencia de Deus, Sobre a virtude da Religião cristã* e nos cantos *À Creação e À immortalidade da alma*.

A volta, em Portugal, teve occasião de provar que não foi a ambição de dominar que o fizera escolher a profissão eclesiastica, mas antes uma forte vocação interior. O ministro, marques de Ponte Lima offereceu-lhe o bispado do Rio; e seu amigo o duque de Lafões, a rica abadia de Labriges que estava sob a sua jurisdição, mas Sousa Caldas recusou. Preferiu occupar-se de ciencia e poesia e pôr a força de sua palavra a serviço da propagação de Deus. Pos-se a pregar nas numerosas igrejas de Lisboa e explicava o Evangelho aos domingos na capela particular dos Caldas com uma eloquencia tão arrebatadora que logo eriou fama de primeiro orador sacro de Portugal.

O desejo de rever sua mãe, decidiu Caldas a voltar ao Rio em 1801. Reviu no entanto Portugal em 1805, mas deixou-o para sempre, quando da transmigração da corte para o Rio de Janeiro (1808). No Brasil continuou a pregar. O entusiasmo de que era penetrado, a força de sua palavra, a pureza e a harmonia de sua dicção exerciam uma influencia verdadeiramente maravilhosa sobre seus ouvintes, cujo numero augmentava com sua reputação. Pregava de preferencia na capela de Santa Rita, onde fora batizado.

Foi assim que terminou no Brasil a obra prima de sua vida, sua celebre tradução em versos dos Salmos. Escreveu ainda, à imitação das cartas persas de Montesquieu, epistolas satiricas sobre a corte do Brasil. Perderam-se na sua maior parte. (157)

(157) Algumas appareceram no entanto na Rev. do Ins., p. ex., XIII, p. 95 e 216.

Infelizmente, a fraqueza de sua constituição adequava-se pouco com o trabalho excessivo que se havia imposto. Caldas morreu a 2 de Março de 1814. O epitafio seguinte em versos latinos e portuguezes do poeta José Eloi Otoni ornou seu tumulo na Igreja de Santo Antonio.

*Brasiliae splendor, verbo, vermone tonabat
Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.*

Do Brasil esplendor, da patria floria,
Discorrendo, ou falando trovejava,
O discurso, a dicção, a essencia, a forma
Tão veloz como o raio s'inflamava.

Os traços de devoção que dele se sabem e sua benevolencia extrema provam que não era só de boca que pregava a religião do amor. (158)

De suas obras só appareceram dois volumes (Paris 1820-21 8.º) publicadas às expensas de seu sobrinho Antonio de Souza Dias e revistas por seu amigo da infancia, o poeta portuguez Gargão Stoeler. O primeiro contem a versão dos Salmos e uma introdução deste ultimo escritor sobre a lingua e a poesia dos hebreus; o segundo uma escolha de poesias originaes de Caldas com notas de Stoeler. Apareceu em Coimbra em 1836 (2 vol. 12) uma contrafação de suas poesias.

Não nos devemos esquecer de que Caldas, querendo dedicar-se ao estado ecclesiastico, atirou ao fogo grande parte de suas produções, entre as quais duas tragedias. Quanto a seus sermões, só pequeno numero conservou-se, em manuserito.

(158) V. suas biografias por J. da Cunha Barbosa na Rev. do Inst., II, p. 127-132; Pereira da Silva, Os Var. II, II, p. 187-226; Varnhagen, o. c., II, p. 489-491; Inn. Franc. da Silva, Dicion. bibliogr., I, p. 231-232.

As poesias de Caldas occupam um lugar eminente na historia da litteratura brasileira, não apenas por seu valor poetico absoluto, como principalmente por ter seu autor ousado pela primeira vez, se não quanto à forma pelo menos quanto ao fundo, livrar-se dos entraves do classicismo e compor abertamente suas obras como poeta christão. Nota-se, a cada passo, que o inspiraram a Biblia e os Pais sublimes da Igreja.

E tambem porque suas poesias se distinguem menos pela imaginação, o fervor mystico e a harmonia dos versos que por sua concepção de uma simplicidade grandiosa, seu tom profetico e suas belas proporções. Souza Caldas emprega ainda com exito em suas composições mais consideraveis as formas classicas, por ex. as estrofes pindaricas. Tal Klopstock, está todo penetrado de espirito christão e aproxima-se do espirito antigo como o autor da "Messiade".

Grande numero de suas versões dos salmos são mesmo concebidas num ritmo emprestado à antiguidade, o que não os impediu de occuparem o primeiro lugar entre as traducções portuguezas das obras do rei-poeta.

Semelhante a um escultor antigo, Caldas tinha modelado a figura sublime do christianismo num marmore brilhante porem frio; seu contemporaneo, o Frei Francisco de São Carlos, pelo contrário reveste os extases mysticos da devoção de todo o encanto dos coloridos mais vivos, em seu quadro da Assunção da Virgem.

Nascido no Rio de Janeiro, a 13 de Agosto de 1763, entrou aos treze anos como noviço no convento dos franciscanos da Imaculada Conceição, pois que desde sua infancia havia revelado grande inclinação para a vida calma do claustro e muitas aspirações religiosas. Seu talento e seu zelo logo o tornaram notavel e com a

idade de dezenove anos, foi enviado ao convento de São Boaventura na cidade então florescente de Macau, onde recebeu ordens. Aí viveu numerosos anos na mais profunda solidão, empregando os momentos de ocio no estudo da teologia, na leitura das principais produções poeticas que podia obter, e para as quais desde esta epoca se sentia atraído. Mas antes de tudo, preparou-se para as funções de orador que acabavam por consagrar-lhe a reputação.

Logo depois de sua volta ao Rio de Janeiro, São Carlos adquiriu uma popularidade extraordinaria graças a seus sermões cheios de vóo e unção, por sua dicção arrebatadora e a harmonia da linguagem e da voz, e finalmente por sua figura expressiva. É assim que em 1811 era nomeado professor de eloquencia sagrada. Quando em 1808 a corte emigrou para o Brasil, Frei São Carlos teve a oportunidade de pregar diante do principe regente, que subjugado por sua eloquencia extrema, nomeou-o immediatamente seu pregador particular.

Mas nem o luxo da corte, nem sua popularidade fizeram que renueiasse ao amor da solidão. Enquanto suas forças lhe permitiram, desempenhou suas importantes funções com o maior zelo e com um exito sempre crescente. Depois se retirou à sua cela, e occupado apenas com seus exercicios religiosos e a correção de sua epopéia sobre a Virgem, morreu em paz a 6 de maio de 1829. (159)

De todos os seus trabalhos poeticos só publicou *A Assunção da Santissima Virgem*, em 1819.

(159) V. suas biografias por Pereira da Silva na Rev. do Inst., X, p. 524-542 e nos Var. II., II, p. 227-248; v. Varnhagen, o. c., II, p. 513-515. I. Fr. da Silva, Dicionario, II, p. 362-364.

Quando seu confrade Frei Francisco de Montaverne, celebre tambem como pregador veiu vê-lo pouco tempo antes de sua morte, São Carlos tirou de sob o travesseiro os numerosos aerecimentos e as correções que fizera ao poema para provar-lhe como tinha levado em conta a critica, exprimia sua magoa de não ter visto aparecer a sua segunda edição e contou-lhe da maneira seguinte como lhe veio a idéia desta epopéia: "Durante os longos ocios que a vida me deixava, comeei por devoção e desenfado a compor alguns hinos a Virgem; era uma pura devoção. Depois de ter preenchido algumas paginas, senti em mim o desejo innocente de reunir todos estes cantos num corpo e de dar-lhes uma forma mais extensa e mais digna de minha devoção. Desta maneira, cheguei a usar nobremente meu tempo, ao mesmo tempo que o abreviava, e encontrei ainda um meio de pôr em dia os movimentos de minha alma e de meu patriotismo. No entanto, não havia idéia de poema e muito menos de publicação.

A obra creseem com meu desejo de a embelezar com algumas descrições brasileiras, com algumas pinturas de nosso belo país. No convento mostrei-a a alguns de nossos piedosos irmãos, fi-las ver tambem a alguns distintos leigos e todos me encorajaram a publica-la. É antes o desejo de dar uma prova de minha devoção que uma vã gloriola que me fez seguir seus conselhos. Sabei de resto que minha vida sempre foi uma fiel imagem de minha alma." (159a)

(159a) De acordo com a memoria de Monte-Alverne comunicada por Araujo Porto Alegre na Rev. do Inst., X, p. 544-545. De acordo com esta mesma memoria foi impossivel obter até agora, para publica-lo, este exemplar do poema, de que o autor quis fazer uma segunda edição e que ele tinha legado a sua irmã. V. tambem I. Fr. da Silva, o. c., p. 363, que fala da tentativa infrutifera que fez o conego Ja-

No prefacio ele diz: "O poema que dou a publicação não passa de um brinco de minha fantasia, sobre a primeira festa em honra da Virgem, festa a qual desde a minha mais tenra infancia eu dediquei uma devoção particular. Depois para dar mais surto à minha piedade e para melhor entrete-la, procurei dar-lhe um arremedo ou sombra de poema epico, aduzindo invocação, narração e episodios."

Estes dados certamente ingenuos do autor sobre a primeira idéia de seu poema são muito caracteristicos e fornecem-nos o meio de julgar sua obra, pois que se deduz que São Carlos só mais tarde é que reuniu em livro as suas inspirações poéticas e que sua forma epica é antes o resultado do acaso. Não é preciso, pois considerá-la como um quadro encerrando um certo numero de transbordamentos liricos e de descrições poeticas, e deve-se evitar considera-la uma epopéia, genero literario que de resto o proprio assunto não teria permitido.

Uma curta analise desta obra mostrará como era difficil dar-lhe uma cor local e epica e como o poeta resolveu este problema. O poema está dividido em cento e tantos. O primeiro contem alem de uma invocação em que o autor implora à Igreja que seja a sua musa, (160) a descrição da Assunção da Virgem. Os apóstolos encontram-na a caminho do céu, saudam-na com hinos de alegria e amor e fazem-na subir sobre um esplendido carro de triumpho, em que ella faz a sua entrada

nuário da Cunha Barbosa para obter da Irmã de S. Carlos este exemplar, que devia publicar-se. A primeira edição é hoje muito rara.

(160) *E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
Musa do Céu, de estrelas coroada,
N'esta vida escabrosa, e tão confusa,
Ah! Digna-te de seres minha Musa,*

no paraíso. O autor também descreve as vestes da virgem e os emblemas sagrados que os anjos puseram à sua cintura.

O segundo canto conta-nos a conjuração de Lucifer e seus companheiros, invejosos da glória e do triunfo da Virgem. Ela deve resplender, enquanto os anjos a levam no paraíso, mas são vencidos pelo arcanjo Miguel que se apressa em destruir as armadilhas que lhe são urdidas.

O terceiro canto contém a descrição do paraíso, para o que a natureza encantadora da pátria do poeta lhe forneceu as suas mais lindas cores, e deu-lhe a ocasião de mostrar todo o seu patriotismo.

Nos cantos quarto, quinto e sexto, a Virgem e o arcanjo Miguel, narram a proclamação do Evangelho pelos apóstolos, as perseguições que a Igreja cristã sofreu nos primeiros tempos e profeticamente sua difusão por toda a terra. Os episódios da vida e da paixão de Jesus assim como a descrição do Rio de Janeiro são notáveis pelo que testemunham do entusiasmo religioso e patriótico.

O sétimo canto descreve uma revolta dos espíritos infernais e sua derrota pelos anjos sob o comando do arcanjo Miguel.

O oitavo enfim nos mostra a Santa Virgem triunfante, admitida na morada de Deus e repousando nos braços do filho; a abobada do céu ressoa de linos de alegria e aos seus pés prosternam-se as estrelas, os rios e os mares que reconhecem seu poder.

Vê-se por esta análise que, na verdade, o poeta não conseguiu emprestar interesse e vida épica a um assunto de misticismo tão transcendente, tanto que, deste ponto de vista, a composição é monótona, rebuscada, artificial e privada de ação, enfim os episódios tem um nexo

muito fragil com o assunto principal. O poema, alem disto, é feito em versos brancos, cujo nro acaba por cansar (tem 7284 versos) e acaba arrastando o poeta a numerosos erros de prosodia e linguagem.

Se, não obstante estes defeitos, a obra de São Carlos gosa de grande celebridade entre os seus compatriotas (161) isto deriva unicamente das belezas de detalhe que encerra. As partes liricas e as descrições são o dominio de nosso poeta. Nas primeiras, os transbordamentos de um piedoso entusiasmo nunca deixam de revelar seus efeitos, porque são verdadeiros; no segundo, ao contrario, o autor soube agir sobre os seus leitores através das brilhantes cores de seus quadros e pelas imagens patrióticas que apresenta. É por lá que ele é original e popular e exerceu uma influencia duradoura sobre o desenvolvimento das letras brasileiras.

Quanto aos sermões de São Carlos a maior parte não chegou até nós pois que foram ditos de improviso. Este fato e a pequena parte deles que foi editada provam como era merecida a grande reputação da eloquencia deste escritor. (162)

José Eloi Ottoni faz parte tambem da escola cristã e aproxima-se mais de Sousa Caldas que de São Carlos.

Nasceu em 1 de dezembro de 1764 na vila do Príncipe, agora elevada a cidade sob o nome de Serro, na

(161) V. por ex. os louvores, é verdade um pouco exagerados de Pereira da Silva (Os Var. II., II, p. 233. 240) e de Noberto de Souza Silva (o. c., p. 36-37). M. de Varnhagen, este crítico tão sóbrio diz ainda (o. c., I, p. XLVIII) "*Na Assunção ha mais poesia que no Uruguai e no Caramuru*".

(162) V. por ex. os trechos da oração fúnebre da rainha Dona Maria I dados por Pereira da Silva (o. c., p. 246-248). Os dois discursos de S. Carlos, publicados foram citados por I. Fr. da Silva (o. c., p. 363).

provincia de Minas Gerais. Seu avô, que era genovês, refugiou-se em Portugal no começo do século passado e adquiriu em 1723 a cidadania de São Paulo. Seu pai, catador de ouro, pobre porém trabalhador, quis dar a seus numerosos filhos uma educação cuidada. Mandou então José Eloi que já havia frequentado a escola do Tijeco ao collegio de Catus Altas, estabelecimento então celebre. Nosso poeta ali se distinguio de tal maneira que o diretor o encarregou de auxiliar no ensino da gramatica latina.

Entretanto, o pai de José Eloi tinha adquirido, por seu trabalho, o necessario para enviar o seu filho ao país dos seus ancestrais. Este encontrou na Italia uma excelente oportunidade para entregar-se ao seu estudo favorito, o da literatura romana. Experimentou suas forças numa tradução em versos das "Geórgicas" de Virgilio; esta obra perdeu-se. Mas Roma excitou nele sentimentos religiosos tão ardentes que, inumeras vezes, foi tomado do desejo de abraçar o estado ecclesiastico. Não executou no entanto este projeto e voltou à sua patria, através de Lisboa. Não sabendo como ganhar de outra maneira sua vida, accitou um lugar de professor de latin na vila do Bom Sucesso (hoje Minas Novas). Logo após em 1791 ou 1792, casava-se com D. Maria Rosa do Nascimento, filha de coronel José Esteves.

Mas as perturbações ocasionadas pela inconfidencia de Minas e sua má situação financeira tornaram muito difficil a sua vida em Minas Novas. Há muitos anos que não recebia seus salarios e tinha que viver às expensas do sogro. José Eloi então se decidiu a separar-se dos seus e a voltar para Lisboa onde esperava obter senão melhor situação, pelo menos o pagamento dos seus atrasados.

Levou na metropole a vida miseravel de sollicitador, embelezada somente pelo convívio com os poetas portuguezes mais distintos. Ligou-se estreitamente a muitos e tornou-se logo êmullo deles. José Elci era amigo intimo de Bressani e Barbosa du Bocage, com quem fundou uma especie de Arcadia, onde passaram deliciosas noites. Ganhou ademais a amizade do Conde dos Arcos e do seu compatriota Francisco Vilela Barbosa mais tarde Marques de Paranaguá. Antes de tudo, é preciso mencionar aqui as suas relações affectuosas com a Condessa de Oyenhausen, marquesa de Alorona, que elle cantou em numerosas poesias. Quanto a Souza Caldas, cujas pegadas mais tarde o nosso poeta deveria seguir, provavelmente conheceu-o, dirigiu-lhe epistolas poeticas e celebrou sua memoria em versos portuguezes e latinos.

Depois proenrou apylacar o seu desejo de rever os seus, desejo a que devemos alguns belos sonetos (V. na obra citada de Varnhagen, III. p. 39) e para consolar-se do malogro de seus empreendimentos. Com isto, elle devia ganhar a sua vida com o auxilio de seus amigos e de um curso de eloquencia, aplaudido por seus numerosos alumnos e a elite do mundo literario.

Pouco tempo antes da invasão dos francezes, foi-lhe na verdade oferecido um lugar de secretario na Embaixada de Madri; mas como previa-se a tendencia anti-nacional de seu chefe, o conde de Ega, pediu demissão e voltou ao Brasil. Aí, embora uma serie de dialogos intitulados "Os amigos da virtude" não deixasse nenhuma duvida quanto a seus sentimentos patrioticos, sua fidelidade tornou-se suspeita à corte que então estava no Rio de Janeiro e todos os seus pedidos resultaram vãos.

Foi então que José Eloi proeuvrou e encontrou consolo no estudo das Santas-Escurituras. Começou sua versão dos Salmos, compôs canticos de que publicou alguns nos jornais, entre outros "A Tribuna Catolica", traduziu enfim a "Stabat Mater" e o "Miserere". Numa glosa deste ultimo hino sobre a passagem seguinte *Domine, labia mea aperies, et os meum nuntiabit laudem tuam*, exprimiu então o projeto de occupar-se exclusivamente de poesia sagrada.

José Eloi escreveu, é verdade, mais tarde ainda algumas poesias eroticas e epigramas, mas ele dava pouca importancia a estas produções, tanto que as condenou todas ao fogo, pouco tempo antes de sua morte.

Depois de 1811, occupou-se durante a sua permanencia na Bahia na casa de seu amigo o Conde dos Arcos, da tradução dos Provérbios de Salomão. Fê-los em redondilhas. Esta obra foi publicada em 1815 e teve tanto successo, principalmente como livro didatico, que se tiraram dela numerosas edições. (163)

Foi então que começou a tradução em verso do livro de Jó; mas empregou tantas vigalias neste trabalho, que é a sua obra prima, que não chegou a assistir à sua publicação. Seu sobrinho e biografo Teofilo Benedicto Ottoni e o conego J. C. Fernandes Pinheiro encarregaram-se da edição, de modo a este livro só appareer em 1852. (164)

(163) *Parafrase dos Proverbios de Salomão em verso portuguez, dedicada ao Serenissimo Principe da Betra nosso Senhor, por José Eloy Ottoni. Bahia, 1815, 8º com o texto da Vulgata. Nova edição, Rio de Janeiro, 1841, 8º. sem o texto latino.*

(164) *Jó traduzido em verso por J. E. Ottoni, e precedido primeiro de um discurso sobre a poesia em geral, e em*

No entanto estes trabalhos não impediram José Eloi de tomar parte ativa na regeneração de sua pátria e de cantá-la. Foi mesmo a um soneto politico improvisado que deveu sua reabilitação e uma posição assegurada. Quando a 26 de fevereiro de 1821, depois da publicação do decreto annunciando o seu designio de sancionar a constituição que as cortes de Lisboa iam adotar, o rei D. João VI appareceu à noite no teatro São João no Rio de Janeiro, José Eloi, arrebatado pelo entusiasmo geral, recitou um soneto em sua presença. Este fato valeu-lhe a eleição à camara dos deputados de Lisboa e, a sua volta em 1825, um lugar de official no ministerio da marinha, oferecido por seu amigo, o marquês de Paranaguá, então ministro. Mas o Imperador não quis a principio sancionar esta nomeação. O poeta, que adivinhava a causa desta recusa, apressou-se em mudar no seu soneto uma passagem que havia desagradado ao monarca. Apagou as palavras "Invicta mão" que designavam o imperador como chefe do partido revolucionario, de então e substituiu-a por "providencia." Com isto desaparecia o obstaculo e elle recebia a sanção imperial como "justificadissima."

Este lugar official, regiamente pago, proporcionou-lhe uma boa posição economica e pô-lo em estado de pagar aos antigos o dinheiro que lhes havia tomado emprestado durante os seus vinte anos de miseria. Teve além disto o ocio necessario para continuar zelosamente seus estudos sobre a Biblia e suas tradugões. Não inter-

particular no Brasil pelo Congo J. C. Fernandes Pinheiro; 2º de uma Noticia sobre a vida e poesias do Tradutor pelo senhor Teofilo Benedito Ottoni. 3º de um prefacio, extrahido da versão da Biblia por de Genoude. Rio de Janeiro, 1852. 8º. Consultamos principalmente esta Biografia, que também appareceu a parte. V. Rev. do Inst. XVIII suplemento, p. 23.

rompen estes trabalhos, fim supremo de sua vida, senão para dar livre surto aos seus sentimentos patrióticos, como por exemplo no belo soneto sobre a Independencia do Brasil, ou em reconhecimento ao Imperador D. Pedro, de quem se tornou o poeta favorito e que ele celebrava frequentemente.

Foi nestas doces occupações que se passaram os vinte e seis ultimos anos da vida de José Eloi. Morreu em idade muito avangada, a 3 de Outubro de 1851.

Publicou, quando de sua permanencia em Lisboa, numerosas de suas poesias originaes, (165) mas que não se elevam acima das poesias de circumstancia do tempo. É só por suas produções patrióticas e religiosas que conseguiu fazer bom nome na litteratura do Brasil e desempenhou influencia duradoura sobre o seu desenvolvimento.

(165) V. os titulos de algumas delas no Dicionario de I. Fr. da Silva, IV, p. 310-311; em Varnhagen. o. c., III, p. 302 e os especimes da mesma obra. p. 25-31 e 303-310; assim como em Pereira da Silva, Parnaso, II, 142-157.

CAPITULO X

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA; FRANCISCO VILELA BARBOSA, MARQUES DE PARANAGUÁ; MANUEL ALVES BRANCO, VISCONDE DE CARAVELAS; DOMINGOS BORGES DE BARROS, VISCONDE DE PEDRA BRANCA; PAULO JOSÉ DE MELO AZEVEDO E BRITO.

Pomos à frente os autores deste periodo, de que nos falta falar, José Bonifacio de Andrada e Silva, porque em sua qualidade de sabio, poeta e homem de estado, por sua vida tão longa e cheia de serviços, exerceu a influencia mais profunda sobre a sorte de sua patria. Sua biografia é numa palavra a historia do Brasil desta epoca. É com a razão que Varnhagen (o. e. II. p. 655) diz dele: "O nome de José Bonifácio, no Brasil e em Portugal, como em geral na Europa, é tão conhecido nas letras, nas ciencias e na politica, que a sua vida comprehende a história d'um grande periodo, primeiro da história litteraria de Portugal, depois da historia do Brasil."

José Bonifacio, um dos numerosos filhos do coronel Bonifacio José de Andrada e de d. Maria Barbara da Silva, nasceu a 13 de junho de 1763 (166) em Santos, pequena cidade da provincia de São Paulo. Fez os

(166) I. Fr. da Silva, Dicionario, IV, p. 276, dá 1763 como sendo o ano de seu nascimento, notando expressamente que a data de 1765, dada pelo Dicionario geral de biografia de MM. Dezobry e Bachelet (Paris, 1857, I) baseia-se num erro. Este último dado encontra-se de resto em Pereira da Silva, *Os Var.* II, II, p. 349.

primeiros estudos sob a direção do bispo D. Manuel de Ressurreição, seu protetor, que soube apreciar seu zelo e seu talento e o destinou ao estado ecclesiastico. Mas em 1780 seu pai mandava-o a Coimbra para estudar direito. O jovem José Bonifácio não se limitou a este estudo, e applicou-se ás sciencias naturais, de sorte que ao fim de seis anos obtinha o grau de bacharel nas duas faculdades. A parte que tomou na satira "O Reino da Estupidez" de seu amigo Melo Franco (veja-se anteriormente) prova-nos que já então fizera alguns ensaios de poesia.

José Bonifácio dirigia-se então a Lisboa, com uma carta de recommendação para o duque de Lafões. Este não tardou a apreciar o talento de José Bonifácio e fez que fosse recebido membro da Academia de Ciências. Por proposta deste cenaculo, o governo admitiu-o no numero de sabios que ás expensas do estado percorriam a Europa, para fazerem estudos de historia natural. José Bonifácio mostrou-se digno desta confiança. Seguiu as lições dos mais célebres naturalistas do tempo e dedicou-se á sciencia com tanto ardor que não temoa conhecimento das commoções politicas de então. Fez-se logo conhecer por memorias publicadas nos jornais francezes e alemães, entrou em correspondencia com um grande numero de eruditos e foi recebido como membro de numerosas sociedades sabias. Foi só em 1800, depois de dez anos de viagens que voltava a Portugal, precedido por sua fama. O ministro, conde de Linhares, fez-lhe a acolhida mais lisongeira e deu-lhe a cadeira de geognosia, na Universidade de Coimbra, e o cargo de intendente geral das minas do reino. Nesta qualidade, fez numerosas pesquisas sobre minas de carvão e cujos resultados acabou apresentando à Aca-

demia em 1809, e que appareceram mais tarde nos annos destas entidades, (por ex. nos annos de 1813, 1815, 1818).

No entanto, os exercitos de Napoleão tinham invadido Portugal, expulso a familia real e occupado o pais. José Bonifacio uniu-se ao partido que se dispunha a repellir o usurpador pelas armas. Reuniu em Tomar onde então se encontrava, a juventude portuguesa, partiu com ella para Coimbra, onde os estudantes vieram reforçar sua tropa. Pôs-se à frente do batalhão e voou em auxilio do exercito regular.

Depois da derrota dos francezes e da capitulação de Cintra, José Bonifacio foi nomeado intendente da policia do Porto, e desempenhou-se destas funcões tão dificeis de maneira a reprimir a exaltação dos partidos e reconciliá-los.

Mas depois da expulsão completa dos francezes, José Bonifacio de Andrada e Silva, retirou-se a uma cidade, perto de Coimbra e recommegou seus estudos, principalmente os de botanica. Em 1812, a Academia de Lisboa nomeou-o secretario. Ficou em Portugal até 1819, vendo sua gloria sempre aumentar pelas numerosas memorias que publicou sobre os diversos ramos das ciencias naturais e agronomia. Então, se sentiu presa de um desejo violento de rever sua patria e a seu pedido o governo dispensou-o, mantendo todas as suas dignidades.

Na provincia de São Paulo, sua terra natal, occupou-se de inicio de trabalhos metalurgicos e mandou às Academias de Paris e Berlim, memorias escriptas em francez e alemão sobre os novos mineraes por elle descobertos e sobre as propriedades das diferentes especies de ferro. Mas logo após os acontecimentos politicos que agitavam o Brasil acabaram por arrastá-lo, patriota ardente que era, fazendo relegar para plano inferior a ciencia.

Trocou então a vida aprazível do sábio pela existência tempestuosa do homem de partido. Como em Portugal, vemos em todos os momentos, nesta nova fase de sua vida, sua voz exercer a influencia mais preponderante sobre a formação do imperio brasileiro.

A constituinte de Lisboa persistiu em querer o retorno a Portugal do rei e do herdeiro ao troco; persistia em seus decretos de 29 de setembro de 1821 pedir o restabelecimento do "statu quo", anterior a 1808, sem levar em conta as circunstancias produzidas pela elevação do Brasil a categoria de reino com os mesmos direitos que Portugal (1815) e pela permanencia da corte nesse país. Logo se organisou no Brasil um partido disposto a resistir ao despotismo ego dos liberais portugueses. Esta facção que sustentava o sentimento nacional que vinha de se despertar e es justos desejos de emancipação que em toda a parte davam sinais de si na antiga colonia, atraiu invencivelmente a José Bonifacio. Logo era nomeado vice-presidente da junta que se formou na provincia de São Paulo. Quando a 24 de dezembro de 1821, recebeu-se aqui a noticia das medidas tomadas pelas cortes para subjugar o Brasil, José Bonifacio reuniu em sua casa os membros da junta e induziu-os a solicitarem ao príncipe regente que se negasse a executar os decretos. Foi ele o encarregado da redação deste documento que foi assinado pela junta e mandado ao Rio de Janeiro. A provincia de Minas seguiu este exemplo e levantou-se em massa contra as decisões das cortes. O Rio de Janeiro pôs-se à frente do movimento e José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara, pediu (a 2 de Janeiro de 1822) em nome de todo o povo ao príncipe regente que ficasse no país *para bem de todos e felicidade geral da nação*. Não se queria ainda proclamar a independencia de Portugal, sendo a

maioria pela continuidade das relações com este país, mas esta proclamação não era mais que uma questão de tempo e uma simples formalidade: a independência de fato fora proclamada em 1808.

Foi o que reconheceram o príncipe-regente e unicamente para conservar a dinastia no Brasil, resolveu ficar e salvaguardar os interesses do país contra as decisões hostis das cortes. Para dar prova de suas disposições, nomeou a 16 de Janeiro de 1822 José Bonifácio, que havia vindo de São Paulo, presidente da deputação desta provincia, ministro da justiça e do interior e do exterior e mais tarde seu irmão Martim Francisco (167) ministro das finanças. Os dois irmãos exerceram desde então, por seu valor pessoal e suas ligações com as sociedades secretas, a maior influencia sobre o gabinete de Dom Pedro e os acontecimentos que se seguiram.

Assim, a conselho de José Bonifácio, convocou-se uma assembleia composta de procuradores gerais das provincias do Brasil. As sessões foram abertas a 16 de fevereiro de 1822. Este corpo não era ainda uma assembleia constituinte, mas continha em si os germes deia, pois que tinham a forma de um conselho de estado e proeminencia sobre todas as outras autoridades.

A 3 de junho de 1822, D. Pedro convocou a constituinte e como as cortes de Lisboa perseverassem na sua attitude hostil, e ameaçassem submeter o Brasil por força das armas, o príncipe regente pronunciou na planície do Ipiranga a 7 de setembro de 1822, o grito celebre que fez do Brasil um imperio independente.

D. Pedro voltou então ao Rio de Janeiro como imperador constitucional do Brasil e depois da expulsão

(167) Martim Francisco passa por ser o primeiro orador parlamentar do Brasil.

das tropas portuguezas que continuaram na Bahia, no Maranhão, no Pará e em Montevideo, o país inteiro, das fronteiras do Pará ao Prata, reconheceram-o como tal. Todos os partidos esqueceram-se de suas discordias para se reunirem contra os portuguezes; José Bonifácio continuou fiel ao Imperador, secundou-o energicamente e dirigiu, como ministro, todas as reformas. Mas depois da reunião das Camaras, a 17 de abril, os debates relativos à constituição levaram logo a dissensões. Esboçaram-se os partidos e começaram a combater com todo o ardor que se poderia esperar de pessoas sem experiencia parlamentar. Dois partidos principalmente entrecrocavam-se encarniçadamente; o da monarchia e da centralisação e o que exigia uma constituição democratico-federalista. José Bonifácio, embora ministro e amigo do Imperador, pôs-se à frente deste ultimo, que contava com a maioria. Outro partido, no entanto, não deixava de ser temivel, o que se devia à firmeza, ao bom entendimento e à probidade de seus representantes. José Bonifácio combatu-o como toda a energia e paixão de que era capaz; deixou-se mesmo levar a servir-se de uma população exaltada para forçar o Imperador a deportar contra todas as leis, Joaquim Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e Januaric da Cunha Barbosa. Como acontece ordinariamente que a democracia, uma vez no poder, age mais arbitrariamente que o absolutismo, José Bonifácio organizou um despotismo mais pesado ainda que o sistema colonial. Porém mais ele se apaixonava, mais cresceia o numero de seus inimigos. Este ministro prova-nos mais uma vez que as paixões politicas são o que há de mais violento e perverso, pois ofuseam e deterioram os espiritos, mais lucidos e mais cultos, e arrastam um carater nobre

e que nada almeja além do bem publico, às medidas mais condenaveis e prejudiciais.

As violencias do ministerio José Bonifacio cresciam ainda com a opposição que se lhe fazia. Finalmente o Imperador se decidiu a conceder-lhe demissão e a substitui-lo por um conselho mais moderado e conciliador. Os perigos exteriores se haviam dissipado e tratava-se agora de encaminha-lo pois numa rota de desenvolvimento mais calmo e menos precipitado.

Esta demissão, que José Bonifacio recebeu a 17 de Julho de 1823, feriu profundamente o seu amor proprio e foi-lhe um poderoso acieate para se pôr à frente da opposição e fazer guerra encarrigada ao novo ministerio. Esta opposição reunia todos os matizes do partido democratico, que, em vez de fazer progredir a grande obra da constituição, aproveitava-se de todas as oportunidades para arrastar o ministerio por discussões sem fim.

Para pôr termo a esta agitação, o Imperador decidiu-se enfim a decretar a dissolução da constituinte que se havia mostrado incapaz e a outorgar uma constituição. A 12 de Novembro de 1823, dia da dissolução, o Imperador fez ainda prender José Bonifacio, seu irmão e seus amigos e que foram transportados para a França a bordo do "Luconia".

Esta decisão tinha sido arbitraria, é verdade, e ditada apenas pelo interesse que se tinha pelo bem publico, mas José Bonifacio só viu aqui um justo revide do que fizera padecer aos outros. Não se pode duvidar de que ele tivesse sido animado das melhores intenções em prol de sua patria ou pelo menos pelo que ele comprehendia por este nome, mas não soube observar a distancia que ia entre a realidade e seu ideal; a escolha de seus meios era além de illegal, imprudente. Prestou

grandes serviços ao país, pois que se tratava de conquistar sua independência pelo entusiasmo e a energia, de conduzir ousadamente através de escolhos a nau do estado. Mas desde que se tratou de lançar a ancora, de chamar a equipagem à disciplina e à ordem, e de submeter os amotinados ao dominio da lei, pôs-se do lado deles e para atingir um puro ideal, atirou com suas proprias mãos, o navio para a região das tempestades. Os três Andrada, José Bonifacio e os dois irmãos possuem, não obstante, a gloria de estarem colocados na primeira linha entre os fundadores da independência brasileira.

Foi assim que um homem que se havia feito a reputação de sábio e tinha voltado à sua patria para gosa-la em paz, foi levado por seu patriotismo a interromper seus estudos para pôr-se à frente de uma revolução, e ser levado pelas ondas até as mais altas dignidades do Estado. Tudo isto para perder o equilibrio, descer, voltar à Europa e procurar a paz sob a égide desta mesma ciencia, ha tanto tempo abandonada.

Chegado à França, José Bonifacio fixou-se em Bordens. Foi lá que nas tristes solidões do exilio, consumido do desejo de rever a patria e de decepções, que se tornou poeta. A ciencia tinha desenvolvido seu espirito e lhe havia feito aprender a sondar os segredos da natureza, a politica despertara sua sede de atividade e inflamado suas paixões, a poesia deveria faze-lo conhecer o proprio coração, purifica-lo e eleva-lo acima das decepções da realidade. Cantou os sofrimentos e as alegrias do amor, mergulhando às vezes por inteiro nas alegrias do presente e elevando-se até o ditirambo. Cantou as dores do exilio, entusiasmou-se pela liberdade e deu enfase à sua tristeza e à sua indignação.

As poesias de José Bonifácio são, é verdade, cheias de alusões mitológicas; são concebidas no gosto dito classico e às vezes demasiado ampulosas; porem em muitas delas transparecem a simplicidade e o carater energico de seu autor. Citemos, a este proposito, suas odes patrioticas e politicas tais as intituladas "Aos Gregos" e "Aos Baianos". É nesta ultima, (168) como na "Ao poeta desterrado" que não é menos bela, que reconhecemos melhor o estado de alma do poeta por esta epoca, suas aspirações em relação à patria distante a consciencia de seu valor moral, seu orgulho ferido, seu ódio apaixonado pelo partido que o derrubara, e a esperança de que, se morresse no exilio, sua patria não seria menos livre e reconheceria enfim o que ele havia feito por ela. Estas poesias provam-nos ademais que José Bonifácio, embora não tivesse começado a escrever a não ser em idade avançada, nem por isso desconhecia os segredos da versificação; e que sem ter nascido

(168) O imperador havia outorgado uma constituição que não era com effeito o que José Bonifácio pretendia, mas que no entanto era passavelmente democrática. Preconizava duas camaras, a dos senadores e a dos deputados, mas as duas eram eleitas pelo povo, e os membros da segunda também recebiam um estipendio do Estado. Em virtude desta constituição, os eleitores da provincia da Bahia elegeram por duas vezes a José Bonifácio deputado, não obstante exilado, com o fim de provarem-lhe que não havia sido esquecido na sua pátria. E' o que deu aso à ode de que acabamos de falar. Pereira da Silva fala nestes termos (*Var. II., II, p. 286*): *"Há um defeito todavia n'esta ode tão rica de poesia, do sentimento e de metrificacão: é o despeito do proscrito, que traz-se em maldição; é uma dose demasiada de fel que transborda o vaso e descobre o coração amargurado, que val sorvendo-o de trago em trago até que locuplete-se; é um grito profundo de dor e de desesperação que parece levar a sonda á chaga que carcomio e mata-o"*.

poeta, soube dar forma literaria aos sentimentos que a vida nele havia suscitado.

Algumas de suas poesias (169) appareceram, sob o titulo modesto de "*Poesias avulsas de Americo Elysis*" (Bordeaux, 1825).

Enfim depois de sete anos de exilio, José Bonifácio recebeu em 1829 permissão de voltar ao Brasil.

Suas forças a esta hora fraquejavam, e não quiz a principio aceitar nenhum encargo publico, embora o Imperador lhe tivesse dado provas inequivocas de sua amizade. Procurou o repouso e a solidão e ficou-se por esta razão na encantadora ilha do Paquetá, situada na baía do Rio de Janeiro.

Não tomou a menor parte nos acontecimentos que levaram o primeiro Imperador a abdicar, e collocou-se a margem de qualquer actividade politica.

Mas quando a revolução de 7 de Abril de 1831 induziu D. Pedro I a sacrificar pela segunda vez seus sentimentos pessoais em prol do bem do paiz, e assegurar por sua abdicacão a unidade do Brasil e o principio monarchico, que o salvou da triste sorte das colonias espanholas, este, lembrando-se de seu antigo amigo, confiou-lhe a tutela do filho e partiu para Portugal, fiando-se em sua comprovada probidade, e esperando que sua influencia bastaria para manter dentro das linhas do respeito o partido democratico.

Esta confiança não foi infundada. José Bonifácio esqueceu o passado e deixou sua solidão para entregar-se de novo à tempestade da politica.

(169) Estas poesias são na sua maior parte imitações ou traduções de modelos classicos ou francezes. Encontramos cantatas no genero das de J. B. Rousseau, epistelas e odes imitadas das de Horacio, e muitas traduções de fragmentos tirados da *Bíblia de Hésiodo*, *Pindaro*, *Horacio*, *Virgilio*, etc. V. I. Fr. da Silva. *Diclon.*, SV, p. 277.

Fez logo a experiencia de que o espirito revolucionario, semelhante a Saturno, devera os proprios filhos, e que nada é mais inconstante que o favor popular.

Haviam-se formado então no Brasil dois partidos principais. Um se compunha de liberais moderados aos quais se havia juntado o partido legitimista e que se chamava "Caramuru", nome tirado de seu orgão principal. Os homens que o compunham queriam conservar, tanto quanto possivel, o actual estado de coisas, fortalecer a monarchia, e manter um poder central poderoso. Não admitiam mudanças, senão por via de reformas lentas mas seguras. Os liberais exaltados, pelo contrario, se haviam reunido num partido republicano, só consideravam a monarchia como uma fase de transição, exigiram uma confederação semelhante à dos Estados Unidos e não recuavam diante de nenh um meio para alcançarem seu fim.

Este ultimo partido, embora minoritario, tinha chegado ao poder, arrastando com ele, como acontece frequentemente em tempos de revolução, a população ignorante ou estúpida, que se deixa sempre aterrorisar pelos mais ousados. A regencia provisoria fora tirada de seu seio e as Camaras na sessão de 3 de Maio de 1831 a confirmaram.

José Bonifacio que a idade, a experiencia e o conhecimento do estado de coisas da Europa haviam tornado mais calmo, prudente e moderado, tinha modificado largamente as suas opiniões. Fora sempre um verdadeiro democrata ou pelo menos tornara-se agora; queria a autonomia do povo, mas sob o dominio das leis, sempre dentro do regime da ordem, queria em suma o progresso e não a revolução. Além disto, havia-se convencido de que o Brasil só poderia ser preser-

vado da sorte das republicas espanholas, da ruina e da anarquia federalista ou do despotismo militar, mediante um governo monarchico. Havia ao mesmo tempo prometido defender os direitos da coroa, e não iludir a confiança que nele depositara seu amigo imperador. José Bonifacio ligou-se ao Partido Conservador, o que o pôs desde logo em opposição ao conselho de regencia, que no começo não tinha querido reconhecer a legalidade de sua nomeação, mas tinha acabado por confirmá-lo em seu cargo. Logo no entanto, o conselho de regencia quis desembaraçar-se do tutor e o acusou de pedrista. O ministro da justiça Diogo Antonio Feijó acusou-o diante do parlamento em julho de 1832, de haver favorecido uma sedição facilmente reprimida, que tinha tido lugar no mês de Abril deste mesmo anno no Campo de Santa Ana, perto do Rio de Janeiro e cujos instigadores tinham sido um bando de soldados comandados por um official alemão. A camara dos deputados decidiu-se então, sem exame ulterior, a depor José Bonifacio; mas felizmente para ele, o Senado não deu sanção a esta medida.

A vista do voto da Camara o conselho da regencia concedeu sua demissão. Com isto tornava-se cada vez mais forte a animosidade entre ele e José Bonifacio. Um decreto de 15 de dezembro de 1833, pôs fim a este estado de coisas destituindo este ultimo de seu cargo de tutor e proibindo-o de entrar no palacio imperial.

De inicio, José Bonifacio não quis submeter-se a ordem tão illegal, mas teve que ceder à forca armada de que o ministerio se utilizou. Moveu-se contra ele um processo criminal, em que ele proprio se defendeu, e não obstante a sua absolvição pelo júri, teve que voltar à ilha do Paquetá sem poder se despedir dos principes confiados à sua guarda.

Foi assim que o partido que José Bonifácio havia antes encorajado a violar as leis e por culpa do qual sofrera os males do exílio, expulsou-o de seu seio e banhi-o de novo, por ter procurado rete-lo no bordo do abismo a que ele quiz arrastar a monarquia.

José Bonifácio teve ainda a magua de saber em 1834 da morte de seu fiel amigo, o Imperador. Teve em compensação a alegria de ver o restabelecimento do equilibrio entre os elementos monarchicos e democraticos, e o futuro do Estado garantido pelo regime de ordem, inaugurado a 19 de Setembro de 1837.

Mas continuou no porto em que tinha procurado um abrigo contra as tormentas da vida politica, os elementos diversos que nele se debatiam, retomaram assim seu equilibrio e ele poude esperar o fim com a resignação de um sabio. Quando no começo do anno de 1838 o sentiu aproximar-se fez-se conduzir a Niteroi onde a 6 de Abril terminava sua vida agitada (170).

Francisco Vilela Barbosa, marquez de Parana-guá e contemporaneo de José Bonifácio, é tão conhecido como sabio e homem de estado quanto como escritor. Nascido a 20 de Novembro de 1769, no Rio de Janeiro, e tendo desde cedo ficado orfão, uma tia materna tomou-o a seu cuidado e mandou-o mais tarde a Coimbra estudar direito. Mas antes do fim dos seus estudos desposou uma jovem senhora desta cidade e por este motivo pediu o auxilio dos parentes. Nesta desgraça, o ex-reitor e reformador da Universidade, o bispo de

(170) Seguimos sua biografia como está contida em os *Var. II.*, de Pereira da Silva, II, p. 249-297. V. também: *Esboço bibliográfico e necrológico do Conselheiro José Bonifácio de Andrada por seu irmão Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva*, do jornal Guanabara. III, p. 299 seq. e I. Fr. da Silva. *Dicionario*. IV, p. 276-278.

Coimbra, D. Francisco de Lemos, seu compatriota, interessou-se por ele, de sorte que em 1756 pôde bacharelar-se em matematicas e não em direito, o que não teria correspondido a sua inclinação. No ano seguinte, Vilela Barbosa foi nomeado sub-tenente da marinha real e durante os seus quatro anos de serviço ativo, distinguio-se não apenas por seus conhecimentos como ainda por sua bravura. De volta a Lisboa, em 1801, obteve um lugar de professor da escola de marinha, e o grau de tenente, depois de capitão. Após haver desempenhado durante algum tempo, como suplente a cadeira de astronomia e nautica, foi nomeado professor de geometria, emprego de que se desempenhou até 1822. Publicou então seu tratado de geometria, obra classica que teve tres edições em Portugal e duas no Brasil, e lhe valeu a recepção na Academia de Ciências de Lisboa. Publicou ainda, sobre "correção das derrotas e estima" uma teoria importante que lhe valeu um premio e a nomeação de membro da Sociedade Real de marinha militar e geografia de Lisboa. Sua reputação estendia-se cada vez mais e um grande numero de sociedades sabias honraram-se em conta-lo entre os seus pares.

Devia, no entanto como José Bonifacio, deixar a cadeira pela tribuna e trocar a tranquillidade do gabinete pelas agitações da vida politica. Quando, em seguida à revolução de 1820, a Assembleia Constituinte dos reinos unidos de Portugal e Brasil se reuniu em Lisboa, Vilela Barbosa tomou parte como deputado da provincia do Rio de Janeiro. Foi também nomeado membro da comissão permanente que funcionou no intervalo, entre o fechamento da constituinte e a convocação da assembleia legislativa, tendo tomado parte em todos os seus trabalhos.

Mal soube da declaração de Independência do Brasil, renunciou à cadeira de deputado e demitiu-se do cargo de major, estimando mais alto o dever que o chamava à pátria, que as vantagens que auferia; e não obstante o seu segundo casamento com D. Maria Nazaré de Carvalho, de família considerada de Lisboa, não hesitou em embarcar em junho de 1823 para o Brasil, onde não tinha assegurado nenhum meio de vida.

Este patriotismo foi recompensado pela acolhida cordial que Vilela Barbosa recebeu no Rio de Janeiro. D. Pedro, já proclamado Imperador, não o acolheu menos favoravelmente e nomeou-o coronel. Em 1823 o príncipe confiou-lhe a pasta da marinha onde se manteve até 1827, depois de haver recebido os títulos de visconde e de marquês de Paranaguá e as dignidades de conselheiro de estado e senador.

Fez parte mais tarde da comissão encarregada de elaborar a constituição outorgada pelo Imperador: encontramos seu nome firmando esta carta e no tratado de 1825 pelo qual Portugal reconhecia a independência do Brasil.

Durante o reinado de D. Pedro I, Vilela Barbosa foi ainda duas vezes ministro da marinha, uma das quais em 1831, pouco antes da abdição do Imperador, a quem sempre mostrou dedicação. Depois da maioridade, episódio em que o Marquês de Paranaguá desempenhou papel considerável, occupou mais uma vez o ministerio da marinha, e embora com a idade de setenta annos, conservou este posto até 1843, sem que a velhice lhe tivesse diminuída a espantosa actividade. Acrescentamos que sua lealdade e dedicação ao Imperador não fraquejaram um instante que fosse.

O Marquês de Paranaguá morreu a 11 de setembro de 1846. (171)

Paranaguá occupava-se tambem de poesia durante os seus annos de universidade e a sua carreira de politico e sabio. Mas esta não lhe foi muneia alem de um passatempo; seus versos não vão jamais alem de certo circulo de convenção, seja pelos assuntos, seja pela maneira por que são pensados, embora a sua versificação facil, a sua correção e elegancia testemunhem um gosto pouco comum. Suas poesias eroticas são às vezes muito graciosas, os versos e a linguagem frequentemente harmoniosos e fluentes, mas não se elevam acima do nivel habitual pela originalidade e os sentimentos que exprimem. A forma de pastoral, que o autor lhes dá, as frequentes allusões mitologicas e o emprego da allegoria conferem-lhes um lugar na escola dita classica do seculo passado. A mais conhecida é a sua "Cantata da Primavera" dedicada a José Bonifacio de Andrada e Silva. Descreve o Brasil como a patria desta estação e relata o seu curso triumphal, através de todos os paizes do mundo. As imagens são muitas vezes graciosas e as rimas artisticamente entrelaçadas (o fim do verso rima p. ex. com a cesura do seguinte: rima encadeada).

Entre as produções de circumstancia de nosso autor nota-se por sua nobre simplicidade a sobre a morte do Imperador D. Pedro I. Um poeta que de resto desconhecemos glosou-a. (172)

(171) V. a nota biográfica de Cândido Batista de Oliveira, *Rev. do Inst.*, IX, p. 398-408.

(172) V. Varrhagen, o. c., III, p. 82. Encontramos aqui ainda (p. 107-108) tres sonetos de L. R. Ferreira, que tem o mesmo assunto e parafraseam o mote "*Heroc na vida, mais que heroc na morte*".

As poesias de Paranaguá nunca appareceram reunidas, pelo menos nunca ouvimos falar em tal edição; queimou bom número delas, pouco tempo antes de sua morte mas numerosas mantem-se conservadas nas mãos de sua segunda mulher. (173)

Em Manuel Alves Branco, visconde de Caravelas, o homem de Estado sobrepujava o poeta. Nasceu a 7 de junho de 1797 na Bahia; seu pai era negociante, sem fortuna. Em 1815 foi para Coimbra, onde fez três anos de mathematica, e começou a estudar direito. Em 1823 concluiu os estudos.

Logo após sua volta ao Brasil, era nomeado juiz criminal na Bahia e três anos depois juiz real na pequena cidade de Santo Amaro e mais tarde no Rio de Janeiro. Eleito em 1730, membro da Camara dos Deputados, foi encarregado da redação do Código de processo por jurados, que teve força de lei depois de 1831. No mesmo ano, apresentou à Camara dois projetos de lei do maior alcance, referentes à separação da justiça da administração e autonomia das provincias. Estas duas proposições não foram aprovadas, porque foram consideradas muito liberais, mas tiveram lugar no ato adicional da constituição de 1833.

Em 1832, Alves Branco foi nomeado para o Tesouro como contador geral membro do tribunal, onde introduziu a contabilidade em partidas dobradas.

(173) I. Fr. da Silva Dicion. III, p. 82, cita uma coleção de suas poesias sob o título de "Poemas", Coimbra, 1794, 8°, mas só contém obras de sua juventude, o que já o título indica suficientemente. O mesmo autor dá-nos também uma critica da "Cantata" de Paranaguá "A Primavera", com uma noticia sobre onde foi impressa. Encontramos especimes de sua poesia em Varnhagen, o. c. II, p. 647-666; III, p. 253-263; e em Pereira da Silva, *Parnaso*, II, p. 29-63.

Durante a regencia de seu amigo Feijó, incumbiu-se dos ministerios da justiça e do exterior, mas retirou-se logo para a provincia em consequencia de malentendidos e por motivos de saude. Entretanto em 1837, foi eleito senador e nomeado ministro das finanças por seu amigo, mas quando da ex-cração deste ultimo, acreditou-se no dever de segui-lo.

Não obstante isto, retomou o mesmo ministerio sob a regencia de Araujo Lima em 1840, mas no mês de maio do mesmo ano, demittia-se de novo destas funções, em virtude de divergencias com membros influentes do partido da maioridade.

Com a ascensão de D. Pedro II, Alves Branco retomou mais uma vez seu lugar de ministro, e conservou-o até o momento em que sua má saude o forçou a abandonar a vida publica. (174)

Foi então que o Imperador lhe deu o titulo de Visconde de Caravelas.

Os altos cargos que os partidos mais opostos lhe conferiram, testemunham sua capacidade e extensão de conhecimentos, enquanto que suas demissões frequentes e a absoluta pobreza confirmam sua reputação de grande carater e desinteresse. (175)

Morreu a 13 de julho de 1855.

Suas poesias trazem a marca da nobreza de sentimentos e do carater energico que as distinguem sem-

(174) V. as noticias autobiograficas comunicadas per Manoel de Araujo Porto-Alegre, *Rev. do Inst.*, XVIII, p. 50-53.

(175) "*Nasci pobre*", diz ele "*e pobre morrerei; mas nasci na mediania social, e fui elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um príncipe que não pergunta pelos avós dos servidores do Estado*". palavras que caracterizam tanto a consciencia que ele tinha de seu valor e sua modestia reconhecida como a concisão enérgica de seu estilo.

pre, mas não passam de expansões sem maior originalidade e sem invensão poética. Sua dicção é castigada e concisa, mas frequentemente muito inflada quando não prosaica.

Entre as poucas poesias de Alves Branco que chegaram a nós (176) encontra-se também uma à primavera, mas que é muito inferior à de Paranaguá. Deu, além disto, provas de seu amor à liberdade: em sua "Ode à liberdade" (em 1820, ano em que tomou parte na constituinte portuguesa, a melhor de suas produções) e de seus sentimentos patrióticos numa serie de odes *Ao dia dois de Julho (da provincia da Bahia)*. Estas ultimas, compostas por oportunidade da evacuação da Bahia pelas tropas portuguezas a 2 de julho de 1823 (177) não passam de ironicas mescladas de uma serie de exclamações, e cantam as faganhas dos habitantes da Bahia.

Em Dominges Borges de Barros, visconde de Pedra Branca o poeta e o homem de estado possuem relações muito mais intimas que nos tres precedentes. Como fosse herdeiro de fortuna consideravel, depois de se haver bacharelado em direito, ficou algum tempo em Lisboa, occupando-se apenas de poesia e frequentando os poetas mais celebres do tempo, como Bocage, Neolau Tolentino, Francisco Manoel e José Agostinho de Macedo.

A amizade que o ligava a Francisco Manoel e a Hipolito da Costa, redator do "Correio Brasileiro" pô-lo em contato com as idéias politicas e literarias então programadas em França. Sua permanencia neste país não fez mais que fortificar suas opiniões, e à sua volta

(176) Em Varnhagen, o. c., III, p. 147-165; e em Percira da Silva, *Parnaso*, II, p. 180-192.

(177) V. Handlmann, *Gesch. von Brasilien*, p. 429.

a Bahia, em 1811, teve que pagar com a perda da liberdade as tentativas que havia feito de realizar o seu ideal. Foi preso no Rio de Janeiro mas logo depois era posto em liberdade.

Pedra Branca, no entanto, não deixou desencorajar-se, e teve oportunidades de demonstra-lo. Eleito deputado às Cortes de Lisboa em 1820, nelas falou em favor da emancipação politica das mulheres, mas sem nenhum successo.

Pedra Branca nos provou sua galanteria de maneira mais feliz, quando, nomeado embaixador do Brasil, tornado independente, publicou em Paris sua primeira coleção de poemas sob o titulo de *Poesias oferecidas ás senhoras brasileiras por um Bahiano*.

Eleito mais tarde membro do senado do Imperio, só raramente tomava parte nos trabalhos desta augusta assembleia, pois seu amor das viagens e sua predileção pela sociedade européa mantiveram-no por muito tempo afastado da patria.

Enfim chegou a idade em que teve que fixar-se no Brasil; sempre galante, dedicou seu ultimo livro ás suas belas compatriotas. *Novas poesias oferecidas ás senhoras brasileiras por um Bahiano*.

Pedra Branca morreu em 1855 e conservou até o fim a jovialidade e o bom humor. (178) Ele tinha nascido poeta, o que provam os seus improvisos e sua poesia depois tornadas tão populares. Mas o curto esboço que acabamos de dar de sua vida, basta para nos provar que suas produções são essencialmente ercitas.

(178) V. a noticia muito curta sobre Pedra Branca, como membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, por Manuel de Araujo, Porto Alegre, Rev. do Ins. XVIII. suplemento, p. 59-60, algumas palavras de Pereira da Silva, *Os Var. III*, II, p. 342, e de I. Fr. da Silva, *Dicionario*, II, p. 185.

Seu caracter dominante é certa leveza que agrada sempre, uma elegancia natural e um sentimento muito vivo da harmonia da linguagem.

Pedra Branca pertencia inteiramente à escola classica de Francisco Mameel do Nascimento (Filinto Elisio) e não se arriscou a franquear os limites que a escola concedia.

Ele proprio diz, com muita modestia, numa carta dirigida aos autores da "Grinalda de flores poeticas" (Rio de Janeiro, 1854. p. 22) e destinada a acompanhar a remessa de suas poesias ineditas: "*Levado por Filinto Elisio, Paulo José de Melo e outros amigos, iludi-me, confundindo o éstro com o gosto pela poesia; e na ilusão continuci no passa-tempo com que me iludia, e ainda me iludem velhas recordações.*"

Mesmo entre estas poesias, há muitas dignas de serem postas ao lado das melhores de sua juventude e que o caracterizam tão bem.

Pedra Branca é menos feliz quando deixa a poesia leve, para tentar o genero didatico, onde não se eleva acima do nivel comum nem por sua originalidade, nem pela beleza de suas imagens nem pela novidade e profundidade de suas idéias. Suas epistolas poeticas encerram, no entanto, algumas formosas passagens. Citemos as que dirigiu a seus amigos Filinto Elisio e Paulo José de Melo, depois principalmente as dirigidas a Manuel Rodrigues Gameiro, em que descreve com muito eneanto as belezas de sua Patria e da prova dos seus bons sentimentos para com os escravos. Devemos enfim aludir com louvor à sua ultima obra, a mais longa de todas, seu poema intitulado "Os Tumulos" em dois cantos (179), cheio de considerações sobre os grandes problemas de Deus e da immortalidade. Embora as

(179) V. Varnhagem, o. c., III, p. 203-225.

idéias sejam pouco originais e profundas, seu encadeamento não seja muito logico, e a exposição por vezes difusa, não deixam de tocar-nos a veracidade dos sentimentos, e a piedade sincera que as impregna e sua dicção por vezes energica. Algumas passagens são verdadeiras obras primas como as que dirige contra os ateus e os materialistas, e principalmente os lamentos tocantes sobre a morte do filho do poeta. Anotamos aqui o belo pensamento inspirado por este episódio. (180)

Não conhecemos o amigo de Pedra Branca, Paulo José de Melo Azevedo e Brito, nascido na Bahia, morto senador em 1846 que escreveu uma epistola em verso dirigida a Borges de Barros (visconde de Pedra Branca) e que tem por titulo "Ao Cirio". É uma descrição humorística da peregrinação, à festa de Santa Marta de Cacilhas, localidade situada em frente de Lisboa, à margem do Tejo. A julgar por esta produção, Melo tinha uma inclinação marcada pela satira. (181)

(180) *Ah! como foges mentirosa esperança!
 O adivado futuro como embaça
 O halito da morte! Vãos projectos?
 Já da verdade o espelho formidável
 Mostra e que são da terra os bens caducos.
 Que mais aspira o pai, que mais deseja!
 No futuro morreu, murrendo o filho!...
 Himeneu que de flores coroado
 Sua dita fazia, é seu tormento:
 A dôr lhe dobra da consorte as dores
 Fita a querida lamentosa esposa.
 Vê do filho as feições, não vê seu filho.*

(181) V. a curta noticia sobre o poeta em Perelra da Silva "Os Var. II.", II, p. 343 e a poesia que acabamos de citar no Parnaso do mesmo autor, II, p. 227-236. Norberto de Souza Silva diz de suas poesias, o. c., p. 46: "*cujas composições herol-comicas são geralmente conhecidas e lidas com avidéz*".

CAPITULO XI

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA, LUIZ PAULINO PINTO DA FRANÇA, JOAQUIM JOSÉ LISBOA, GASPAR JOSÉ DE MATTOS PIMENTEL, JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, O PADRE SILVERIO DE PARAOPÉBA, LADISLAU DOS SANTOS TITARA, JOÃO GUALBERTO FERREIRA DOS SANTOS REIS.

Os poetas mencionados no capítulo precedente são antes de tudo patriotas, o que se explica facilmente pelo papel importante que desempenharam na transformação de sua patria. A politica é assim o principal movel dos poetas que iremos enumerar e em que podemos observar todos os matizes imaginaveis de opiniões, desde as monarchicas às radicais.

José da Natividade Saldanha foi apostolo e mártir das idéias republicanas. Nasceu a 8 de Setembro de 1796, em Pernambuco de pai desconhecido e de uma negra, publicou durante a sua permanencia em Coimbra um volume de poesias intitulado "Poesias oferecidos aos amantes do Brasil" (Coimbra, 1822. 8^o). Seu ardente amor da liberdade perpassa por todos os seus versos, e sobretudo nas quatro odes pindaricas em que canta as façanhas dos habitantes de Pernambuco nas suas lutas contra os holandeses no seculo XVII. Confessa mesmo ter tomado por modelo as odes de Dêriz, e não obstante o seu ímpeto e a sua energia, são um pouco monotonas e forçadas. A melhor é a que dedica a Francisco Rebelo.

Quando em 1824, o partido republicano de Pernambuco alçou pela segunda vez a bandeira da revo-

lução e proclamou a confederação do Equador, Saldanha tomou parte ativa neste movimento e desempenhou as funções de secretario da republica. Mas a revolução foi vencida e ele teve que fugir aos Estados Unidos onde morreu na miseria. Num soneto composto a bordo do navio que o levava, despediu-se de sua patria em versos em que transparecem orgulho republicano e dor profunda. (182)

Falemos agora de um adversario de Saldanha em politica e em poesia, Luis Paulino Pinto da França. Nascido na Bahia a 30 de junho de 1771, passou a maior parte de sua vida em Portugal e foi muito apegado à familia real. Distinguiu-se muito nas guerras contra os franceses, e morreu marechal de campo, a bordo do navio, no qual fazia a sua ultima travessia de Rio de Janeiro a Lisboa. Foi a 24 de janeiro de 1824. Como poeta, pertencia à escola dos ebuanistas ou seja partidarios de Bocage. Seu soneto ao tumulo do fundador da primeira dinastia portuguesa, Afonso Henriques, prova os seus sentimentos cavalheirescos para com a familia real, enquanto que a mais bela de suas pro-

(182) V. Norberto de Souza Silva, *Modul.*, p. 43-44, e I. Fr. da Silva, *Dicionario*, V, p. 81-82. A curta noticia que encontramos em Pereira da Silva, *Os Var.* III. II, p. 338, contém evidentemente erros de cronologia. Indica o ano de 1773 como sendo o do nascimento de Saldanha e o faz fugir depois da revolução de 1817. Um outro poeta, compatriota de Saldanha, João Batista da Fonseca, foi vítima desta revolução. De sua numerosa produção só foi publicada a poesia "A vítima da Amisade" em oitavas. Parece que detota talento. (V. Norberto, o. c., p. 39). V. também Fr. da Silva *Dicion.*, III, p. 304, que cita ainda uma obra deste poeta *Poesias dedicadas às senhoras brasileiras* (Pernambuco, 1830, 4º). Mas ele dá como autoridade Norberto que não menciona este livro.

duções é o soneto que compos duas horas antes da morte. (183)

Joaquim José Lisboa era igualmente soldado e tomou parte ativa nas lutas contra a França. Começou sua carreira militar na qualidade de porta-bandeira no regimento de Vila Rica na provincia de Minas e publicou de 1808 a 1811 numerosas poesias patrioticas. Em seu poema intitulado "Descrição curiosa" entremostra todo o seu amor por seu país. É na verdade uma "descrição curiosa", dos produtos e dos vantagens de estar concebida no metro popular e dos das ilhas de Maré e Itaparica por Botelho de Oliveira e Manuel Santa Maria, mas como estes ultimos interessam antes ao naturalista, ao etnografo ou ao linguista que ao amigo da poesia. Tem no entanto a vantagem de estar concebida no metro popular e gracioso das quadras octosilabicas. Finalmente, Lisboa exprime o desejo de que o principe regente e sua cara Marilia a quem o poema é dedicado se dignem de alegrar o Brasil com as suas presenças. (184)

(183) V. Pereira da Silva. *Os Var.* III, II, p. 336. Norberto de Souza Silva, o. c., p. 45 Varnhagen, o. c., II, p. 605-607

(184) Este poema encontra-se completo em: Varnhagen, o. c., p. 555-573. O mesmo autor dá também algumas noticias pouco completas sobre Lisboa e suas obras. A noticia biográfica que encontramos em I. Fr. da Silva, IV, o. c., 104 e 105, é pouco detalhada, mas a lista das obras publicadas é aqui mais completa que em Varnhagen. Bastará para que se tenha uma idéa darmos as quatro estrofes que terminam o Poema:

*Se o real regente Augusto
Fosse honrar nosso país,
Faria ao povo feliz,
E o seu imperio faria.*

*No lugar mais precioso
Das brasiliás regiões,*

As duas poesias de Gaspar José de Matos Pimentel publicadas por Varahagen (o. e. p. 141-144) com noticias sobre o autor, estão preñhes ao contrario de idéias de liberdade e independência. Uma tem por titulo *Cantico ao 7 de Setembro* e outra é a quarta cena do *Drama allegorico ao dia 7 de Setembro*. Ambas celebram, em versos pomposos e cheios de allusões mythologicas, o dia da proclamação da independência, e só tem valor como expressão dos sentimentos patrioticos que enchiam agora o coração de todos os brasileiros.

O conego Januario da Cunha Barbosa não se havia entusiasmado pelo ideal de independência de sua patria, menos do que o anterior. Nascido a 10 de Julho de 1780, no Rio de Janeiro, orfão desde os nove anos, foi recolhido por um tio paterno que o destinou à carreira ecclesiastica. Recebeu ordens em 1803. No anno seguinte viajou duas vezes a Lisboa; à volta em 1803, dedicou-se completamente ao pulpito e não tardou a eriar-se fama de pregador. Aluno e amigo de celebre professor de retórica Silva Alvarenga, procurou aperfeiçoar-se cada vez mais nesta arte pelo estudo dos grandes oradores sacros de sua patria, da França e da Espanha. Quando D. João VI, este grande amigo da eloquência do pulpito fixou sua residência no Rio

*Ou dos nossos corações,
Um trono se lhe ergueria.*

*Mas se ele não quer piedoso,
Cheio d'alta magestade,
Ir ver na nossa amizade
O mais innocente amor.*

*Vamos, Marília, gozar-nos
D'um país que julgam bravo,
Que bem pode o bom escravo
Servir de longe ao senhor.*

(1808) e ali fez construir uma capela particular, nomeou Januario pregador da corte. Este sustentava-se ao lado de oradores como São Carlos, Sampaio e Monte Alverne, o que significa muito, principalmente num país que havia produzido tão eloquentes pregadores depois de Anehieta e Nobrega.

No mesmo ano, no mês de Setembro, Januario foi nomeado suplente e em 1814, professor ordinário de filosofia teorica e pratica. Exerceu este cargo durante mais de um quarto de um século e fez conhecer a seus numerosos discipulos não apenas as filosofias antiga e franceza, como ainda as pesquisas criticas de Kant, as especulações de Schelling e a dialectica de Hegel.

Januario foi arrastado pelo grande movimento nacional que irrompen em 1821 e não acreditou achar melhor meio de servir à patria que tomando parte activa nele. Associeou-se então a seu amigo e colega Joaquim Gonçalves Ledo para a publicação de um jornal chamado "O Reverbero Constitucional fluminense", cujo primeiro numero appareceu em 15 de setembro. Animou os brasileiros a combater valentemente por sua independencia. Esta na verdade só foi proclamada no ano seguinte, mas os dois redatores do "Reverbero" contribuíram poderosamente para este resultado.

Então Januario depôs a pena para ir pregar a causa da liberdade na provincia de Minas Gerais, e chegou a conquistar os seus habitantes, que adheriram ao movimento partido da capital e proclamaram a Independencia. Persuadiu alem disto o governo portuguez a abdicar e não parou de pregar principalmente em Vila Rica, Mariana, Caeté e Sahará pela reconciliação dos partidos e contra a invasão dos revolucionarios. Mas à sua volta ao Rio de Janeiro, o apostolo da liberdade transformava-se em martir de seus ide-

ais. Foi preso na fortaleza de Santa Cruz e mandado ao Havre a bordo de um navio francez, sem processo, sem julgamento e sem qualquer especie de socorro.

Vimos na biografia de José Bonifacio de Andrada que este então ministro, fez expiar a seus confrades Joaquim Gonçalves Lello e José Clemente Pereira, o crime enorme para um homem de partido, de terem tido da liberdade uma concepção diversa da dele.

Mas depois de alguns meses de permanencia em Paris, Januario soube que em consequencia dos processos intentados contra varios dos seus cidadãos, sua innocencia acabava por ser reconhecida. Voltou então em setembro de 1823 para o Havre, onde embarcou. Chegou ao Brasil em setembro, o espirito enriquecido de conhecimentos variados, cuja acquisição serviu para abrandar os rigores do exilio.

O Imperador D. Pedro I, acolheu-o com benevolencia, nomeando-o em setembro de 1824 conego da capela imperial.

Quando em Maio de 1826 era convocado o primeiro parlamento brasileiro, Januario era eleito pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais. Optou pelo primeiro collegio, como lugar de seu nascimento.

Depois do termino de seu mandato, confiou-se a Januario a redação do "Diario do Governo" e a direção da imprensa imperial. Mas como acreditasse dever defender neste jornal alguns atos do Governo, capazes de desencadear uma revolução que poderia ter sido fatal à monarchia constitucional, suspeitou-se de seu liberalismo e tirou-se-lhe o cargo, quando da abdicção do Imperador. Em Julho do mesmo anno e tanto o conselho de regencia revestiu-o de novo de suas funções esclarecendo que ficon sobre os verdadeiros sentimentos de Januario.

Suas opiniões e sua atividade, dirigidas unicamente para o bem publico, foram sempre mais apreciadas durante os ultimos quinze anos de sua vida, quando as tempestades politicas se haviam sensivelmente acalmado. Foi nomeado examinador sinodal, historiografo do imperio e com a maioria de D. Pedro II, director da biblioteca imperial. Sua atividade era na verdade de uma extensão espantosa. Ao lado de seus trabalhos officiaes, de suas fuuções politicas universitarias e ecclesiasticas, encontrou tempo e força para fazer progredir a cultura intelectual de sua patria, com a fundação de novas instituições de utilidade publica. E' assim que a *Sociedade auxiliadora da industria nacional* lhe deve grande parte de sua prosperidade. Foi por muito tempo o seu secretario e redigiu um jornal "O Auxiliador" em que se encontram numerosos artigos de sua lavra. Janeiro teve tambem a maior influencia sobre a fundação do *Conservatorio dramatico* do Rio de Janeiro e contribuiu razoavelmente para a melhoria do gosto com a maneira pela qual o dirigiu.

Um dos seus primeiros titulos de gloria é a fundação do *Instituto historico e geografico do Brasil*. A sessão de abertura teve lugar a 25 de novembro de 1838, e Janeiro foi nomeado seu primeiro secretario e ao mesmo tempo redator da *Revista do Instituto*, fonte inesgotavel para a historia e a geografia brasileiras.

Reeleito deputado, occupava-se de uma reforma de instrução publica, quando a morte veio muito cedo pôr termo a uma vida tão bem empregada. Expirou a 22 de Fevereiro de 1846.

O Instituto honrou-lhe a memoria collocando seu busto na sala de sessões, e sendo pronunciado seu panegirico a 6 de Abril de 1848, enquanto os poetas

mais distintos do Brasil dedicavam à sua memoria as elegias mais sentidas. (185)

Januario brilha na historia literaria do país, não apenas por suas produções como principalmente por sua influencia critica e seus trabalhos no dominio da litteratura.

A poesia que principalmente lhe celebrizou o nome é a metamorfose intitulada "O Niteroi". Conta que a deliciosa ilha deste nome, situada na Bahia do Rio de Janeiro, recebeu-o em lembrança de um dos descendentes de Saturno, o titã Niteroi, filho de Mimas e de Atlantida. Este em sua luta contra Jupiter e Marte empreendida para vingar a morte de seu pai, caiu fulminado nos braços de sua mãe no lugar exato em que hoje está a Ilha. Cedendo às supplicas da que havia dado à luz ao titã, Neptuno permitiu que seu nome se conservasse eternamente na baía que o escondeu, nas montanhas que ele accumulou para atirar-se contra Marte. No mesmo lugar em que jazia seu corpo imenso sai das ondas a magnifica ilha que tem o seu nome. (186) Glaucus profetisa então e o destino e as faça-

(185) V. *Rev. do Inst.*, XI, p. 185, que encerra um necrologio de Januário que resalta os seus méritos. É devido à pena do Dr. J. F. Sigaud e tomamo-lo por modelo: v. além disto p. 240-25, o pomposo panegirico de Januário pelo doutor Francisco de Paula Menezes; e enfim, p. 266-287, os cantos fúnebres que foram dedicados a sua memória.

(186) *Mimas vive lembrado em Plegra, em Lemos,
Viverá Niteroi, lembrado e eterno
Na serra, e vale, e rocha que apontára
Ao terrífico Marte, em furia acêso.*

Esta rocha re situada no mar por Jupiter é o Pão de Açúcar. Niteroi quer dizer, segundo uns agua escondida, segundo outros agua fresca.

nhas das gerações futuras que descobrirão esta baía, a povoarão e torna-la-ão celebre. (187)

O poema de *Januario* é classico pela linguagem e a versificação, e encerra numerosas passagens que traem um grande talento de invenção, como a descrição dos trabalhos imensos de Niteroi, fazendo transportar por animais gigantescos do mundo primitivo, os megaterios e os mamus, blocos de rochedos destinados a proteger e a defender a baía. *Januario* aproveita-se da oportunidade para dar-nos uma descrição brilhante do golfo em seu estado actual. Mas a fabula em si e os ornamentos que o poeta lhe acrescenta, trazem sempre o sinul da imitação servil e não podem ser comprehendidos sem o auxilio de comentarios. Sente-se aqui mais o trabalho assiduo de um sabio humanista, que a criação natural, e portanto acessivel a todos de um genio poetico. Con- vem ainda fazer observar a passagem final da profecia de Glaucus, em que o poeta, malgrado seu constituciona- lismo, dá-nos prova de sua adesão à monarquia, ce- lebrando a união já abençoada de D. Pedro I com a arquiducueza da Austria. (188)

A satira e o epigrama parecem ter sido o genero de preferencia de *Januario*. Mas ele aqui deu de tal modo curso a suas antipatias politicas e encheu-os de

(187) Paulino Joaquim Leitão já havia tratado a mesma metamorfose no seu poema de *Libambo*. Ele também é o autor do *Hino à Esquadra* e do *Templo da Imortalidade* e tinha o grau de official de marinha (V. Varnhagen, *Hist. do Brasil*, II, p. 346).

(188) Como o poema em questão appareceu em Londres em 1822 e não passava de um penhor desta união, o autor pensa- va evidentemente em D. Maria da Gloria, nascida a 4 de Abril de 1819.

alusões a tantas personalidades que se conservam na sua maior parte ineditas. (189)

Embora as suas poesias não sejam originaes e não tenham aberto nenhum caminho novo, Januario nem por isto deixou de contribuir ao desenvolvimento literario do país, pela escola de assuntos nacionaes, pelas criticas de trabalhos novos e principalmente pelo "Parnaso Brasileiro" mencionado na introdução. Foi o primeiro a nos dar uma antologia bem ordenada e acompanhada de introduções biograficas e criticas das principais produções literarias do Brasil. Nesta obra lançou não apenas os fundamentos de uma historia literaria de seu país, como, fortificou consideravelmente o sentimento nacional.

Como Januario, o padre Silverio de Paraopeba, tomou uma parte do Brasil para assunto de uma metamorfose na sua "Fabula do Morro do Ramos". Faz derivar o nome da colina de Ramos, perto de Vila Rica, de um gigante Ramos, filho da terra, mudado em colina em punição de seu amor por Vila Rica. Mas Silverio tratou seu assunto de modo diverso de Januario. Enquanto que este escolheu o verso epico e se entregou ao "pathos" e às imagens tiradas da mitologia, nosso poeta contentou-se com redondilhas ligeiras e um estilo

(189) Encontramos citadas na *Rev. do Inst.*, p. 190. "O poema satirico dos Garimpeiros" e "Os versos epigramáticos de Mutuca". Norberto de Souza Silva (*Moçú.*, p. 46) attribui-lhe ainda o idilio "Proteu" e a cantata Hero e Leandro, que não tinham sido publicadas ainda. Conforme I. Fr. da Silva, *Dicton.*, III, p. 254, o poema heroico-cómico "Os Garimpeiros" appareceu em 1837 no Rio de Janeiro, mas anónimo. O mesmo autor cita uma comedia satirica do Januario, que ele diz ter sido impressa no Rio de Janeiro sob o titulo de *A Busca da Praia Grande, Comédia em três atos*. Encontramos no mesmo local a lista dos escritos em prosa de Januario.

muito simples, de sorte que por ai deu a seu poema uma côr original e quase popular. (190)

Ele deve ter deixado ainda numerosas poesias, todas com carater proprio e encerrando interessantes descrições de costumes dos sertanejos. Infelizmente não podemos obtê-las e o autor deste livro sabe apenas que Silverio, nascido na provincia de Minas, morreu cego. (191)

(190) Como amostra damos aqui as palavras de Ramos, contando o que deu lugar a sua metamorfose:

— *“Seu Ramos”, disse
Filho da terra,
Que aos altos deuses
Também fiz guerra.*

*“Com Vila Rica
Tomei amores,
Que hoje me causam
Múgoas maiores.*

*“Ela me fez
O leite d'ouro,
E fez-me entrega
Do seu tesouro.*

*“Vivia farto,
Alegre e cheio,
E dos amores
Em doce enleio.*

*“Forém os deuses,
Que se agravaram,
Logo a soberba
Me castigaram.*

*“Neste alto morro,
Precipitado,
Por meu castigo
Fui transformado.”*

(191) V. Varnhagen, Florilegio, I, p. L; e II, p. 629-634, ou a Fabula citada e impressa. Observa sobre seu autor:

Citemos agora um escritor conhecido por suas poesias politicas e suas metamorfoses, Ladislau dos Santos Titara, nascido a 24 de Maio de 1802 em Mata, vila da provincia da Bahia. Publicou suas obras em oito volumes. (Bahia e Rio Grande do Sul, 1827-1852) (192) O 4º e 5º volumes encerram um poema epico extenso, "Paraguassu". O autor aqui descreve em nove cantos as lutas dos patriotas da Bahia contra a guarnição portuguesa de Salvador comandadas pelo general Madeira, que foi forçado a embarcar para a Europa, a 2 de julho de 1823 e de reconhecer por aí a independencia da provincia. O titulo do poema deriva do rio Paraguassu, visto que os seus ribeirinhos a "Estirpe Paraguassuana" declararam-se antes de mais ninguem em favor do movimento. Vê-se por aí que o autor tinha se metido numa empreza infeliz, fazendo um poema epico de acontecimento tão moderno e tão local. Além disto, entendeu de se ater estritamente aos fatos, de que foi testemunha ocular, (193) enquanto que, cheio da ideia de que a forma da epopéia classica é a unica possivel

"Era filho de Minas e poeta fecundo por natureza. — Morreu cego. — Segundo o Senhor Paulo Barboza são muitissimas as composições que deixou, e em todas elas ha bastante originalidade. — N'uma delas conta a maneira como fez fortuna nas Minas".

(192) V. uma noticia biográfica inédita detalhada e a relação das obras de Titara em I. Fr. da Silva, *Dicion.*, V, p. 167-168.

(193) Ele diz expressamente: *"É óbvio pois, que se compõe (o Poema) d'uma historia verdadeira, de que foi o autor testemunha e da qual conserva-se a realidade nos acontecimentos principaes."* Sentiu como sua empresa era ousada e procurava justificar-se com os exemplos de Virgilio, de Lucano e Camões. Seu poema tem no entanto valor para conhecimento da historia do tempo.

e que todo o aparato da mitologia lhe é indispensavel, se dispos a applicá-los a seu assunto e a que não se adequavam. (194) Seu patriotismo, de resto muito louvavel, levou-o a tomar um voo muito elevado para as suas forças, de modo que esta desproporção entre o fim e os meios deram a toda obra um tom de parodia, augmentado ainda por uma dieção enfatica e cheia de inversões e por versos pesados.

As outras produções de Titara são na sua maior parte politicas; uma duzia ao menos celebra a jornada tão gloriosa de 2 de julho; algumas têm relações com festas de familia, enquanto que um grande numero não passa de improvisos. A exemplo de Cervantes, Lope de Vega e Cueva, fez uma "Ode aos poetas Brasileiros" vol. VII p. 113-140. Esta poesia não tem maior valor literario, mas uma importancia historica muito grande, principalmente pelas anotações biograficas que a acompanham. As metamorfoses de Titara são o que produziu de mais notavel. Não são nem ficções puras como as de Januario, nem parodias deste genero de poesias como a fabula de Silverio, mas repousam provavelmente nas tradições dos indios de que conservaram os costumes e as maneiras de ver. Citemos como exemplo "*Metamorfose original, Abatirús, e Tiapira*". (195)

(194) Assim Jupiter é o protetor dos habitantes da Bahia, mas Venus e Baco favorecem os portuguezes. O autor observa no entanto, muito ingenuamente que, quando ele fala de Jove, é preciso subentender sempre o Deus único e trino. Venus não passa da "discordia personalisada" e Baco é "O anjo das trevas!"

(195) Além destas obras poéticas, tivemos conhecimento das produções seguintes de Titara: *Tratado de figuras e tropos usados na lingua latina e portugueza*. Bahia, 1840, 8º e *Memorias do grande exército aliado libertador do Prata*. Rio Grande do Sul, 1852. O autor aqui se refere como testemu-

O irmão de Titara, João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, não era menos fecundo. Nascido também na provincia da Bahia mas na cidade de Santo Amaro, a 12 de julho de 1787, dedicou-se ao ensino e foi professor de latim na Bahia, onde morreu em 1854. Publicou sete a oito volumes de poesias, entre as quais a tradução dos livros IV e VI da "Eneida" e sob o titulo de *Georgicas brasileiras*, do *Carmen de sacchari opificio* assim como uma versão dos quatro livros de *rebus rusticis brasilicis* de José Rodrigues de Melo. (196). Algumas poesias originaes que temos diante de nós, (197) ensinam uma moral pura e provam a instrução classica e a elegancia da dicção de seu autor.

nha ocular e de acordo com documentos officiais à parte que desempenhou o corpo auxiliar do Brasil na expulsão do famoso ditador de Buenos Aires, d. Manuel de Rosas.

(196) V. Titara, *Obras poéticas*, vol. VII, p. 130; I. Fr. da Silva, *Dicionario*, III, p. 382-383; Guanabara, III, p. 79.

(197) Em Pereira da Silva, *Parnaso*, p. 158-167 encontramos dele a elegia celebre "A Saudade Paterna". São queixas muito sentidas de um pai junto ao tumulo do filho; consola-se com o pensamento de que o homem deve curvar-se diante dos decretos da Providência. Depois, uma ode que louva, nas chuvas refrescantes succedendo-se a uma grande seca, a attividade reconciliadora da natureza. Exorta os homens a seguirem seu exemplo e termina pela apostrophe seguinte à razão:

*Luminosa razão descerra a nuvem,
Que a alma insincera dos humanos tolda;
Dá, que mutuos se prezem, que se aspire,
Reciprocas venturas.*

CAPITULO XII

ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO, FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO, ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA E OUTROS POETAS DESTE PERIODO.

Além dos poetas citados, encontramos mencionados ainda numerosos escritores deste periodo, mas só os conhecemos por algumas amostras de suas obras (198) ou mesmo só de nome (199). Todavia é pro-

(198) Encontramos alguns espécimes na parte do "Florilegio" de Varnhagen consagrada a esta época, mas em número muito pequeno e sem noticias biográficas ou criticas. Assim temos um soneto e sua parafraze por Vicente da Costa Jaques; panegiricos inflados e triviaes por Fr. Francisco de Paula Santa, Gertrudes Magna e Manuel Ferreira de Araujo Guimarães, o último era coronel; nasceu a 5 de Março de 1777 e morreu a 24 de Outubro de 1838 193-3 (V. I. Fr. da Silva, *Dicionario*, V, p. 424-425) duas estranhas poesias sobre a criação do homem e da mulher no estilo dos "Salmos" e em *Quadras!* (V. I. Fr. da Silva, *Dicionario*, II, p. 375-376). Na obra do Comendador Antonio Joaquim de Mello (*Biografias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco. Recife. 1858/60, vol. 1-3, 8º*) que cheirou a nossas mãos enquanto este livro estava em prevas (II, p. 19-107, III, p. 293-297), uma biografia detalhada de Francisco Ferreira Barreto tendo anexas suas poesias, que contem, além das mencionadas, hinos, sonetos, traduções de salmos, etc. De acordo com Mello, nosso autor nasceu a 5 de Abril de 1790 em Recife, Pernambuco, tomou o estado eclesiástico e dedicou-se todo à Igreja. Morreu a 25 de fevereiro de 1851. Como poeta, pertence ainda à escola de Bocage, de quem aprendeu o estilo leve e a versificação melodiosa, mas sem ter haurido o seu espirito.

(199) Quem estiver interessado por nomes, bastará consultar, por ex. Pereira da Silva, II, p. VIII-IX;

vavel que a omissão de um deles não produza nenhuma lacuna importante em nossa historia.

Nestas circunstancias, acreditamos de nosso dever contentarmo-nos em nomear tres, que nos pareceram os mais importantes entre os de que conseguimos formular um julgamento.

De inicio, Alvaro Teixeira de Macedo, autor de um poema intitulado *A Festa de Baldo*: poema mixto em 8 cantos (Lisboa, 1847, 8º, 94 p.) Varnhagen diz desta obra (o. c. p. LIII) que malgrado alguns defeitos como o prosaismo de muitos dos seus versos e o desenvolvimento defeituoso das idéias, é o melhor poema heroi-comico do Brasil. Espera que a sua popularidade com o tempo só tenha que aumentar e que occupará assim dentro de um seculo um lugar bem mais importante na literatura nacional.

Varnhagen, amigo de infancia de nosso poeta, diz dele apenas que se dedicou à diplomacia e morreu aos quarenta e dois anos, como representante do Brasil na Belgica. Deve ter nascido portanto no começo do seculo, e ter terminado sua carreira entre 1847-1849. (200) Era um homem de conhecimentos extensos e grande conhecedor da literatura inglesa. Rigoroso em seus principios, mas de humor muito jovial, sofreu muitas desgraças que, unidas a uma constituição muito fraca, abreviaram provavelmente os seus dias.

Seu poema é, ao que parece, um espelho fiel de suas opiniões religiosas, politicas e sociais e de sua ma-

Norberto de Souza Silva, *Modul.*, p. 46-47; Titára, o. c. p. 130-140.

Notemos apenas que nestas relações, encontramos também o nome de numerosas poetisas; o que mostra como então a arte da versificação estava difundida e os progressos que havia feito o dilettantismo literario.

(200) V. I. Fr. da Silva, *Dicionario*, I, p. 51.

neira de compreender a vida de família. Só conhecemos dele o ultimo canto, de acordo com o 2.º volume do Flo-rilegio de Varnhagen (p. 683-694).

Baldo, escrivão de Goiana, heroi do poema, reúne em torno de si um grande numero de convivas para festejar condignamente sua união com Dona Clara. Estes aproximam-se de mesas ricamente servidas, mas no momento em que vão comer, são expulsos por um tropel de gente amotinada e toda a comida posta na mesa torna-se pressa desta canalha. Mas Baldo, e é por ai que termina o poema, despede-se da festa na espera:

*De uma paz duradoura, e sem perigos
De dias mais serenos e seguros.
E, si bem que viveram mais á larga
Por mais que examinasse, não me consta,
Que o escrivão de Goiana e Dona Clara
Procurassem jamais dar outra festa.*

Embora só conheçamos este ultimo canto, e que por consequente não possamos julgar muito da invenção, da disposição e da descrição dos caracteres de conjunto, o pouco que temos diante dos olhos encerra tantas descrições comicas, situações burlescas e versos ligeiros e agradaveis que concordamos sem reserva com o conceito de Varnhagen. (201)

(201) Na obra do comendador Melo, que vimos de citar, a Festa de Baldo é reproduzida na integra com uma biografia de Alvaro (III, p. 147-220) de acordo com a qual, o poeta nasceu a 13 de janeiro de 1807 em Recife, estado de Pernambuco e morreu a 7 de Dezembro de 1849 em Bruxelas, onde era encarregado de negocios do Brasil. O assunto da "festa de Baldo" é muito simples. Cleto Baldo, escrivão de Goiana, há quinze anos que é casado com Clara, filha de um mercceiro. Até então, elles vêm levando uma vida conforme a

Os dois poetas de que teremos de falar, Francisco Bernardino Ribeiro e Antonio Augusto de Queiroga, só nos são conhecidos através dos especímenes de suas obras que nos dão Varnhagen (vol. III p. 87-93 e 133-138) e Pereira da Silva (*Parnaso*, II p. 168-175 e 289 — 295). Ambos citam os mesmos fragmentos e sem notícias biográficas ou críticas (202).

sua condição, evitando qualquer luxo e com o que se têm acomodado muito bem. Mas Clara ouve um discurso do mestre-escola Roberto, ou como se o chama habitualmente Mestre Berto, zeloso partidário de Epicuro. O bom homem louva as doutrinas de seu mestre e quer aumentar de todos os modos os prazeres da vida, não temer nenhuma despesa e permitir-se de tempos em tempos uma festa extraordinária. Estes preceitos agradaram de tal modo a Clara que ela tomou a resolução de levar o seu marido a dar "uma estrondosa festa aniversária". O escrivão a principio não esteve pelos autos, mas quando Clara se pos a gritar e ameaçou voltar à casa de seus pais, consentiu. Clara fez o que esteve ao seu alcance para dar brilho à festa. Convidaram-se todos os amigos, e antes de todos o Mestre Berto, que tomou parte nos arranjos necessários. Mas no momento em que se vão para a mesa, acontece a catastrophe de que falamos.

O poema contém grande número de situações cómicas e de caracteres bem desenhados; além de frequentes sátiras ao pseudo-liberalismo e à demagogia, que põe o Brasil fora de si, e que tal os desmancha-prazeres de Baldo impedem que ele desfrute uma existência tranqüila e segura.

(202) Encontramos uma noticia biográfica sobre Francisco Bernardino Ribeiro na *Minerva brasileira*, p. 556-558. De acordo com estes informes, nasceu a 12 de julho de 1815 no Rio de Janeiro, estudou direito em São Paulo, onde foi lente de direito criminal e morreu a 15 de junho de 1837 em sua cidade natal. Seu amigo e compatriota Firmino Rodrigues Silva chorou-lhe a morte prematura numa elegia tornada celebre, a Nenia a F. B. Ribeiro. Ribeiro fundou com seus amigos Queiroga e I. I. da Rocha uma sociedade literaria na sociedade filomática, e publicou uma Revista em que appareceram numerosas de suas poesias e um Ensaio

Nestes fragmentos sentinas, desde o começo, o sopro de um espirito original, annunciando uma nova era e preparando-se a saudir os entraves da tradição. Estas aspirações à independencia, o abandono da linguagem, há muito tempo respeitada da escola portugueza classica, a escolha de assuntos os mais adequados aos tempos modernos e um surto mais elevado revelam-se plenamente em sua Epistola de Ribeiro, verdadeiro desafio da escola moderna à antiga. Queiroga igualmente dá na sua lira "O Sabiá", uma côr de todo nacional a proposito do assunto do ciúme. Ambos enfim tomaram o alçoz por assunto de suas poesias, nas quais se declararam com energia no sentido da abolição da pena de morte e afirmam meritorio o odio inspirado pelo carrasco.

Os dois poetas, de que acabamos de falar, personificam bem este periodo de transição. São os precursores da literatura nacional. Annunciam-nos que a poesia, obediente a todos os caprichos da moda, vai enfim ceder o seu lugar a escritos originaes e naturais, que nos deixam entrever o mais brilhante futuro.

sobre a tragedia, seguindo os principios classicos francezes. Não encontramos sobre Ant. Aug. de Queiroga nada além da curta noticia de Titara: "*Echarel A. A. de Q., natural do Minas*".

CAPITULO XIII

ELOQUENCIA — CULTURA DA LINGUAGEM — FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE — MARIANO JOSÉ PEREIRA DA FONSECA, MARQUES DE MARICÁ; O LEXICOGRAFO ANTONIO DE MORAIS E SILVA.

No curso desta obra, já fizemos observar numerosas vezes que os brasileiros tem uma grande predileção pela eloquencia, principalmente pela do pulpito. Compartilham desta preferencia com todos os mericionais, mas estas disposições aumentaram muito, em vista das relações de seus missionarios com os selvagens, estes grandes amigos da palavra. O Brasil orgulha-se de ter dado à vida um grande numero de oradores sacros, desde Anchieta e Nóbrega, nos primeiros anos da colonia até os nossos dias, quando D. João VI, com a fundação da sua capela particular, deu novo lustre à arte oratoria da colonia. Já mencionamos Souza Caldas, São Carlos, Sampaio e Januario da Cunha Barbosa. Resta-nos falar do mais celebre de todos, o Frei Francisco de Monte Alverne.

Francisco José de Carvalho, verdadeiro nome de Monte Alverne nasceu a 9 de Agosto de 1784, no Rio de Janeiro. Levado por uma voz interior, abraçou a condição ecclesiastica e entrou na ordem dos franciscanos. A 3 de outubro de 1802, já desempenhava, nos conventos de Santo Antonio do Rio de Janeiro e de São Francisco de S. Paulo, assim como no seminario de São José, numerosos cargos ecclesiasticos e a cadeira de professor de dogmatica, de filosofia e retorica. Já

então, tinha-se feito notar pela pureza de seus costumes e por seus grandes conhecimentos.

Seu talento oratorio valeu-lhe uma reputação tão grande, que a 17 de Outubro de 1816, era nomeado pregador da Corte. Seus sucessos foram aumentando cada vez mais e durante vinte anos, sua posição era de successor e êmulo de São Carlos, de Sampaio, de Netto e de Januario da Cunha Barbosa. Ao fim de sua carreira, Monte Alverne sobrepujava todos estes homens eminentes.

A natureza o havia dotado de toda as qualidades que fazem o orador: espirito profundo e penetrante, muita energia, imaginação viva e fertil, sensibilidade excessiva, susceptivel de entusiasmar como habil de comunicar-se, enfim um porte imponente, gestos eheics de nobreza e voz das mais sonoras. Seus estudos haviam acrescido muito a estas vantagens naturais e lhe haviam dado a consciencia de seu valor.

Não contente de ter estado o modelo de eloquencia portuguesa, Monte Alverne empreendeu só e sem gramatica, o trabalho herculeo, como ele proprio o classificou, de aprender tambem o francez, e chegou a compreender e apreciar todas as belezas do estilo dos Bossuet e dos Bourdaloue. O conhecimento da lingua franceza foi-lhe, alem do mais, de grande utilidade nas suas pesquisas filosoficas. E' aos autores francezes que deveu poder afastar-se da escolastica para aproveitar-se dos resultados da filosofia moderna. Como professor desta ciencia, Monte Alverne tambem exerceu grande influencia, e os mais illustres escritores do Brasil gloriam-se de terem sido seus alunos. (203)

(203) A 10 de Dezembro de 1848. Monte Alverne foi eleito presidente perpetuo da *Sociedade Emulação filosofica*, em

Malgrado este conhecimento das opiniões dos sistemas modernas, e malgrado suas pesquisas filosoficas, sua fé não hesitou um só momento e o sentimento religioso sempre foi o movel de todas as suas ações.

“Quase todos os meus discursos” diz ele “possuem uma ideia geral de que decorrem todas as outras; e esta ideia geral, este pensamento comum é a religião”.

Diga-se de passagem que este fato deu a seus discursos como ele proprio confessa, uma certa monotonia, mas é a monotonia da convicção, a monotonia de uma alma reconciliada consigo propria, a monotonia enfim do entusiasmo por uma unica e grande ideia. E o espantoso é que Monte Alverne tenhu sabido variá-la a tal ponto de modo a transformar-se em tão abundante fonte de harmonia.

Esta fé tão viva deveria no entanto soffrer rude prova. Esta luz que seu entusiasmo havia acendido nele e de que ele illuminava os outros, deveria estar em estado de fazer-lhe suportar a longa noite a que estava condenado. Eis suas palavras no tocante a esta catastrophe: *No fim de 1836 achavam-se terminados os meus estudos literarios, e eu impossibilitado de empreender o mais insignificante trabalho.*

Não é dado a homem algum avaliar as agonias do meu coração n'essa horrivel peripecia da minha vida... Deus chegou aos meus labios a taça da tribulação: suas fezes talvez não estejam ainda esgotadas. A vontade do Senhor seja feita.

Monte Alverne viveu dezoito anos numa noite completa e só por uma vez franqueou o recinto do con-

sua qualidade de genuino representante da Filosofia do espirito humano no Brasil.

Tomou posse em sessão especial e a sociedade lhe concedeu uma coroa de louros.

vento, onde passou resignado e na solidão este ultimo periodo de sua vida. Foi para dirigir-se ao lugar testemunha dos seus triunfos, para alumiar mais uma vez das luzes de seu espirito os milhares de espectadores que appareceram para contemplar seus traços veneraveis. No dia da festa de S. Pedro de Alcantara, padroeiro do Imperador, a 19 de Outubro de 1854, Monte Alverne cedeu às instancias de D. Pedro II e subiu es degraus do pulpito. Foi seu canto de cisne!

A jornada do dia 3 de dezembro de 1858 viu-o partir para a mansão da luz eterna. (204)

Felizmente, os discursos de Monte Alverne não se perderam, como os da maior parte dos grandes oradores do Brasil. Cedendo a instancias de amigos, publicou-os com o auxilio de um dos seus confrades. (204a)

Se as palavras que dissemos de Monte Alverne são provas da impressão imensa que os seus discursos faziam sobre os seus ouvintes, o julgamento seguinte de um dos melhores escritores do Brasil, Joaquim Manuel de Macedo, poderá dar-nos idéia de seu efeito sobre os leitores. (Revista do Inst. vol. XVII, supl. p. 27) (205) "Não

(204) Ver a necrologia que consultamos em *Rev. do Inst.*, XXI, p. 556-564, por Joaquim Manuel de Macedo. Monte Alverne era membro deste instituto assim como de numerosas Sociedades sabias da América e da Europa. V. também sobre seu último sermão e as circunstâncias que o acompanharam *Rev. do Inst.*, XVII, supl., p. 26-29, e Guanabara, Revista mensal, II, p. 309-312 e p. 322-326.

(204a) Apareceram sob o título de *Obras oratorias do Padre Mestre Fr. Francisco do Monte Alverne*. Rio de Janeiro. 1853. 4 vol. 8o. Com o retrato do autor e um Discurso preliminar muito notável, de sua autoria. Os tres primeiros volumes contém os *Sermões quaresmaes e de misterio*, o 4º, o *Panegirico dos Santos. Discursos e Orações fúnebres*.

(205) Vale a pena notar a passagem seguinte em que o próprio Monte Alverne fala de sua maneira de eserever:

havia ninguém que não admirasse a dicção escolhida, o estilo correto, a inspiração sempre sustentada, a illustração sempre abundante, a boa escolha e o esplendor das imagens, a argumentação enérgica do grande pregador brasileiro. Não havia ninguém que resistisse à sua eloquencia arrebatadora, às vezes rapida como um relampago, outras suave como o orvalho da manhã, tendo sempre como resultado fazer renascer a esperança em nossos corações. Não havia ninguém enfim, a quem a leitura dos sermões de Monte Alverne não desse a um tempo a impressão de estar-se diante de um sabio ecclesiastico, de um profundo filosofo e de um poeta entusiasta”.

Se nos for permitido acrescentar algumas palavras a um julgamento de tamanho peso, diremos que admiramos nos discursos de Monte Alverne, não apenas a imaginação e o calor particulares aos meridionais como a harmonia da dicção, mas ainda a medida, a dignidade, a força, a ausencia completa de intumescimento, a disposição e a argumentação agindo, é verdade, antes sobre o sentimento que sobre a razão: qualidades tão raras em habitantes de climas quentes e que provam em quem as possui, a existencia de um espirito filosofico, um grande tacto psicologico e uma habilidade dialectica consideravel.

“Compondo os meus sermões, nunca fui embarçado com as fórmãs, de que devia revestir o meu estilo. Sabia com Montesquieu, ser impossivel realisar alguma coisa de importante, desde que fosse mister levar á balança nossos pensamentos. Quando pois eu tinha de exprimir uma idéia, empregava na sua traducção o termo, que me parecia mais significativo, ou mais sonoro, sem curar de sua precisão, e mesmo de sua existencia. Era certamente um grande mal em ordem á litteratura; era um grande defeito, mas a ideia apparecia com suas cores fortes, e originacs: o prestigio de pronunciaçào conseguia o resto”.

Mariano José Pereira da Fonseca, marquez de Mariéú, distinguuiu-se como autor de maximas, genero diametralmente oposto ao do precedente.

Seu pai, Domingos Pereira da Fonseca, negociante natural de Portugal, estabeleceu-se no Rio de Janeiro onde desposou Tereza Maria de Jesus, que lhe deu um filho a 18 de maio de 1773. Aos onze annos, Mariano José foi enviado a Portugal e depois de se haver preparado no Collegio de Mafra, foi em Outubro de 1788 à Universidade de Coimbra, onde se propunha a estudar direito. Mas como não havia atingido ainda a idade exigida de dezesseis annos, matriculou-se como ouvinte na faculdade de ciencias e letras, onde tomou grau de bacharel e concebeu o designio de ir a Edimburgo para estudar medicina. Infelizmente, a morte de seu pai chamou-o ao Brasil em 1792 e veio transformar por completo os seus projetos.

Mal tinha aberto sua casa de commercio no Rio de Janeiro em 1794, e era preso com seus socios por ordem do vice-rei, o desconfiado Conde de Rezende, que via conspiradores por todo o lado. Mariano José ficou preso quase tres annos sem ter sido julgado e só foi solto com a demissão do conde.

Depois de 1802, occupou numerosos cargos públicos; foi successivamente deputado à camara do commercio, tesoureiro da Imprensa regia, da fabrica de pólvora e do arsenal e enfim censor. Em 1821 foi eleito deputado e secretario da junta provisoria e tomou parte na redação da Constituição.

Nomeado ministro das finanças, a 13 de novembro de 1823, Mariano José occupou este cargo importante até 23 de Novembro de 1825, quando se deu a sua demissão. Continuou, no entanto, membro do conselho de Estado até a sua dissolução em 1834. Depois de

1826, era nomeado senador, sendo agraciado com o título de Marquês de Maricá.

O proprio Mariano José pronunciou-se sobre sua carreira politica com seu habitual laconismo: "Fui a principio membro de um clube, e este clube era minhas familias e meus livros. Cheguei aos cargos mais elevados, sem intrigas e sem baixezas, apenas graças à proteção divina a alguns conhecimentos, a muita lealdade e principalmente por efeito das circunstancias".

Morreu a 16 de setembro de 1848. (205 a)

O Marquês de Maricá fez alguns ensaios de poesia e algumas de suas odes eroticas chegaram a ser postas em musica pelo primeiro compositor do Brasil, José Maurício; elas não têm nada de extraordinario e não saem dos limites da escola classica.

Mas a obra que lhe assegurará um lugar heuroso no panteão brasileiro é a intitulada "Maximas, Pensamentos e Reflexões". O proprio Maricá diz que começou a escrever estas maximas aos sessenta annos e aos sessenta e dois já havia publicado 3169. Chegaram a 4.700 com aquelas publicadas no jornal "O Iris" e appareceram no Rio em 1850. (206)

Estas sentenças de um velho, tão ricamente dotado e de tanta experiencia, encerram um tesouro de filosofia pratica, realçada ainda por uma dicção elegante. São

(205 a) V. Rev. do Inst. XV, p. 528-530; encontrámos aqui no necrologio de Manuel de Araujo Porto Alegre os dados autobiograficos sobre o Marquês de Maricá que consultamos.

(206) *Coleção completa das Maximas, Pensamentos e Reflexões do Marquez de Maricá. Edição revista, e emendada pelo autor, augmentada com as Maximas, Pensamentos e Reflexões publicadas em 1814, 1816 e com as últimas Maximas, etc., do autor.*

pensamentos fortes e precisos, às vezes mesmo estremecidos de uma ponta de epigrama; muitos são naturalmente aforismas políticos, e um numero maior ainda anunciam uma moral das mais severas. No entanto, as maximas puramente filosoficas são as mais fracas, visto que lhes falta profundidade e originalidade. Alem disto, é de supor que numa coletanea destas, se encontrem numerosas repetições e lugares comuns, de sorte que ele ganharia muito, se as despojasse de boa parte delas.

Resta-nos falar de um homem que merece o nosso reconhecimento como escritor elegante e antes de tudo como lexicografo. E' o autor do mais completo dicionario da lingua portuguesa, Antonio De Moraes e Silva, nascido no Rio de Janeiro entre 1756 e 1758 (206a). Depois de ter frequentado as escolas de sua cidade natal, dirigiu-se a Coimbra para estudar direito, e ali obteve o grau de bacharel. Um acontecimento futil em si levou-o a ocupar-se de linguistica: seus amigos zombavam frequentemente de sua má pronuncia e de seus numerosos erros de linguagem. Moraes resolveu vingar-se e pôs-se a estudar a lingua materra com tanta energia, que logo mais, podia não apenas zombar dos regionalismos de seus condiscipulos, como ainda corrigir os erros de seus professores que, de acordo com a moda vigente, permitiam-se não raro o emprego de galicismos.

(206 a) Inoc. Franc. da Silva observa com razão no artigo do seu "Dicionario bibliografico" (I. p. 209) consagrado a Moraes, que a asserção de Pereira da Silva que o faz nascer (*Os Var. II.* p. 340) em 1777 deve ser erronea, visto que a primeira edição de seu dicionario apparecia em 1789. Teria então doze anos! Além disto, Varnhagen afirma "*Rev. do Inst.*", XV, p. 245, que Moraes em 1779 estava em Londres. Para o ano de seu nascimento, buscamos no informe de I. Fr. da Silva.

Em 1779, Moraes deveria passar por Londres, sem que se saiba a razão; Varnhagen, com effeito, viu um livro que trazia a inserção seguinte, da mão de nosso autor: Antonio de Moraes Silva — Londres, 1779.

Foi lá também que traduziu em sua lingua materna a parte da grande historia universal inglesa no que concerne a Portugal. Apareceu em 1788 em Lisboa sob o titulo de *Historia de Portugal, composta em ingles por uma Sociedade de Literatos, trasladada em vulgar com as adições da versão franceza, e notas do tradutor portuguez*. (Novas edições em 1802-28). Esta tradução é uma obra prima de estilo. Sua versão das recreações do homem sensível de Arnaud, (207) não é menos notavel.

O ano de 1789 viu apparecer a primeira edição da grande obra da vida de Moraes, o Dicionario da lingua portuguesa. Não era verdade mais do que um resumo habilmente feito da massa indigesta do lexico de Bluteau, mas a segunda edição (1813) é uma obra de importancia tal que é ainda hoje a principal autoridade em materia de linguagem, ao mesmo tempo que é a mais completa. (208)

Em 1802 Moraes estava de volta à sua patria. Estabeleceram-se em Pernambuco, onde instalou uma refinaria de açúcar. (209) Nem por isto abandonou

(207) *Recreações de Homem sensível, ou coleção de exemplos verdadeiros e pateticos, etc. Traduzido de Mr. Arnaud*. (Lisboa, 1821, 8º, 3 vol.).

(208) A sexta edição "melhorada e muito acrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão" appareceu em 1858 em Lisboa em dois volumes in quarto. V. sobre as diversas edições e seu valor o artigo citado de I. F. da Silva, *Diccion. bibliogr.*

(209) Varnhagen (*Hist. do Brasil*, II. p. 342) nos deixa supor que Moraes também foi perseguido pela Inquisição e

os seus trabalhos linguisticos e publicou no mês de junho de 1802 sua *Epítome da gramatica portuguesa* (tambem em Lisboa em 1806) e impressa juntamente com as edições posteriores de seu dicionario. Mandava tambem frequentemente a Lisboa materiais e correções para as novas edições de seu lexico.

Moraes tomou tambem parte na vida politica e accitou os cargos de capitão-mór do Recife e de coronel da milicia de Moribeca. Quando em 1817 rebentou a revolução de Pernambuco, foi nomeado membro do governo provisório, mas parece que se exonerou logo destas funções para recolher-se à vida privada. Seu carater rigoroso, sua retidão e suas maneiras assaz bruceas tornavam-no pouco adequado a conquistar o favor popular e fizeram com que arranjasse numerosos inimigos.

Morreu provavelmente antes de 1820. (210)

foi por este motivo que teve que voltar à patria. Eis suas palavras: "*Moraes livre das garras da inquisição, obtivera no principio do presente século licença para passar a Pernambuco, e na Moribeca se achava já em 1802*". Pereira da Silva (o. c.) afirma que ele exerceu a advocacia em Lisboa, occupou numerosos cargos nas diferentes localidades de Portugal e que voltou ao Brasil depois de sua nomeação ao posto de desembargador agravista do tribunal da Bahia. De acordo com o mesmo autor, demitiu-se deste cargo em consequência de dissensões com o chanceler e estabeleceu-se em Pernambuco como industrial. Se não damos estes dados no texto, é porque não são confirmados por Varnhagen, muito melhor critico.

(210) De acordo com Pereira da Silva (o. c.) morreu em 1826 de um amolecimento cerebral. Seguimos a biografia dada por Varnhagen na *Rev. do Inst.*, XV, p. 244-247. V. também *Rev. do Inst.*, XXIII, p. 495-496: *Noticia necrológica do Dr. A. Moraes, oferecida ao Instituto historico e geografico do Brasil por Sua Magestade o Imperador.*

QUINTO PERIODO
DE MDCCCXL ATÉ HOJE

CAPITULO XIV

A MONARQUIA SE CONSOLIDA — O GOVERNO E O PROPRIO IMPERADOR ENCORAJAM AS CIENCIAS E AS ARTES — A LITERATURA BRASILEIRA EMANCIPIA-SE COMPLETAMENTE SOB A INFLUENCIA DA ESCOLA ROMANTICA E DOS ELEMENTOS NACIONAIS — DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES.

Vimos até aqui a civilização européia, representada pelos portuguezes, conquistar o solo do Brasil, arrotea-lo e cultivá-lo. Em consequencia desta actividade, o desenvolvimento e a cultura intellectual deste pais e sua expressão mais intensa, a literatura nacional, não deveriam passar de reflexo das letras portuguezas e atraves delas das outras literaturas da Europa. Vimos em compensação os descendentes dos conquistadores e os colonos identificarem-se cada vez mais com a terra em que vivem e a natureza que os envolve. As gerações subsequentes, crescendo ao sol dos tropieos, favorecidos por esta natureza tão luxuriante e forçados a combatel-a; ora lutando com os filhos do deserto, os indigenas, ora mesclando-se a eles como mais tarde aos negros dão aso a que appareça uma raça nova, cujos sinais distintivos são um sangue mais ardente, um ape-

go mais filial ao solo fecundo do país, um sentimento mais forte de suas belezas, e uma confiança natural nela propria o que vem aumentar as victorias conseguidas sobre o deserto. Esta raça, numa palavra, desenvolve-se sempre, cada vez mais, diferente de seus antepassados portuguezes, sua organização fisica é modificada pelo clima e pela mestiçagem frequente, sua maneira de ver padece uma metamorfose completa, apparecem interesses particulares, opiniões politicas proprias e encontramos-nos enfim diante de um povo de individualidade muito acusada. Vimos as particularidades procurando revelar-se na literatura, malgrado sua dependencia das letras portuguezas; os poetas brasileiros, embora formados em Coimbra e regrando-se quanto à forma pela escola então em voga de Portugal, escolher de preferencia assuntos nacionais, emprestar suas imagens ao solo natal e penetrar-se cada vez mais de sentimentos patrioticos.

Santiago Nunes Ribeiro, poeta de talento, podia então dizer com razão: "A poesia do Brasil é uma filha da inspiração americana. Em vez de encara-la como uma bela estrangeira, como uma virgem das campinas da Hélade, transportada ao novo mundo, consideremo-la antes filha das florestas, educada na velha Europa, onde a sua inspiração nativa se desenvolveu pelo estudo e a contemplação da ciencia estrangeira. Se apesar disto, liga-se ao Brasil, é que este é o seu país e que ella teve assim consciencia do sentimento nacional."
(211)

(211) *Minerva brasiliense*, Rio de Janeiro, 1843, I, p. 16, no artigo "*Da nacionalidade da literatura portuguesa*", refuta com muita felicidade a asserção dos portuguezes em geral, de Gama e Castro em particular (*Jornal do Comercio*) de que os brasileiros não tem literatura própria, porque não tem

Vimos enfim que este sentimento nacional tímido ainda nos tempos da colônia ou mais ou menos revolucionário quando se atrevia a se mostrar, não se pronunciou de maneira franca e decidida senão depois da proclamação da independência do Brasil às margens do Ipiranga. (212) A constituição do quinto império, o estabelecimento da monarquia depois da proclamação da maioridade de Dom Pedro II e o estabelecimento de uma dinastia nacional impediram que o Brasil se dividisse em republiquetas e ensinaram aos Brasileiros a sentirem-se uma grande nação do Pará ao Rio Grande do Sul, do Alagoas a Mato Grosso. (213)

No entanto, as paixões políticas haviam-se acalmado e tinham se restringido seu domínio ao Parlamento, seu rumor muito pouco favorável às letras se calara; as palavras conciliadoras do Imperador haviam

uma língua particular e por conseguinte os seus poetas devem ser incluídos entre os portugueses.

(212) Magalhães fala nestes termos deste sentimento e das mudanças que produziu na literatura (Niterói, I, nº 1, p. 152). "*No século XIX com as mudanças, e reformas políticas, que tem o Brasil experimentado, nova face literaria apresenta. Uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma nova ideia até ali desconhecida, é a ideia da Patria; ela domina tudo, tudo se faz por ela, ou em seu nome*".

(213) Os políticos brasileiros de maior visão reconheceram todos que, em vista da pouca homogeneidade do povo brasileiro, só a monarquia poderia reunir os seus diversos elementos e fazer despertar os verdadeiros sentimentos nacionais. É o que prova à saciedade o *Bosquejo histórico, político e literario do Brasil...*, por um Brasileiro. Niterói, 1835 4º, pág. 74-75. V. também Pereira da Silva. O Brasil, seu imperador D. Pedro II, Revista do dois Mundos, 2º período, vol. XIV. Paris, 1858, p. 797-739.

moderado e aplacado os odios partidarios (214), o reino do industrialismo puro e da plutocracia não era exclusivo e tinha cessado de absorver todos os interesses; foi então que se sentiu de novo a necessidade de um alimento intelectual e que a aristocracia do ideal retomou os seus direitos. Enquanto que, antes, o sentimento nacional havia surdido na historia de maneira intermitente e antes subjetiva, poude desde então penetrar-la tornar-se objetivo, assimilar-se a ela e desenvolvê-la em todas as direções, conforme o espirito do seculo.

Ao Imperador deve-se a maior parte deste desenvolvimento. Dom Pedro II não se contenta em aunar e proteger as ciencias e as artes de reunir em sua corte os sabios e os artistas, de favorece-los não por um calculo como Augusto ou por vaidade egoista como Luis XIV, que não tinham outro pensamento senão o de concorrer ao engrandecimento de seu poder e à gloria de seu nome. Pedro II não faz das ciencias e das artes pedestal para a sua ambição, ama-as por si mesmas e conhece a fundo numerosos ramos. (215) Raramente

(214) Joaquim Manuel de Macedo, orador e poeta distinto do Brasil, traça-nos um perfil muito fiel destes tempos de perturbação politica e de sua influencia perniciosa sobre as ciencias e as artes. Os mesmos fatos se repetiram por toda a parte e vem acrescentar à verdade das palavras deste escritor. Ele as diz num discurso pronunciado em 1857 no Instituto Histórico e Geográfico (Rev. do Instituto his. e geog. do Brasil, XX, supl., p. 75-76).

(215) O célebre poeta Herculano, que jamais se acusará de lisonja, portuguez e liberal que era, diz já de D. Pedro II em 1847: "*E geralmente sabido que o jovem imperador do Brasil dedica todos os momentos que pode salvar das occupações materiais de chefe do Estado ao culto das letras... Não notais nestas tendencias do moço principe um simbolo do presente, e uma profecia consoladora acerca do porvir do Brasil!*" (Cantos de A. G. Dias, 3a. ed., Leipzig, 1860, 8º, I, p. XII).

deixa de assistir às sessões do Instituto historico-geografico; sob o seu reinado fundou-se grande numero de estabelecimentos de instrução e sociedades literarias (216) enquanto que outrora o jornalismo politico invadia tudo (217), viam-se apparecer revistas consagradas unicamente às ciencias e às artes.

A mais importante desta revista é a Revista frequentemente citada, publicação do Instituto Historico e geografico. A riqueza e a profundidade dos seus artigos não fazem mais que aumentar e como quase todos os poetas de talento são membros deste cenaculo, e atuam como secretarios ou oradores, esta revista é uma das fontes mais importantes da historia da literatura nacional, o que se prova com as citações frequentes que se fazem dela. Além disto, atua fortemente sobre o seu desenvolvimento. (218) Ao lado desta revista citemos

(216) Em 1856 havia no Brasil 2.460 escolas primarias e medias, frequentadas por 82.500 crianças. São Paulo e Pernambuco têm escolas de direito, Bahia e Rio de Janeiro, faculdades de medicina e matematicas. Não é mais necessario ir a Coimbra para adquirir-se instrução superior.

(217) V. *Progresso do Jornalismo no Brasil*, por Francisco de Souza Martins, *Rev. do inst.*, VIII, 1846, p. 262-275. Em 1846 havia no Brasil quase 80 jornais entre outros 17 scientificos e literarios; em 1835 estes últimos não iam alem de 5 e só se conseguiam manter por pouco tempo.

(218) Consulte-se a propósito do desenvolvimento deste instituto, sob o reinado de D. Pedro II, o relatório de Joaquim Manuel de Macedo, na sessão pública de 1854 (*Rev.*, XVII, supl., p. 8): "*O patriotismo que se deixará guiar pela sabedoria viu dentro em pouco a consumação de sua obra: o imperador do Brasil, abrindo-lhe as portas de seu palacio, chamou o Instituto para perto de si, faz refletir sobre ele o brilho de sua augusta magestade. e, graças a seu soberano influxo, uma simples associação de homens amantes das letras transformou-se em uma bela instituição do país*".

como importantes: *Niterói* (1836) *Minerva Brasileira* (1843), *Iris* (1847), *Guanabara* (1849) e *Revista Brasileira* (1857).

Elas formam seja centros literários destinados a reunir os melhores talentos e a publicar suas produções; seja ainda órgãos criticos cuja finalidade é a de expandir e cultivar o gosto, assim como fazer conhecer as opiniões mais recentes sobre os diversos pontos da literatura e da ciência.

Enquanto os acontecimentos que vimos de recapitular preparavam o solo do Brasil para receber a semente espiritual, a velha Europa via cumprir-se nela um rejuvenescimento, que só serviria para entreter mais ainda estas esperanças. (219)

A Europa não havia apenas se renovado do ponto de vista político pelo batismo de sangue da Revolução Francesa; tinha-o feito também literariamente pela confirmação do princípio popular, da fé numa espontaneidade natural e nacional, oriundo da Alemanha.

Este último fato restabeleceu na poesia a continuidade do desenvolvimento espontaneo, desembrançou-a dos entraves do pseudo-classicismo, e fez reconhecer o direito imprescindivel de todos os povos de darem acentos a seu genio particular. Chamou-se a este fato regeneração, romantismo, como se chamam romanas as linguas vulgares, os "patois" (lingua romana rustica) para opô-las à lingua latina erudita (sermo urbanus).

(219) No Brasil, o titulo de doutor e algum successo como professor são o meio mais seguro de chegar ás mais altas dignidades e a nobreza. Este pais não tem nobreza hereditaria e não conhece por consequente os privilegios de que goza uma aristocracia de nascimento. A maior parte dos homens de estado aqui já fez alguns ensaios poéticos e muitos deles criaram-se um nome na literatura como na politica.

O verdadeiro romantismo com efeito não é mais que a expressão do genio de um país, desembaraçado de todos os entraves da convenção. (220)

Esta libertação é obra da critica alemã. Os alemães vingaram-se da dupla escravidão, politica e litteraria, que os Franceses por longo tempo lhes impuseram, livrando enfim este povo tão feliz dos entraves pseudo-classicos e que haviam por tanto tempo forçado as outras nações a imitar a sua escravidão voluntaria; deram-lhe enfim consciencia de si mesmo e de seu valor. É verdade que os franceses resvalaram para extremo oposto, da escravidão numa liberdade sem freio. Em vez de darem de si, como outrora, uma imagem ingenua e fiel, caricaturaram-se e às vezes se teve o direito de pôr em duvida a verdadeira natureza e o direito a exis-

(220) As idéias accessorias que se ligaram a de romantismo, por efeito de sua decadencia, não fazem mais que confirmar a verdade etimologica e historica desta definição. É pelas mesmas razões que se chamou romantica ou melhor romance a arte da idade media propria dos povos modernos e oposta à antiga. Para restabelecer a continuidade de seu desenvolvimento espontaneo e para paralisar a influencia moderna dos humanistas, dos reformistas, do classicismo e do racionalismo, estes mesmos povos tiveram que voltar para traz e nutrir-se na fonte sempre abundante da idade media, época brilhante do desenvolvimento e que era mais conforme a seu genio. É por esta razão ainda que se confundiram as duas palavras idade media e romantismo. Mas como esta poesia e esta arte da idade media são excessivamente idealistas, comprazem-se no misticismo e no fantastico, foram-se dando sem razão ao romantismo as acapções mais variadas. Tomando o accessorio pelo principal, o romantismo moderno caricaturou ainda tudo isto e desacreditou o verdadeiro romantismo, de sorte que se deu este nome, nos domínios da arte e da poesia, a tudo o que é subjetivo, arbitrario, nebuloso, caprichoso e sem formas definidas.

fencia do romantismo. (221) São eles no entanto que em grande parte rehabilitaram o verdadeiro romantismo entre os outros povos neo-latinos. Obedecendo a este impulso, desembaragaram-se dos entraves pseudo-classicos e deu-se pieno surto a seu genio proprio. (222)

Esta libertação coincide com uma época tão favoravel à literatura do Brasil e de que já falamos. O romantismo contrain neste pais a união mais estreita com o "nativismo" tornando-se uma força.

Este precisaria desta união para tornar-se um elemento poetico e dispor de uma base positiva. Em tanto mais necessario que tinha sido até então antes negativo e em opposição à dependencia politica da metropole, sem libertá-la do jugo intellectual que Portugal lhe impunha sem poder fazer virem à tona os sentimentos que uma historia gloriosa produz num povo. Era-lhe preciso para legitimar-se, ligar o presente aos tempos pre-historicos, à época que havia precedido a conquista e a colonisação.

(221) Este fato poderia bem provocar o problema cuja solução o Imperador propoz no Instituto Histórico. Mostrou por ali mais uma vez como são grandes sua penetração e intelligencia. Eis o problema: *O estudo e imitação dos poetas romanticos promove, ou impede o desenvolvimento da poesia nacional?* O doutor Franc. de Paula Menezes, então secretario do Instituto respondeu à pergunta do Imperador numa memoria muito bem escrita e julgando corretamente o verdadeiro romantismo (v. Guanabara, I, p. 293).

(222) Os próprios brasileiros frequentemente reconheceram como a infancia franceza foi grande sobre eles, como sobre todos os povos neo-latinos. E por ela que o romantismo moderno contribuiu tão poderosamente ao desenvolvimento da literatura do Brasil. V. p. ex. de Magalhães, *Niteroi*, I, n. I, p. 149; Pereira da Silva, *O Brasil, seu imperador D. Pedro II*, o. c., p. 843; *Ecos da alma, poesias coligidas pelo poeta Macambuzio* (Batista Cactano de Almeida), Rio do J., 1956, 8º, p. 22-24.

O nativismo recebera do romantismo sua consagração ideal, o desenvolvimento interior tinha tomado muita consistência para que se pudesse realizar este principio, uma literatura nacional verdadeira tornou-se então possível. Faltava só que apparecesse um espirito de elite para proceer dar a vitória ao nativismo, para dar um corpo ao que estava no ar, para pronunciar o que estava nos lábios de todos, para emancipar a forma como já o espirito o havia sido previamente; não faltava numa palavra mais que a aparição do homem do século. E como sempre acontece nas épocas em que o coração de um país está prestes a transbordar, este homem appareceu tambem no Brasil e foi Domingos José Gonçalves de Magalhães, chefe da escola verdadeiramente nacional. (223)

(223) E o que reconhecem e proclamam seus compatriotas e mesmo os mais bem dotados dos seus emulos. Um dos primeiros criticos do Brasil, F. S. Torres Homem, saudou os "Suspiros Poeticos e Saudades" com as seguintes palavras: (Niteroi, I, nº 2, p. 251). *"Esta produção de um novo genero é destinada a abrir uma era á poesia Brasileira. Permita Deus, que ella não fique solitaria no meio da nossa literatura como uma suntuosa palmeira no meio dos desertos. Apesar de tudo cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do autor dos "Suspiros poeticos". Dissemos apesar de tudo, por que nós outros Brasileiros não podemos sofrer reputações"*; etc. Na revista citada (p. 239). Pereira da Silva diz do autor dos Suspiros: *"ao autor compete a duplice coroa do primeiro lirico brasileiro, e de chefe de uma nova escola"*. Norberto de Souza Silva começa por Magalhães o ultimo periodo de história de literatura do Brasil. Diz (Molul., p. 47): *"Em sua aparição no estadio da literatura brasileira, com um opúsculo de belas poesias, o Sr. D. J. G. de M. foi saudado pelas notabilidades do país e Evaristo Perreira da Veiga e o visconde de Cayru lhe tributaram publicamente não imeritos encomios, e tanto mais que... — ha tempos de nossos prelos não saia um opusculo*

Magalhães pertence a uma família nobre de Portugal e nasceu a 13 de Agosto de 1811 no Rio de Janeiro, onde fez os seus primeiros estudos. Como aconteceu quase sempre no Brasil, para chegar às funções civis, nosso jovem escritor obteve o seu título de doutor na Faculdade de medicina, que a par da de mathematica era a única sediada no Rio de Janeiro. Fez-se conhecer por cursos publicos de retórica e philosophia e deu então provas de sua vocação poetica e que fizeram sensação. Em 1832 appareceu com effeito no Rio de Janeiro, sob o titulo de "Poesias" uma reunião de seus poemas que denotavam grande talento. Magalhães, na verdade, segue aqui ainda os caminhos trilhados e

que tanto lustre desse a nossa litteratura, e que fizesse apparecer em tanto relevo o bom engenho brasileiro". E Minerva, p. 115: "O qual (Magalhães) dando o signal para a reforma se constituiu chefe de uma revolução toda litteraria, e marca nos annos da litteratura do Novo Mundo uma epocha brilhante de poesia". Santiago Nunes Ribeiro no seu artigo: Da nacionalidade da lit. bras. (Minerva, p. 23) em que distingue tres periodos na historia litteraria do Brasil, designa Magalhães como o representante da terceira: "Terceira epocha. O seu representante legitimo e natural é o Sr. Dr. Magalhães". D. Manoel de Araujo Porto-Alegre um dos poetas dos mais célebres dos tempos modernos, disse sobre Magalhães (Guanabara, II, p. 42): "Foi o Sr. Magalhães, o Garret brasileiro, e para melhor o dizer, o fundador da nova escola. Foi ele quem contrabalançou a gloria do poeta portuguez, precedendo-o na reforma do teatro, com duas tragedias, etc.". Francisco de Paula Menezes diz do mesmo na Revista brasileira (1855, Rio de J., p. 15) que seis anos antes ele já havia estudado com grande cuidado as obras de Magalhães, e continua nestes termos: "Porem agora, como agora... o consideravamos como reformador, o chefe da escola moderna, cujos esforços levaram de vencida a todos os velhos e gustos preceitos de uma poetica universal e eterna, e que animando a mocidade que estusiasmada o seguia, guiava seus mal seguros passos pelos destrilhados caminhos da arte".

nota expressamente no seu *Prólogo*, (p. 4) “Nossos mestres: isto é, aqueles que mais se avantajarão na Poesia e que nos podem instruir com seu exemplo; bem como Ferreira, Camões, Diniz e Filinto Elysio”. São descantatas, elogios dramaticos, poesias de circumstancia, patrioticas, nas formas classicas sancionadas pelo uso, com o luxo habitual de allusões mitologicas e o pathos estereotipado. Muitos dentre estes fragmentos denotam no entanto uma maneira de ver mais independente como a “Epistola a Marilia”. Outros fazem notar esta profunda absorção filosofica que, reforçada mais tarde, deverá constituir um dos traços dominantes das poesias de Magalhães. Citemos (p. 207 ss.) “Noites Melancolicas” (O que é o Homem; — A morte; — As misérias do genero humano; — Os amigos) em que se entregando, não obstante a sua mocidade, a disposições elegiacas, nos deu algo de equivalente às Noites de Young.

Em 1833 fez sua primeira viagem a Europa e foi em 1836 adido à embaixada de Paris. Era a epoca do maior desenvolvimento do romantismo na França e este movimento não poderia deixar de causar a impressão mais forte sobre o espirito tão bem dotado de Magalhães e de emancipá-lo completamente dos entraves da escola classica, tanto mais que sempre fora independente. O poeta depôs os fratos destas impressões e desta disposição de espirito numa serie de poemas elegiacos, publicados sob o titulo de “Suspiros Poeticos e Saudades” em 1836 (2.^a edição revista e corrigida 1859-8.^o). Este volume nos revela um Magalhães emancipado das cadeias da imitação e do classicismo convencional e abandonando-se a seu genio nacional e

individual (224). Esta coletanea fez epoca na literatura do Brasil. Antes, ele já se havia dedicado principalmente ao teatro; então escreveu as suas primeiras tragedias brasileiras e mostrou o caminho a seus successores. (225)

No entanto, Magalhães entrou na carreira diplomatica e voltou de novo à Europa, onde occupou os postos de encarregado de negocios do Brasil junto às cortes de Napoles e Turim. Desde 1859 que é ministro residente em Viena. (226)

Magalhães cumpriu sua missão poetica e consagrou-se-lhe com entusiasmo verdadeiro, grande seriedade e plena consciencia de seu fim. Expressou-se, a este respeito, na "Advertencia" dos "Suspiros" e no seu prólogo "Invocação ao anjo da Poesia" com a precisão de um homem que não perde de vista o alvo de seus esforços.

Na "Advertencia" ele diz: "Para bem julgar esta obra, é preciso ter em vista tres coisas: o fim, o genero e a forma".

Seu fim é o de reconduzir a poesia à sua fonte, o ideal e a divindade, tal como a religião cristã no-la

(224) "*Este homem*", diz Araujo Porto-Alegre de Magalhães (*Guanabara*, II, p. 42) "*filho da escola parnaseana, fiel adorador de Jupiter e de Apolo, voltou da Europa renascido, e regenerado, trazendo consigo um livro que intitulou: Suspiros poéticos*". V. também Norberto de Souza Silva, *Modul.*, p. 50.

(225) Apareceram no Rio de Janeiro em 1839 e em 1841; Magalhães traduziu também numerosos fragmentos de peças de Ducis, de Arbaud, etc. Falaremos mais em detalhe das produções dramaticas do poeta no capítulo consagrado aos dramas do quinto periodo.

(226) Devemos estas informações à gentileza do próprio poeta.

revelou; quer afastar desta fonte a profanação da trivialidade e mostrar o caminho aos poetas de sua pátria.

Este fim bem definido inspirou-lhe o genero a escolher. Com effeito, a imitação dos modelos classicos não bastava, nem uma inspiração fingida, nem um entusiasmo artificial; os lugares comuns ordinarios, as allusões tomadas de empréstimo à mitologia, não eram mais possiveis.

Quanto à forma de sua escolha (entendemos por aqui a estrutura dos versos, das estrofes, e das proprias poesias) Magalhães não se deixou entrar nem pela uniformidade recebida, nem pelos generos typicos. A maior parte de suas produções são concebidas em ritmos e em estrofes alternando livremente (silvas) a marcha das idéias e o grau de seu entusiasmo, e como ele explica: "*Nenhuma ordem seguimos, exprimindo as idéias como ellas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração*".

Ele enfim caracterizou com mão de mestre seu livro no seu conjunto: "É um livro de Poesias escritas segundo as impressões dos lugares; ora assentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos imperios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gotica catedral admirando a grandeza de Deus, e os prodigios do Cristianismo; ora entre os eiprestes que espalham sua sombra sobre tumulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Patria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da Natureza, diversas como as fases da vida mas que se harmonisam pela unidade do pensamento, e se ligam como os aneis de uma cadeia; poesias d'alma e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas."

Na Invenção ao Anjo da Poesia, Magalhães pronunciou-se de modo não menos claro sobre o novo caminho no qual se havia empenhado e sobre estas relações com a antiga poesia cultivada também por ele. Ele não quer seguir os traços das musas helenicas e só quer receber de hoje em diante as suas inspirações da patria, da natureza e do Senhor da Criação. (227)

(227) Damos aqui no original a passagem da poesia do nosso poeta que anuncia este Caminho novo:

*Custas Virgens da Grecia,
Que os sacros bosques habitais do Pindo!
Oh Nomes tão saguciros,
Que c berço me embalastes
Com risos lisongeiros,
Assás a infancia minha fascinastes.
Guardai os louros vossos,
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
Adeus, ficções de Homero!
Deizai, deizai minha alma,
Em seus novos delirios engolfar-se,
Sonhar co'as terras do seu patrio Rio.
Só de suspiros corar-me quero,
De saudades, de ramos de ciprestes;
Só quero suspirar, gemer só quero,
E um cantico formar co'os meus suspiros
Assim pela aura matinal vibrado
O anemocordio, ao ramo pendurado,
Em cada corda geme,
E a selva peja de harmonia estreme.*

*Já nova Musa
Meu canto inspira;
Não mais enpunho
Profana lira.*

*Minha alma, imita
A Natureza;*

Um entusiasmo verdadeiro pela revelação divina do cristianismo e pelo bem da patria, um sentimento muito vivo das belezas da natureza, um exame atento de sua semelhança com a vida humana, das meditações morais e religiosas inspiraram com certeza estes suspiros e aspirações poeticas: nada de frivolo, vem perturbar-lhes a harmonia, e o tom elegiaco de que transbordam, o proprio amor não encontra aí senão raramente um lugar e sempre de maneira seria e ideal.

Estas poesias dirigem-se principalmente ao coração e à alma, às meditações e aos sentimentos profundos. O pensamento obteve aqui uma victoria completa sobre a forma, de que desprezam o encanto sensual.

Se se pensar no abandono de tudo o que era até então consagrado, neste predomínio da reflexão e da especulação, tão rara entre os meridionais, nesta negligencia de forma, duplamente sensiveis para eles, e enfim na monotonia que tornavam inevitavel a ideia fundamental do poeta, e a harmonia consequente do seu pensamento, será causa de espanto o que Magalhães ousou. Reconhecer-se-á ainda mais seu brilhante successo, sua influencia imensa sobre a poesia do Brasil, sua importancia relativa e absoluta.

Sua originalidade não padece nenhuma infração pelo fato dele haver conhecido o romantismo francez. As "Meditações" de Lamartine principalmente são talvez a impulsão exterior que lhe fez depôr nas suas

*Quem vencer pode
Sua beleza?*

*De dia, o noite
Louva o Senhor
Canta os prodigios
Do Criador.*

poesias, livre de qualquer entrave, o que o animava, seu ser inteiro. Não vemos aqui mais do que a necessidade que um poeta sente de não se fiar, a não ser nas suas próprias forças, pois só elas podem dar-lhes consciência de si mesmo e desenvolver toda a sua originalidade. Mas é preciso que se tenha força e originalidade para responder a semelhante apelo.

Damos aqui, como provas deste poder, a poesia de Magalhães intitulada "Deus e o Homem" em que descreve o entusiasmo que o tomou no cume dos Alpes. É poema cheio de grandes imagens da onipotência de Deus e do destino do homem, de pensamentos sublimes sobre o infinito e a immortalidade, e finalmente os seus votos mais ardentes pela prosperidade da patria. A "Ode à Velhice", não é menos tocante. Ela lhe dita o fatal. Basta, mas consola-o, fazendo-o ver os mysterios da vida eterna, o despertar no seio de Deus. Que expressão verdadeiramente elegiaca, o poeta não nos deu da curta extensão da vida humana, ao pensamento que o agarrava, fazendo a sua ultima poesia que poderia ser o seu "canto de eisne".

A mais conhecida de suas produções é a dirigida a Napoleão em Waterloo. Pode-se não concordar com a idéia do poeta que na ultima frase principalmente, fazia de seu heroi um apostolo da liberdade, mas força é que se reconheça que conseguiu pôr em sua ode toda a grandeza e a energia proprias à situação e ao caracter do imperador.

O tom elegiaco que se revela em todas as suas produções, a predominancia da reflexão e da especulação e a tendencia a consolar-se das misérias e das duvidas da vida pela crença na eternidade e num existianismo positivo, são expressas ainda mais fortemente num segundo livro publicado em Paris (1858 in-12)

sob o título de *Os Mistérios, Cântico funebre à memoria de meus filhos*. Devemo-los sobretudo ao despeçamento produzido no coração do poeta pela morte de tres filhos na infancia.

Nos oito cantos de "Misterios" encerrados neste volume, descreve o que a morte lhe arrebatou, (Misterio I, A Morte) queixa-se amargamente de cruéis decepções, dos contrastes misteriosos da vida humana (Mist. II — Lamentações) desperta numa apostrofe simples e tocante a sua companheira de sofrimentos, todas as recordações que os ligam aos seres perdidos (Mist. III Recordações Dolorosas). No quarto canto (Mist. 4 — O Letargo) o poeta cai esgotado pela dor num sono letargico, logo seguido de sonhos; vê-se arrebatado à terra que se confunde com todos os mundos numa mar de luz; vê-se transportado para a fonte desta luz, para Deus, para o reino das almas immortais (228); encontra aí, deliciado, todos os seus e seu ultimo filho dirige-lhe estas palavras: "Luta, espera, porque a vida terres-

(228) A immortalidade da alma é expressa nos versos seguintes de maneira a um tempo metafisica e poetica:

*Livres as almas da visão aérea,
De sentidos mortaes mera apparencia,
O nada conheciam da materia.*

*E na mente de Deus, na eterna essencia
Que é do tempo e do espaço a Realidade,
Ser teem clis, e propria consciencia.*

*Eu concebia então essa verdade,
Que agora me parece transcendente,
Depois que me acordei na falsidade.*

*Como sem corpo estão na humana mente
As idéias, que vivem na memoria,
Assim tudo ali'stava a Deus presente.*

tre não passa de uma purificação para a dos céus". (Mist. V. A Visão) Despertando, o poeta ainda está inundado da realidade da visão (Mist. VI. A Consciência) mas esforça-se em combater as duvidas que fazem nascer nele a filosofia ou antes o racionalismo (Mist. VII. A Duvida.); e encontra enfim a tranquilidade na fé (Mist. VIII. A Fé) Este ultimo canto é em tercetos como o quinto, e recorda A Divina Comedia pela forma como pelo surto místico. (229)

Nas obras de que falamos, o filosofo eclipsa o poeta, a forma subordina-se ao pensamento; mas Magalhães, surpreende-nos grandemente com sua "Urania" (Viena, 1862, 8.º). Espanta-nos ainda mais, mostrando-se-nos sob luz muito diversa e isto já numa idade avançada; põe-se a cantar o amor e prova que a forma lhe é tão familiar quanto a outra, que sabe pôr em relevo os encantos de uma versificação melodiosa e sem defeitos. Este livro é uma homenagem tão entrecida quanto merecida, ofertada a sua esposa; no poema chamado "Anagrama", diz com efeito muito galantemente, que embaraçado em achar o titulo conveniente para o seu livro gritou como um inspirado "Urania!" anagrama do nome de sua esposa "Janua-

(229) Note-se a beleza da comparação da fé com o menino hesitando e levado pela terna mão de sua mãe:

*Se evidente a verdade não fulgura
A Fé a supre; assim mãe vigilante
O tenro filho pela mão segura.*

*Caminhar ela o deixa vacilante
Só para o exercitar; mas carinhosa,
Se o vê cair, o alça ao peito amante.*

*Oh doce Fé! oh luz misteriosa!
Tu me elevas a Deus! Por ti eu creio
Que minha alma será no céu ditosa.*

ria". Mas esse titulo convem ainda a seus poemas e num sentido mais alto: é Venus Urania, o amor extreme, o amor emanado de Deus e vivificando o universo, este principio criador que anima e enche todas as coisas e inspirou estes cantos do poeta. Admiramos a beleza dos versos do "Hino ao amor", em que se pronuncia sobre este assunto. De que maneira ideal é comprehendido na poesia "Não sentes o amor?" este sentimento que envolve a natureza inteira e que faz vibrar todas as suas cordas!

Quando Magalhães desce destas alturas sublimes, fá-lo com uma ligeireza e uma graça que encantam. (V. a esse respeito a poesia "A Predição da Cigana"). Além disto, enriqueceu a prosodia portugueza de um novo metro, o de nove silabas. São versos masculinos, com tres acentos como na poesia, "O Caçador" em que exprime tão bem a repugnancia que sente um coração cheio de verdadeiro amor em encontrar prazer na morte de animais innocentes.

A epopéa que tem por titulo "A Confederação dos Tamoios" (Rio de Janeiro, 1857 in 4) tornou o nome de Magalhães mais illustre ainda que em virtude de suas poesias liricas e dramaticas.

Os brasileiros herdaram de Portugal uma predileção mareada pela epopéa e procuraram, como eles, exprimir os seus sentimentos sob forma epica, através dos cantos heroicos. Mas tinha em relação a mãe patria grande desvantagem. Sem herois indigenas e sem epica verdadeiramente popular, só podiam attribuir suas façanhas aos colonizadores portuguezes e seus descendentes. É por isto que Basilio da Gama e Santa Rita Durão, obrigados pela historia a celebrarem os portuguezes como vencedores, nem por isto deixaram de fazer incidir sobre os indigenas uma luz favoravel

e faze-los centro do interesse principal. Esta tendencia nativista dos brasileiros, que já se havia entremostrado nos tempos da colonia, fortificou-se naturalmente depois da proclamação da independencia do pais e das lutas que teve que sustentar contra os portuguezes. Os poetas brasileiros entregaram-se a este movimento e tiveram que tomar por motivos ou as tradições dos indigenas e suas lutas anteriores à sua completa submissão, ou antes os tempos mais recentes, as guerras de independencia, cujos ferimentos ainda não estavam cicatrizados. Nestes dois casos apenas lhes era possivel pôr em cena os brasileiros ainda livres, ou recém-libertos, em opposição com os opressores portuguezes. Todos sabem como se deve numa epopeia evitar o trato de acontecimentos recentes e paixões ainda mal sopitadas. Este genero exige do poeta que se coloque acima destas mesmas paixões e que jamais suas ondas não venham alterar sua ingenua imparcialidade. A historia literaria do Brasil fornece-nos numerosas provas desta verdade. Basta que recordemos a este proposito *Paraguassu* de Ladislan dos Santos Titara e citar ainda *A Independencia do Brasil, poema épico em XII Cantos* (Rio de J. 1847-1855. 2 vol. 8.º), poeta de resto cheio de meritos e a que voltaremos depois. Provou por este ensaio seus sentimentos patrioticos, porem mostrou ao mesmo tempo tratar um assunto moderno e contudo à maneira tradicional, em numerosas oitavas e com todo o aparato mitologico tão usado, o que leva facilmente à parodia.

Poi pois com grande tacto que Magalhães tomou por assunto de sua epopeia nacional a epoca em que a maior parte dos aborigenes ainda conservava sua independencia e não tinham sido subjugados ou expulsos para o interior, após lutas longas e sangrentas.

Contentava assim o nativismo, celebrando os brasileiros tornados livres na pessoa de seus antepassados ainda independentes e fazendo destes ultimos, hero's de seus poemas. O elemento tragico reside no fato de os indios acabarem por ceder diante das forças superiores da civilização; mas o autor representa-os como defensores da justiça e da liberdade e opõe-se aos portuguezes que, malgrado todas as vantagens, não propagaram a cultura, mas exploraram-na num objetivo de egoismo puro. A escolha de semelhantes paladinos forneceu ao mesmo tempo a Magalhães dois elementos epicos no mais alto grau: o heroismo indigena, embora um pouco grosseiro e ineulto, e um fundo de cena maravilhoso, seus mitos, suas tradições e seus usos.

Magalhães, na verdade, celebrou no seu poema as vitorias recentes do nativismo e a independencia que foi seu resultado. Mas disso ele só faz referencia de passagem e numa visão. São Sebastião aparece a um dos chefes indigenas, Jageanharo, sobrinho de Tibirigá, fá-lo entrever a grandeza futura do Brasil e seus filhos recordando-se mais tarde com orgulho dos indigenas, seus pais ainda livres. (230)

(230) O poeta insiste neste ponto e diz falando do celebre patriota José Bonifácio de Andrada, regente durante a minoridade de D. Pedro II (p. 171):

*E desse sabio Andrada, que se ufana
Co'os illustres irmãos de ter nas veias
Sangue de Tibirigá e dos Tamotos.*

E pág. 172:

*Vê dos Tupis as descendentes tribus
Como all se recordam quo pelesjam
Contra os filhos dos seus perseguidores.*

Pode-se considerar com um crítico brasileiro (José Soares d'Azevedo, *Revista brasil.* I, p. 59) a epopéia de Magalhães *um grande brado nacional sob a forma visível d'uma epopéia*, o entusiasmo com que foi acolhida prova-nos que o poeta foi feliz pelo menos na escolha do assunto e que se pegou às idéias então dominantes. (231) O Imperador Dom Pedro II, este monarca de que se admiram o facto politico e o pendor artistico não se contentou em aceitar apenas a dedicatória do poema. Dignou-se de fazer publicar às suas expensas uma edição de luxo.

Se o patriota tinha sido feliz na escolha do assunto, o poeta não o foi menos na escolha do metro e do tom. A epopéia de Magalhães, é em endecasílabos brancos, verso que não passa de uma modificação do ritmo épico das nações romanas, dos decassílabos das Canções de Gesta. Ele é mais popular, mais livre, mais energico, e mais conciso que as "ottave rime" tão facilmente monotonas e provocando a enfase. O emprego da rima, principalmente nas passagens mais líricas, teve o pendor de aumentar o efeito de conjunto.

Quanto ao tom que reina em todo o poema, aproxima-se de tal modo da antiga epopéia que cai algumas

(231) I. Fr. da Silva prova o successo unanime que obtve o nosso poema (*Dicion. bibliogr. portug.*, II, p. 188). "*Este poema... obtve o sufragio e aplauso quasi universal dos criticos e literatos brasileiros*".

Sabemos de resto muito bem que a critica indigena não se manifestou unanimemente. V. p. ex. "Carta sobre a Confederação dos Tamoios" por I. G. (J. d'Alencar), Rio de Janeiro, 1856, 8.º. Mas estas críticas são ou bem inspiradas por inimizade pessoal ou antes se limitam a frisar alguns pequenos detalhes. Cfr. a publicação recente "A Polemica sobre a Confederação dos Tamoios", por José Aderaldo Castelo, S. Paulo, 1953. (N. do T.).

vezes no prosaico. As passagens em que o autor faz uso do estilo enfático são raras. A critica brasileira louva a cor local da "Confederação dos Tamoios", e que é de fato uma das qualidades do poema; ela manifestou-se competentemente a este respeito. (232)

A análise seguinte provará aos leitores até que ponto o poeta acertou na concepção do conjunto e na execução dos detalhes.

Magalhães celebra em dez cantos as lutas de numerosas tribos índias ainda livres e principalmente os tamoios que estavam à frente delas. Haviam-se aliado para defender o litoral, principalmente a baía do Rio de Janeiro, contra os portugueses, cujo alvo era conquistar um territorio da maior importancia para eles. A victoria coube a estes ultimos, malgrado os socorros fornecidos aos confederados pelos francezes que a tomada do forte de Villegagnon dispuseram. O resultado desta luta foi a fundação do Rio de Janeiro e o estabelecimento definitivo do grande imperio brasileiro. Assunto eminentemente patriótico e do maior alcance!

O poeta abre o primeiro canto por uma invocação, para não violar desde o inicio as regras legadas. Mas não é às Musas que pede auxilio; é ao sol brilhante e à natureza grandiosa de sua patria, que lhe oferece oportunidade para uma descrição pomposa do Brasil e principalmente seus dois grandes rios, o Maranhão

(232) V. a comunicação de José Soares d'Azevedo, que diz (p. 133): "A cor local que o Sr. Magalhães espalhou em todo o drama, constitue o principal merito da sua epopéa". J. M. Macedo fala no mesmo sentido (Rev. do Inst., XIX. supl., p. 101): "No poema de Magalhães a ação é vasta, unica, interessante e patriótica, ... as descrições ficis, porque apresentam a cor local, a frase é sempre correctá e o estilo simples".

e o Pará. Depois de breve descrição do estado dos aborígenes, das consequências, para elles fatal, da invasão portugueza e de seu odio implacavel para com os conquistadores, (233) o poeta faz o seu herói Airbire, o mais valoroso dos chefes dos tamoios. Mal saído das prisões portuguezas, só respirando vingança e tomado de seu projeto de reunir todas as tribos para enfrentar os opressores, volta à Gaven, seu pais natal e vai aconselhar-se com o velho cacique Pindoboçu. Encontrou-o no momento de enterrar seu filho, morto pelos portuguezes, defendendo seu irmão Iguassu, que estrangeiros queriam arrebatár.

A vítima dos portuguezes, era amigo e companheiro de perigos de Airbire. Depois de ter ouvido o relato do pai, este ajuda-o a excavar uma tumba, jura vingar a morte de seu amigo e assegura-se o consentimento de sua tribo para a grande obra da libertação.

(233) Vemos aí apparecer um traço fundamental do poema: seu autor toma sempre o partido dos indígenas. Representa-os corajosos, desprezando a morte e sobretudo amando a liberdade. Os indios não recelavam o estrondar dos canhões, pois que estão acostumados aos trovões de seu país, bem mais terrivel ainda. Detestam os grilhões do cativeiro, que os portuguezes querem impor-lhes, de que grande parte na sua patria levaram-nos como criminosos. Este último facto é historico:

*Não, dos canhões não foi o éco estrondoso
Que ao Indio impoz terror; nem mesmo a morte
Que mortes e trovões terror não causam
Aos filhos dos sertões, à guerra afeitos,
Que livres desluzavam vida errante;
Foi sim o cativeiro, algemas foram,
Que alguns, ora colonos, dos seus pulsos
Aos pulsos dos indígenas passaram:
Alguns, ora colonos, mas outr'ora
Em Lisboa réos infames se oprimiam
De empestadas prisões nos subterrâneos.*

O segundo canto nos conduz ao meio do conselho dos chefes dos tamoios e de outras tribos confederadas. Todos são de aviso de que devem defender a liberdade comum com armas na mão; a opinião mais ousada prevaleceu; foi a de atacar e surpreender os portugueses. O poeta aproveitou-se desta ocasião para descrever-nos os costumes dos indígenas, entre os quais os tamoios se distinguem por sua bravura e seu progresso. Descreve, com todo o relevo de que a epopéia é capaz, os principais paladinos, suas pessoas, seus costumes, suas armaduras, e caracteriza-os habilmente por seus discursos no conselho. Vemos aqui o velho cacique Pindoboçu, de atitude nobre e todo envolto de plumas negras em sinal de luto; a seu lado, seu outro filho Parabaçu, de porte gigantesco e expandindo ao longe o terror por seu aspecto feroz; ele despreza os ornatos de penas; seu manto é feito de uma pele de jaguar e encouraçam-no carapaças de tatu. Debaixo do braço, traz uma inubia, cujo apelo terrível só ressoa para o ataque e a retirada. Jagoanhara, filho do cacique Ararai, não é menos ardente e belicioso, porém é mais generoso e bem dotado; seu pai repousa a seu lado sobre um feixe de flechas e encara-o fixo e sombrio. Ambos são revestidos de uma pele mosqueada de tamanduá, ambos nutrem um profundo ressentimento pela defecção de Tibiriçá, irmão de Arari, que passou aos portugueses com seus guaianases, fazendo-se batizar. Aparece também Coaquira, o velho profeta e cantor, interprete da vontade de Tupã, que ele manifesta pelo trovão. Coaquira, que conhece todos os remedios que curam as mordidas de serpentes. É ele que os exorta a deliberarem sobre o seu plano de campanha. Mas todos são ultrapassados em ousadia, força e experiencia por Aimbire, que passou longos anos entre os portu-

gueses para esperar a morte de seu pai reduzido por eles à escravidão, para abrandar sua sorte e preparar sua vingança. Estudou a tática dos portugueses e o emprego das armas de fogo; combateu com os francezes contra os lusos, até a tomada de Villegagnon; nesta ocasião foi feito prisioneiro e foi levado para um barco de Mem de Sá, mas fugiu a nado, e aliou-se a alguns francezes fugitivos como ele para moverem juntos uma guerra encarniçada aos portugueses. Aimbire relata estas aventuras no discurso que pronuncia no conselho e procura dar à assembleia a coragem de atacar os estrangeiros. Seu exórdio é característico e reflete bem o espirito destes selvagens. Depois de ter invocado a Tupã como testemunho dos perigos que sofreu, anuncia ter sabido dos europeus os segredos que lhe permitem penetrar os de Tupã, porque o seu raio atinge seguramente seu alvo como o do Grande Espírito. A estas palavras, tira do peito uma pistola e mata um passaro que lhe sobrevoava a cabeça.

Após este discurso entusiasta, toda a assembleia decidiu-se à guerra; mas antes, a conselho de Aimbire, mandou-se Jagoanharo a seu tio Tihiriçá com o objetivo de tentar tudo para reconduzi-lo aos seus e fazê-lo renunciar à sua apostasia.

O terceiro canto é consagrado à descrição dos campos dos tamoiros antes da partida. É para o poeta nova ocasião de familiarisar-nos mais com os costumes dos indigenas. Uma tropa de francezes chega e é recebida com entusiasmo, sendo magnificamente tratada. Entre estes estrangeiros, encontra-se Ernesto, jovem de beleza tão impressionante que Potira, filha de Aimbire, se sentiu logo atraída por ele, e exprime os seus sentimentos com uma ingenuidade de um fillo da natureza. Ernesto, fascinado aos encantos e à ingenui-

dade da jovem, pede a sua mão a seu pai; este promete atendê-lo, mas apenas depois da expulsão total dos portugueses, cujos pés não devem pisar os ossos dos seus pais. Depois vem a descrição da festa de adeus dos guerreiros. Coaquira, o profeta, galga uma coínoa, toma nas mãos uma taça formada pelo crânio de um inimigo e cheia de licor sagrado. Iluminado pelo pallido clarão da lua e ao brilho vermelho de fogo do acampamento, entoa o hino de guerra que os tambores repetem em eco e acompanham de suas dansas.

A festa é seguida dos adeuses amargos dos guerreiros que se despedem dos seus. Aimbire deixa também a sua noiva Iguassu, filha de Pindobogu, a única que pode substituir a sua primeira esposa. A cena é tocante, sem tornar-se piegas; Aimbire está sempre possuído de pensamentos de vingança e jura fazer pagar sua separação aos inimigos cujos filhos degolará à vista das próprias mãos. Assustado por estas ameaças, Iguassu pede-lhe que poupe os inocentes e recorda-lhe o que ele proprio lhe havia dito da doutrina dos cristãos e de seu Deus que pune semelhantes maldades com o fogo eterno. (235)

(235) *Não mates, não, Aimbire, os inocentes
Filhinhos desses homens, que banhados
São ao nascer em agua misteriosa.
Tu mesmo me contaste, que eles dizem
Que quem matar tão deveis criaturas
Abraçado será lá n'outra vida.
Eles são do seu Deus tão protegidos,
Que os raios e os trovões lhes obedecem,
E se escondem nas suas espingardas.
Tão forte é o seu Deus, que até parece
Que Tupan o respeita e o adora.*

Mas esta exortação ao temor não faz mais que aumentar a colera de Aimbire; ele responde com a firmeza de

O canto quarto, de acordo com nossa maneira de ver é o mais belo e o mais rico em cenas originaes. Mostra-nos o exercito dos aliados partindo ao nascer do dia. Iguassu subiu a uma montanha, para lançar o ultimo olhar aos guerreiros que ella vai acompanhando até que o ultimo haja desaparecido na floresta. Então se eleva a seu lado o canto melancolico do sabiá; ella tambem dá vasão a suas dores e a seus sombrios sentimentos num canto funebre e os ecos repetem as palavras finais de cada estrofe.

Ao por do sol, o exercito chega a uma floresta virgem. Para afastar os animais ferozes, acendem-se centenas de fogos e cada um procura um abrigo nos ramos das arvores. O poeta não se esquece de nos pintar com as cores mais vivas o crepusculo dos tropicos, a chegada da noite no deserto, e a vida misteriosa dos animais que o habitam. Lastima no entanto, não por modestia exagerada mas para dar a seu amigo um lugar em seu poema, sua impotencia em descrever cena tão pitoresca e assegura que o pincel de Porto Alegre o conseguiria melhor. (236)

um selvagen que tem confiança na força de seus "procellosos braços":

*"Adore-o quem quizer, qu'eu não o adoro!"
 Já em furor Aimbiré lhe responde;
 "Nem ele, nem Tupan, quanto n'ais homens
 Afrontar poderão a tempestade
 De flechas, que obnubrar vai o seu campo.
 Braços de Aimbiré, procellosos braços
 Acaso alguma vez frouxos tremestes
 Cangãos e gibóias subjugando?
 Alguma vez tremestes quando a morte
 Em cada seta aos Lusos enviastes! etc."*

(236) V. o capitulo seguinte sobre este distinto cidadão, que depois trocou o pincel pela lira e que nem por isto se tornou menos célebre. Respondeu a esta passagem em seu Colombo (V. Rev. bras., I, p. 114-123).

A noite aproxima-se de seu fim, quando ressoa na floresta como que um eco surdo e longinquo; o mesmo grito repete-se e parece semelhante ao grasnar dos corvos; os que o ouvem, tomam-se de panico. Enfin se vê chegar uma figura humana, tendo à mão, uma flecha encimada por um craneo de que sai uma luz sinistra e fumaça; é um Pagé. Ele recrimina Coaquira e Aimbire de haverem empreendido esta expedição sem consultar nem a ele nem ao oraculo; e profetisa-lhes desgraça e aconselha-os de abandonarem o pais aos portuguezes e de se retirarem com os ossos de seus pais para alem das montanhas, cuja inacessibilidade garantirá sua independencia. Aimbire furiosamente pergunta ao feiticeiro como poderia aconselhá-lo de abandonar este magnifico pais, sem combate, e de fugir, sem nenhuma utilidade, pois que os portuguezes perseguirão por toda a parte os indigenas. Dirige-se então aos circumstantes: "Quereis fugir, tamoios?"

Todos gritaram: "Só queremos a guerra e só a guerra". O pagé ouve esta resolução em silencio e como que imerso em reflexões, depois diz: "Pois bem, tamoios, vossa coragent tambem me inflama; vejamos se Tupã, que nos ouve, será favoravel a nossos esforços!"

Assim falou o augure depondo sua horrivel lanterna; tomou dois fragmentos de lenha enforquilhados, plantou-os no solo, como tesouras um diante do outro, a tres palmos de distancia. Pôs em cima maça ornada de plumas e prendeu-lhe uma "torcida embira": é o que os indios chamam erigir uma "tangapema", especie de craculo. Terminados estes preparativos, o feiticeiro, chama os musicos, que extraem da Cangoeira, sons terríveis. Depois couvida os tamoios a dansar com ele em torno da tangapema; eles se põem a dansar com rapidez sempre crescente, como um turbilhão, até

cairem exaustos. Só o Pagé continua a girar como que possuido do demonio, com gestos e saltos diabolicos, os olhos fixos na tangapema. Já está banhado de suor e de seu peito escapam sons roucos semelhantes ao rumor da agua em borbotão; murmura um canto fantastico e imprecagões terriveis. Só se ouviram estas palavras: "Ordeno, eu que tenho o poder, quero e ordeno; obedece, macachera!" A maça subitamente se pôs a tremer, a embira se desfez sem que se visse uma mão toca-la; esta, livre dos entraves que a retinham e girando sobre si mesma, elevou-se perpendicularmente em espiral. A multidão ignorante mostrou-se estupefata; Aimbire, só, ardendo de colera, toma a firme resolução de tornar o oraculo sem effeito, se elle contrariar os seus votos.

A maça sobe com a rapiçez de uma pedra atirada por um homem vigoroso e desaparece no ar. Mas eilla que volta, tinta de sangue! A diregão que toma faz erer que cairá longe das forquilhas. Mau pressagio! — Aimbire, prevendo isto, e temendo o effeito deste sinistro augurio, atira uma flecha contra a maça, alcança-a no ar e os dois vem cair entre as forquilhas. Aimbire rejubila-se mas o velho pagé grita-lhe assustado: "Celerado, vês bem? Sabes o que isto quer dizer?" — "Sim", respondeu Aimbire, "verteremos muito sangue, mas a vitoria nos pertencerá. Quanto a ti, adivinho, parte, se amas a vida e se não quizeres partilhar da sorte de tua tangapema. Vai-te pois que chegou o momento de começar a campanha". Todos os guerreiros fazem os seus preparativos de partida; mas o pagé desapareceu sem que se soubesse como.

Teriamos desejado que o poeta tivesse terminado o quarto canto, com a descriçãõ desta cena interessante, e não tivesse diminuido o seu effeito, acrescentando que

a ciencia não tinha conseguido ainda explicar este milagre, como tantos outros misterios da natureza. (237)

O quinto canto nos transporta a São Vicente com Jagoanharo que vai ver aí seu tio Tibiriçá para induzi-lo a voltar aos seus.

O indio é conduzido por compatriotas, que ele tinha consultado sobre a residência de seu tio, numa igreja em que o cacique, cristão zeloso, se ajoelhou diante de um altar. O esplendor dos ornamentos os perfumes do incenso, os hinos solenes causaram tão grande impressão sobre o jovem Jagoanharo, que ele caiu de joelhos ao lado de seu pai e elevou as mãos ao céu como penitente. Depois de ter dito suas preces, Tibiriçá ergueu-se e preebeu para grande surpresa sua seu sobrinho ao seu lado; acredita que ele haja vindo para fazer-se batisar, rejubila-se muito e oferece-se para ser seu padrinho. Leva-o em seguida à sua casa, mostra-lhe as curiosidades da cidade e gaba as instituições dos portuguezes como o poder de seu rei; mas o jovem selvagem opõe merito ingenuamente seu direito natural aos direitos do monarca. Tibiriçá recebe seu sobrinho à européia, e faz-se servir à mesa por seus indios, como um senhor portuguez.

Jagoanharo pergunta a seu tio se seus servidores, são inimigos captivos, e quando ele sabe que são selvagens, pertencendo à mesma tribo que Tibiriçá, é com grande difficuldade que consegue conter sua indignação. Logo ele pensa que seus irmãos deveriam segundo todas as probabilidades servir tambem aos portuguezes. O jovem aceita agora o convite de Aimbire e Ararai, mas

(237) Em nota, o poeta cita a "Chronica da Companhia de Jesus" do Padre Simão de Vasconcelos que (livro 2, § 17) fala de uma langapema como de coisa fora de duvida. Magalhães faz notar ironicamente que aqueles que em nossos dias se occupam de aparições, saberiam explicar este milagre.

Tibirigá repele sua oferta com colera. Jamais ele renunciará à religião cristã, e não voltará à barbarie, depois de ter comprehendido as vantagens da civilização e de se ter convencido de que acabaria por triunfar sobre os selvagens. Induz os tamoiós a refletirem, a viver em paz com os portuguezes e a reconhecerem sua supremacia. Jagoanharo responde que seu dominio está usurpada, que ele destruiu a liberdade dos indios mas Tibirigá lhe diz que seus antepassados, os tipis, assim agiram tambem com os tapuias, primeiros habitantes do pais. Acredita que os indigenas, em vez de sustentar pretensões tão problematicas, fariam melhor se repartissem o pais com os europeus, pois que é muito grande, e de participar tranquilamente dos beneficios da civilização, que desereve com as cores mais brillantes e procura fazer o seu sobrinho comprender pelos exemplos mais suggestivos que pode encontrar. Mas Jagoanharo persiste em sua opinião e nem a eloquencia, nem os presentes de seu tio não podiam fazer que renunciasse às suas idéias de justiça e liberdade. Reconhece e estima as doutrinas salutaes do cristianismo, mas não pode deixar de notar como os seus sequazes pouco o praticam.

Depois de longa e inutil discussão, o tio e o sobrinho vão descansar um pouco e o primeiro implora a Deus que se compadeça de Jagoanharo e lhe inspire pensamentos melhores durante a noite.

O sexto canto está todo elle cheio de aparições da noite. Jagoanharo recebe a graça de ver o grande futuro de sua patria, na vitoria da cruz. Já observamos que este episodio tem por fim estabelecer a continuidade entre a historia moderna do Brasil depois de sua independencia e os tempos mais antigos e fazer encerrar estes ultimos, do ponto de vista nativista.

O jovem, excitado por impressões tão diversas, que vieram assaltá-lo, e por sua conversa com o seu tio, acabou por adormecer, e viu surgir em sonho São Sebastião, cuja imagem o atraiu invencivelmente para a igreja. O bemaventurado martir conduziu o jovem índio sobre o Corcovado, donde o olho abrange o magnifico panorama de Niteroi, a magnifica baía do Rio de Janeiro. (238) O santo mostra ao jovem, o golfo no esplendor que ele só mais tarde deveria atingir, com a instalação de um poderoso imperio, cujos destinos começam a passar aos seus olhos depois da ebe-gada da familia real até a maioridade de Dom Pedro II. O Santo acrescenta: "É por causa deste grande futuro de sua patria, e para faze-la partieipar do cristianismo e dos beneficios da civilização que a Providencia permitiu aos portuguezes conquista-la; mas a justiça e a verdade acabarão para dar a vitoria e os vencedores serão orgulhosos de serem seus descendentes".

Jagoanharo supplica então que o santo lhe dê a cruz. Este lhe apparece resplandecendo de brancura, irradiante como brilhantes; ouve ressoarem as mais suaves harmonias e vê o santo levado ao ceu pelos anjos. (239)

(238) O poeta dá uma descripção brilhante dessa vista e procura mostrar as vantagens pittorescas do Rio de Janeiro por uma comparação com a baía de Nápoles.

(239) — *Dai-me a cruz! — brada o Indio mesmo em sonho;*
— *Dai-me a cruz! A seus pés quero prostrar-me.*

E uma alvissima cruz mais resplendente
Do que a prata polida, e que o brilhante
Ao lusir de um relampago, apparece
No céu sobre aureo fundo luminoso,
Que em rosca vibração no azul se perde.
Dulcis sons de suavissima harmonia

Ainda no extase, o jovem desperta, pede a cruz e precipita-se aos pés do tio, como que levado por um impeto invencível. Este rejubila-se com esta mudança e quer levar o sobrinho ao grande missionario jesuita, Anchieta, que lhe dará o batismo.

Mas chegados ao local, diante da Igreja, veem que uma grande multidão se acotovela, ouvem gritos e distinguem grupos de selvagens algemados, de velhos e mulheres, Jagoanhara detem-se e descobre com terror entre os prisioneiros a noiva de Aimbire, Iguassu, chorando lagrimas ardentes. Inflamado de furor, precipita-se ao seu encontro e quer livrá-la; é com grande dificuldade que seu tio consegue preservá-la de morte imminente e a arranca da multidão.

Anchieta aparece, sabe do que se passa, e procura acalmar Jagoanhara, prometendo-lhe levar Iguassu aos braços de seu pai. Mas o jovem quer vê-la immediatamente liberta, ele proprio quer acompanha-la, e quando o piedoso missionario lhe mostra a impossibilidade de acceder a seus votos, rompe em maldições contra os traidores estrangeiros, que reconhecem uma religião de amor e caridade, mas que roubam mulheres e velhos, maltratam-nos, e matam-nos com palavras enganadoras, mostrando-lhes a cruz. Aquela que ele viu era branca, mas esta é negra como as ações de seus servidores, ele

*Se evaporam nos ares perfumados,
Extatico adorando o puro emblema,
O santo guia ás nuvens se levanta
Por dois atados Anjos sustentado:
E o Indio absorto cae sobre os joelhos,
Na cruz fitando estatelados olhos,
Mãos e braços erguidos, todo imóvel ;
Como si o espanto do prodigio imenso
Petrificado lhe deixasse o corpo,
E em seu arranco lhe soltasse a alma.*

suplica a Deus de puni-los e lhe consagra com este objetivo os braços de seus amigos. (240)

Depois desta maldição, Jagoanharo foge, chega a sua canoa e ordena aos seus sequazes de afastarem-se tão depressa quanto possível deste lugar de desgraça.

O sétimo canto nos leva aos campos dos tambois e a Aimbire. De acordo com o que se havia conveniado, os aliados esperam o resultado desta mensagem levada por Jagoanharo, para empreender qualquer ação. Aimbire aproveita-se deste momento de trégua para procurar os ossos de seu pai e enterrá-los num lugar em que estejam ao abrigo da profanação de pés estrangeiros.

Acompanhado apenas de Parabuçu, irmão de Ignassu, parte sem dizer a ninguém para onde é que dirige os passos. Por muito tempo, os dois amigos caminham em silêncio e animados em seus pensamentos, que se traduzem finalmente por palavras, que exprimem suas inquietudes a proposito da sorte da jovem.

À tarde, chegam a um vale, que Aimbire reconhece ser o que oculta os ossos de seus pais; encontra a arvore perto da qual os enterrou e logo após a igacaba que encerra os restos queridos. Carregados de ramos se-

(240) Esta maldição do indio é cheia de surto e energia:

"Assassinos crucis! eu vos conheço!

E ainda faldreis de caridade?

Vossos pais o seu Deus crucificaram,

Derramaram seu sangue; e vós, infames,

Para mais insultar cobardemente

A esse Deus, que adorais por zombaria,

Vindes aqui roubar-nos e matar-nos

Com palavras de amor, a cruz mostrando,

Branca era a cruz que eu vi; a vossa é negra

Como as vossas ações e as almas vossas!

Eu chamo o vosso Deus para punir-vos,

E contra vós lhe off'reço os nossos braços".

cos, chegam ao cume de uma colina, donde veem brilhar um grande fogo perto de uma choupana, e notam em torno numerosas senzalas. Aimbire diz então a seu companheiro: "É na choupana que mora o senhor cruel; os miseráveis escravos habitam estas cabanas". Este senhor é o portuguez Braz Cubas, a que o pai de Aimbire se coloca diante da janela, emboscado na envolvem-na de galhos mortos e queimam-nas; ao que Aimbire se coloca diante da janela, emboscada na espera de sua presa. Logo depois um homem sai da casa. Aimbire o reconhece, apanha-o com seu punho de ferro, leva-o para casa onde estava a urna e diz-lhe: "Olha, Braz Cubas, reconheces-me?" Este implora a compaixão do selvagem, mas este lhe censura a dureza e as numerosas atrocidades que custaram a vida à mulher, aos pais, e ao amigo de Aimbire. Recorda ao portuguez as frequentes ameaças de morte, proferidas contra ele durante o tempo em que a piedade filial o retinha ao lado dos seus. "Cabe a ti Braz Cubas, disse ele, expiar a culpa e morrer na minha mão".

No momento em que Aimbire, quiz matar o seu prisioneiro, vê-se atirar-se contra eles, uma jovem semi-nua, que com seu corpo cobre o portuguez, gritando: "Compaixão, compaixão de meu pai". É Maria, filha de Braz Cubas. À sua vista, o índio recua, olha-a espantado, sente sua colera mudar-se em piedade e diz à jovem, estendendo-lhe os braços: "Maria, pobre Maria, és tu minha filha?" Depois atira um olhar para seu pai e pronuncia estas palavras desviando-se: "Não é o teu sangue que me saciará; partamos. Parabaçu". Os dois índios afastam-se, levando os ossos do pai de Aimbire. Em caminho, este explica a seu companheiro, porque desistiu da vingança; com-

padeceu-se à vista de Maria, que ele outrora carregara nos braços, tinha até conhecido sua mãe, igualmente indígena, que cresceu com sua filha, e frequentemente abrandou seus sofrimentos e chorou com ele sobre a tumba de seu pai, cobrindo-a de flores. É certamente uma feliz idéa esta de caracterisar a humanidade natural e isenta de sentimentalidade, como a de mostrar o heroísmo rude e grosseiro, deixando-se subjugar pela doce influencia desta virtude.

No dia seguinte, os dois índios chegaram enfim ao promontorio de Cairuçu, que trazia o proprio nome do pai de Aimbire; foi lá, diante do mar que este enterrou os ossos que trazia; depois mareou o lugar com uma pedra grande e implorou por ela a proteção do ser Supremo, Tupã ou Deus. Conjurou-a a fulminar o estrangeiro que se atrevesse a toca-la. Cumprido este ato de piedade filial, os dois amigos voltaram ao campo.

Suas apreensões a respeito da sorte de Iguassu eram muito fundadas. Não apenas estava prisioneira, como tinha sido dada ao devasso Francisco Dias, que a atormentava de todas as maneiras para puni-la de ter resistido à sua luxuria. É em vão que o nobre e doce Anchieta procurava melhorar sua sorte e persuadir Francisco Dias de livrá-la. Este não fez mais que rir-se dele e do perigo que fazem correr a S. Vicente os índios que se aproximam. É em vão que o missionario e seu confrade Nobrega exortam os portuguezes a abraudarem os indigenas com sua conduta cristã, sua justiça e sua clemencia. (241)

(241) O setimo canto acaba por um panegirico bem merecido dos dois missionarios:

*Assim bradavam, mas em balde, os padres,
Santificando as maximas sublimes
Co'o firme exemplo de uma vida pura,*

No começo do oitavo canto, o poeta faz aparecer Satã. Este, inquieto do progresso do cristianismo, e desejoso de se opor à influencia dos missionarios, acende o egoismo e todas as más paixões no coração dos portuguezes. Procura tornar inefficazes as exortações dos padres, com ironia e sofismas.

O resultado destas palavras mostram bastante até onde Satanaz poderia chegar. Os portuguezes continuam a conduzir-se não como cristãos, mas "a maneira de tigres", a despojar, a maltratar, e a cegar os pobres indigenas. Suas ações não fizeram mais que diminuir o numero dos que o Evangelho havia grangeado para o cristianismo. (242)

Esta religião deveria portanto proporcionar-lhes a salvação e a vitoria. Tibiriçá continuou fiel a sua nova crença e seu apego aos missionarios fê-lo correr em socorro de S. Vicente com seus guaianases. Ordenou aos seus que queimassem antes de mais nada suas cabanas e seus campos, para immediatos de servir aos tamoios.

*E a caridade e a fé os roboravam,
 Não só desertos da Tebatda viram
 Milagres de constancia; o Justo Anchieta
 E o venerando Nobrega aqui deram
 De virtudes cristãs exemplo novo,
 Eram duqueles que paixões terrenas
 Co'o manto de Jesus não encobriam.*

(242) Admiramos a maneira pela qual o poeta, "vate" no verdadeiro sentido da palavra, conseguia reunir todo o código de direito internacional em vigor nos dias de hoje, em dois versos, que fazem honra à sua origem diabólica:

*Justiça é o poder, direito a força,
 E do mando a razão 'stá na vitoria.*

Aimbire, com efeito, tendo sabido da resolução de seu tio e do cativo de Ignassu, encheu-se de colera e dor, jurou vingança sangrenta e apressou a partida dos aliados para S. Vicente. Atiram-se, em suas canoas e remam a toda velocidade para os lados desta cidade. (2.3)

Os indios desembarcaram à noite. Aimbire, inflama-os por seus discursos e os divide em tres corpos, de acordo com os conselhos dos francezes; põe-se à frente do centro e ordena o ataque.

Mas Tibiriçá está prestes a recebe-los, porque Anchieta, advertido pelo céu, lhe havia feito annunciar o que se preparava.

O combate se trava, principalmente perto da igreja; é para lá que fugiram as mulheres e as crianças com Ignassu.

O poeta nos descreve com muita arte principalmente os combates singulares de Aimbire e de Braz Cubas, que é morto, e de Tibiriçá com seu sobrinho

(243) Cantam a seguinte barcarola, obra prima de imitação harmoniosa dos movimentos do mar e das canoas que deslizam à superfície:

*Voga, canôa, que é maré de amigo;
Ligeira voga, sem temor das ondas;
São braços fortes, que aqui vão remando,
Braços Tumoiros, que a remar não cansam.*

*Gosto de ver-te pelo mar singrando
Cabeceando, levantando espuma;
Assim, canôa, assim busfando vôa.
Como esses peixes que lá vão fugindo.*

*O mar 'stá manso, estão dormindo os ventos;
Mas p'ra o Tumoiro sempre o mar foi manso:
Eia, canôa! o teu balanço é doce
Como na terra o balançar da réde.*

Jagoanharo. Estes dois ultimos logo atiram ao chão as suas armas; empenham-se na luta e depois de longa porfia, Tibiriçá ergue o seu sobrinho com uma força herculea e atira-o contra o portal da igreja. O jovem tem o craneo fraturado, mas como dá alguns sinais de vida, seu tio traz depressa agua benta para batisa-lo antes da morte e grita: "Tirei-te a vida, mas ao menos salvo-te a alma".

Vê-se que o poeta coloca em primeiro lugar um indigena, Tibiriçá, faz dele um defensor e um propagador do cristianismo entre os selvagens, justifica seu abandono das causas da liberdade e da patria, fazendo aparecer como paladino de interesses mais elevados, o cristianismo e a civilização. Tibiriçá é o braço secular dos missionarios que, unico entre os portuguezes, Magalhães nos mostra a uma luz completamente favoravel e como representantes dos mesmos interesses. (244)

É assim que ao fim deste canto, o poeta põe em cena a nobre figura de Anelieta, o profeta inspirado.

Durante o combate, este padre está em prece diante de um altar e entoava hinos saeros. De repente, estremece, treme e seus olhos fixam-se em extase num ponto; viu aparecer um anjo do céu e ouvir a mensagem que ele trouxe. O coro se cala e Nobrega não

(244) O poeta apostrofa Tibiriçá como defensor da religião:

*Mas quem te negará, Cacique illustre
Entre os mais fortes o lugar primeiro?
Gloria a Tibiriçá, gloria a teu nome,
Aos teus proclaros feitos e á constancia
Credora d'hino excelso, com que sempre
Essa nascente igreja defendeste
Fonte primeira nesta inculta plaga
Da luz sublime e santa que a ilumina
E hoje imenso fulgor sobre ela estendo!*

ousa continuar suas preces para não perturbar o arjo. Este se ergue como que sustentado por força misteriosa, olha em torno, vai a Iguassu e tocando sua espada com a mão, diz: "Ergue-te, minha filha, e segue-me". Os dois deixam a igreja e a multidão afasta-se espantada para deixá-los passar.

Camminham em silencio nas trevas. Iguassu assustada e não sabendo o que lhe está acontecendo, Anchieta, como que levado por uma força estranha; ele é calmo e atento, evita os lugares em que o sangue corre. Chega imediatamente ao campo de batalha e detem-se gritando: "Aimbiré!" O indio furioso chega, gotejando sangue e tomado de terror. "Tome, Iguassu" diz Anchieta, "deixe-nos partir". Enquanto que Aimbire, como que encantado, olha para Iguassu, o padre desaparece; só se ouve sua voz repetir: "Parte!".

No mesmo instante, a inubia dá o sinal da retirada, mas não foi Aimbire que a fez ressoar. Antes de sua partida, os tambores furiosos, não se esqueceram de atirar faehos inflamados na cidade. Levam consigo seus mortos e feridos e voltam a suas canoas.

No nono canto, vemos os confederados abandonar de novo Iperoig. Começam por encontrar seus mortos e cuidam em seguida de seus feridos. Coaquira, o "vate", a um tempo medico da alma e do corpo, procura consolar aquella com o poder de suas palavras, e a fortificar este com as virtudes das plantas medicinais.

A coragem e o ardor de Aimbire não diminuíram. Pelo contrario creseeram, pois que ele tem ainda que vingar a morte de seu amigo Jagoanharo. Mas como põe em segurança os ossos do pai, não hesita em cumprir a sua promessa e dá sua filha Potira ao francês Ernesto. Ele proprio se declara esposo de Iguassu.

mas, se contenta com o nome sem reclamar os respectivos direitos, em vista da idade ainda verde de sua jovem filha. Aimbire respeita o costume dos seus, de não colher o fruto antes da maturidade. Entre os filhos da natureza, o amor não degenera numa paixão ardente, que faça tudo esquecer. (245)

Aimbire e Iguassu consagram pelo contratio a noite com Pindeboeu e Coaquira a serias conversas sobre os combates da vida humana, sobre a promessa de uma existencia eterna. Pensam nas doutrinas e misterios do cristianismo, que Iguassu tinha aprendido das mulheres dos portuguezes e pelos ensinamentos de Anchieta, enquanto que Aimbire refere a visào de Jagoanhara, que este lhe havia contado. De repente, veem uma canoa aproximar-se da terra. São os dois missionarios Nobrega e Anchieta. O primeiro, chegado ao alcance de sua voz, grita aos indios, enquanto eles

(245) Magalhães revelou com muita delicadeza este bello traço dos costumes indigenas:

*Assim destas impuberes esposas
Soem os Indios respeitar severos
A virgínia innocencia, até que choguo
Das delicias a aurora. Ah! tão brutos,
Tão lascivos não são, que ávidos colham
De amor o fruto verde! Amara Aimbire
A sua terra esposa, como um lírio
Prestes a abrir o calice mimoso
Aos beijos do colibri; mas nos bosques,
Onde a Natura pouco esconde aos olhos,
O amor, sem o incentivo do misterio,
Nãe mata, não subjuga os duros peitos,
Que da guerra o furor somente inflama.*

Em vez de fazer ac autor como Alencar uma censura de quo o amor do horai seja tão frio e tão accessorio, reconhecemos aí uma qualidade digna dos maiores louvores.

se aproximam sem armas, assegurados de que os tambores lhes darão hospitalidade. Os indígenas accedem a este pedido.

Os missionarios desembaream, são recebidos amistosamente e mesmo bem tratados. Permite-se-lhes erigirem um altar debaixo de um coqueiro, e de officiarem aqui a missa. Nobrega celebra então o primeiro sacrificio, não sangrento, nestas florestas.

Os missionarios aproximam-se dos caeiques para negociarem a paz entre os aliados e os portuguezes. Descrevem com eloquencia os resultados felizes que teriam com uma acomodação. Aimbire é inclinado a consentir, mas impõe como condição previa a rendição dos prisioneiros de Tibiriçá, dos outros caeiques apostatados e do impudente Dias.

Anchieta que conhece a fundo a lingua tupi, pronuncia um discurso em que expõe aos indígenas os principios salutaes do cristianismo, com uma eloquencia que recorda São Francisco Xavier; em troca, declara que os portuguezes não consentirão jamais numa traição tão infame como a que lhes é proposta e que Dias morreu na ultima batalha.

Este discurso causou muita impressão sobre os circunstantes e o proprio Aimbire sentiu-se arrastado por sua eloquencia; louvou a intervenção e as vistas dos pais e agradeceu-lhes terem salvo e bem tratado Ignessu. Espantou-se ainda com a aparição milagrosa de Anchieta no campo de batalha e com o sinal de retirada dado por voz desconhecida. Chega até a propor uma unica condição: os indios continuarão para sempre na posse de Guanabara (proximidades do Rio de Janeiro); e os portuguezes conservarão as regiões conquistadas.

Anchieta responde que não se trata aqui apenas de posses territoriais, mas antes de tudo da propagação do cristianismo, da salvação dos índios e da sua civilização. Consiste em lhes pedir que tolerem a presença dos missionários entre eles.

Sem esperar a resposta de Aimbire, Ernesto fulmina de uma filipica os portugueses e os católicos; e pretende que os francezes e os sacerdotes calvinistas serão muito mais uteis ao caminho da salvação e civilização dos índios.

Aimbire interrompe então seu genro, gritando: "Para que tantas palavras inúteis? O que eu digo, mantenho-o; concluamos; que nos façam prisioneiros, e se os portugueses querem a paz, que nos deixem em paz." E por aí pôs termo às negociações.

Bem soube o poeta aproveitar-se destes colloquios, desenhando antes os caracteres principais, seja para mostrar os primeiros passos e o futuro da doutrina cristã, entre os indígenas, assim como a maneira pela qual estavam preparados a recebe-la.

A cena seguinte nos descreve o efeito produzido pelos missionários sobre estas naturezas incultas.

A noticia de sua chegada penetrou no interior mas tinha-se acrescentado que tinham vindo para espionar o campo dos tambois. Os índios acorreram em bando e ouzaram degolar os padres. Parahacu, cunhado de Aimbire, vem para este fim e acompanhado dos seus. Mas à vista dos missionários emagrecidos pelo jejum e ajoelhados, retirou-se confuso. Aimbire apartou outros, mais grosseiros ainda, ameaçando de matar quem ousasse pôr a mão sobre eles.

No entanto, Nobrega frizou a Anchieta, a necessidade de que um dos dois missionários voltasse a S.

Vicente para defender a causa dos índios e obter o resgate dos prisioneiros. Fez-lhe ver, além disto, como é urgente eserever imediatamente a Lisboa e Bahia e levar o comandante Mem de Sá, a enviar gente para fundar uma cidade e prevenir-se dos franceses. Nobrega decide-se a partir; Anchieta fica juato aos índios.

O poeta começa o canto decimo e ultimo por uma apostrofe a Anchieta. Celebra as virtudes deste missionario verdadeiramente apostolico; mostra-o ganhando os indigenas para o cristianismo, cuidando de suas doengas, e em suas obras de misericordia; por toda a parte o seu exemplo, sua conduta tão nobre encontram o caminho do coração destes filhos da natureza. Emprega as horas de ocio, cantando em latim os louvores da Virgem, inspirado pelas ondas do Cariaca, que, segundo a tradição, tornam a voz melerosa. O poeta, afastado de sua patria, aproveita-se desta occasião para exprimir o desejo de exalar um dia seu ultimo canto a borda deste rio. Celebra tambem a memoria dos mais illustres dos poetas nacionais e noncia com respeito Caldas, São Carlos, Alvarenga, Durão, Basilio da Gama e Claudio Mannel da Costa.

Anchieta ficou uns cinco meses entre os indigenas, e nenhuma novidade de Nobrega chegava. Já este atrazo submetia a paciencia de Aimbire a uma rude prova, tanto mais que os franceses o induziam a não esperar mais; mas o receio de quebrar sua palavra dá-lhe a forca de domar a impaciencia sempre crescente dos seus e a sua propria.

Enfim Anchieta anuncia-lhe que uma inspiração divina fe-lo certo da chegada de uma mensagem de paz em tres dias. Ao terceiro dia eles veem com efeito

aproximar-se uma canoa, à frente da qual um índio fazia sinais de amizade. Era Cunhambebe, um dos caciques aliados dos portugueses. Desembarca, beija de joelhos as mãos do veneravel Anchieta e entrega-lhe uma carta de Nobrega. Depois volta ao navio para procurar os prisioneiros. Feliz, o missionario comunica aos selvagens a noticia da paz, distribui os presentes e despede-se. A separação é dolorosa de ambos os lados. Iguassu, seu pai e Coaquira principalmente deixam chorando o apostolo e dão-lhe ainda sua benção.

No entanto, estas esperanças de paz não duraram muito. Um bando de fugitivos tamoios traz a Iperohi a noticia de que uma esquadra portuguesa chegou a baia, tendo desembarcado muitos soldados. Foi o que se deu: Estacio de Sá tinha sido enviado por seu tio Mem de Sá com uma esquadra trazendo grande numero de indios, assim como os missionarios Oliveira e Anchieta, com o fim de expulsar os francezes de toda a região e fundar uma cidade às margens da baia do Rio de Janeiro.

Com esta noticia, a consternação, depois a colera se apoderaram dos tamoios. Juraram vingar a nova traição e correr às armas. O grito de guerra está então em todas as bocas. Apenas Pindoboen e Coaquira, se recordam das exortações de Anchieta e temendo a colera do céu, procuram em vão impedir a guerra. Os tamoios tornam-se indomaveis, precipitam-se com furia de selvagens sobre o novo forte da Praia Vermelha, mas são recebidos a tiros de canhão. A luta continua com uma coragem crescente de ambos os lados: é obstinada e indecisa, porque depois de dois anos Estacio viu-se forçado a enviar Anchieta a Bahia para

pedir immediato socorro ao seu tio. Mem de Sá partiu a 18 de janeiro de 1657, e sua frota appareceu na baia de Niteroi. Vendo isto, Aimbire prevê a perda proxima dos seus. O luto nos olhos, contempla as montanhas que dominam a baia e sauda-as pela ultima vez. Depois envia um olhar para a esposa e a filha e despede-se delas como se para sempre. Então se põe a examinar os navios estrangeiros e as lagrimas que a dor não pode arrancar as suas palmebras, petrificam-se em seu coração. A uma pergunta de Ernesto, sobre o que ele se decidiu a fazer, parecia sair de um sonho doloroso e ordena à metade do exército de esperar o inimigo nas trincheiras de Urugumirim, enquanto que ele defenderá as de Paranapiacuí.

No dia seguinte os portuguezes desembarcavam. Era o dia de S. Sebastião. Precipitaram-se nas trincheiras de Urugumirim, invocando o seu nome; o combate é terrivel, mas a vitoria sorri aos europeus e para torna-la mais completa, Estacio corre para atacar as trincheiras de Paranapiacuí. Aimbire esperava-o ali, a luta é ainda mais encarnizada porque se tratava da vida de um povo. Aimbire combate ainda em meio a alguns guerreiros; Iguassu, que não quis deixá-lo, é atingida no peito e expira sem soltar um grito. Então o indomavel tamoio detem-se por um momento. Vê Estacio e uma flecha logo vinga a sua esposa. Aimbire apanha o seu cadaver, põe-o aos ombros, brande a pesada maça e grita: "Sou tamoio e tamoio quero morrer e morro livre. Possa perecer comigo o ultimo dos de meu povo; que nenhum cairá escravo dos portuguezes; ninguem terá a gloria de me haver tirado a vida."

Disse e brandindo a maça, abriu um caminho através dos inimigos, cujos corpos marcavam sua passagem e precipitou-se no mar com a esposa.

No dia seguinte da batalha os portugueses tomaram solenemente posse das esplendidas margens da Guanabara, e marcaram o lugar da residência do imperio futuro e da igreja de São Sebastião, seu padroeiro.

No mesmo dia Anchieta encontrou a bordo do mar os cadaveres de Aimbe e de Iguassu e enterrou-os na terra natal.

O poeta terminou sua epopéia com uma dedicatória ao Imperador.

Além destes trabalhos em verso, Magalhães publicou também alguns escritos em prosa, parte dos quais é científica.

Citemos "Fatos do Espírito Humano" — Filosofia — Paris, 1858 — traduzido para o francez por M. N. P. Chancelle.

Esta obra é notavel pelo fato de ser o primeiro livro de filosofia escrito por um brasileiro em portuguez, (246) lingua então pouco apropriada para questões filosoficas. Magalhães prova seu conhecimento das filosofias antigas, franceza, escocesa e alemã até Kant. Em suas pesquisas, ele não é apenas ecletico, mas original e espiritualista, como suas obras poeticas

(246) O autor tinha antes publicado *Discurso sobre o objeto e importancia da Filosofia*, Rio de J., 1812. Um artigo da *Minerv. brasil.* (Rio de J., 1844, 4º, p. 225) mostra-nos como o estudo desta ciencia estava ainda atrazado no Brasil. E' "A filosofia no Brasil" de M.M. de Carvalho. Via-se que com effeito estava-se ainda no sensualismo de Locke e Condilliac!

nos demonstraram. Fezha seu livro, eserito com muita elegancia e precisão com as palavras seguintes: "Comedia horrivel seria este mundo; uma illusão sem causa este universo; a existencia humana uma zombaria do nada, e tudo mentira, si não houvesse um Deus justo e bom! Os malvados teriam razão por um mero acaso; não haveria verdade e justiça nem na terra, nem no céu! Tranquilizemo-nos! O que é absurdo não pôde ser verdade. Deus existe; e o espirito humano é immortal com a sua consciencia."

O autor agita entre outras a questão de saber se os selvagens da America têm a noção de divindade. Magalhães pretende que a conheçam, e possuem ainda a de immortalidade.

Este eseritor occupou-se muito de pesquisas etnograficas e historicas sobre os habitantes primitivos do Brasil, por ex., na memoria intitulada: *Os indigenas do Brasil perante a Historia* (*Rev. do Inst.* XXIII p. 3-66). Com zelo patriotico, procura destruir os prejuizos que fazem dos aborigenes, selvagens insusctiveis de cultura. (247)

Um artigo de Magalhães tem por assunto a historia moderna de sua patria. (*Rev. do Inst.* XI) *Me-*

(247) Nota-se a passagem seguinte sobre a influencia que a mudança destas vistas relativas aos indios exerceram sobre a poesia nacional e sobre suas proprias concepções. "Por isso é que os cfeitos dos indigenas oferecem argumento á nossa poesia nacional. E como bem notou o Sr. Odorico Mendes: os selvagens, rudes e de costumes quasi homericos, podem prestar belos quadros á epopéa. O parecer de tão abalizado critico, qu nos deu Virgilio em Portugues, e luta para interpretar Homero, é de tanto peso, que decide só por si qualquer duvida. Feliz me julgo de pensar como ele que sabe o que é uma epopéa".

moria historica e documentada da Revolução de Maranhão desde 1833 a 1841, premeada pelo Instituto hist. e geografico do Brasil.

Publicou (Niteroi, *Rev. brasiliense*, Paris 1846) o começo de um quadro da literatura brasileira. É de lamentar que não tenha terminado este trabalho cheio de vistas engenhosas.

Mencionemos enfim uma novela de Magalhães, pois que ele é dos primeiros que se ensaiaram neste genero. *Amancia, Romanço*, na *Minerva Brasiliense* (Rio de Janeiro, 1844, 4.º p. 267 à 292).

CAPITULO XV

MANUEL DE ARAUJO PORTOALEGRE; ANTONIO GONÇALVES DIAS; JOAQUIM MANUEL DE MACEDO; MANUEL ODORICO MENDES.

Manuel de Araujo Porto Alegre, o amigo que Magalhães citou em seu poema como pintor celebre, não gosa um papel menor na historia litteraria do Brasil.

Nasceu a 29 de Novembro de 1806 no Rio Pardo, provincia de S. Pedro.

Recebeu as primeiras lições de latim, de geometria, de logica e de francees na cidade de Porto Alegre, mas se sentia atraído antes de tudo pelas ciencias naturais. O jovem Porto Alegre a principio não teve guia neste novo ramo dos conhecimentos humanos, mesmo assim conseguia organizar um gabinete de historia natural. Mais tarde em 1825, aperfeçoou-se na arte de empalhar animais sob a direção de um naturalista prussiano, Frederico Selow, que residia então na provincia de S. Pedro.

Em 1826 embarcou para o Rio de Janeiro com o fito de abraçar a carreira diplomatica. Mas como tinha chegado à Corte no tempo das ferias da escola militar, frequentou a Academia de Belas Artes e começou a desenhar e a pintar no ateliê do professor Jean Baptiste Debret, sobrinho e discipulo do celebre escultor David. Fez tais progressos que na exposição seguinte, recebeu dois premios, um de pintura, outro de arquitetura. Porto Alegre continuou então o cul-

tivo das belas artes, sem desdenhar a perspectiva, a anatomia, a fisiologia etc.

Em 1830 e em 1831 expôs alguns quadros originaes, um dos quaes representava o Imperador D. Pedro I, remetendo ao director da escola de medicina o decreto que fundava este estabelecimento; em torno do principe, agrupavam-se o ministro, visconde de S. Leopoldo, e os professores. Por esta tela ganhou as boas graças do Imperador, que se fez então pintar por elle, (este retrato está em Lisboa e pertence à Imperatriz D. Amelia) e quis ter os retratos de todos os membros de sua familia. Com este objectivo, Porto Alegre deveria dirigir-se ás expensas deste principe a Munich, para aí pintar a sogra de D. Pedro I, viuva do principe Engenio, e fazer em seguida uma viagem para a Italia e a França. Mas uma doença que o acometer e a abdicção do Imperador impediram a execução deste projecto: nosso jovem artista dirigiu-se então para a França (julho de 1831) com seu mestre Debret, para aí formar-se sob a direcção do Barão Gros, mas não recebeu nenhum subsidio do governo e teve que se manter a sua própria custa. É verdade que por intervenção do celebre homem de estado Martim Francisco de Andrada, que tinha sabido através do doutor Claudio Luis da Costa da má situação financeira de Porto Alegre, as camaras votaram-lhe unanimente uma pensão; mas o ministro do interior Visconde de Sepetiba, não se viu no dever de sancionar esta decisão. Porto Alegre pronunciou mais tarde o panegirico deste magistrado no Instituto Historico e geografico.

Não estando mais em condições de continuar os estudos, Porto Alegre tomara a resolução de voltar ao Brasil, e tinha recebido seu passaporte do ministro

Rocha, quando chegaram a Paris em 1834, Antonio Carlos de Andrada e Luis Menezes Vasconcelos Drummond. Este ultimo ofereceu a nosso artista vinte e cinco mil francos para continuar seus estudos. Porto Alegre não aceitou mais que quatro mil, e com isto e o que recebeu de sua casa, partiu para a Italia onde ficou por um ano. Fez esta viagem com seu amigo de infancia Magalhães. De volta a Paris, em 1835, soube que, sobretudo graças ao bispo de Maranhão, lhe havia sido decretada uma pensão, que o ministro desta vez sancionara. Quis fazer uma viagem para a Belgica e a Inglaterra, quando recebeu em 1837 a noticia de que tinha rompido a revolução (1836) em sua terra natal e que teve em consequencia uma guerra civil que teve a duração de dez anos. Partiu logo para proteger sua velha mãe e chegou no mesmo ano ao Rio de Janeiro, quando a chamou para a sua casa.

Logo após, era nomeado professor na Academia de belas artes, que era o dominio exclusivo dos franceses e onde ele era o unico brasileiro. Sua situação era então muito difficil e teve muito que lutar contra as intrigas e os ciumes de seus colegas. Alem disto, o Brasil tinha recaido em tão grande agitação politica, que não se pensava em mais nada, de sorte que Porto Alegre teve que recorrer de novo ao retrato.

Eufim em julho de 1840, o imperador D. Pedro II foi declarado maior. O general Paulo Barbosa da Silva foi encarregado dos preparativos da coroação e uniu-se a Porto Alegre. Este tinha atraído a atenção deste dignitario por sua restauração do teatro de S. Paulo que decorara tão pomposamente, alem de melhorar-lhe a acustica.

Pode-se dizer de resto que nosso artista, com seu amigo Magalhães, teve que aplicar muitos esforços para reformar o teatro brasileiro do duplo ponto de vista da literatura e da arte. Porto Alegre construiu-lhe uma grande colunata (*galeria da Sagração*) que foi admirada por todos e muitos arcos de triunfo. Teve assim parte na decoração do palacio imperial.

Mais tarde, tendo-se vagado a cadeira de desenho na escola militar, Porto Alegre candidatou-se a ela. Por proposta dos professores, entrou como suplente, apenas para deixar a Academia de belas artes em que a sua posição era insustentavel.

Desde então, passou a occupar-se principalmente de arquitetura, arte que já tinha estudado em Paris, sob a direção do irmão de seu mestre de pintura, François Debret. Suas obras, as mais importantes, são o plano da Igreja de Santana, que lhe valeu um premio, e o Banco do Brasil, palacio de granito e de coluna de marmore, a construção mais imponente do Rio de Janeiro.

Em 1854, o Imperador encarregou-o de duas memorias, uma sobre a reforma da organização da academia de belas artes, outra sobre os meios de propagar o gosto das artes no Brasil. Logo após, o ministro do interior Pedreira, fê-lo nomear diretor do estabelecimento em questão e encarregou-o de pôr em pratica as reformas propostas. Os resultados foram além de sua expectativa. Introduziram-se métodos racionais e tornou-se obrigatorio o estudo das ciencias auxiliares. Mas logo após, a rotina e a ignorancia voltaram a impor seu dominio, sustentadas pelos fieis partidarios dos professores, dignos discipulos dos mestres francezes; o novo ministro do Interior, marquês de Olinda, que via

com maus olhos a Academia, pôs-se a dar os lugares vagos a homens incapazes e sem consultar a Porto Alegre, de sorte que este pediu demissão. O Imperador, que tinha conhecimento destas intrigas, só a grande custo é que a concedeu. Nosso artista pleiteou em seguida a direção da reforma da escola militar, o que lhe foi recusado. Em seguida, era aposentado.

Porto Alegre tomou, no entanto, parte na construção hidraulica e arquitetural da alfandega. Em 1859 enfim obteve o lugar de consul geral na Prussia. Partiu para Lisboa onde passou varios meses e foi para Berlim onde mora desde 1860. (249)

Tomou parte ativa em todas as instituições scientificas ou artisticas fundadas no Brasil depois de 1837 e auxiliou muitos talentos em germe, contribuindo ao seu desenvolvimento, reconheceu todos os meritos e não teve inveja de ninguém. No entanto, só colheu a ingratição, e teve que lutar como artista contra a falta de estímulo, as intrigas e as perseguições.

É o que o fez trocar a paleta pela lira. Procurou satisfazer seu pendor artistico pela poesia, que não o havia preocupado outrora senão ocasionalmente e a instancias de amigos.

Um dos seus primeiros ensaios foi o poema sobre Tivoli, escrito por instigação de seu companheiro de viagem, Magalhães e impresso nos "Suspiros Poeticos".

Sua viagem à Italia teve em consequencia ainda outros frutos. De inicio o poema intitulado *A voz da natureza sobre as ruinas de Cumas* impresso em se-

(249) Porto Alegre foi a Viena em 1861 e nesta ocasião o autor teve o prazer de travar conhecimento com este homem tão amável quanto culto. E' dele próprio que obtivemos as noticias biográficas aí dadas.

guida às suas impressões de viagem *Os contornos de Nápoles, na Niteroi, Revista brasiliense* (I p. 186-213) que ele publicava em Paris em 1836, com seus amigos Magalhães e Torres Homem. A influencia dos "Suspiros" aqui é evidente; são meditações historicas e filosoficas no tom de elegia e com metro livre e mudavel; Porto Alegre, no entanto, escolheu para forma a prosopopéia. Ele personifica as ilhas do mar Tirreno, o Vesúvio, relata os acontecimentos principais que recordam, e liga-lhes suas reflexões filosoficas. O poema termina por um epilogo em que Porto Alegre faz apparecerem figuras allegoricas do despotismo dos Reis, da ambição dos humanos e da "civil guerra". Todos estes fantasmas entoam o coro organico seguinte:

Morte, destruição, silencio, caos!
Só Deus é sempiterno, forte e justo.

Esta "voz da natureza", é pois antes uma voz dos espiritos, que faz sair dos tumulos um mundo desaparecido, já o poeta aqui mostra todas as qualidades que caracterizam suas criações posteriores e que o sentido de seu espirito como a sua carreira de artista deveriam produzir. Uma imaginação muito viva e abandonando-se ao efeito pitoresco, uma propensão marcada às cores fortes, à pintura dos detalhes, e uma riqueza de imagens levada às vezes ao excesso.

De volta ao Brasil em 1837, Porto Alegre dirigiu sua atividade literaria para o teatro, e procurou por suas proprias produções fazer sair a poesia dramatica do esquecimento em que havia tombado neste pais. Escreveu um "Prologo Dramatico", com musica de Candido José da Silva, para a representação dada no Teatro Constitucional Fluminense, por ocasião do nascimento do Imperador Peãro II. Esta produção teve

muito successo. É uma alegoria politica: Satanaz, principe da desmunição e da anarquia, procura ganhar um jovem, Brasil, e desviá-lo do caminho da monarchia constitucional e legitima, mas o aujo da verdade aparta as seduçõs do espirito do mal e prediz o brilhante futuro que espera o paiz sob o reinado de um principe como D. Pedro II.

Porto Alegre escreveu mais tarde ainda algumas comedias e libretos de opera. *O espião de Bonaparte* e *O sapateiro politico* foram bem acolhidos e frequentemente representados; infelizmente, continuaram inéditos como todas as outras comedias, excepção feita de "Angelica e Firmino" (publicada na Minerva) e "A Estatua Amazonica" (suplemento do jornal "Guana-bara"). É uma satira espiritual aos turistas francezes, e principalmente ao conde de Castelhan. Este havia encontrado em algum recinto de uma casa situada nas margens do Rio Negro um bloco mal esquadriado, levava-o a Paris para expo-lo no Louvre, dando-o como resto de certa estatua de amazona, obra dos primeiros habitantes do Brasil. É como se vê um digno "pendant" do manuserito pictografico americano, de que se falou tanto nos nossos dias.

As "Brasilianas" e "Colombo" são os principais titulos de Porto Alegre ao reconhecimento dos brasileiros. Estes nos mostram que o nosso poeta inspirou-se no espirito que nossa epoca viu despertar na America e no Brasil em particular. É o espirito que nos faz procurar e encontrar o ideal nas particularidades de nossa terra natal e de nossa nacionalidade e que, depois de ter tido consciencia de si proprio, sabe perfeitamente revestir a forma que lhe convem. Porto Alegre firmemente decidido a seguir esta via e a divulgar-la em sua patria, escreveu uma serie de poesias

que tem por assunto as grandes cenas da natureza, os costumes e os phenomenos particulares do Brasil. Como os de Magalhães, seus versos são livres e de metros diferentes. É pois com razão que ele chamou suas poesias "Brasilianas". As duas mais consideraveis appareceram à parte. *Destruição das florestas; Brasiliana em tres cantos* (Rio de Janeiro, 1845, 8.º) é uma descripção do abate das florestas virgens do Brasil, com o objetivo de obter terras lavraveis. O segundo canto, "A queimada" e a morte dos animais, principalmente das serpentes que habitam os bosques é principalmente notavel pelo brilho extremo das imagens. A segunda "Brasiliana" *O Coreovado* (Rio de J. 1847 8.º) em duas partes (I. Sensação. II. Panorama) é uma pintura de impressões do poeta à ascensão de Coreovado, e do panorama encantador que se oferece aos olhos, do alto desta montanha, que domina toda a baía do Rio de Janeiro. O autor prova aqui seu duplo talento de pintor e poeta. As outras "Brasilianas" apparecem em parte em revistas (250) algumas são ainda ineditas, mas é possível que seu autor as reuna proximaamente num volume que publicará na Alemanha. Alem de algumas descripções semelhantes às precedentes, encerram cenas da vida campestre. São idilios brasileiros. (251)

(250) V. *Minerva Brasil.* I, p. 301-333; II, p. 433-656; *Guanabara*, I, p. 204, *Revista brasil.*, I, p. 407.

(251) Citemos a "Brasiliana": "O pouso" em que o poeta conta o encontro e a conversação de um tropelto e de um boiadeiro que, amigos da infancia e da mesma região (Campos de formiga) se encontram por acaso, no mesmo lugar perto do caminho "dos Botais", para aqui passagem a noite. Suas queixas amorosas rescendem um pouco a Arcadia, mas como verdadeiros brasileiros, pensam também nas tradições nacionais. Recordam o mito do Anhanguera, e os

Nestas poesias se Porto Alegre, como ele proprio diz, tinha por objetivo *despertar o gosto pela poesia americana* atingiu-o bem e fez ainda epoea na literatura do Brasil. Teve muitos imitadores entre outros Antonio Gonçalves Dias que não dissimula que recebeu suas primeiras inspirações das "Brasilianas".

Este entusiasmo pela poesia americana, isto é, pelos lados pitorescos da natureza, dos costumes e da historia do Novo Mundo, levou Porto Alegre a tomar por assunto de um poema epico, Colombo, personagem de alto interesse para todo o continente que viu nosso poeta nascer. Era uma tentativa ousada como o provam diferentes Colombiadas que appareceram até aqui, e todas mais ou menos frustradas. É preciso principalmente evitar em semelhante assunto fazer o que não passa de uma serie de quadros e desenhar o elemento epico em proveito do descriptivo.

Porto Alegre até agora só publicou fragmentos de sua epopeia (252) e, embora sejam consideraveis, não nos permitem lançar um olhar de conjunto sobre sua obra e julga-la em sua correção. O poeta, alem disto, remanejou os fragmentos apparecidos. Podemos, no entanto, ver que "Colombo" é uma epopeia de reflexão, com o aparato mitologico recebido e um grande luxo de descrições e imagens, e que explicam a natu-

contos da Pedra Negra e a mãe de ouro, e a Montanha Encantada. Infelizmente, o poema não faz mais que nomear os tres últimos. (V. "Guanabara", artigo citado).

(252) Encontram-se, *Guanabara*, I, p. 4, 81, 121, 234, 295, 371; II, p. 65-141; e *Revista brasil.* I, p. 116. É lá que está a passagem mencionada, em que o poeta responde a Magalhães que tinha falado dele em sua epopéia e explica as razões que o fazem trocar o pincel pela lira. O "Colombo" já tem mais de 10.000 versos e aproxima-se do fim. São como nas epopeias de Magalhães, endecassílabos em versos brancos.

reza do assunto e o carater do poeta. Como num assunto que se prestava tanto, um pintor de tanta imaginação teria resistido à tentação de favorecer o pitoresco às expensas da sobriedade epica? Em todo o caso, este poema denota um genio inventivo pouco comum e um dom de exposição notavel; é rico de detalhes de grande beleza; como prova do que adiantamos, damos (com as correções do autor) um fragmento "Sagres", que nos mostra Colombo voltando de sua terceira viagem, carregado de cadeias, e a equipagem não longe do cabo de S. Vicente. O grande navegador teve uma visão: viu aparecer o infante Henrique, o navegador (253) que passou a maior parte de sua vida em Sagres, onde organizou numerosas expedições que levaram à descoberta da costa ocidental da Africa. Ser espirito consola Colombo, prediz-lhe que seu nome será immortal, fará empalidecer o dos reis, e que enfim a posteridade lhe devolverá em honras o que os seus contemporaneos hoje o fazem sofrer.

Além destes escritos em verso, Porto Alegre é o autor de "Discursos e memorias", criticas literarias e biograficas, principalmente em sua qualidade de membro do Instituto Historico e Geografico, de que foi durante mais de dez anos orador. A maior parte destas dissertações encontra-se na Revista deste instituto (253 a) e denotam como as poesias, erudição extensa, eloquencia e facilidade de elocução.

Dissemos que entre os que seguiram o caminho traçado pelas "Brasilianas" o maior talento é Antonio Gonçalves Dias.

(253) Henrique, duque de Viseu, quarto filho do rei João I, de Portugal, nascido em 1394, morto em 1463.

(253 a) V. a lista de suas obras no *Diccion. bibliogr.* de I. Fr. da Silva, V. p. 364-366.

Nascido em 1823 em Caxias, provincia do Maranhão, foi cedo enviado por seus pais a Coimbra onde estudou philosophia e direito. Deveria preparar-se para desempenhar as funções de procurador geral na sua provincia, mas já durante os seus anos de estudo, seu talento poetico se havia fortemente desenvolvido e era apreciado. Para seguir seus gostos literarios e politicos, Gonçalves Dias não tardou em trocar o lugar que obtivera na magistratura depois de sua volta ao Brasil por uma cadeira de historia. Em 1846 lançou sua primeira coleção de poesias liricas. *Primeiros cantos*, Rio de J. 1846, 8.º (254) publicadas em parte em revistas portuguezas, principalmente no "Provaador" de Coimbra. Em 1846 publicou uma segunda coleção *Segundos cantos, e sextilhas de Fr. Antão*, Rio de J. 1848, 8.º e em 1851 um terceiro (*Ultimos cantos*, Rio de J. 1851, 8.º). Gonçalves Dias fez tambem alguns ensaios dramaticos e augmentou o pequeno numero das tragedias nacionais. Citam-se *Leonor de Mendonça* (impresso no *Jornal do Comercio*), *Boabdil e Beatriç Cecei*. Por 1850, Gonçalves Dias voltava à Europa, encarregado pelo Governo de estudar os estabelecimentos scientificos da Alemanha e da França em particular. Manteve-se até 1858 no primeiro destes dois países e fez imprimir em Leipzig uma edição completa de suas poesias (255). Em 1857 publicara na mesma

(254) Alexandre Herculano, o mais celebre dos poetas vivos de Portugal, reconheceu a vocação e o grande talento de Gonçalves Dias na critica, desde o primeiro livro (*Revista universal Lisboense*, VII, p. 5, 1847-48) impresso tambem no começo da edição completa das poesias de nosso poeta.

(255) *Cartas. Coleção de poesias de A. Gonçalves Dias. Segunda edição*. Leipzig, Brockhaus, 1857, 12 dedicou esta edição a um dos seus amigos, o dr. G. S. Schuch, de Capanema, austriaco estabelecido no Brasil. O prólogo é assi-

cidade os quatro primeiros cantos de uma epopeia sob o titulo de "Os Timbiras" poema Americano (Leipzig 1857 — 8.º).

Por 1853, nosso poeta voltava à patria para tomar parte como historiador e etnografo na viagem scientifica que o Governo mandou empreender na provincia do Ceará, perto do rio Amazonas. Os titulos de Gonçalves Dias eram suas memorias sobre numerosos pontos duvidosos da historia do Brasil e seu dicionario de lingua tupi. (256)

Enquanto que seus companheiros voltavam depois de dois anos ao Rio de Janeiro, para pôr em ordem a sua coleção, Gonçalves Dias continuou às margens de grande rio, onde nasceu e cujo clima ele tão bem tolerava. Quiz continuar suas pesquisas sobre os indios destas regiões. (257)

Publicando suas "Primeiros Cantos", Gonçalves Dias pronunciou-se da maneira seguinte sobre a poesia e sobre a vocação do poeta:

nado Dresden, 30 de março de 1857. Depois appareceu uma terceira edição, com o retrato do autor; assim como a primeira parte na *Coleção de autores portuguezes*, 1860 8º.

(256) V. suas memorias sobre a questão da existencia das amazonas no Brasil e da descoberta fortuita ou não deste país. Resolveu a primeira negativamente, a segunda affirmativamente. Encontram-se na Rev. do Inst., XVIII, p. 5 e 289. Quanto ao glossario publicou-o em Leipzig em 1858: *Dicionario da lingua Tupi chamada lingua geral dos indigenas do Brasil* (em 12) O prefacio é assinado de Viena, junho 1857.

(257) V. I. Fr. da Silva, *Dicionário*, I, p. 156, onde não encontramos mais que uma curta noticia sobre G. Dias. Procuramos completa-la com as que appareceram nos jornais alemães (V. o *Magaz. für die Literatur des Auslands*, 1857, nº 48, 1858, nº 48 e 49 *Wiener Zeitung* de 5 de novembro 1861, p. 5015).

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e quente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O maior numero de poesias de Gonçalves Dias são com efeito transbordamentos líricos propriamente ditos; não são no entanto fingidos, porem marcados por uma inspiração verdadeira; ve-se que o poeta se abismou na contemplação da natureza e que nos diz suas impressões. Como as poesias de Magalhães, elas são no fundo elegiacas, mas se distinguem destas ultimas em que o sentimento e o pathos occupam ai lugar maior que a especulação e a reflexão. Gonçalves Dias tambem cantou o amor, suas alegrias e suas dores, e que ele mesmo sentiu em sua carne, mas sem a leveza de Anacreonte, sem a participação dos pastores da Arcadia, antes de maneira seria e ideal que com o fervor sensual dos meridionais (v. por exemplo uma poesia digna de Schiller, (Se se morre de amor) Suas descrições das grandes cenas da natureza e de seus phenomenos nos mostram ao contrario uma concepção ideal unida ao colorido que só se encontra nos tropicos (por exemplo o hino magnifico "A Tempestade", descrição

de uma destas tempestades peculiares ao céu meridional"). (258)

Quanto à forma destas poesias, Gonçalves Dias seguiu frequentemente o sistema de estrofes e de ritmos entremeiados, introduzidos por Magalhães. (259)

Embora desdenhe em seus versos e em suas estrofes os usos recebidos, Gonçalves Dias não se distingue nem por isto do ponto de vista da forma. Sua versificação é fluida, sua dicção harmoniosa, seus ritmos antes de tudo musicais. Haverá alguma coisa de mais melodioso, e mais encantador que as duas poesias "Seus olhos" e "Olhos Verdes", celebres também pela graça de suas imagens? São variações sobre o tema tão conhecido dos olhos da amada mas que prendem por figuras novas, por encantos particulares.

Gonçalves Dias também provou ser o mestre da forma e da língua no ciclo dos romances que juntou à sua coleção sob o título de "Sextilhas do Frei Antônio" Faz o frei Antonio piedoso dominicano, contar historias de sua mocidade, que se passaram na corte de Afonso X e D. João II de Portugal. Imitou bem a língua de o Seculo XVI, suas estrofes de seis versos são fluentes, mas o todo possui antes o tom de uma cronica rimada que o dos romances populares.

Gonçalves Dias provou, pelas composições de que falamos, seu talento de poeta, e de poeta portuguez,

(258) V. o que Lopes Mendonça (*Memorias de litteratura contemporanea*, Lisboa, 1855, 8º, p. 316) diz dos pontos particulares de suas descrições da natureza.

(259) "*Muitas delias (poesias) não tem uniformidade nas estrofes, porque menospreso regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da versificação portugueza, e usci doles como me parecerão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir*".

porém mereceu um lugar no Panteon brasileiro por suas Poesias americanas.

Ultrapassou seus predecessores e mesmo o mais proximo, Araujo Porto Alegre, cujas "Brasilianas" lhe haviam apontado o caminho a seguir. Não se contentou em descrever subjetivamente a impressão que lhe causaram as particularidades da natureza e dos costumes brasileiros, identificou-se objetivamente com as vistas e as expressões dos indigenas. Ora o vemos como um vate indio (piaga ou pagé) explicar e conjurar visões, ora entoar cantos guerreiros ou cantar os sacrificios e os combates sangrentos, ora como um marabá lastimar a sorte desta raça mestiça que os indigenas desprezam, ora joverem indio falar dos encantos da mãe de agua que, tal qual as sereias, o arrasta em seu tumulto unido; ele está no melhor caminho para criar uma poesia verdadeiramente nacional, revestida de uma forma apropriada ao gosto de nosso tempo.

Não é de espantar que estas Americanas hajam adquirido grande popularidade no Brasil (260); elas satisfarão igualmente o gosto dos leitores europeus.

Este novo caminho epico e objetivo leva naturalmente Gonçalves Dias a dar numa epopeia um grande quadro da vida indigena, de que não havia revelado até então mais do que alguns fragmentos, semelhantes aos quadros do genero, mas de grande efeito. Com esta finalidade, escolheu contendas — não podemos chama-las guerras — entre duas tribos indigenas, Timbiras e Gamelas. Parece ter evitado intervenção de elementos europeus para poder reproduzir a vida dos

(260) V. o artigo de Juan Valera intitulado "A poesia brasileira" e traduzido da "Revista dos dois mundos" jornal espanhol, em "Guanabara", III p. 323-323. Afirma que Gonçalves Dias é o Zorrilla do Brasil e diz a proposito de suas americanas, *é o mais popular de todos os poetas brasileiros.*

indigenas, em toda a sua originalidade. Assim ele nomeou o seu poema "Timbiras", um "Poema Americano". (261)

Não possuímos, é verdade, mais que quatro cantos deste poema; não vemos aqui apenas um relato destas contendas, uma descrição de seu teatro e de alguns dos seus heróis o que nos torna impossível julgá-las. No entanto, podemos desde já fazer notar que a escolha de assunto assim limitado, nos parece perigoso e constitui uma inferioridade mareada da obra de Gonçalves Dias, comparada com a de Magalhães e seus predeces-

(261) Seu ponto de vista é bem expresso na Introdução:

*Os ritos semibárbaros dos Piegas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
Donde como d'um tronco, enfim se abriram
Da cruz de Cristo os pedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira...*

E além:

*Como os sons do boré, soa o meu canto
Sagrado ao rudo povo americano:
Quem quer que a natureza estima e presa
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque susurrando ao longe
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lira;
Não me assentei nos cimos de Parnaso,
Nem vi correr a linfa da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas matas
Aspero tronco da palmeira escolho,
Unido á ele soltarei meu canto,
Em quanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos enconchados leques.*

sores. Se ele tivesse tomado, como este ultimo, um acontecimento historico de grande alcance, se tivesse feito ressaltar o contraste da vida e dos costumes indios com as qualidades e os defeitos da civilização dos brancos, teria não apenas aumentado o interesse da obra, mas ainda evitado o tom monotono, que deve naturalmente assumir a pintura detalhada de caracteres e de ações de tribos semi-barbaras, como ele proprio as considera. Esta predileção por tudo o que é indigena, de tal modo tocou o poeta que ele queixa-se de a America de ter entrado em comunicação com a Europa, e não vê mais que os maus lados da civilização que vem deste continente.

Esta epopeia é igualmente concebida em endecassílabos brancos. O talento do poeta revela-se no entanto na beleza dos versos e na dicção como em numerosos detalhes. (262)

Um dos principais poetas contemporaneos do Brasil se reuniu a Araujo Porto Alegre e a Gonçalves Dias para publicar uma revista já mencionada, "Guanabara" e que exerceu influencia notavel sobre o desenvolvimento da literatura brasileira. É Joaquim Manuel de Macedo. É verdade que sua reputação se funda sobretudo sobre romances e dramas, de que falaremos no tempo e local oportunos, mas suas produções liricas notaveis nos incluz em a nomeá-lo aqui.

(262) Encontramo-los principalmente no segundo canto, assim no canto do Piaga, sobre a significação do sonho que Tupã envia, notável por seu tom misterioso e sombrio; na queixa sobre a perda de Coema (p. 32, 3a 39); na cena em que o insensato Piaiba, se dirige a Ogig, que desperta de inquietude, porque seu filho Jatir partira à conquista de novas aventuras; no louco que canta um hino de morte chelo de medonhos pressentimentos; os endecassílabos aqui se alternam com hemistiquios, o que produz um efeito particular.

Macedo nasceu a 24 de junho de 1820 em S. João de Itaboraí, vila da provincia do Rio de Janeiro. Forma-se em medicina na Côrte e occupa a cadeira de historia nacional e de geografia no collegio Pedro II; desde 1854 é deputado à assembleia provincial do Rio de Janeiro e um dos membros mais ativos do Instituto Historico e geografico. Entre 1851 a 1856 foi o primeiro secretario deste erudito cenaculo; no ultimo ano foi eleito orador e um dos vice-presidentes. (262 a)

Fez-se conhecer como poeta lirico a principio por algumas poesias publicadas na "Minerva Brasiliense", "Guanabara" e outras revistas e que não apparecem em outras partes ao que sabemos. São eroticas. Ora o vemos versejar com graça maliciosa, ora se entrega à melancolia particular aos meridionais — a saudade; mas seus versos são sempre tão leves e de tão boa estrutura que se diria que seu autor nunca falou outra linguagem.

Macedo publicou, sob o titulo de "A Nebulosa" (Rio — 1857 — 8.º) um poema que produziu grande sensação; apesar de suas partes epicas e dramaticas, é preciso enquadra-lo na poesia lirica, descriptiva.

Este poema se compõe de seis cantos e de um epilogo em endecassilabos brancos.

O canto primeiro (A rocha negra) começa com uma descripção do teatro da ação. Numa baía, sobre os lados da qual parecem pender ameaçadoras, fileiras de rochedos iguais a gigantes petrificados, eleva-se entre os blocos, cujo apice ultrapassa o nivel do mar, um rochedo mais alto que os outros, de aspecto arduo e sombrio. É teatro de uma velha tradição. Ali morava uma mulher bouca, "sabida em magicas tremen-

(262 a) V. I. Fr. da Silva, *Dicton.*, IV, p. 126-128 onde encontramos uma lista completa de suas obras apparecidas até 1850.

das". Conservava-se sempre jovem e bela; os que a viram não se esqueciam mais dela e consumiam-se por seu amor. No entanto, não podia suportar a luz do sol; à primeira aparição da aurora, envolvia-se de nuvens espessas de que seu poder magico envolvia a rocha. É por isso que a chamavam de Nebulosa. Nas noites de luar, via-se-a, vestida de branco, preparar sobre as vagas bebidas magicas com chamas que os seus olhos acendiam e o orvalho do sol à meia noite, caminhava sobre o mar e sem molhar os pés, sentava-se sobre a rocha negra e penteava as tranças de ouro, que se balançavam ao vento; cantava e ria no mar até a volta da luz, que a fazia retornar a sua morada de nuvens. E assim viveu por muito tempo, sempre jovem e bela. Mas Deus puniu-a. Um dia encaminhou-se para a agua, esquecendo-se de pronunciar "*as da cabala Satánicas palavras*", quando se lembrou já era tarde; seus pés molham-se, ela já se sente afogar-se. Em vão procura reter os braços, a tempestade cerea-a, rugidora, o mar ergue-se, e as vagas espumantes lançam-na contra a rocha negra. Procura agarrar-se mas suas mãos deslizam; olha o céu e vê despontar o dia que torna inutil sua força magica; o véu de brumas se dissipa, o abismo a devora e sepulta ao pé da rocha negra. Ninguém não viu seu cadaver; sua morte foi tão misteriosa quanto a sua vida. No entanto, conta-se que nas noites de luar, vê-se sobre a ponta deste rochedo um fantasma que suspira profundamente e que um frio extremo o envolve. É a Nebulosa; ela canta e chora; seus acenos enganadores atraem os imbuidentes que se aproximam; tomados de loucura subita, precipitam-se no mar onde por "*negros contratos*" se submetem ao fantasma.

Eis porque a rocha negra passa por maldita. Infeliz o que a subir sucessivamente durante tres noites de luar;

cedo ou tarde perecerá miseravelmente. Os que se aproximam arriscam a vida, porque o mar tranquilo é como uma ebulição em torno. Os pescadores evitam-no, persigam-se e imploram a Deus que os guarde do poder de "A Nebulosa".

Dois pescadores por uma noite clara passavam perto deste lugar; veem de repente uma forma humana destacar-se da margem, saltar de pedra em pedra, atingir enfim o ápice da rocha negra e aí ficar contemplando o mar. "É ele" gritam os barqueiros, "é ainda ele". É o homem que tinha vindo um mês antes à casa deles e quis habitar sua cabana, pagando grande soma de dinheiro; traz sempre uma harpa e chamam-no de "Trovador". O desconhecido não responde a ninguém, esconde-se a todos, e oculta o seu nome. Jovem e belo, é no entanto sombrio e impenetrável; seu olhar queima, seu sorriso só exprime o desprezo e a dor. Visita sempre a baía e passa as noites sobre a rocha negra, embora os pescadores o houvessem advertido dos perigos de Nebulosa. Procura ocultar uma dor imensa ou um crime terrível, de que não procura consolar-se, mas que ele quer enterrar nas profundidades do mar. As vezes, nos grandes cataclismos da natureza que ele ama acima de todas as coisas, rompe em imprecacões mas não fala nenhum nome que o ceo possa trair. Às vezes, durante as noites tranquilas em que a lua brilha com todo o esplendor, rompe em queixas melancólicas, e sua harpa parece seguir-lhe os pensamentos. Na noite de que o poeta fala, ele assim exalava sua dor, quando viu uma barca aproximar-se da rocha; ela encerra uma forma vestida de branco, que não aparta os olhos dele e se aproxima cada vez mais. "Pescador, disse ele, que te fazem minhas queixas e minhas insónias? Minha dor é um segredo que o mundo não saberá jamais!" "Tua dor é segredo que o mundo não saberá

jamais, mas que eu descobrirei!" responde o fantasma, repetindo as ultimas palavras como um eco.

O "Trovador" reconhece então que não é um pescador mas uma barca, a pessoa que se aproxima dele tres noites consecutivas, e que é a voz de uma mulher que lhe respondeu, zombando. Para enfrenta-la, o Trovador recomeça a cantar, mas o fantasma repete seus sinistros presentimentos. Quando ele quer descer do rochedo, encontra-se de repente em presença desta mulher misteriosa; quer segurá-la, mas a figura branca que tem diante de si adverte-o de não fazer nada, pois que ella é encantada: depois, apontando o mar com seu dedo de eristal, ella grita: "Pertengo à Nebulosa!"

O segundo canto tem por titulo "A Douda". É o fantasma que "O trovador" viu durante tres noites. Sua mãe, sem recursos e repelida em toda a parte, tinha chegado um dia àquella paragem e a tinha dado à luz, numa caverna da baía, mas seu filho, tão bello, havia perdido a razão. Então, "A Nebulosa" appareceu-lhe e prometeu dotá-lo de força magica, de desvendarlhe o futuro e de revelar-lhe todos os seus segredos, se elle quisesse prometer-lhe obediencia completa e consagrar-lhe sua filha. A desgraça desta pobre mulher levou-a a consentir nisto e "A Nebulosa" tinha selado o pacto com um beijo de fogo que deixou na fronte da mãe e da filha um sinal negro. A primeira tinha se tornado uma feiticeira temivel, a segunda uma fada e a favorita da Nebulosa. Enquanto permanecer na terra, continuará jovem e bela: o sinal que apparece em sua fronte, será mesmo um dia arrebatado pela espuma do mar, quando depois de sua morte fizer sua entrada no reino de "A Nebulosa" e de sua aviga, a lua, para levar como uma ondina uma vida de alegrias e prazeres. Em troca, sua vida terrestre deve passar

na tristeza e em lagrimas; todo o mundo a supõe louca, não obstante o seu juízo contrario. "A Donda" perdeu sua mãe; desapareceu de repente, segundo uns numa nuvem que para puni-la gira em torno da lua, segundo outros, precipitou-se no mar do alto do rochedo negro.

Mas "A Nebulosa" tomou a orfã sob sua proteção particular; acompanha-a por toda a parte, dá-lhe ordens e conselhos que ela escreve sobre as vagas com raios de lua.

"A Donda" aparece ao Trovador como um fantasma, como um ser de outro mundo. Ela pede-lhe de inicio de dizer-lhe que cante com ele: "Não é a voz de um homem, nem a de teu amante, porque eu a conheço; esta voz, doce como a de um anjo, enche-me de volupia indizível." "O Trovador" diz-lhe que é uma harpa e a pobre fada grita: "Não é nem harpa nem mulher, nem anjo que se deve chama-la, mas amor que fala".

Encantada, ella escuta os sons da harpa e conjura o Trovador a fazer falar este amor na sua hora ultima, na hora de seu trinado porque elles morrerão juntos; ella quer morrer embalada por esta doce harmonia. Depois ella conta a sua história ao estrangeiro, cujo espanto cresce e pede-lhe que tambem conte a sua. Mas este não quer atendê-la; então a fada declara sabe-la quase toda e saber que ella se resume na unica palavra "nunea". O "Trovador" treme de ouvi-la, e como persiste em guardar silencio, a fada lhe diz: "Não hesite mais em comunicar seus tormentos a quem quer que os compreenda. Tambem amo, conheço os desejos do amor que enchem toda a natureza e aos quaes as fadas são igualmente submetidas. Conheço as dores que causam e não quero curar-me deste amor, como uma mãe conserva sua afeição por seu filho, mesmo quando elle lhe paga com ingratição." O coração do "Trovador",

abre-se então; quer dizer a sua sorte à companheira de dores que o Céu lhe envia, contar-lhe o amor que o seu pejo até então havia occultado. “Atrás desta negra floresta está um belo vale. E’ la que eu vivo e vi o dia. Cresci na fartura, amei meus pais, afastado do mundo e abandonado aos sonhos de minha imaginação. Uma primeira desgraça me atingiu: perdi meu pai. Uma noite — já contava mais de vinte aos — fui além do fim comum de meus passeios; de repente uma voz chocou meu ouvido, tão embriagadora que nada se lhe podia comparar: esta voz era de uma jovem, bela como o sorriso de Deus; apaixonei-me dela. Mas minhas supplicas foram vãs, ela não respondeu a meu amor, não me deu mesmo uma esperança e me respondia sempre com o fatal nunca... Ela via meu desespero, podia calcular os estragos que a paixão exercia sobre minha vida, e compadecia-se de mim mas repetia sem cessar o terrível “nunca”. Recorri então a uma feiticeira que morava numa gruta vizinha, e lhe perguntei como poderia alcançar o amor da inexoravel. Depois de haver por longo tempo refletido, a feiticeira respondeu: “Louros.” Neste momento, “a Douda” pergunta ao Trovador, se não tinha notado alguma à entrada da gruta. “Sim, disse ele, uma pobre menina de dez anos que me ouvia chorando.” Depois continuou seu relato: “Deixei minha mãe para procurar combates, obtive vitórias, ganhei a gloria e tive louros, que pus aos pés de minha amada. Porém ela respondeu: Jamais. Voltei então à casa da feiticeira, recriminei-lhe os infructiferos conselhos e reclamei um filtro mais poderoso. Depois de ter refletido por longo tempo, ela disse: Cantos. A “Douda” interrompe de novo o Trovador, perguntando-lhe se não notou alguma perto da feiticeira. “Sim” disse ele “uma jovem de quinze anos que me contemplava a vida.” “Assim é”, grita a Douda.

O Trovador continuou: "Fiz-me então trovador, meus cantos celebravam minha amante, encantavam todos os homens, mas ela só respondeu-me com o eterno jamais. Fui procurar pela terceira vez a feiticeira porém ela estava morta." "Mas, gritou a Douda, ouviste uma voz dizendo: Teus males são sem remedio. Morrerás deste amor, mas alguém morrerá contigo; era minha voz."

O Trovador supplica então à Douda que lhe prepare um filtro que ganhe o coração de seu amante. "Há dez anos" disse ele, que eu não vejo minha mãe; não sei mesmo se ela vive ainda. Meu amor fez que eu me esquecesse dela, meus grandes feitos, minha gloria de trovador, minha vida e a salvação de minha alma; sinto mesmo que este amor é uma vergonha e leva-me ao crime, mas sou fraco demais para rompe-lo. Escuta, mulher, que ninguem te chame de louca! Não és louca! Sê por mim um anjo ou uma fada, inventa uma bebida magica, contenta meu amor, e tudo o que eu possuo é teu. E' em vão que a Douda responde que ela é fada, estigmatisada e réproba de Deus; ele persiste em sua supplica. Coberta de dores, cai a seus joelhos e grita: "Cedo ao destino. A Nebulosa predisse-me, escreveu sobre as vagas, ela que não mente nunca, que não há remedio aos teus sofrimentos e que as fadas possam preparar. No entanto, quero fazer uma tentativa de que ninguem me poderá pagar. Não podes conhecer o que ela me ensta; sinto-o e Deus o sabe. Irei encontrar a mulher que adoras, falar-lhe-ei, e se eu conseguir comove-la, tanto melhor para nós dois." O Trovador cai de joelhos, mas a Douda fá-lo levantar-se e diz-lhe, tristemente, despedindo-se: "Não te humilhes assim, nem mesmo diante de uma fada; é só diante de Deus que um homem deve dobrar os joelhos. Ao crepesculo, irei ao vale que conheces, e lhe falarei. A lua preci-

pita-se em seu curso, eu parto. Adeus. Faze-me ouvir o amor que fala." A Douda subiu então à sua barea.

O Canto Terceiro "A Peregrina" descreve a morada da amada do "Trovador". Chama-se assim porque ela appareceu sosinha por ali (*vive só de harmonia e perfumes*) — sua residencia é um vale delicioso, envolto de florestas sombrias, um "silvestre pavilhão", no meio encontra-se um lago. A Douda chega aí ao por do sol e vê a peregrina repousando sobre a relva; é tão bela, seus encantos são tão poderosos que a Douda não pode deixar de gritar, não obstante o seu ciúme: "Na verdade é ela que eu deveria amar." A esta exclamação, a Peregrina, ergue-se e pergunta espantada à Douda quem ela é e o que procura às margens do lago. A louca, abismada na contemplação da estrangeira, perturba-se com esta pergunta e recorda-se do fim para que veio. Lembra-se de sua promessa, o desespero a retoma, foge em torno do lago, quer precipitar-se nas ondas; porem aqui percebe sua imagem que ela toma pela da Nebulosa, irritada de sua hesitação; e se submete contra a sua vontade. Não entanto, ela não pode dirigir-se directamente à Peregrina. Cheios de dor e ciúme, seus olhos circumdam-na, e enfim vão pousar sobre uma rosa mal aberta. E' a esta flor que ela falará, a estrangeira lhe parece ter tomado esta forma, a rosa a ouvirá. Ela faz então soar um canto de amor doce e lamentoso.

"Nem sempre rosa, linda flor, has sido
Nem sempre o mimo do secreto lago;
De encanto és presa, de vingança exemplo,
Se agora és rosa, foste já donzela.

Doces aromas que teu seio exala,
Revelam mudos de teu fado a história;
Tambem sou maga, e desnudei arcanos;
Sei que és donzela, e só no aspecto rosa.

Lembras-te acaso das passadas glorias?...
 Tecêra a graça em tua face um ninho;
 Raios amor nos olhos teus vibrava,
 E contendias formosura aos anjos.

Na vez as fadas te entornarão filtros,
 Eras do mundo maravilha e assombro;
 Em flor és menos, qu'em mulher; rainha
 Se hoje és das flores, já das belas foste.

Muites te amarão: — juras e pretestos
 Deixaste, surda, que a teus pés morressem;
 Deusa impiedosa, só de ti ganharam
 Desprezo frio, adorações ferventes.

Nem de um poeta o coração domou-te
 O olhar de fogo, e derreteu-te o gelo;
 Pobre irsensata! nem sequer sabias,
 O que é poeta, e que missão o alteia!

Do céu trombeta, que na terra sôa
 Raio do genio, vitima da gloria;
 No céu tem palmas, tem na terra angustias,
 No seio a gloria, e na cabeça o genio.

Flor que desponta, quando á natureza
 Com santo amor o olhar de Deus fecunda,
 Predestinado, que aleitarão fadas;
 Mito de pranto e fogo: — eis o poeta.

Impenetravel rocha que desdenha
 A linfa pura, que em seu dorso corre,
 Assim tu foste, desprezando extremos,
 Qu'ardente poeta esperdiçou contigo.

Pira sublime, rescendendo amores,
 Alma de fogo derramada em hinos,
 Só teve em paga enregelada frase,
 Jamais! — a frase, que á esperança é morta".

Com effeito, a Peregrina ouviu este discurso e referiu-o a sua pessoa; no entanto, pergunta à Douda,

porque veio e quem foi que a mandou. Esta responde então, antes tímida, e hesitante; depois ergue os olhos para ela e a encara atenta: "Vim por ordem da Nebulosa para sacrificar-me por alguém que scfra. Treme, diante de seu poder sempre presente." A Peregrina lastima então a Douda, cujo estado ela reconheceu a este discurso, mas esta grita: "Não me lamentes, sou a encantada, as alegrias me esperam. Tu, sim: é que eu quero lastimar, tu que violas a lei de Deus, e ousas irritar a Nebulosa. Arrepende-te portanto que é tempo ainda; és uma criminosa, pois fechas o coração ao amor." A Peregrina responde-lhe então que está tomada de um santo amor pela natureza, por Deus, pela divindade no homem, pela virtude, por um amor livre de sensualidade. A Douda diz-lhe eu tom ameaçador: "O reconhecimento também é uma virtude: o trovador que te deu tantas provas de amor e abnegação, tem direito ao teu reconhecimento. Teme a vingança da Nebulosa, teme a perseguição dos silfos; são os espiritos das mulheres que te fizeram falsos juramentos de amor: elles te envolverão sempre."

O estrangeiro interrompeu então o discurso, e respondeu tranquilo e orgulhoso: "Não extravagues mais; dize a quem te envia, que persisto no meu nuca; quanto a ti, evita o amor; o amor dos horiens traz a desgraça; o de Deus é o unico que dura e dá a felicidade." Após estas palavras fugiu como um cervo assustado.

Enquanto a Douda pensava na maneira por que responderá ao Trovador, este sai da mata e declara ter ouvido tudo. "Pronunciei minha sentença", disse ele se quizeres rever-me, "apareça à meia noite na rocha negra". Depois desapareceu e a louca repetiu tristemente: "A meia noite."

O canto quarto nos conduz aos tumulos. Num recanto apartado, envolto de sombrias florestas e de negras montanhas, eleva-se uma montanha que domina todas as outras. No seu ápice um solitario tinha outra construido um cremiterio; o monge morreu, sua casa estava em ruínas; o altar somente erigido no portico, ao meio das numerosas tumbas, se havia conservado; a lampada não se apagava nunca e foi a unica luz que dissipou as trevas. Ignora-se quem alimenta a chama, no entanto conta-se que um espectro de mulher, de roupas negras, de cabelos alvos como a neve, subia todas as noites à montanha para manter a lampada acesa.

Na noite que se seguiu ao colloquio da Peregrina com a Douda, viu-se apparecer ao raiar da lua um homem caminhando entre tumulos, e que se ajoelha e reza... É o Trovador. Depois se ergue e procura um tumulo, o de seu pai. Atira-se de joelhos, invoca seu espirito, queixa-se dos males que sofre e despede-se dos despojos terrestres do autor dos seus dias. Ao tombar da lua, o Trovador quis por fim à existencia que ele não pode tolerar por mais tempo. Pensa tambem em sua mãe; cheio da dor mais profunda, grita: "Ah, minha mãe!" e desaparece e erra como um possesso em meio aos tumulos. Mas de repente, escutam-se vozes que partem da entrada do cremiterio; uma diz com tom imperativo, porem muito doce: "Quero entrar sosinha, rezar sosinha, espera-me à porta." Por muito tempo, o Trovador caminha junto à montanha afundado na lembrança de sua mãe; enfim ergue os olhos, encara o altar, onde vê uma mulher aos pés da cruz e rezando com fervor; depois se levanta, põe as mãos no peito e grita dolorosamente: "Ah, minha mãe!" O trovador precipita-se sobre ela para assisti-la, elle segura-lhe as mãos, leva-a quase com violencia à luz da lampada, encara-a e solta um grito: é a Peregrina.

Por um instante, mostrou-se aterrada; logo mais, no entanto, se refaz e eneara a cruz que a deve proteger. O Trovador também, assaltado pelos sentimentos mais diversos, permanece a princípio silencioso; finalmente diz num tom de censura, afetuosamente: “Encara apenas a santa cruz, mulher que me arrebatou os sentidos! Não ves que a barreira, que puseste entre nós dois não passa de uma inspiração do inferno? Não vês que a mão de Deus nos conduz para aqui? Não vês que estamos ao pé de um altar?”

A “Peregrina” diz então que veio para rezar ao túmulo de sua mãe no dia de sua morte. O Trovador supplica-lhe de novo que o escute, que consagre este altar ao amor, e ela responde o terrível nunca. No entanto, a piedade que se apodera dela fá-la consentir em explicar ao Trovador que razões e juramentos a forçam a persistir na recusa. “Tu és o primeiro,” diz ela, — que sabe o segredo de minha existência; saberá porque eu desprezo o amor dos homens. Minha mãe foi vítima da sedução; desde episodio nasci eu e uma irmã gêmea. O pai de minha mãe morreu de desespero; no seu leito de morte, amaldiçoou a filha: Possa também ela morrer de dor, a dor que me arrebatou a existência! que a vergonha das filhas seja a morte da mãe! — Para esconder sua desonra e impedir o efeito da maldição, a infeliz retirou-se ao mais fundo da floresta. Crescemos afastadas de todos os homens, mas isto não impediu que se espalhasse a fama de nossa beleza. Um jovem de alta linhagem appareceu na região. Começou por dar festas esplendidas, que evitamos; depois partiu para voltar disfarçado em camponês. Chegou assim a insinuar-se no coração de minha irmã; e esta foi vítima da sedução; o perfido abandonou-a para casar-se com uma mulher de sua classe. Minha mãe enlouqueceu, mas a morte logo veio para

por fim à sua desgraça. No seu leito de morte, recobrou a razão e conjurou-me de nunca mais escutar palavras de amor ditas por homem. A maldição de seu pai cumpriu-se assim sobre a minha mãe; ela logo morreu de dor. À agonia, fez-me jurar que repeliria qualquer declaração de amor, que nunca daria a nenhum homem a mínima esperança. Prometi e minha mãe morreu repetindo nunca. Depois deste acontecimento, deixei esta região de dores e dirigi-me para esta paragem ainda mais solitaria para manter fidelidade ao meu juramento. Devo dar-te a resposta fatal: não posso mesmo fazer-te esperar que eu te atenda um dia." Foi em vão que o Trovador suplicou à Peregrina; ele protestou a pareza de seu amor; ela não quis dar lugar no seu coração ao que não fosse amor de Deus e do que ha de divino na natureza; sente-se feliz com estes sentimentos. Desesperado, o Trovador, anuncia-lhe que se ela se recusa de ser seu anjo, ela será seu carrasco, que sua dureza o levará ao suicídio. Diz-lhe adeus e pede-a de consolar sua mãe, chorando com ela.

A Peregrina censura então o Trovador por seus pensamentos criminosos, sua fraqueza tão pouco digna de um cristão; este mostrou-se presa de um acesso de amor, do qual a peregrina se evade pela fuga. Atira-se em seu encaço, choca-se de encontro a um tumulo e afasta-se todo saugrento.

Desperto de seu desmaio, pelo ar fresco da noite e o orvalho, o "Trovador" encontra-se só, envolvido de tumulos e poeira; só a lampada espalha alguma claridade. Tudo recorda a morte e o seu coração parece disposto a padecê-la. Abandona-se a este pensamento e abisma-se por completo em sombrias meditações. De repente, começam a ouvir-se passos na capela, a chama se reanima, ele percebe uma mulher como a que a

tradição descreve a manter acesa a lampada. O "Trovador" sente-se arrastado para a aparição que pára com o objetivo de esperar; um passo os separa, a lampada ilumina seus traços; reconhecem-se. "Meu filho! Minha mãe!" gritaram, precipitando-se um no braço do outro. Mas aquele encontro depois de dez anos de separação, em tal lugar, e em tal oportunidade, e semelhante futuro, uma separação bem mais longa em algumas horas! A alegria da mãe é curta; a voz do filho só lhe anuncia o desespero, a sua resolução de pôr fim a uma vida insuportável. E' em vão que ela desenvolve toda a eloquencia, de que o amor materno é capaz, é em vão que dirige a seu filho as recriminações mais ternas e lhe mostra o seu desespero, e ele, preso de uma furia de amor, anuncia-lhe sua decisão irrevogável: "Quando a lua ainda brilhante desaparecer atraz das sombrias montanhas, eu me precipitarei do alto da rocha negra, no mar espumante." Navens espessas occultam então a lua, a lampada se apaga, e trevas profundas passam a envolver toda a região. A mãe procura rerer seu filho com ansiedade, e foge como um furioso; Só o eco responde a seus gritos de dor; com a força do desespero, atira-se nas trevas, à sua procura.

O quinto canto tem por título "A Mãe". Descreve os esforços do amor materno para salvar o filho. A mãe do "Trovador" encaminha-se em meio das trevas para a casa da "Peregrina", na esperança de que a dor de uma mãe desesperada acabasse finalmente por toear o coração de uma jovem. A "Peregrina" tinha visto em sonhos repetidos a vingança da "Nebulosa", os sofrimentos inauditos da mãe do "Trovador"; um pavor crescente a despertou. Ouviu batidas na porta, e a "Peregrina" viu entrar esta desgraçada, como um sonho lh'a havia descrito. Esta procura persuadi-la

ora pelas preces as mais tocantes, ora pelas imprecações as mais terríveis, a salvar seu filho e segui-la à rocha negra, antes do tombar da lua; como em sonho, dirige-se à "Peregrina", dizendo-lhe: "Salva-o." Profundamente comovida a "Peregrina" atira-se de joelhos, diante da imagem da madona para pedir-lhe conselho; ergue os olhos, e vê a lua inundar de seu doce brilho a Virgem que a encara e parece convidá-la à compaixão. "Sim, á a ordem de Deus. Salvarei teu filho, apressemo-nos" disse enfim à mãe do "Trovador."

Ambas correram à porfia, com a força que dá o amor. De tempos em tempos, encaravam ansiosas a lua, como se suas preces e seus olhares pudessem retardar seu curso; mas o astro das noites avança tranquilo e sereno; vai mais depressa do que as duas mulheres. À sua chegada à rocha negra, a lua desapareceu no horizonte.

O sexto e o último canto, a "Harpa quebrada" descrevem a morte do Trovador, cuja harpa se quebra como o coração.

À meia-noite, ele chega ao rochedo que ele galga como um triunfador, a harpa a seu lado. Chegado ao apice, alivia o coração num longo monologo; pensa na morte, na esperança, no amor, na paixão. Depois dirige os pensamentos para sua mãe, e sua amada. Os sentimentos de orgulho ofendido e de amor desprezado apoderam-se dele, com uma força sempre crescente; rompem em maldições terríveis contra a ingrata. Mas a visão de sua harpa o abandona; despediu-se desta amiga; entoa com ela seu canto de cisne (Hino de morte, em estrofes de seis versos e rimados, com estribilho; ao fim de cada distico uma das cinco cordas da harpa se quebra.) Esta companheira querida, ees de sua alma, não deve ser profanada por nenhuma voz

estrangeira; deve morrer por suas próprias mãos; o "Trovador" grita: "Adeus, minha harpa!" balança-a tres vezes acima de sua cabeça e atira-a com violencia contra o rochedo que a destrói. Depois, como um pai renne os ossos do filho, o cantor recolhe os fragmentos da harpa quebrada, beija-os, aperta-os até que se escapem de suas mãos enfiadas. "Vate sem harpa é uma alma sem idéia", grita o "Trovador" com a voz sufocada.

"Vate sem harpa é alma sem idéia;
Harpa quebrada coração sem vida
Tudo pois consumei agora á morte".

No entanto, repousa ainda uma vez sobre o rochedo — a lua não tinha ainda desaparecido. E silencioso, abismado em seus pensamentos, e pela ultima vez pensa na vida.

De repente, vê uma canoa deslizar sobre as vagas que o astro das noites ilumina. Aproxima-se do rochedo, de que sai uma mulher de vestes resplandecendo de brancura, alva como o véu de uma noiva, ou como um sudario. Ela galga o rochedo, aproxima-se do "Trovador", detem-se diante dele e encara-o com olhos apaixonados. Mas o cantor não a vê; sua propria dor fa-la esquecer-se da que ela causou aos outros; a ingratidão da "Peregrina" encheu-o de tal modo que não teve a menor idéia de que estivesse incidindo na mesma culpa. (262b)

(262 b) O poeta apostrofa aqui o "Trovador" censura-lhe o egoismo de seu amor, e a cegueira de sua paixão. Esta passagem nos parece tão importante para a apreciação do poema e de sua tendencia, que a transcrevemos:

*E tu, ó Trovador, tu, que, em delirio,
Do desespero escravo, a morte evocas,
E nas garras do crime a vida afogas;*

No momento em que a aparição se reencontra com ele, pensa na felicidade que o esperava se a sua amada o escutasse e apparecesse diante dele para confessar-lhe seu amor. De repente, ergue a cabeça, vê o fantasma branco, acredita o seu sonho realiado, levanta-se e diz: "E's tu?" Mas não era ella; era a Douda, enfeitada como uma noiva, estendendo-lhe a mão e dizendo: "Vês bem que eu acabo de falar; já é meia-noite. Esperavas-me? Vim para morrer contigo, de acordo com minha promessa. Segui a voz de meu coração, as ordens da Nebulosa, e o apelo de toda a natureza: o céu, o mar, a floresta, tudo pronuncia a palavra fatal: Morre! Chegou a hora de meu triumpho; a lua vai desaparecer, iremos para o Imperio da Nebulosa. Queria no entanto chorar mais uma vez ainda, antes de morrer; faze que eu ouça as doces harmonias da harpa, do "amor que fala". O "Trovador" mostra-lhe tristemente os restos deste instrumento. A Douda rompe então em queixas e censuras:

N'um ponto só nos distinguira a sorte:
 Tu foste amor de apreciados cantos,
 E eu sou amor de lagrimas perdidas
 Ambas harpas de amor, eu só mais triste.

*Tu, que impio ousaste contra a negra rocha
 Em pedaços fazer a harpa do genio;
 Tu, que no mundo a mãe tão carinhosa
 A sós deixaste em horridas torturas;
 Tu, que a patria esqueceste, honra e virtude,
 E o proprio Deus no suicidio ultrajas;
 E tudo e tanto porque cego aos raios
 De helena cruel em paixão louca
 Da ingratição o fel tragaste horrivel;
 Trovador, Trovador, tu que experimentas
 Quanto é fero esse amar sem ser amado,
 Que dirias se inesperadu visses
 Aos olhos teus, qual tu, votada á morte
 De teu rigor uma estremosa vittima!...*

“No fundo do mar, no palacio de ouro da Nebulosa, junto às fadas imortais encontrei a harpa, *Do nosso féro algoz nos lembraremos*, as vagas levar-te-as até ali, depois voltarão para levar-me tambem.” A estas palavras a Douda atira os fragmentos da harpa no abismo.

Reconhece então O “Trovador”, apavorado, que ele não respondeu a este amor, que não chegou mesmo a nota-lo que o coração da deuda estava tambem partido e corria ao encontro da morte tal qual ele; vê que cometeu para com a pobre moça a falta que imputa à Peregrina; a Douda, suportou até aqui a dor sem se queixar, sacrificou-se por seu amante, que não duvidava de nada; mas enfim falou: “Saiba que ninguém mais me impõe o silencio. O poder das fadas é grande porem não pode nada contra o amor. Ele emana de Deus que anima o universo, elas estão submetidas a esta paixão, elas amam e quando o fazem é para a eternidade; o amor é-lhes um fogo devorador e só lhes traz desgraça e morte. Ó “Trovador”! não me compreendes ainda? Sou fada e vou morrer. Porque? — Não o sabes? Cego, jamais me observaste, abre ao menos os olhos, beija uma moribunda! Criança, já te amei sem que eu o soubesse, jovem, tua imagem mostrava-se a mim em meus sonhos, mas tu, escravo de outro amor, não me mostraste mais que uma fria indiferença. Eu te amei ainda mais, segui-te por toda a parte, embriaguei-me com os teus cantos, tornei-me a confidente de teu amor, que me fez martir; se eu o tivesse perdido, eu vos teria reunido com minhas proprias mãos. Nunca te pedi mais que um sorriso de agradecimento, cheio de mágua por mim. Amei, chorei, e saerifiquei-me; e tu, ó Trovador, não viste nada! Portanto, eu te amo sempre, como o ar ama a flor, os passaros a aurora, o tornasol o sol, os anjos, o eeu. Tua voz acorda eos em meu seio, meus olhos brilham ao fogo dos teus. Eu te amei como ninguém

ama! Dei-te minha alma e ofereci-te meu corpo; expondo-me a castigo terrível. A "Nebulosa" e minha mãe o sabem; uma no fundo do mar escuta minha voz, outra escuta-a acima das nuvens. Amci-te apaixonadamente, amo-te ainda com toda a força de minha alma!"

Tarde demais, o "Trovador" reconheceu o que perdera, o que uma paixão cega lhe havia arrebatado; tarde demais, porque o seu coração está seco, e semelhante a um deserto que o orvalho do céu desconhece. Pode no entanto à douda que viva e esqueça. Mas esta grita em extase, enquanto o trovão anuncia a tempestade e a lua desaparece: "E' contigo que eu morrerei, sou tua noiva, tu me verás em toda minha beleza, o leito nupcial já está pronto no imperio da Nebulosa; despertemos. Ao triunfo! ao amor! à felicidade! à gloria!"

Ternamente abraçados, exalando suas almas num beijo, o "Trovador" e a "Douda" precipitam-se no mar.

A tempestade rompe. A natureza está em revolução. Uma horrenda nuvem envolve a rocha negra... (*Tudo é trevas... horror... borrasca e morte*)

O epilogo descreve a manhã seguinte a esta noite monstruosa. A tempestade se acalma, o mar é tranquilo, o céu sem nuvens, a natureza inteira respira paz e alegria; ela parece renascer. Só dois infelizes aproximam-se da rocha negra; sua ansiedade, seu desespero feroz, formam um contraste chocante com o que os envolve. A mãe do "Trovador" e seu amante chegaram muito tarde; é em vão que a primeira chama seu filho; os soluços da jovem são a unica resposta a estes acentos. Ela encontrou, à margem da praia, os restos da harpa; beija-os e cai acabrunhada. De repente, a mãe do Trovador grita-lhe: "Ingrata! maldita sejas!" Depois se afasta com o coração partido de dor.

Vimos acima que classificamos este poema na poesia lírica descritiva; cremos que só deste ponto de vista

é que se pode apreciá-lo convenientemente e compreender seu sucesso. (262 e)

A análise precedente basta para provar-nos que nem o assunto nem a maneira pela qual é tratado são épicas. O primeiro é tão simples — vemos aparecerem quatro pessoas cuja solução muda só um pouco — que conviria melhor a uma balada ou uma novela. A forma é antes a do drama; o poema compõe-se quase que todo de monólogos e diálogos, entre os quais são intercaladas partes narrativas; só ns descrições de cenas da natureza e as reflexões dos poetas ocupam aqui às vezes um espaço um pouco maior (263) Mas o tom e os caracteres são essencialmente líricos; estes atingem todo o seu desenvolvimento, não podem ir mais longe, são antes os representantes de uma afeição da alma dada, de um sentimento dominante, de sorte que se aproximam da prosopopéia.

O "Trovador" é a personificação do amor desprezado com seu egoísmo e suas paixões excitadas ainda pelo orgulho ferido; vemos o efeito que produz sobre o homem. Em "A Donda" o autor nos mostra este mesmo sentimento agindo sobre um coração de mulher, onde se traduz numa resignação e numa devoção que chegam à loucura. Acreditamos que este contraste é o traço dominante do poema e o proprio autor confirma-o na apostrofe o "Trovador" citada acima. (263a).

(262 e) V. I. Fr. da Silva, Dicionário, SV, p. 127.

(263) Ve-se aqui o poeta arrastado para a forma que agradava entre todas a seu talento dramático. Podemos mesmo dizer que com alguns cortes e um certo número de mudanças pouco importantes, poder-se-ia ter feito da Nebulosa um drama lírico muito bom e digno de emular com "Norma".

(263 a) Assim o "orador" do Instituto histórico e geográfico (Revista, XX, sup., p. 54-56) numa revisão das produções

Teríamos preferido ver o poeta dar à sua obra o título de amor desprezado, ou outro parecido; chamou-a “Nebulosa” por ser com efeito um ser nebuloso, de que fala tantas vezes, mas que não tem influencia sobre os caracteres e o desenvolvimento da ação e cujo poder não se manifesta. E’ absolutamente e apenas o fundo de cena. Parece-nos n. mesmo que o autor não comprehendeu bem a natureza e a ligação da “Nebulosa” com seu assunto e seus caracteres, que teriam ganho se tivesse afastado este aparelho fantastico, que só existe na imaginação de “A Douda.” Ora, com efeito, esta aparição nebulosa e as que lhe prestam homenagem são representadas como fadas desprezadas por Deas e marcadas de um sinal de oprobrio; ora são fadas vingando o amor desprezado e recompensando-o com uma vida futura cheia de alegrias e de que ellas proprias gosam: seres heterogeneos, desconhecidos para a verdadeira poesia popular, que distingue com muito mais exatidão as fadas boas e as más. Acreditamos poder attribuir o colorido misterioso e terrivel do quadro, a este falso romantismo que os francezes puseram na moda, e que vê o seu verdadeiro elemento no horrivel, no fantastico e no misterioso.

O elemento lirico, a pintura dos afetos da alma é o lado brilhante do poeta, coisa tanto mais meritoria que se torna facilmente monotono. Ele soube fazer

poéticas de 1857, louvou a “Nebulosa” com um tom de panegirico tão forte, que se deve attribuir grande parte de suas palavras ao exagero, tão frequente nos discursos academicos. Em troca, caracterizou muito bem o poema, dizendo:

“A Nebulosa é uma visão em seis cantos, e o poema do amor da beleza, e do ideal; é uma inspiração, uma Odisséa de amor”, etc.

progredir e aumentar sentimentos sempre idénticos no fundo; leva-os até o extase, no sexto canto, no seu final principalmente. As descrições não são menos dignas; notem-se particularmente as das regiões em que a ação se processa; o poeta toma aqui naturalmente por modelo a beleza selvagem e luxuriosa da natureza de sua patria. E' preciso levar à conta da imaginação dos países tropicais numerosos quadros cujo colorido é exagerado para o nosso gosto. (P. ex. a descrição da beleza da "Peregrina.")

E' precisamente esta cor patriótica, são estas, provas manifestas de um grande talento poetico, do encanto de uma dicção florida e de uma versificação melodiosa que deram a "Nebulosa" successo tão enorme.

Se juntamos aos escritores precedentes Manuel Odorico Mendes, é por força de sua versificação e de sua linguagem, que lhe deram posição de tanta proeminencia; e em seguida, porque o pequeno numero de poesias originaes, que temos dele, provam tanto talento quanto gosto.

Nascido no começo do seculo, na cidade de S. Luis do Maranhão, Odorico Mendes dirigiu-se cedo a Coimbra, para realizar seus estudos. Ganhou a amizade do celebre Garret, seu amigo, e cedo se distinguio de tal modo, por seu conhecimento da lingua e da literatura latinas, que este o declarou com Manuel Alves Branco e Candido José de Araujo, o maior latinista do seculo. Ainda em Coimbra, nosso poeta compôs o seu celebre "Hino à tarde". Voltou à patria no momento da proclamação da independencia e tomou parte na sua regeneração politica. Como homem de estado, adquiriu uma reputação merecida de discipulo assiduo dos antigos e de uma firmeza de carater verdadeiramente

antiga. Para não negar seus principios, reensou o lugar de ministro e em 1831 até o de regente! Eleito deputado por sua provincia, a do Maranhão, Odorico Mendes distinguio-se por sua probidade, mas foi substituido, e ficou no Rio de Janeiro, onde lhe confiaram o cargo de inspetor geral da Tesouraria da Provincia. Estas funções não o impediram no entanto de dar lições de latim para conseguir a manutenção de sua numerosa familia. Ainda na capital, começou a tradução da "Eneida" que só terminou em Paris. Aqui viveu de sua pequena fortuna e de uma pensão minima, occupado unicamente com seus trabalhos literarios. Em 1854, publicou sua "Eneida", a melhor tradução portugueza do poema latino (264); seguiram-se-lhe a tradução das "Bucolicas" de Virgilio. Atualmente mora em Pisa e trabalha numa versão da "Iliada". (265)

O espirito da antiguidade reina não apenas nas traduções de Odorico Mendes como ainda em suas poesias originaes; elas se distinguem igualmente por esta calma limpida, esta precisão, esta dicção modelar que só encontramos nos antigos. O pensamento que inspira o "Hino à tarde" é com efeito tão doce, tão claro quanto uma bela tarde de estio; respira um perfume de melancolia semelhante ao céu, dourado pelos raios do sol poente. E depois, que harmonia entre os sentimentos e sua expressão!

(264) V. os artigos de Melo Moraes na *Guanabara*, III, nº 2 e 4, e na *Revista de Inst. hist. e geogr.*, XVII, supl., p. 29.

(265) Devemos estas noticias biográficas à bondade de Manuel Araujo Porto Alegre, amigo intimo de Odorico Mendes e que se pronunciou do seguinte modo sobre o carater deste último: *Eu não conheço um homem mais respeitável do que elle! Odorico é a verdade, a modestia e a illustração em pessoa; é o tipo do homem perfeito,*

As poucas poesias que apareceram sob o nome de Odorico Mendes nas diferentes revistas, (266) fazem-nos lamentar que não se tenha entregue mais frequentemente ao surto de suas inspirações e dedicado seu talento a traduções de uma beleza a que apenas um poeta pode atingir. (267)

(266) Algumas delas foram recolhidas no *Parnaso brasileiro* de Pereira da Silva, II, p. 214-226, mas o texto do "Hino à tarde" aqui aparece desfigurado por diversas omissões, por más lições e por pontuação defeituosa.

(267) Odorico Mendes também traduziu algumas tragédias de Voltaire, entre outras "Mérope" e "Tancredo".

CAPITULO XVI

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA, ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA, JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA, MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, LUIS JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE, E OUTROS
POETAS LIRICOS DOS ULTIMOS TEMPOS.

Entre os poetas mais recentes do período que nos ocupa, um dos mais produtivos é Joaquim Norberto de Souza Silva. Nasceu a 6 de junho de 1820, no Rio de Janeiro, occupa agora o lugar de primeiro official e chefe da nona seção do Ministerio de Estado. Por muito tempo, secretario do Instituto historico-geografico de que é um dos membros mais ativos, foi nomeado ultimamente vice-presidente da terceira seção deste cenaculo.

Como poeta lirico, appareceu pela primeira vez numa coletanea intitulada *Modulações Poéticas, Prescedidas de um Bosquejo da história da poesia brasileira* (Rio-Janeiro, 1841) Norberto confessa aqui ser discípulo de Magalhães, (268) continua as tendências romanticas de seu mestre e a liberdade que este grande poeta

(268) Assim ele diz na introdução poética dirigida a Magalhães: *A meu mestre*, ao distinto poeta brasileiro, o Ilm. Sr. Dr. A. G. de Magalhães:

A ti, que no estradasto
Da gloria ao templo magestoso e belo,
E, — "avante" — me iradavas,
.....

A ti grato consagro
Os meus canticos rusticos, singelos,
Mas sincera homenagem de minh'alma!

introduziu na prosódia, mas está muito longe de have-lo alcançado pela originalidade da concepção e profundidade dos sentimentos. Suas "Modulações" denotam, é verdade, talento poético e uma habilidade técnica grande, porém raramente se elevam acima do nível ordinário. A maior parte das poesias deste livro e das que se lhe seguiram (269) são puramente líricas; os assuntos são eróticos.

O genero epico-lirico convinha melhor à individualidade de Norberto; tentou-o cedo e foi o primeiro a mostrar aos seus compatriotas o verdadeiro caminho a seguir. Durante os anos de 1841 e 1843, começou a publicar seja separadamente, seja em revistas, (270)

(269) Como *Direcu de Marília; Liras atribuidas à Sua. D. M. J. D. de S.*, isto é à amante do poeta Gonzaga, conhecida sob o nome de Marília; Norberto é o verdadeiro autor destas Liras onde faz Marília responder aos hinos de amor de Direcu e deplorar o exilio e a morte de seu amante. Imitou a maneira de Gonzaga e procurou dar o "pendant" de sua Marília de Direcu (Rio de J., 1845, 16^o). Depois *O Livro de meus amores. Poesias eróticas*, Niterói, 1849, 4^o. Dedicou este livro a sua mulher e aqui descreve as alegrias e os sofrimentos que lhe veio deste amor. O todo é dividido em tres partes (As Visões, Os Beijos, Armia) e tem provavelmente por modelo o "Canzeniere" de Petrarca. Finalmente, nosso poeta deu alguns espécimes de suas "Novas Modulações". É o título que ele quiz dar a seu novo livro, que vai aparecer revisto e aumentado.

(270) As baladas seguintes appareceram à parte. "*O último abraço*", Rio de J., 1841, 8^o — "*A vítima da saudade*", Ibid., 1841, 89; "*A morte da filha*", Ibid., 1841, 8^o.

Depois as publicadas em *Mineira bras.*, na *Iris* e no *Museu pitoresco*. Norberto anuncia uma publicação de suas baladas sob o título de "*Cantos de um Trovador. coleção de baladas, xácaras, solaus e romances de assunto nacional, precedida de algumas considerações sobre a Poesia romantica popular no Brasil, e seguida de notas históricas.*" E' tanto

uma serie de baladas ou romances em que trata com maior frequencia. legendas de sua patria; a sua forma é popular e o tom frequentemente bem achado. Citemos "O mendigo" o escravo de Camões reduzido a miseria extrema; D. Maria Ursula; Adquiriu por si o merito de haver introduzido no Brasil um genero completamente desprezado até então e de ter dado desde o começo verdadeiros modelos. Esperemos que venha a encontrar numerosos imitadores, e que ele proprio continuará a occupar-se do genero epico, o mais conforme ao gosto de nosso seculo e que convem melhor à sua natureza. E' o que nos mostra a obra seguinte que vai apparecer: *Cancioneiro das bandeiras. Poemas tradicionais dos intrepidos paulistas, durante as suas incursões aventureiras.*

Como Araujo de Porto-Alegre e Gonçalves Dias. Norberto escolheu de preferencia para assunto de seus cantos as tradições, os costumes, as cenas da vida indigena e tratou-os como os da Baladas, o que approvamos. Publicou algumas na "Semana" sob o titulo *Canções Americanas.* As vezes tambem Norberto encontrou o tom desejado, como podemos ver em duas canções *O adormecer de amor* e *O embalar da rede.*

mais de desejar que este livro logo appareça que se devem ter conservado no Brasil não apenas canções populares, modinhas, lundus, como ainda verdadeiras baladas antigas. Assim Antonio Gonçalves Teixeira e Souza no seu romance "*As fatalidades de duas jovens. Recordações dos tempos coloniais.*" (Rio de J., 1856, 8º, I, p. 95) diz que no século passado e mesmo entre as pessoas mais instruidas recitavam-se ainda romances como *Tres cidras do amor.* — *Maria Borradeira.* — *Pedro Malasarte.* — *Bernal Frances.* — *St. Antonio.* — *Sta. Tereza.* — *Da Sitvarun.* etc., todas baladas populares antigas (V. Fer. Wolf, *Portugiesische und catalanische Volksromaneen.* Viena, 1856, 8º).

Se nas poesias precedentes, o nativismo e a predileção pela poesia epica, herança dos portugueses, se destacam já suficientemente, vemos aparecer estes dois sentimentos com mais força ainda nas obras seguintes: *O Brasil. Poema do descobrimento feito por Pedro Alvares Cabral*, verdadeira epopéia, em dez cantos e em oitavas, de que o poeta não publicou até agora mais que um fragmento no "Jornal do Comereio" (julho, 1857). Acrescentemos a esta obra, *Os Palmares*, poema heroi-comico, em endecassilabos brancos e que tem por assunto a defesa dos negros fugitivos nos quilombos dos palmares, capitania de Pernambuco e sua derrota em 1699 (271) Na "Guanabara" só apareceram alguns fragmentos que descrevem de cores vivas as cenas e caracteres interessantes, e fazem desejar a conclusão do livro. (272)

Mencionemos enfim os "Cantos Epicos", seus poemas epicos que acabam de aparecer (Rio, 1861) e de que cinco têm assuntos patrioticos. De inicio, a Inconfidencia de Minas ("A Cabeça de Martir") de que falamos. O poeta celebra aqui a primeira tentativa de independencia e seu chefe Joaquim José da Silva Xavier que paga o patriotismo com a propria cabeça. Depois "A Coroa do Fogo" que canta Antonio José, o poeta

(271) V. *Handelmann, Geschichte von Brasilien*, p. 361-371.

(272) Uma destas cenas distingue-se pela situação que é tão feliz e por seu colorido. Aquela em que a negra Dana (Claudiana) canta, embalando, seu filho enquanto o rumor das armas aproxima-se cada vez mais. Vem das trincheiras onde seu marido se entrega a um combate desesperado. *Canto de Dana embalando seu filhinho durante o cerco de Palmares por ocasião de serem as trincheiras atacadas*. É digno de nota que neste poema os negros são sempre verdadeiros paladinos.

das "operas do judeu," (v. cap. IV) condemnado a fogueira pela inquisição. Depois, "O Ipiranga", proclamação da independência do Brasil, na planície do Ipiranga. Em quinto lugar, "A festa do Cruzeiro" fundação da ordem do Cruzeiro do Sul; em sexto lugar, "Os Guararapes", derrota dos holandeses pelos heróis de Pernambuco, principalmente nas duas batalhas que tiveram lugar nos dias 19 de Abril de 1648 e 19 de fevereiro de 1649 perto de Guararapes, cadeia de colinas não longe de Recife. Apenas o quarto poema, "A Visão do proscrito", celebra um herói conhecido de todo o mundo civilizado, Napoleão em Santa Helena.

Já falamos destes poemas e já lhes demos o nome de epicos, porque o proprio autor os designou assim. Fizêmo-lo alem disto, porque a escolha dos assuntos e da forma (endecassílabos brancos) garante-lhes de início um lugar neste genero literario. No entanto, não lhes renderíamos justiça julgando-os como tal. Faltam-lhes as primeiras condições da epopeia: não tem nem a calma, nem a simplicidade, nem a objetividade, nem a ordem da narração que a caracterizam. Os fatos aqui são mais suostos que conhecidos; o autor contenta-se de tomar uma situação e de orná-la com as cores mais ricas de sua paleta. O tom é lirico no mais alto grau, e eleva-se mesmo ao do parégorico. Todas estas boas qualidades evidentes, desde que collocamos estas obras entre as produções destinadas a celebrar liricamente heróis, tornam-se de feitos marcados, quando se trata de poemas epicos. Como prova do que adiantamos, leia-se o primeiro, "A cabeça do martyr". É o mais bello, e ao mesmo tempo o que se aproxima relativamente mais do tom heroico. O poeta só nos apresenta aqui a catastrophe de seu assunto. Leve-nos à aurora da manhã da execução de Xavier, cuja cabeça, exposta à vista de

todos na ponta de uma lança, serve de exemplo aos conjurados vindouros. Uma personagem revestida de um grande manto negro aproxima-se apavorada e procura saber se a cabeça é de alguma pessoa querida, envolvida igualmente na conspiração. O longo monólogo que pronuncia, nos revela apenas alguns detalhes. É Marília, a noiva de Gonzaga, adivinham os que conhecem a história. O poeta, com efeito, não a nomeia. Vê-se então aproximar-se uma segunda pessoa, um velho que começa por louvar o mártir; depois abate a lança, mostra à sua companheira assustada a cabeça que vem de cair na poeira e grita: "É a cabeça de Tiradentes, a de meu filho." Afasta-se então Marília para dar-lhe sepultura digna.

Este poema é cheio de belezas, mas deve-se convir que não tem nada de épico.

Outros são menos epicos ainda, apreendemos em geral o fato historico numa visão ou num soube.

Norberto ensaiou-se ainda em outro genero epico, a narração poetica (Cantos poeticos) principalmente no conto brejeiro. Seu modelo é Lafontaine; os assuntos são picantes, mas o poeta está bem longe de haver atingido a graça do grande fabulista. (274)

Falaremos mais tarde das novelas de Norberto de Sousa e de suas obras dramaticas.

(274) Publicou alguns destes "Cantos Poéticos" na "Guanabara" e como suplemento do almanaque de Laemmert. Vai publicar uma raccolta deles. Eis alguns títulos que darão ideia de seu conteúdo: *A Beata e o estudante*. — *Mestre João e a viuviua*. — *Um R na porta*. — *O fantasma*. — *O pernillongo*. — *A confissão de um amante*. — *A confissão de uma menina*. — *Os dois compadres*. etc. Norberto anuncia ainda uma coleção de legendas e de contos serios: *Contos e Legendas, compreendendo a Filha do Pescador, conto; Josefa de S. José ou a Fundação do Convento de S. Tereza, legenda; A Capela de Ituberaba*, etc.

Por esta vasta atividade, nosso poeta não apenas enriqueceu a literatura de sua pátria, como ainda contribuiu para fazê-la apreciar através de seus trabalhos no domínio da historia literaria. Tivemos que mencionar com frequencia e com elogios a sua Introdução às "Modulações poeticas." Ocupa-se no momento em fazer um bosquejo, uma historia completa da literatura brasileira. Já nos deu na "Minerva", na Revista do Instituto historico e geografico, e na "Revista popular" alguns fragmentos que fazem que desejemos ardentemente que nos dê o resto. Já em 1844 tinha publicado uma serie de materiais de historia da poesia brasileira, com um francees, Emile Adet, que viveu por muito tempo no Brasil, e fez profundos estudos sobre este pais. (275) Eis seu titulo: *Mosaico poetico, poesias brasileiras, antigas e modernas, raras e ineditas, acompanhadas de notas, noticias biograficas e criticas, e de uma introdução sobre a literatura nacional* (vol. 4.º). Infelizmente não conseguimos compulsar esta obra.

Norberto, ademais, publicou numerosas obras e muitas memorias sobre a historia, a topografia e a etnografia de seu pais. (276)

(275) Publicou a este propósito numerosos artigos na "Minerva Brasiliense" e na "Revue des deux mondes".

(276) V. a lista de suas obras no Dicion. de I. Fr. da Silva, IV, p. 139-142. Acrescentemos que Norberto acaba de publicar suas biografias, *Brasileiros celebres* (Paris, 1862, em 12º), e uma nova edição de *Marilia de Dirceu de Gonzaga*. Eis o titulo: *Marilia de Dirceu, liras de Th. A. Gonzaga, precedidas de uma noticia biográfica e o julzo critico dos autores estrangeiros e nacionais, e das liras escritas em resposta as suas, e acompanhadas de documentos historicos por J. Norberto de Souza Silva. Ornada de uma estampa.* Paris, 1862, 2 vol., em 12º).

Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa é tão fértil e tão universal quanto Norberto. Nasceu a 28 de março de 1812, na cidade de Cabo Frio, dedicou-se a principio ao professorado, mas obteve em 1855, emprego no ministerio da justiça. É tudo o que sabemos de sua pessoa. (277)

Estreou na carreira de poeta lirico, publicando no Rio de Janeiro, de 1840 a 1842, dois volumes de "Canticos Liricos". Vemos aqui já as qualidades fundamentais de nosso escritor, uma grande sentimentalidade, uma maneira severa, quase melancolica, de considerar a vida, uma grande elevação moral e religiosa com uma tendencia ao pathos e ao abuso de linguagem. Esta tendencia que compartilha com a maior parte dos poetas brasileiros, porque tem o seu fundamento na sua eloquencia inata e na luxuriosa vegetação de seu pais, não o impede no entanto de mergulhar num sentimento sem o diluir em verborragia superficial; ela deixa-lhe ver figuras verdadeiras no espelho das imagens. Teixeira e Sousa não se embriaga apenas com o aspecto da natureza, procura animar o que vê, em busca da significação symbolica das coisas, idealisando-as pela religião. Falta-lhe ainda frequentemente um gesto mais apurado, ele não manteve a necessaria medida, não é suficientemente sobrio para conservar o equilibrio entre o fundo e a forma, e para não obscurecer por cores muito gritantes a beleza simples do desenho e a pureza dos contornos. (278)

(277) V. *Revista brasileira, jornal de lit., theatros e industria, redigido pelo Dr. Francisco de Paula Meneses*, Rio de Jan., julho 1855, p. 11.

(278) Thales Bernard também tem este poeta na conta de importante, tanto que lhe consagrou um artigo no *Athé-*

Teixeira e Souza não se contentou apenas com estas composições passageiras; quiz eriar pela primeira vez no Brasil, como ele proprio o diz, uma obra consideravel, semelhante à dos poetas contemporaneos da Europa, *ha de caber comigo a pequena gloria de ser o primeiro que no Brasil empreendi uma tal obra.*

Eserveu em 1844, ano em que appareceu (com effeito antes das grandes produções de Magalhães e Porto Alegre, Gonçalves Dias e Macedo) um poema intitulado *Os Tres Dias de um Noivado. Poema que à*

néum français (1854, p. 196-199). Caracterisa-o da maneira seguinte:

"O Sr. Teixeira pertence à classe dos poetas que procuram produzir a impressão, não por sabios artificios de estilo, mas dominando o coração. É realmente um escriptor lírico, na alma do qual se acumulam sentimentos e imagens, às vezes muito abundantes, mas onde se sente profunda sinceridade e grande elevação. Volta à forma, depois de ter procurado sua materia nas regiões superiores, enquanto que Chenier e outros se esquecem no solo a apurar indefinidamente a expressão. Teixeira resolveu o problema cindindo-o, e seguiu a via lírica, que convinha à sua natureza. Inquietando-se pouco de amoldar sua lingua como um tecido que se quisesse acomodar a todos os usos, preferiu tirar de sua eloquencia inexgotável formas que não tem sempre bastante sobriedade, e manifesta a poesia meridional com esta espantosa exuberancia que se modela sobre o clima e a natureza do solo de que reflete os perfumes e as harmonias. À medida que os labios pronunciam os melodiosos versos do poeta, as o'has veem as estrelas cintilarem nos céus dos trópicos, os rubis e os topazios fulgurarem, agitarem-se ao sopro dos furacões as grandes florestas enjos flancos encobrem solidões virgens ainda do passo humano, e rugir o oceano de varas queixosas que esgotam nas praias os seus esforços esterels.

Mas o que encanta nos versos do escriptor, é menos o esplendor da vida natural, menos os grandes horizontes em que o olho vê tremor o oceano eterno, que um sentimento profundo do bem e do beio. A natureza para o poeta não é mais que um ideal.»

memoria de seu pai dedica A. G. Teixeira e Souza. (Rio de Janeiro, 8."). As lendas dos arredores de sua cidade natal deram lugar a estes tres dias de uma boda. Perto de Cabo Frio, vê-se à borda do Oceano uma cruz conhecida sob o nome de cruz da cabocla. Conta-se que um navio naufragou nesta costa e que o mar rejeitou o corpo de uma indigena cujos ossos tinham sido enterrados no mesmo lugar em que foram encontrados, pois que estavam já em vias de decomposição. Diz-se em seguida que logo após, via-se entre as onze horas e o terceiro canto do galo um fantasma errar de um lado para o outro e gritando com voz sepulcral: "Para onde irei?" Alguem acrescenta que um passante respondeu: "Para o céu", e outros: "Para o inferno".

O poeta inventou a fabula seguinte destinada a completar o seu relato:

No começo do seculo passado, vivia em Narandiba, perto de Cabo Frio, Corimbaba, descendente dos caciques dos Guaranis, mas batisado e criado pelos jesuitas. Casara-se na igreja de S. Pedro com Miriba, filha de um portuguez com uma india. O primeiro canto termina com a descrição de sua volta da cerimonia nupcial, da recepção que lhes faz a mãe de Corimbaba, assim como seus parentes e amigos, enfim dos cantos solenes e dos preparativos do banquete de bodas.

No segundo canto Corimbaba, conta a alguns amigos como travou conhecimento com Miriba: "Quando há um ano eu embarcava para o Rio de Janeiro para voltar para casa, havia a bordo uma mulher idosa e uma jovem milagrosamente bela; era Miriba e sua mãe. Diante da praia natal, desencadeou-se uma tempestade medonha, e o navio soçobrou; só eu pude chegar ao litoral com a jovem que agarrei, enquanto que a sua mãe era devorada pelas ondas que atiravam

à praia seu corpo inanimado. Miriba, orfã, e estrangeira neste país, aceitou logo a proposta que lhe fiz, de procurar um asilo em casa de minha mãe porem ella não quiz abandonar os restos da que lhe havia dado a vida. Tomei-os e levei-os com enormes esforços e com o auxilio da jovem, para perto de minha casa onde os enterei sob uma cruz". Corimbaba mostrou esta cruz a seus amigos e deteve-os enternecido ainda pela lembrança da mãe infeliz.

No terceiro canto, Corimbaba descreve o nascimento de seu amor por Miriba; e esta deixa sentir que o corresponde e diz ao indio que seu pai e sua mãe tinham se conhecido nesta aldeia e que depois do casamento se dirigiram a São Sebastião, onde ella cresceu. "Faz tres annos" continuou a moça, "que meu pai embarcou para Portugal, mas o navio afundou, e elle provavelmente deve ter perdido a vida no mar, pois não se teve mais noticias dele. Minha mãe decidiu-se a embarcar para o Rio de Janeiro, para ir à sua cidade natal que ella não deveria alcançar senão morta".

Corimbaba sente-se feliz por ter podido enfim reunir-se àquella que elle ama e de ter certeza de seu amor.

Mal concluiu este relato, viu uma pomba acossada por um abutre. Um rapaz a attingiu, a ave caí e sua presa é salva; ella precipita-se exausta sobre um coqueiro, mas uma serpente a agarra; o jovem arqueiro visa-a e atinge canhestramente de uma vez só o réptil e a pomba. Então Coapara, velho de oitenta annos grita "*Mau agouro num dia de noivado!*"

A festa mesmo assim continuou. Os convivas dirigiram-se ao entardecer, para a casa dos noivos onde se rejubilaram com cantos e dansas. Entremettes, formara-se uma tempestade que com o cair da noite, irrompeu com tal violencia que as canções cessaram e os convidados puseram-se a entoar hinos para implorar

a piedade dos céus. Um raio cai sobre um cedro vizinho, e incendeia-o; ao lado, via-se o jovem arqueiro, o galho inflamado tinha-o morto na queda; Coapara gritou ainda uma vez "Mau agouro para um dia de noivado!"

Tal foi o fim do primeiro dia de bodas.

O quarto canto descreve as alegrias de amor e o segundo dia de nupcias, que os recém-desposados passam cheios de encantamento.

Na manhã do terceiro dia, Corimbaba deixa a esposa que ainda dorme, para conforme os seus hábitos, ir à caça com seus amigos. Miriba despertada por um mau sonho e não vendo o esposo, precipita-se em seu encalço em direção do tumulto de sua mãe, onde o índio toda a manhã vai fazer sua prece. Encontra-o ainda ali e presa de sombrios presentimentos, pede-lhe renunciar à caça aquele dia, e não deixa-la. Foi em vão, pois Corimbaba tinha se comprometido com seus companheiros e não quis expor-se às suas zombarias. Profundamente aborrecida, a jovem volta para perto da sogra; conta-lhe o seu sonho mas não consegue obter descanso, não obstante os consolos que lhe são prodigalizados.

Corimbaba encontra os seus companheiros reunidos e zombando de seu atrazo. Entram em suas canoas, e partem para a região afastada onde esperam obter boa caça. Desembarcam, dispersam-se para começar a caça e o herói do poema escolhe para este fim uma moita que há cincoenta anos homem nenhum atravessou, porque nela se ouvem vozes de fantasmas. Isto não impediu que Corimbaba ai penetrasse. De repente, vê um velho, sentado perto de um tronco de arvore, todo envolvido de folhagens, a barba e os cabelos flutuantes, e cujo exterior inspira respeito. A principio ele parece não notar o índio, mas este dirige-lhe a pa-

lavra e o velho responde contando a sua historia. O solitario havia atingido a idade extraordinária de cento e trinta anos. Degredado de Portugal aos quarenta anos, viera ao Brasil, onde combatera contra os holandeses, mas tinha-se retirado para a floresta para levar uma vida de eremita. Perdera suas riquezas, sua mulher e seus filhos, seus amigos abandonaram-no; detesta este mundo em que reinam a falsidade e a injustiça e fugiu dele para sempre. Aqui o poeta fe-lo pronunciar uma longa diatribe composta unicamente de lugares comuns, e fazer reflexões mysticas sobre o bem e o mal. Corimbaba pergunta então ao velho, se ele pode pre-dizer o futuro; este responde-lhe que é incapaz disto, mas que o oraculo que habita um antro visinho, pode atendê-lo. Este antro ó chamado Itauna pelos que nunca o viram; mas as pessoas que o conhecem chamam-no de "*Das meditações Caverna sacra*". (279) O solitario induz o indio a dirigir-se para ella, se tiver coragem, a consultar o oraculo, depois voltar para elle e contar-lhe o que viu e ouviu. Corimbaba tomou o caminho do antro que o eremita lhe mostrara.

O canto quinto e ultimo encerra de inicio a descripção da visita de Corimbaba à caverna. Ele vê uma serie de aparições fantasticas e allegoricas, enquanto o

(279) Na introdução em prosa de seu poema, o autor dá uma descripção muito pitoresca desta gruta de Itauna: É um rochedo afastado de algumas milhas de Cabo Frio; o mar sulca-o profundamente; suas sombras, em torno, a vista do oceano sem limites, seu interior medonho, em que se ouvem vibrar as ondas do mar, tudo se reúne para produzir uma impressão melancolica e que leva à meditação. É porque o poeta nomeia-o de gruta consagrada às Meditações pois que elle diz:

*Ah! das Meditações a Gruta Sacra
 É em nossa alma consciencia nossa!*

oraculo lhe anuncia o futuro em termos muito obscuros. O indio volta então ao velho que lhe explica a verdade das alegorias. São, conforme explica, emblemas da vida humana, da proeura vã da felicidade, da falta de conhecimento de si mesmo, da eegueira que as paixões produzem, principalmente o amor e o ciume — mas interrogado sobre o sentido do oraculo, contenta-se de dizer: “Não escutes as insinuações da serpente. Deus sabe o resto e o tempo te ensinará.” (280)

Então o solitario se afastou. Corimbaba alcança seus companheiros, com quem volta para casa, a uma hora muito adiantada.

No entanto, Miriba tinha esperado a chegada de seu esposo com uma inquietude que aumentava com o cair da noite. De repente abre-se à porta. “É êle”, diz ela abrindo, porém vendo que era um estranho, ergue um grito e cai desfalecida em seus braços. Era aquele que se acreditava morto ha muito tempo, o pai de Miriba, que se havia salvo, e tinha enfim chegado a saber onde estava a sua filha. Quando esta desperta, não podia mais duvidar; não é um fantasma que ela tem diante de si, mas seu pai que lhe relata suas aventuras e suas buseas; então ela entrega-se à alegria mais pura, e abraça ternamente o autor de seus dias.

Entrementes, Corimbaba havia se aproximado de sua casa; viu através da janela aberta, sua esposa nos braços de um homem. Ele esenta-a gritar: “Amarte-ei sempre do mesmo amor!” A serpente do ciume apodera-se dele, e acredita-se traído; ébrio de furor,

(280) O oraculo havia predito o futuro de Corimbaba, reportando se aos pressagios do primeiro dia de bodas, a sorte do jovem arqueiro, da pomba e da serpente, símbolos de amor e ciume;

O ciume é a cobra, o amor a pomba.

precipita-se na casa, afunda a espada no seio de Miriba, atira-se contra seu pai, que se põe na defensiva. Mas a jovem grita: "Perdoo-o, meu pai! É meu esposo!" O indio e o portuguez deixam cair as armas e todos repetem apavorados: "Seu esposo! Seu pai!" A mãe de Corimbaba acorre, rompe em injurias contra o filho e só a intervenção de Miriba a impede de amaldiçoá-lo. Este ergue um grito e cai desfalecido enquanto erguem sua esposa infeliz. O indio sai do letargo e fixa os olhos sem lagrimas na deslitosa victima de sua colera cega, das inspirações do ciume: comprehende então o sentido terrivel das advertencias do eremita, das palavras do oraculo:

"Este que antes de atirar, o'ha bem o seu alvo, dará sempre a vida à innocente pomba e a morte à serpente. Porque ele não quiz, ele deu a morte ao innocente, mas o culpado parece que não lhe sobreviveu. O ciume é a serpente, o amor a pomba! Ele lhe deu a vida, ele a matou".

Então Corimbaba comprehendeu o oraculo. A fatal serpente era o ciume; a pomba innocente, Miriba.

O oraculo havia dito:

"No mesmo lugar morreu a mãe da pomba, perto de seu ninho que ella tanto amava. E aquelle que havia dado vida à pomba, deu-lhe a morte perto do ninho da mãe".

Com effeito, a mãe de Miriba estava morta ali. Corimbaba tinha salvo a moça do naufragio, mas lhe havia dado a morte perto do lugar de nascimento de sua mãe.

As ultimas palavras do oraculo ressoam no peito de Corimbaba:

"Maldicção àquelle que dá ouvidos à voz da serpente!" Maldicção ao que não se detem nos transportes da colera pelo freio da salutar prudencia.

— Sim, maldição a ti, Corimbaba, grita o indio assustado.

Miriba estende a mão ao esposo que se desespera e culpa-se da morte do innocente; ella o consola e assegura-lhe que morre feliz; amando-o e amada por elle. Seu nome sobre os labios, exala o ultimo suspiro

Corimbaba apartou-se sem verter lagrimas, nem erguer gritos de dor. Obteve do pai de Miriba não o perdão, — pois que um crime destes não se perdoo — mas a promessa de ser enterrado ao lado de sua esposa. Logo após, os que estavam ao lado do corpo de Miriba escutam a queda de um corpo pesado: Corimbaba tinha sido apunhalado. Era meia noite e foi o fim do terceiro dia de nupcias.

Os dois esposos foram enterrados sob a mesma cruz, ao lado da mãe de Miriba.

O oraculo havia dito: “Uma arvore esteril com um só ramo seco que cobria apenas a mãe, recobre agora o assassino e a pomba.”

Conta-se que à meia noite, um fantasma agita-se suspirando em torno deste sepulcro e grita: “Para onde irei?” Às vezes, uma pomba esvoaça em torno dele. Um homem sem piedade diz-se que lhe gritou um dia: “Vai para o inferno”. O fantasma suspira e a pomba foge assustada. Por muito tempo, ninguem ousa aproximar-se deste lugar. Um dia, um caçador extraviado, encontrou-se ahi; e ouviu as queixas do espirito, mas lhe respondeu com compaixão: “Diriges-te ao céu, meu irmão”. Acentos de alegria seguiram-se a estas palavras mas o espectro continuou seu caninhão, porque tres vivos devem pronunciar seu julgamento

sobre ele antes que seja libertado. Muitos anos ainda deve errar de um lado para outro, porque o temor afastava todo o mundo deste lugar. Enfim, uma noite de tempestade, atirou um naufrago a esta costa, avançou até o tumulto, ouviu as palavras da alma e lhe gritou: "Vai ao céu, meu irmão!" Então uma chama desceu do alto sobre a cruz e consumiu-a, iluminando os arredores de um fogo vivo; um doce zefiro acariciou a folhagem das arvores visinhas e uma pomba branca subiu ao céu.

Desde então, o espectro cessou de suspirar; desapareceu com a pomba.

Esta análise basta para mostrar que o poema tem graves defeitos. O caracter idílico do exordio é perturbado pelas partes allegóricas, muito mais extensas. Elas destroem a unidade da obra; são improváveis do ponto de vista poetico; não se sabe porque Corimbaba — embora não se queira privar de seu divertimento favorito para não parecer efeminado — se expõe a perigos inúteis. Ele atraza gratuitamente sua volta com o objetivo de satisfazer sua curiosidade que o leva a querer conhecer o futuro, ele que deveria estar absorvido por completo na felicidade futura e voar nos braços da esposa. Enfim sua raiva cega, o assassinato por mera suspeita de uma mulher cujo amor foi comprovado, são ações em que não podemos reconhecer senão o efeito da fatalidade, quando deveriam ter sido motivadas psicologicamente. O poeta, numerosas vezes, insistiu sobre a sua intenção de deserever os efeitos do amor e do eiume; desereve uma paixão tranquila e sem obstaculos; uma paixão, do lado da mulher sobretudo, graciosamente ingenua, sem falsidade, sem apparencia de suspeita; mas como fazer aqui enquadrar um eiume de tigre, que não se justificará jamais, do ponto

de vista poetico, que se explicará quando muito por este ardor que apenas pode ser engendrado pelo céu dos tropicos? (281)

Embora o poeta anuncie expressamente ter seguido apenas suas "próprias inspirações" e não ter procurado imitar ninguém, entendemos no entanto que o falso romantismo francês, então na moda, não ficou sem influencia sobre seu espirito e o levou a terminar um idílio encantador por uma catastrophe tão tremenda.

Finalmente, não obstante os defeitos de composição, que censuramos, não obstante a tendencia do poeta a uma pieguice exagerada, sua obra denota um talento notavel. Encerra numerosas partes muito bem feitas, principalmente as em que o autor toma o tom lirico ou o do idílio; numerosas descrições distinguem-se por sua originalidade e cor local. Também no primeiro canto, a situação encantadora de Norandiba e da casa de Corimbaba, depois o relato que faz o indio da tempestade que padeceu com Miriba e sua mãe.

Em todo o caso, o poeta tem o merito pouco comum de ter dado um lugar às particularidades nacionais na escolha do assunto e na maneira por que o

(281) No epilogo (Desenfado) o autor se pronuncia, é verdade, com todo o ardor dos meridionais sobre o ciúme: *"uma delas (das duas paixões do amor e do ciúme) tão vulgar, que, de todos conhecida, nasce, cresce, vigora, arde, destróc, consome, arrasa, aniquila, e em fim causa tudo quanto é de destruição... e isto porque... por causa de um nada!* Não é menos poético representar um herói, acabrunhado por uma impressão momentanea e conduzindo a catastrophe por um transporte assim brutal. Mesmo saído do nada, o ciúme deve ter o tempo de crescer, de ganhar vigor, de tornar-se uma coisa ardente, antes de destruir. Só então é que pode entrar na obra poetica. Shakespeare põe em cena os efeitos desta paixão em Oteló, meridional também!

tratou. Atingiu o seu alvo que era antes de tudo o de dar um poema brasileiro. (282)

Este patriotismo louvavel levou Teixeira e Souza a tentar uma epopéia de grande alcance a que deu por assunto a independencia do Brasil. *A Independencia do Brasil. Poema epico em XII Cantos.* (Rio de J. 1847 — 55, 2 vol. 8.^o). Já dissemos (capitulo IV) que consideramos este ensaio completamente malogrado.

O romance adapta-se melhor ao talento de Teixeira e Souza; falaremos de suas produções neste genero no capitulo que lhe é consagrado. Aludiremos mais tarde a seus dramas.

Outro poeta contemporaneo deste, o bacharel Joaquim José Teixeira, advogado no Rio de Janeiro, merece menção especial. Cultivou particularmente o apologo, genero desdenhado pelos poetas do Brasil.

Suas fábulas, tem, é verdade, o defeito das modernas. Em vez de atentarem à natureza, ao carater e aos costumes dos animais, transformam-nos em homens disfarçados; todavia possuem graça e têm na sua maior parte um fim politico. Poderá servir de exemplo: "O Burro Politico", "O raposo monarchista" e "O cão vendedor e o comprador". Teixeira ensaiou-se ainda num genero pouco cultivado, as sentenças rimadas (Pensamentos); na sua maior parte tambem possuem tendencia politica.

Alem disto, compõe poesias liricas que não se elevam acima do nivel ordinario; depois um poema epico "O Libertador" cujo heroi é o Imperador D. Pedro I. e de que não conhecemos senão o fragmento publicado

(282) No epílogo mencionado diz: *Busquei ser moral, e religioso em toda a minha obra, e, sempre que pude, dar-lhe um caráter, ou tipo nacional, isto é, escrevi como brasileiro.*

na "Minerva Brasiliense" e enfim uma tragedia "Camões" que não foi impressa nem representada. (283)

Manoel Antonio Alvares de Azevedo, dava as mais belas esperanças quando a morte as veio trunear. Nascido a 12 de setembro de 1831 na cidade de São Paulo, foi mandado com a idade de dois anos ao Rio de Janeiro onde seu pai, Inacio Manuel, exercia com muito successo, a profissão de advogado. Aos cinco anos, foi atacado de doença mortal, de que não se curou jamais completamente e que sem duvida foi culpada de seu fim prematuro. Em 1840, foi confiado aos cuidados de professor habil, Stoll, que logo reconheceu suas brilhantes faculdades e de quem se tornou o melhor aluno. Azevedo surpreendia então pela facilidade com que falava o francês e o inglês. Em 1844 seus pais mandaram-no a São Paulo para fortificar-se e preparar-se para entrar no quinto ano do Collegio Peçro II. Depois de ter feito seus estudos que lhe valeram em 1847 o titulo de bacharel em letras, Azevedo voltou em 1848 para São Paulo, onde deveria estudar direito. Fez ai quatro anos de estudo e voltou ao Rio de Janeiro para passar as ferias no seio da familia, como era de seu habito. Mas desta vez, a permanencia em São Paulo longe de fortificá-lo, desferira os ultimos golpes contra sua saude vacillante. Azevedo sempre teve o presentimento de que morreria cedo, e suas previsões logo teriam que se justificar. A 10 de Março de 1852, caiu perigosamente enfermo, e depois de quarenta e seis dias de sofrimentos, terminou a 25 de

(283) Ao que sabemos, as poesias de J. J. Teixeira da Silva só appareceram aqui e em revistas (p. ex. na Minerva) ou em coletaneas como o "Parnaso" de Pereira da Silva (IL p. 296-308). Quanto ás "Sombras e Sonhos" Poesias (Rio de J., 1858) de J. A. Teixeira de Melo, só viemos a conhecer o titulo.

Abril de 1852, uma vida que prometia futuro tão brilhante!

Ainda menino, tinha mostrado suas disposições e suas tendências desenvolverem-se nos outros ultimos anos de sua vida na escola de direito em São Paulo, com uma rapidez febril, proveniente a um tempo de seu estado morbido e do pressentimento que tinha do pouco tempo que lhe restava para fazer um nome na literatura, alvo de toda a sua ambição. Azevedo devorava as obras dos primeiros poetas de todas as nações, mas seus autores de predileção eram os românticos francezes modernos, Victor Hugo, Alfred de Musset, Lamartine etc. e principalmente Byron. Inflammado por obras destes grandes homens, impellido por seu genio, espicaçado por um desejo inaudito de criar, consagrava não apenas os oculos que lhes deixavam os estudos, mas às vezes noites inteiras para escrever suas inspirações. É assim que se pode explicar a massa de poesias que compôs nos ultimos anos de sua vida. Tendo-se em vista a maneira por que foram concebidas, poder-se-á razoavelmente julgar este genio prematuro que produzia com tanto ardor e que deveria tão cedo murchar. Um fato digno de nota e muito característico, é que Azevedo, não obstante esta paixão pela poesia, nem por isto deixava de entregar-se ao estudo da arida jurisprudencia. Seus conhecimentos de direito romano e direito comercial principalmente eram tão extensos, que não apenas seus professores lhe davam os melhores testemunhos, como ainda os praticos consumaçoes o consultavam e seu pai fazia que ele o auxiliasse no seu escritorio.

Azevedo tinha muita afeição por seu pai, suas irmãs e seus irmãos, porém principalmente por sua mãe. O pensamento da dor que lhe causaria com sua morte prematura, o enchia de tristeza profunda, e vi-

nha aumentar ainda sua tendencia natural à melancolia. Quando chegou a hora da separação eterna, pediu que sua mãe se retirasse, sentou-se, apoiou-se ao peito de seu irmão, segurou a mão de seu pai, beijou-a, atirou-lhe um ultimo olhar cheio da dor mais amarga e exalou o ultimo suspiro, pronunciando estas palavras: "Que fatalidade, meu pai!"

O mais bello monumento que o seu pai lhe poderia erigir consistiria na publicação de seus livros. Um ano depois, apparecia no Rio de Janeiro, em 1853, a primeira edição em dois volumes; esgotou-se logo e a segunda, aumentada de um volume appareceu em 1862. (284)

O proprio Azevedo havia preparado uma seleção de seus poemas liricos e queria publica-los sob o titulo de "Lira dos vinte annos". Não chegaria a ve-los impressos. Este livro e algumas outras produções do mesmo genero, (*Poesias diversas e Lira dos vinte annos, continuação*) enchem todos o primeiro volume da edição que temos diante dos olhos e a maior parte do terceiro volume.

(284) *Obras de M. A. Alvares de Azevedo, precedidas de um discurso biographico (do qual tiramos as noticias que precedem), e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. Segunda edição acrescentada com as obras inéditas, e um Apêndice contendo discursos, poesias e artigos feitos por occasião da morte do autor.* Rio de Janeiro e Paris, 1862, 3 vol., 8°. A terceira edição desta obra appareceu no mesmo anno e na mesma livraria como parte da *Brasilia, Bibliotheca dos melhores autores nacionaes antigos e modernos*. V. também, I. Fr. da Silva, *Dicionario*, V, p. 357-358 e *Esboços litterarios*, S. Paulo, 1860, 1a. serie, p. 59-62, que encerram uma especie de elegia em prosa por um aluno anonimo da escola de direito, onde a julgar por ai, as tendencias de Azevedo predominavam ainda.

São os transbordamentos líricos de um coração que se abre, agitado pelo amor e a ambição, por um amor ora ideal e sonhador, ora procurando os prazeres e cheios de um ardor todo sensual, ora entregando-se a queixas por causa de uma felicidade impossível, ora embriagando-se de beijos ardentes. É o que deveriam produzir numa imaginação tão ardente os sintomas da morte próxima associados aos desejos de gozar uma vida tão curta. (285) Acrescentamos a ambição de mostrar sua superioridade, a segurança de um espírito que paira bem acima das ideias vulgares sobre a existência e quer ultrapassar escritores tão consumados como Byron e Alfred de Musset, estes entediados de bom tom, habituados a encarar ironicamente o mundo, do alto de seu talento, estes devassos de genio! — Vemos transparecer nesta obra uma verdadeira natureza de poeta, que põe à luz seu talento original, não

(285) Os fragmentos reunidos sob o título de "Ideias Intimas" permitem-nos lançar um olhar curioso em sua vida íntima. Grita, por exemplo:

*Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um roseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre!
Bate meu coração com tanto fogo!*

Eis o que diz seu biógrafo (Obras., I, p. 17-18) de suas elocubrações poéticas, antes em companhia de amigos com os mesmos sentimentos, depois sózinho em seu gabinete de estudo ou em seus passeios noturnos. V. também as duas poesias que mandou a um amigo (I, p. 40-43) onde pinta com todo o ardor de suas paixões a luta da Venus Urania com a Venus vulgiva.

obstante todas as influências estrangeiras e mesmo em seus erros. (286)

As belas poesias "Anjos do Mar", "A Cantiga do Sertanejo", verdadeiro hino das florestas brasileiras e "Crepusculo do Mar" mostram como Azevedo soube compreender a poesia da natureza e penetrá-la do fogo de suas paixões. A par dessas produções ideais, encontramos uma tendência realista e ironica que quase recorda Heine, como em "Vagabundo" e "E Ela". Mas a disposição elegiaca de sua alma, produzida pelo pressentimento de uma morte prematura, insinua-se pela maior parte de suas poesias. O mesmo aconteceu com o assunto das que são melhor sentidas, como na sobre "12 de Setembro" dia de seu aniversário, produção tão característica de seu estado de alma, e "Lembrança de Morrer" e "Se eu morresse amanhã"... Esse sentimento procura, mesmo, com a ironia do desespero, com este cinismo que é só de Heine, zombar de si mesmo, perturbar-se como na curiosa poesia intitulada "O poeta Moribundo". Em troca, Azevedo é presa da tristeza mais dilacerante, quando pensa na separação de sua mãe que amava sobre todas as coisas, e a quem consagrou uma de suas mais belas produções: "A minha mãe".

Estas poesias líricas exprimem de tal modo a vida mais íntima de Azevedo, que trazem todas mais ou

(286) Lopes de Mendonça, diz dele (*Memórias da litter. contemporanea*, p. 319) ... "era um talento de primeira ordem, uma daquelas vocações onipotentes que revelam, desde o berço, os segundos dons do genio". Depois (p. 324): "O jovem poeta não cantava, somente para que as turbas se deixassem comover pela harmonia dos seus cantos: cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma ébria e palpitante, lhe acendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar de sua esperança".

menos a marca da originalidade, embora aqui se note a influencia de suas leituras, principalmente da de seus autores de predileção. Sente-se aqui tão pouco o trabalho, são escritas com tanta "verve" que a impressão total faz esquecer as imperfeições do detalhe, os erros de versificação, a dicção às vezes amaneirada, uma rudeza às vezes procurada etc. (287)

Mas a influencia corruptora dos românticos modernos e de Byron, os defeitos que vimos de enumerar ressaltam muito mais nos poemas de Azevedo que são naturalmente mais objetivos. A mania que tem o autor de ultrapassar os seus mestres em ceticismo, em desdém dos homens, em cinismo gera frequentemente caricaturas que nos causam a impressão mais penosa. O leitor se afflige de ver perder-se no lodo uma natureza tão bem dotada que poderia elevar-se até os céus. Citemos como exemplos suas poesias épico-líricas: "Um cadáver de poeta", "Gloria moribunda", (que tem por assunto a morte escandalosa do celebre poeta portuguez Bocage) e o "Poema do Frade" produção em cinco cantos, em parte em oitava rima, em parte em sextilhas. É uma imitação do Don Juan de Byron, que o próprio poeta considerou o produto de uma insc-

(287) O proprio poeta não procura negar que não pole os seus versos. Não teria tempo para isto; durante os últimos anos que tinha que viver, queria produzir tanto quanto fosse possível. Assim diz no seu poema "O Frade", canto I, 23:

*Frouxo o verso talvez, palida a rima
Por estes meus delirios cambeteia,
Porem odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a vela!
Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estancia o calor: quando formei-a
Se a estatua não saiu como pretendo:
Quebro-a — mas nunca sei metal emendo.*

nia determinada pelo "spleen" e acompanhada de convulsões de ironia. (288)

Pode-se aproximar destes ultimos escritos algumas cenas dramaticas assim como "Os Boemios, ato de uma comedia não escrita" em verso e de um humor forçado; "Macario" e "Noite na Taverna", em prosa e que tem por heroi verdadeiras caricaturas meio Fausto, meio Don Juan, delirando como loucos, e expondo aos olhos um cinismo aborrecido. Suas expressões são a um tempo de uma sentimentalidade procurada e de uma rudeza de mau gosto, a dicção é amaneirada. O proprio poeta chegou a julgar mal estas produções. (289)

Azevedo ainda escrevea em prosa alguns discursos de circumstancia, critica do "Jaque Rolla" de Alfred de Musset, do "Aldo" de Georges Sand, finalmente um pequeno trabalho sobre a literatura portuguesa (*Literatura e civilização em Portugal*). Alguns pensamentos engenhosos, transparecem aqui revelando-se meio a

(288) *Escutai-me, leitor, a minha historia,
E fantasia sim, porem amei-a.
Sonhei-a em sua palidez marmorea
Como a ninfa que volve-se na areia
Co'os lindos seios nus... Não sonho gloria,
Escrevi por que a alma tinha cheia
N'uma insonia que o "spleen" entristecia
De vibrações convulsas de ironia!*

(Canto I, 11)

(289) "Esse drama", diz ele do "Macario". "é apenas uma inspiração confusa — rapida que realisci á pressa como um pintor febril e tremulo" Ele próprio fala desta criação como uma aberração mas acredita poder citar como modelos "A Tempestade" de Shakespcare, o "Beppo" de Byron, o "Fantasio" de Alfred de Musset. São na verdade aberrações do espirito, sem maturidade, transviado por leituras feitas sem escolha e agitado por uma ambição enferma, mas este espirito tem todos os sinais do genio.

um verdadeiro caos de frases, de citações, de comparações e de paradoxos; a dicção e o estilo são empalados. (290)

Felizmente, a "Lira dos vinte annos", em que se exprimem com tanta verdade os amores, as aspirações e a tristeza de Azevedo cobre com sua voz poderosa estes erros do poeta e sua gloria futura não será por elles atingida.

Luis José Junqueira Freire tinha nascido poeta como Azevedo. Sentindo que iria morrer moço, apressou-se igualmente em gosar uma vida que logo teria que murelar.

Junqueira Freire nasceu a 31 de dezembro de 1832 na Bahia. Depois do collegio, entrou a 10 de fevereiro de 1851 na ordem dos beneditinos, e pronunciou seus votos no anno seguinte sob o nome de Fr. Luis de Santa Escolastica. Mas logo reconheceu a sua falta de vocação. Pediu então a sua secularização e obteve-a em 1854. Mas esta alma muito repleta não arrastou

(290) A passagem seguinte tirada de seu trabalho sobre a litteratura portugueza bastaria para justificar este julgamento severo:

"O Edda das prozas Elisias não é só o Lusíadas. Cada lauda dos fastos dos páramos e serranias de aquém do Aque-de e do Guadiana, os campos batizados no sangue infiel dos homens da contracosta, é um canto de Iliada architectonica, como os Nibelungen e o Antar Oriental, coroado de sacrosantas reminiscencias, Biblia de veilhas tradições portuguezas, como o Edda Islando-Scandinavo; ou o Chahameli Persa, a epopéa milica do Oriental, onde ele entrelaçára, como um baixo relevo de Pompeia, os feitos dos homens antigos no seu ven de misticas tradições; ou por ventura os trenos dos bardos cimbricos nos dolmens druidicos de Hirmenzul; coroa gigantesca entrecachada de flores poeticas, que enlouram victorias, e onde desapertam enlaçadas rosas rubidas e violetas de ametista de langues aromas em seus halitos mimosos, dessa grinalda das moles canções, que se chama o amor...".

por muito tempo sua cadeia; uma hipertrofia do coração levou-o a 24 de junho de 1855.

Suas poesias "Inspiração do Claustro" que apareceram na Bahia em 1855 são como as de Azevedo, emanações de sua vida interior, queixas de um espirito atormentado pela duvida e procurando o repouso, os transbordamentos do coração, ora cheios de luto, ora respirando a ironia mais amarga sobre o contraste entre a vida real e seu ideal. Seus olhares nem por isto dirigiam-se cada vez mais em direção do céu. Apesar das desilusões que havia encontrado, apesar de seu ceticismo, e as meditações dolorosas em que mergulhava, procurava sempre consolo no seio de Deus. (291)

Em outro lugar fala nestes termos na necessidade que seu espirito sente de mergulhar na meditação:

Gosto de meditar, de noite, ás vezes,
 Como um infante,
 Espasmado no olhar, fitando o corpo
 Que tem diante.

(291) Procura justificar a sua inclinação para a vida especulativa e as pesquisas metafísicas pelo sentimento de sua origem e de seu fim divino, formulando as perguntas seguintes:

*Porque se me extasia a mente ás vezes
 E vaga, e vaga, aligera e perdida
 Pelas solidões do firmamento etéreo,
 Bem como o serafim que esguarda os mundos,
 Livre os celestes paramos percorre?
 Porque penetra, ás vezes arrojada,
 Nos misterios reconditos do Eterno,
 E todo entorna-se á seus pés, — bem como
 O alabastro de nardo aos pés do Cristo?
 Porque se abraça em incorporco amplexo
 Co'os angelicos seres de além-astros,
 E, como a chave das eternas portas,
 Abre os tesouros do poder do Altíssimo,
 E neles bebe inextauríveis gozos?*

Gosto de meditar, de dia, ás vezes,
 Como o ancião,
 A quem idéias se erguem do passado
 Em borbulhão.

E preferindo não ter nascido para viver esta sede ardente de ver resolvidos os enigmas divinos e as contradições do mundo, dirige-se a Deus, cheio de confiança e espera dele uma libertação proxima:

Ai! praza a Deus que breve,
 Tam breve como a flor,
 Ardendo o incenso, ardendo
 Qual virginal rubor,
 Transponha aos céus a alma
 Do triste trovador.

Nas poesias de Junqueira Freire, não vemos como nas de Azevedo, as lutas do ideal e da sensualidade acompanhadas de todo o ardor da paixão não satisfeita. Encontramos aqui pelo contrario o combate do finito com o infinito, a que o poeta assiste triste e resignado. É com esta resignação que ele canta na poesia intitulada "Um pedido" o jovem que se abandona ao amor com toda a ingenuidade da juventude.

Eu que tenho lutado contra a vida,
 Bebido noutro cálice de dores,
 Jovem! — não posso meditar doçuras,
 Cantar ternos amôres.

Eu que nunca senti nos olhos d'alma
 O traspasar dos olhos da donzela,
 Jovem! — não posso te pintar ardores
 Que não senti por ela.

E si eu quizera, disfarçando angústias,
 Cantar suave a tua bela Armia,
 Jovem! — de todos eu teria em paga
 Um riso de ironia.

Junqueira Freire canta com uma simplicidade grandiosa estas lutas com a vida, e o remorso de ter falhado a sua vocação, a dor da desilusão numa poesia que lhe inspirou a visão de um jovem pronunciando como ele votos perpetuos, sem considerar as consequencias destes juramentos. É a peça intitulada *A profissão do frei João dos Mercês Ramos*. A *Meditação* é tão interessante porque ela é bem sentida e sua expressão é simples. Ela aqui invoca a razão contra o seu coração que vai partir-se; porem é ceptica, e só Deus poderá defende-lo d'este defeito e não o abandonará mais.

Uma natureza tão ideal deveria ressentir-se tanto mais dos impactos da colera, vendo abusar da fé em Deus e os que se chamavam os servidores de Todo Poderoso, entregando-se ao vicio. Na poesia "Frei Bastos" castiga com o flagelo de Juvenal um padre que punha os seus talentos poéticos e oratorios a serviço de causas desonestas.

Junqueira Freire deixou manuseritos dois poemas "O Padre Roma" incompleto e Dertinea e um drama "Frei Ambrosio" e finalmente um "Tratado de Eloquência Nacional".

Alem destas obras, atribui-se ainda a nosso poeta um esforço a Chatterton, o "Eino da cabocla", que appareceu a principio como produção inédita de Gregorio de Matos na "Revista mineira". Mas logo se reconheceu que era uma obra do seculo XIX, ceasionada pelas revoluções de 1848, em França e em Pernambuco. Antonio Joaquim de Macedo Soares que a publicou em suas "Harmonias Brasileiras" (S. Paulo, 1859) mostrou que era muito provavelmente obra de Junqueira Freire.

Era com efeito idealista em politica e confessava-se partidario da republica e do socialismo.

A este proposito, um dos seus biographos (292), caracteriza Junqueira Freire e suas poesias da maneira seguinte:

“As Inspirações do Claustro” e suas outras produções nacionais ou antes politico-sociaes dão uma imagem sufficiente do genio e das vistas mais intimas do poeta. Partidario fanatico das formas republicanas, apaixonou-se por ellas como tantos outros, que contemplando-as do alto do mundo fantastico de sua imaginação, as tem na conta de filhas de Deus. Com suas opiniões filantropicas, desejava que a humanidade inteira não formasse mais que uma familia, intimamente ligada pelos laços da igualdade, da fraternidade e do amor. Poeta no fundo da alma, protesta contra as differenças de classe na sociedade, e celebra em cantos apaixonados e sublimes a regeneração do povo, que sua imaginação, brilhante e imponente lhe fazia apparecer como uma revelação do céu. Se tivesse chegado a homem de estado, teria aprendido a domar seu coração, que só se abandona aos sentimentos, sob a logica fria e inexoravel da razão que procura, examina pesa e julga. Assim, seu destino foi o de chorar, suspirar, sofrer e cantar, porque a inexoravel mão da morte precipitou-o logo na tumba fria, — talento perseguido pela sorte e a quem não foi dado eumpir a sua missão na terra”.

O nome deste poeta e o de Azevedo viverão na historia litteraria do pais. É com razão que I. F. de Castilho em sua “Grinalda Ovidiana” (p. 287) diz

(292) Citado por I. Fr. da Silva, *Dicionário*, V, p. 300-301. Seguimos o seu artigo e o de Pereira da Silva na *Revista do Instituto*, XIX, p. 425-433, e reimpresso com algumas adições em “*Variedades Literarias*” (Rio de J., 1862, p. 263 e segs), deste último.

dele: "Ultimamente o Brasil perdeu dois dos espiritos mais bem dotados e que prometiam muito. Azevedo e Junqueira Freire foram arrebatados com a idade de vinte anos ou antes prematuramente devorados pela chama que se chama genio".

Se a qualidade pudesse reparar semelhante perda, o Brasil teria com que se consolar. Ser-nos-ia preciso citar um grande numero de nomes, se quisessemos mencionar todos aquellos que sabemos ter feito ensaios poeticos. Em todas as nações onde a instrução e as regras da poesia são muito espalhadas, vem-se apparecer em massa, principalmente no genero lirico, versejadoures que de poetas só tem o nome. É ainda o caso em povos como o italiano, o espanhol, e o portuguez, que têm uma lingua prestando-se de tal modo à poesia que não é difficil a um homem instruido fazer versos passaveis. No Brasil, que possui uma poesia muito desenvolvida numa lingua deste genero e que herdou neste mesmo idioma modelos classicos, esta facilidade de versificação deveria expandir-se prontamente, bafejada por circumstancias diversas. O numero dos que fizeram ensaios poeticos com mais ou menos felicidade, aumentou bastante sem enriquecer de muito a literatura. (293) Nossos leitores comprenderão termos passado em silencio grande numero de nomes, e que o nosso dever de historiador poderia ter-nos obrigado a citar. Não mencionaremos senão aquellos que se elevaram acima do nivel ordinario, e seguiram um ca-

(293) Esta fabricação de poesias foi favorecida pelos numerosos jornais literarios que vieram à luz estes últimos anos o que por sua vez revelavam que o público aprecia estas produções. Citemos *O Museu Pitoresco* (1849), *Novo Gabinete de leitura* (1850), *Marmota fluminense* (1855), *A Saudade* (1855-1857), *Universo illustrado* (1858), *Espelho, revista semanal* (1859), *Ateneu Paulistano* (1859), *Revista Popular* (1860), etc.

minho que pode servir para caracterizar este período. (294)

Entre os que começaram no início desta idade, é preciso mencionar Firmino Rodrigues Silva e Antonio Joaquim de Melo pois que os dois contribuíram a dar ao nativismo nascente seu lugar merecido na poesia. Firmino adquiriu certa reputação por sua elegia sobre a morte de seu amigo, o poeta F. B. Ribeiro (v. cap. XII) o tom é o de um canto de morte indígena. (295) Antonio Joaquim de Melo tentou produzir um idílio americano, em seu "Itacé" que interessa por sua cõr local. (296)

No pequeno numero daqueles que cultivaram a sátira e a que nunca falta assunto, cita-se Francisco Otaviano Almeida Rosa que se fez conhecer por sua tradução das obras de Byron e o padre José Joaquim Correia de Almeida. Este nasceu em Barbacena, provincia de Minas Gerais, onde occupa a cadeira de reto-

(294) Ocupar-se de produções informes de uma quantidade de nomes obscuros, está muito longe de ser a tarefa agradável de um historiador consciencioso.

(295) Esta elegia encontra-se com numerosas outras poesias de Firmino no *Parnaso* de Pereira da Silva, II, p. 193-213. Nestas produções vemos transluzir um sentimento vivo de amizade e de patria.

(296) O comendador Antonio Joaquim de Melo, natural de Pernambuco, bem mereceu de seus compatriotas, publicando suas *Biografias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco* (Recife, 1858-1860, 3 vols, 8º). Esta obra infelizmente chegou tarde demais às nossas mãos para que pudessemos tirar dela partido para o nosso livro. No segundo volume (p. 218-229) fez imprimir este Idílio, composto de 1824 a 1825 e de que só appareceu um fragmento na "Guanabara" (I, p. 157). Encontra-se no mesmo volume (p. 100-103) uma cantata de Melo, intitulada Os Caetés. Foi igualmente escrita no interesse dos indios.

rica, publicou em 1854 no Rio de Janeiro *Satiras, epigramas e outras poesias*, seguida em 1858 dum segundo volume sob o mesmo título. Embora se o tenha atacado com violência, sorte com um dos poetas satiricos, e que se lhe haja negado todo merito (297) pensamos que seus adversarios devam ter exagerado a julgar pelo segundo livro que temos em mãos. É verdade que seu ponto de vista não é muito elevado, que ele castiga ligeiramente as fraquezas da vida de todos os dias mas os seus epigramas e suas parabolias não deixam de ter espirito, enquanto que a sátira "O Re eruta" cheia de indignação e golpes bem desferidos, faz o processo de um vicio politico eujas consequencias são inaleculaveis. O caminho seguido por Azevedo, só mais tarde é que encontrou partidarios na nova geração. A influencia perniciosa de genios como os românticos francezes e Byron, que se auto-adoravam, mas duvidavam de tudo e de tudo desesperavam, só appareceu muito tarde nas produções imaturas de discipulos que não conheciam o mundo a não ser pelos livros e se pronunciam com uma impudencia cinica sobre a vida eterna. Estas influencias e o exemplo de Azevedo parecem ter se exercido principalmente sobre os seus sucessores, os estudantes da escola do direito de São Paulo. É o que provam os jornais literarios que iam saindo! *Ensaio litterarios, jornal academico*. (S. Paulo, 1859) e *Esloços litterarios, jornal redigido per academicos*, (S. Paulo 1859) e as publicações de poesias dos alunos da Academia. Entre estes ultimos, podemos citar Rosas e goives (S. Paulo, 1849) por José Bonifacio de Andrada e Silva, sobrinho do celebre homeni

(297) No jornal *A Actualidade* (Rio de Janeiro, 1859). Em troca, I. F. De Castilho louvou-o muito no "Cerrado Mercantil". V. I. Fr. da Silva, *Diclon.*, IV, p. 383-4.

de estado deste mesmo nome e Minhas canções (S. P., 1849) P/ João Silveira de Sousa (298). Seus talentos fazem ainda mais lastimar que se tenham assim se deseneaminhado.

(298) V. I. Fr. da Silva, *Dicion.*, V. p. 37 e 278. Um irmão de José Bonifácio de que viemos de falar e que tem o mesmo nome de seu pai, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, publicou igualmente um volume de poesias sob o título de "Lágrimas e Sorrisos" (Rio de J., 1847), que são na verdade mais sobrias, mas não se elevam acima do nível ordinário. As que são assinadas por J. B. A. S. são provavelmente de seu irmão José Bonifácio. E distinguem-se pouco por seu surto e pelo falso espirito que mencionamos. V. p. ex. p. 123 "Meus Amores, Meus Amigos", que tem por modelo "Rolla" de Alfred de Musset. Franklin de Menezes Doria, estudante da escola de direito de Recife, publicou um livro de poesias sob o título de "Enlevos" (Pernambuco, 1859). Não denotam um talento extraordinário, mas respiram sentimentos ternos, sobretudo piedade filial, e vistas morais e religiosas que causam tanto mais prazer quando se as compara às produções dos alunos da escola de São Paulo. O autor não rende menos homenagens ao genio de Azevedo e de Junqueira Freire e celebra-os em duas poesias que consagra à memoria deles (p. 117) *A Coroa do poeta, á memoria de Junqueira Freire*; e p. 289, *Monodia, á memoria de M. A. Alvares de Azevedo*. Numa nota da primeira, ele diz: "O nome de Junqueira Freire pertence ao necrologio dos genios modernos do Brasil, que tem expirado na aurora da mocidade. Figura honrosamente entre os de Azevedo e Francisco de Sá". Infelizmente não sabemos nada a respeito deste último.

CAPITULO XVII

PROGRESSO DA POESIA DRAMATICA DESTE PERIODO — DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES INAUGURA O TEATRO BRASILEIRO COM SUAS TRAGÉDIAS — DRAMAS E TRAGÉDIAS ORIGINAIS DE ALGUNS OUTROS — ARAUJO PORTO-ALEGRE — LUIZ CARLOS MARTINS PENA E JOAQUIM MANUEL DE MACEDO DESENVOLVEM A COMEDIA NACIONAL — CULTURA PARTICULAR DA OPERA NO BRASIL — ERNESTO FERREIRA FRANÇA.

Nos dois periodos precedentes, consagramos um capitulo especial à poesia dramatiza e limitamo-nos a mencionar na ocasião os ensaios de alguns poetas. As peças destes autores eram puramente literarias e não foram jamais representadas, de modo que não puderam ter nenhuma influencia sobre o desenvolvimento do teatro nacional.

No começo do periodo que nos occupa, contentava-se o publico com os dramas portuguezes ou traduções de peças francesas mas as operas desfrutavam de um favor muito maior. (299) Assim F. J. de Souza Silva,

(299) Ver artigo de Emile Adet (*Da arte dramática no Brasil*) na *Minerva brasiliense*, 1843, p. 154-157. Ai ele se coloca a seguinte pergunta: "O Brasil possui uma literatura dramática?" *Possuc o Brasil uma literatura dramatica? Não; pois não é sem duvida um numero mui limitado de composições deste género, a mor parte das vezes imitações ou traduções, que a poderia formar.* Ele conhece muito bem as tragédias de Magalhães, porém elas eram muito isoladas ainda para infirmar sua opinião. Adet, francez, aponta a causa principal deste fato: *Recciam os poetas, querendo ficar nos*

J. A. de Lemos Magalhães, A. J. de Araujo, Pinheiro Guimarães, Odorico Mendes se limitaram a traduzir dramas de Delavigne, Ducis, Voltaire, Shakespeare, (mas em geral através de parafrases francezas) Byron etc. O proprio D. J. G. Magalhães occupou-se em transpor Arnaude e Ducis para a cena brasileira.

Ficou reservado então a este espirito independente que operou uma revolução tão feliz com os seus "Suspiros Poeticos" a gloria de abrir o caminho ao teatro nacional. Ele tem mesmo a honra de ter precedido a Garret, que teve mais tarde a mesma influencia sobre a cena portugueza. (300) A 13 de março de 1838, Magalhães fez representar no teatro da praça da Constituição no Rio de Janeiro a tragedia chamada "Antonio José ou o Poeta e a Inquisição" (foi publicada em 1839). A 7 de setembro de 1839, deu para a inauguração do teatro de S. Pedro de Alcantara o seu "Olgiato" (publicado em 1841). Estas duas tragedias tiveram tal successo que despertaram o interesse de um publico estragado pelas peças francezas.

Nos prefacios destas duas tragedias o proprio Magalhães exprime sua maneira de ver. Diz no Prologo de "Antonio José": *"Eu não sigo nem o rigor dos classicos nem o desalinho dos romanticos. No de Olgiato p. VI fala assim: "Mas dou todo o devido apreço á simplicidade, energia e concisão das tragedias de Alfieri e Corneille"*.

As tragédias de Magalhães são concebidas, sem prenderem-se pedantemente à regra das tres unidades,

limites do bom gosto e da decencia, não produztr efeitos sufficientes para espectadores cansados, acostumados a não ver senão dramas febricitantes, etc.

(300) V, a passagem de Araujo Porto-Alegre citada na biografia de Magalhães (Guanabara, II, p 42).

mas o poeta evita todas as extravagancias da escola romantica; respeitou escriptosamente a unidade de acção como a dos caracteres, evitando o elemento comico. O tom é igual, antes patetico que apaixonado. Aproximam-se da maneira de Alfieri, mesmo pelo laconismo que visa ao efeito. (301)

O facto de haver Magalhães escolhido para heroi da primeira tragedia brasileira o primeiro poeta comico nacional, faz grande honra ao seu patriotismo. É o infeliz autor das operas do Judeu, o malegrado Antonio José condemnado ao fogo pela Inquisição (v. cap. IV). Mas este assunto apresenta difficuldades consideraveis. Com effeito, a peça não tem conflicto tragico propriamente, porque a personagem principal mostrou uma passividade visinha do medo, ele era quase innocente e o poeta se manteve escriptosamente fiel à verdade historica. Apesar disso, a sua tragedia produziu grande effeito scenico e manteve-se até os nossos dias nos repertorios do Brasil e Portugal. (302) Isto prova

(301) A última cena do quarto acto de "Olgiate" é por exemplo no genero laconico de Alfieri. Os conjurados reúnem-se no cemiterio perto do oratorio de Santo Ambrosio. Depois de ter implorado de joelhos o socorro do santo para a sua empreza de assassinar o duque de Milão, Galeazzo Maria Sforza, eles se erguem, mas a lampada cai da abobada e Olgiate grita:

Que pressagio fatal?

Montiano. —

P'ra o Duque

Visconti.—

Vamos.

(302) Foi representada por exemplo a 5 de Outubro de 1861 no teatro de S. Pedro d'Alcantara (v. Jornal do Commercio do mesmo dia.)

que é bem conduzida e está cheia de numerosas belezas. (303)

A tragedia "Olgiato" tem por assunto a conjuração dos nobres de Milão contra o tirano debochado Galeazzo Maria Sforza e sua morte, em 1476. Aqui os herois e os conjurados não podiam libertar sua patria senão pelo assassinio e utilizaram-se deste meio. Cabia ao poeta diminuir tanto quanto possibile o odioso desta ação, justificando todavia a pena de morte pronunciada contra eles. O autor não chegou a vencer completamente esta dificuldade, mas soube salvaguardar a dignidade da tragedia por sentimentos verdadeiramente antigos, pela grandeza das razões que fazem agir os atores de sua peça e, pelos caracteres interessantes e bem desenhados.

É preciso dizer, no entanto, que a atuação de João Caetano dos Santos contribuiu muito ao successo destas

(303) Como o belo monologo de Antonio José na prisão (ato II, cena 4):

*Ha dias aziagos, em que o homem,
Em profunda tristeza mergulhado,
Se esquece de si mesmo, e se concentra
No mundo interior da consciencia,
Neste abismo mais vasto do que o mundo,
Neste misterio occulto, indefinivel,
Nesta imagem de Deus em nós contida,
Que relata o passado, ama o futuro,
Parece então que o homem se emvergonha
De tão pouco saber, de ter vivido
Sem saber o qu'ele é. Então se eleva
Nesse mundo ideal; não se contenta
Co'o mundo dos sentidos; quer lançar-se
Alem do espaço que seus olhos medem,
Quer prever, quer falar co'o Ser Divino,
Quer saber o que é sonho, o qu' é a morte,
O homem que nem sabe o qu' é a vida;
Afirma sem provar, sem saber nega. etc.*

tragédias, porém Magalhães teve o papel de iniciar o desenvolvimento dos talentos naturais que fizeram de seu discípulo o maior ator do Brasil. Nosso poeta tem pois a gloria de haver eriado por todos os titulos a cena nacional. (304)

Norberto de Sousa Silva seguiu o impulso dado por Magalhães. João Caetano induziu-o antes a escrever sua "Clitemnestra", que compos à imitação principalmente de Esquilo. A sua forma é classica, mas o estilo tem um certo matiz romantico. Esta tragedia nunca chegou a ser representada, e só appareceu completa em 1846 nos "Arquivos do Teatro". (305) Em 1843, Norberto tinha composto um drama de assunto nacional *Amador Bueno, ou a fidelidade Paulistana*. (306) É a ação tão conhecida do paulista Amador Bueno de Ribeira, que resistiu às intrigas dos espanhois e dos jesuitas. Eles queriam proclamá-lo rei do Brasil, quando Portugal sacudiu o jugo de Espanha e repôs sobre o trono D. João IV de Bragança. Amador

(304) Eis porque Araujo Porto Alegre diz em seu artigo sobre o teatro brasileiro (*O nosso teatro dramatico, Guanabara*, II, 1852, p. 97-104). *O nosso teatro tem tido uma existencia aventureira. A arte dramatica, só fez legitimos progressos naquela época em que o Sr. Dr. Magalhães se uniu ao Sr. João Caetano: nessa época, todos os elementos artificios se associaram e revestiram o paleo-cenico de toda a sua dignidade... Da representação de Antonio José data o ponto saliente da revolução dramatica no Brasil. porque aí o Sr. João Caetano, como agente principal na sua realização, começou a obra da reforma; etc.*

(305) Adet dá trechos assim como a análise e a critica na "Minerva Brasillense. "Clitemnesta" appareceu completa no *Arquivo teatral, ou Coleção das melhores peças antigas e modernas, traduzidas ou originais*. Rio de Janeiro, 1842, e anos seguintes, 4.º, vol. V.

(306) Apareceu a principio como suplemento da "Guanabara" de 1856 e depois à parte, Rio Janeiro, 1855, 4º.

Bueno manteve-se-lhe fiel com o risco de sua vida, recusou a coroa e conservou assim o Brasil unido a Portugal. Quando João Caetano trabalhou no teatro de S. Francisco no Rio de Janeiro, depois de sua restauração, ele quiz inaugura-lo por um drama original e abriu para este efeito um concurso, confiando a decisão ao Conservatorio Dramatico Brasileiro. Teve cinco peças apresentadas e a de Norberto ganhou o premio. Foi representada pela primeira vez a 19 de Setembro de 1846 e a mesma companhia representou-a no dia 20 de outubro seguinte no teatro de Niteroi. Depois disto não mais reapareceu no repertorio. O drama de nosso autor, escrito em prosa, é antes uma peça de intriga e de efeitos melodramaticos; o heroi não desempenha aqui mais que um papel aessorio porque o interesse principal se concentra sobre a sua filha Leonor e seu amante D. Francisco Rendon.

Varnhagen tratou o mesmo assunto mas sua peça tem ainda menos valor poetico. Seu *Amador Bueno; Drama épico e historico-americano* em quatro atos e tres quadros, Lisboa 1847, in — 12.^o Edição particular e Madri 1858, 8.^o (em tres atos), escrita igualmente em prosa, encerra um certo numero de cenas mal ligadas e de caracteres superficiaes. Acreditar-se-ia quasi que se estivesse vendo fantoches. O papel principal é de agente dos jesuitas.

Na mesma epoca A. G. Teixeira e Souza fez alguns ensaios dramaticos. Com dezoito anos de idade, escreveu uma tragedia "Cornelia", produção mal digerida, cheia de horrores e perversidades ultrapassando qualquer limite. (307) Seu *Cavaleiro Teutonico*, e a

(307) V. a analise e critica desta tragedia por L. A. Burgain, *Minerva brasiliense*, p. 751-756.

freira de Maricburg composto em 1840 já tem mais dignidade tragica. (308) As tres unidades são aê eserupulosamente observadas, mas as situações e caracteres e a dieção são arquiromanticas. Sente-se por toda a parte que o poeta quiz conseguir efeito (os dois atos são cheios de relampagos e trovões!) O poeta além disto arriscou-se num terreno que não conhece muito bem. Com efeito, um cavalheiro da ordem teutonica, tinha pronunciado os votos monasticos e não podia por isto pedir a mão de uma jovem. A parte que o deputado da Santa Vehme, verdadeiro Deus ex-machina, toma na ação e a maneira porque ele intervém na trama, são tão pouco conformes à verdade historica, como à dramatica. A peça está escrita em verso.

Luis Antonio Burgain, fez-se conhecer em 1843 por seu drama intitulado *Fernandes Vieira, ou Pernambuco libertado* (309) Nascido no Havre, em 1812, foi muito jovem para o Brasil, onde se fez professor de geografia e francees e membro do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro. Escreveu grande numero de dramas que foram representados em todos os re-

(308) Apareceu no terceiro volume da "Guanabara" e a parte, Rio de Janeiro, 1855, 49. O bacharel J. J. Telxeira, deve também ter escrito uma tragedia "Camões", que se não nos enganamos, nunca foi representada nem publicada. Cita-se ainda Vicente Pedro Nolasco, como pertencendo a esta época e autor da tragédia *Alonso e Cora, ou o Triunfo da natureza*. V. *Minerva brs.*, p. 155 e 364.

(309) Ele escreveu-o antes em prosa em 1839 e em tres atos; mais tarde, encorajado pelo Conservatorio Dramatico, deu-lhe a forma poetica e quatro atos. A peça em verso foi representada pela primeira vez no teatro de S. Pedro de Alcantara e impressa no Rio de Janeiro em 1845, 49. A "Minerva bras.", tinha dado antes alguns fragmentos dela. O proprio autor diz que estes são os seus primeiros versos em portugues.

cantos do Brasil, e Portugal. É preciso citá-lo entre os poetas dramaticos do Brasil, os mais fereis e desfrutando de mais favor. Não conhecemos nada além dos titulos de suas peças e somos portanto incapazes de julgá-las. (310)

Não podemos pronunciar-nos sobre as tragedias de Gonçalves Dias, eseritas de 1840 a 1846, (v. cap. 15) A mais conhecida é Boabdil. (311) É provavel que não tenham sido representadas.

A unica tragedia que nos veio às mãos da produção dramatica de Joaquim Manuel de Macedo é "Cobé". (312) Porém ela basta para documentar seu talento tragico. É em cinco atos e em verso e tem por heroi um indigena, o tamoio Cobé. Nos primeiros tempos da colonia, quando os portuguezes combatiam os tamoios, Cobé, um dos seus chefes, e sua mãe Agamassu, foram

(310) V. a lista destas peças numa noticia biografica sobre o autor no Dicion. de I. Fr. da Silva, V, p. 215-217.

As mais queridas do público são *Luis de Camões*; *Pedro Sem*, que já teve agora não tem; o *Governador de Braga*, ou *os tres amores*; o *mosteiro de Santo-Iago*, conforme a *Favorita* de Donizetti.

(311) O *Magazin für die Literatur des Auslandes*, 1857, nº 48 diz de *Boabdil*: "Esta peça é muito hábilmente concebida e distingue-se pela verdade e a profundidade dos sentimentos, pelo brilho da dicção, por uma linguagem poetica e imaginação viva. É o reflexo de um por do sol do meio dia sobre as ruinas do Alhambra". A tradução alemã do doutor Ernesto Ferreira França, que se anuncia ainda não appareceu ao que sabemos.

(312) Apareceu como suplemento da "Guanabara", II, 1855, nº 7; II. Conhecemos ademais os titulos seguintes, "O Cego", drama em cinco atos e em verso (Niteroi, 1849, 4:), "O sacrificio de Isaac", drama sacro em um ato e dois quadros, em versos (publicado no folhetim do *Jornal do Comercio*, 1859, n. 111), e "O amor da patria", drama em um ato e inédito.

surpreendidos por D. Gil da Cunha e feitos prisioneiros. Ambos foram vendidos como escravos a D. Branca. Cobé apaixonou-se violentamente por ela e por isto se conserva escravo, embora possa libertar-se e sua mãe o conjura a procurar os seus, que se preparam para o combate. Como não atende às suas supplicas, ela amaldiçoa o filho apóstata e frouxo. Dona Branca não desconfia nada do amor de Cobé — como pensar que um escravo poderia interessar-se por sua senhora? — porem tem tantas provas de sua dedicação e fidelidade que se decide a se lhe abrir. Manda-o a Estacio, seu amado, para dizer-lhe que o amará sempre, mas teme ser forçada por seu pai a desposar D. Gil da Cunha. A cena em que D. Branca incumba Cobé desta mensagem e fala-lhe de seu amor sem esperança e ela se espanta, quando Cobé lhe desereve com as cores mais vivas as dores de semelhante chama é das mais belas da peça. Pergunta-lhe se ele tambem ama, mas Cobé é orgulhoso demais para confessar um amor que sua amada não adivinhou, não obstante seu acesso de ciume. As duas paixões mais poderosas do homem da natureza, o amor e a vingança, lutam no coração do selvagem e fazem que ele vacile. Em vez de levar a mensagem de sua amada, deixa-se levar por este ultimo sentimento a abandonar dona Branca à sua sorte, que não tem a menor suspeita do amor de seu escravo, dispõe-se a seguir os conselhos de sua mãe e foge para junto dos seus para lavar sua vergonha no sangue dos opressores. Mas o amor o retém, ele não pode deixar sua amada presa de da Cunha, este homem que ele odeia. O casamento de Dona Branca, deve realizar-se no dia seguinte. Ela não entrevê nenhuma salvação e obtem da mãe de Cobé um veneno rapido, que esconde no engaste de um anel, preferindo o tumulto ao altar. Venee o amor no coração do indio,

ele decide-se a morrer por Branca. Sua mãe lhe diz que dera veneno à sua querida. No momento em que esta vai toma-lo, Cobé arranca-lhe o anel e toma-o ele próprio, mas antes de morrer, liberta a noiva, matando com uma punhalada da Cunha. Desta maneira ele vinga a si e aos seus de um cruel opressor.

Vê-se por esta analyse que o assunto e os caracteres são verdadeiramente tragicos e oferecem um poderoso interesse nativista. O desenvolvimento da peça é em geral digno de elogios, a dicção conforme ao assunto e não excessiva; os versos honram a Macco. Sua peça foi representada pela primeira vez no teatro de S. Pedro de Alcantara em 7 de Setembro de 1859. Desde então vem sido acompanhada de successo crescente.

Em 1849, (313) Martim Francisco Ribeiro de Andrada, autor de "Lagrimas e Sorrisos" mencionado no capitulo precedente, publicou um drama em prosa sob o titulo de *Januario Garcia, o Sete orelhas* (S. P. 8.º). Tem tres atos e cinco quadros.

O assunto desta peça é a legenda nacional do paulista Januario Garcia, cognominado Sete Orelhas. Para vingar seu filho, morto pelos sete irmãos Silva, deixou sua familia e errou durante cinco annos até que tivesse morto os sete irmãos, cortando a cada um, uma orelha. Não poupou nem mesmo o mais jovem dos irmãos, embora este, quase menino ainda, tivesse sido constrangido a tomar parte no assassinio e tivesse desposado a filha de Garcia na ausencia deste ultimo. Vê-se por esta curta analyse que um homem tão sanguinario não é um heroi tragico e que ao assunto me-

(313) Temos diante de nós um drama em cinco atos e em prosa de José Manoel Rego Viana, *Os Jesuitas, ou o Bastardo D'El Rei* representado em 1846, no Rio Grande e publicado em 1848, mas é um melodrama da pior especie.

ilhor se adequaria um romance. (314) Mas se se encarar a peça como um relato dramatisado, não se poderá recusar-lhe interesse e habilidade. A exposição é simples e concisa.

Candido José da Mota, tratou igualmente um assunto nacional. É o *Tira-Dentes, ou a Inconfidencia em Minas Gerais*, drama historico em cinco atos e sete quadros (Santos, 1853 8.º em prosa). Este acontecimento é mesmo pouco dramatico. A conjuração de Minas Gerais, de que já falamos numerosas vezes, foi descoberta antes que os seus promotores se tivessem posto em ação. Não há nela, pois, ação tragica, não passa de um processo de alta traição, de fim tão triste. O drama de que falamos compõe-se de uma serie de cenas em que o interesse não se concentra sobre Tira-dentes, no caso, papel secundario, mas sobre Gonzaga e sua noiva.

Passamos em silencio certo numero de peças de que só conhecemos os titulos ou que são de tão pouco valor que não merecem registro especial. (315) Queremos apenas falar de um drama representado ultima-

(314) Norberto de Souza Silva aproveitou-se deste acontecimento para asunto de uma novela. V. *Romances e novelas*, Niteroi, 1852, 8.º, p. 37-83. ..

(315) Só sabemos os titulos dos dramas "*A Resignação*" e "*A Epoca*" pelo doutor Varejão — "*Misterios de familia*". Drama original brasileiro em 4 atos, por Joaquim Pereira de Almeida, 1861; — *Caetaninho ou o tempo colonial*. Drama historico brasileiro, por Paulo Antonio de Vale, e a tragédia de Luis Carlos Martins Pena, *Vitica o Nero das Espanhas*. Em troca, temos diante dos olhos as peças seguintes que pertencem ao genero melodramático mais crasso, "*Pedro Martelli*", drama em quatro atos e um prologo, por Alvaro Augusto de Carvalho, S. Catarina, 1855, 8.º, e "*O Espectro da Floresta*" drama original em cinco atos pelo doutor C. J. Gomes de Souza (R. de Janeiro, 1856, 8.º).

mente no Ginasio Dramatico. (316) do Rio de Janeiro. Esta produção bem acolhida poderia ter sido a aurora de uma nova escola dramatica no Brasil. É "A historia de uma meça rica", em quatro atos pelo doutor Pinheiro Guimarães. Esta historia tem por assunto a queda e a reabilitação de uma vitima de um casamento de conveniencia. Uma filha de um homem rico se vê forçada a abandonar o seu amado pobre para dar sua mão a um plutocrata de sua classe. Este só a desposou por interesse, pois que ele é dominado completamente por uma escrava. O homem rico trata a mulher com tanta brutalidade que ela acaba por ir no encaço de seu antigo amor. Mas este ultimo a abandona. O desespero e a miseria fazem-na cair tão baixo quanto uma mulher pode cair. No entanto, seu amor pela filha que teve, da-lhe forças para reerguer-se. Ela arrepende-se de seus erros e toma a resolução de viver de hoje em diante só para a filha. Chega a reusar a mão de um homem generoso que quis substituir o seu marido, envenenado pela escrava.

Esta peça foi igualmente bem acolhida pelo publico e pela critica. "A Cronica da Semana" do Jornal do Comercio de 7 de outubro de 1861 diz por exemplo: "Cenas cheias de ardor e interesse, um estilo vivo, leve e brilhante, dialogos naturais, falas cheias de imagens, pensamentos graves e às vezes até ousados etc.". Apesar disto, o caminho que o poeta segue nos parece perigoso. Reconhece-se nele a influencia da

(316) Este teatro representa principalmente peças originaes de autores brasileiros, e procura nacionalizar a cena. No corrente anno, diz o Jornal do Comercio de 7 de outubro de 1861, "representaram-se neste teatro nada menos que 6 peças originaes de autores brasileiros. Todas alcançaram successo".

literatura dramatica franceza dos ultimos tempos que se compraz em escolher suas heroínas entre as loretas.

Neste periodo, a comedia foi igualmente cultivada, desenvolvendo-se no sentido nacional.

Falamos (cap. XV) de Araujo Porto Alegre enjas "Comedias Brasileiras" infelizmente na sua maior parte ineditas, deram, segundo todas as apparencias, o primeiro impulso a este movimento.

Mas Pena e Macedo são dignos emulos e successores deste poeta.

Luís Carlos Martins Pena foi moço da Camara de S. M. I. e traballou no Ministerio dos Negocios dos Estrangeiros; mais tarde foi adido a embaixador de Londres e morreu muito moço em Lisboa, há alguns anos já. (317)

Escreveu principalmente comedias em um ato todas semelhantes aos entremeses nacionais. Descreve nelas de maneira muito viva os costumes e os caracteres dos indigenas. As situações são muito comicas e aproximam-se bastante da farsa; o dialogo é vivo e cheio de ditos de espiritos populares. Mas cujo sal é às vezes grosseiro. O "Irmão das Almas", o "Judas em sabado de aleluia", "o Juiz de Paz da Reça", são peças nacionais, como seus titulos indicam. Na tragicfarsa denominada "O Dilettante", zomba da mania da opera italiana que reina no Rio de Janeiro, etc. (318) Só se conhece dele uma comedia em tres atos ("O Novigo", Rio Jan. 1853 S.^o). A verve comica reside aqui prin-

(317) V. I. Fr. da Silva, *Diccion.*, V. p. 273.

(318) Estas peças e algumas outras em um ato como "Quem casa quer casa", proverbio e "O Caxcero da taverna" comedia appareceram em 1851-1853 no Rio de Janeiro sob titulo de "Teatro brasileiro".

cialmente nas situações e nos enredos desempenhados pelo noviço, que foge; dão lugar aos quiproquos mais estranhos, mas um pilantra desmascarado, que cometeu por avareza o crime de bigamia, forma o fundo da intriga, o que ultrapassa os limites da comedia e fere o sentimento moral.

Norberto de Souza Silva teve a tentação de implantar no Brasil o vaudeville francez. A principio fez algumas traduções, e acabou por dar produções originaes que ele chama Opera comica. (319) Escreveu as operas seguintes: "O chapim do Rei", (320) de acordo com o velho romance portuguez publicado por Garret e *Beatriz, ou os Francezes no Rio de Janeiro*. Joaquim Manuel de Macedo scube acomodar ainda melhor este genero ao gosto dos brasileiros; o successo foi grande: *O primo da California, opera em dois atos, imitação do francez* (Rio de J. 1858, 12.º) é ainda uma imitação do francez como o titulo diz. "O Primo da California" foi aplaudida em 1855 no teatro do Ginasio dramatico. A Opera "O Fantasma Branco" foi melhor acolhida (Rio de Janeiro, 1856, 8.º) Nesta peça,

(319) "É este drama", diz ele no prefacio de *O Chapim do Rei*, "escrito no gosto dos vaudevilles francezes, composto após a tradução de *Ketty ou a volta á Suissa*; chamei-lhe por essa razão — Opera comica — visto não possuirmos termo em nossa lingua que exprima semelhante casta de composições dramaticas".

(320) "O Chapim do Rei", em um ato e em prosa, appareceu em 1851 no Rio de Janeiro. O autor aqui dramatisou habilmente um assunto encantador, mas um pouco escabroso do velho romance portuguez ou xacara. "Beatriz, ou os francezes no Rio de Janeiro", deveria ser representado no teatro de S. Pedro de Alcantara, quando se incendiou pela terceira vez. O manuscrito desta opera foi destruido neste incendio. O autor restabeleceu-o mais tarde, e em 1861 publicou-o uma "Revista popular".

grande parte do successo depende da representação, pois no fundo é uma farsa; a intriga não trai grande talento de invenção e os caracteres são muito marcados. Mas é exactamente neste exagero voluntario, nesta verve alucinada que reside a força comica desta produção. As duas principais personagens, o capitão Tibério, verdadeiro Glorioso e sua velha e perversa irmã, Galantéia, desempenhados por Martinho e a Maria Amalia, deveriam obter os melhores applausos (320 a). A peça não faltam de resto situações comicas; a versificação é ligeira e atraente. Ultimamente "A Torre em concurso" teve successo semelhante. Esta peça em tres atos é ao mesmo tempo uma satira aos plebiscitos tão em voga hoje em dia. Vimos citados, de Macedo, ainda as duas Operas seguintes: "Luxo e Vaidade" e "O novo Otelo".

Estas produções de Macedo podem comparar-se às operas de Antonio José; todas elas são nacionais e concebidas com a facilidade que resvala para a improvisação.

Quanto aos dramas liricos propriamente ditos, os da Italia reinam quase que exclusivamente e são representados no "Teatro Lirico fluminense".

Luis Vicente de Simoni (321) italiano de nascimento, mas que se fixou no Brasil e escreveu em por

(320 a) Eis o que diz um artigo da Guanabara sobre a opera no Brasil: *O Sr. Dr. Macedo... fez o renascimento da opera... mas não da que na Europa chamam a opera comica, porque "O Fantasma Branco" não tem uma partitura sua, etc.* Com effeito, acontece frequentemente que não se compõe a música que corresponde ao texto. Na opera comica dos brasileiros, ella é tão accessoria quanto no vaudeville frances.

(321) Sobre elle v. 232, 3 I. Fr. da Silva, *Dicionario*. V, p. 334-339.

tugues, traduziu em verso e em prosa numerosos "libretti" publicados mais tarde. Além d'isto, escreveu em português algumas operas originaes que foram representadas. Assim a opera a "Volta de Colamella", (Rio de J. 1857) o primeiro drama lirico cantado nos teatros de S. Januário de S. Pedro por actores indigenas ("Academia da Opera Nacional"); antes não representavam mais do que operetas (zarzuelas e farças). Citemos ainda *Marilia de Itamaracá, ou a donzela da mangueira*, drama lirico em quatro actos (Rio de J. 1854) cujo assunto foi tomado de emprestimo a uma lenda brasileira.

Poetas brasileiros conhecidos puseram-se além d'isto a escrever os textos de operas nacionais e procuraram assim a franquear um caminho ao lado dos da Italia.

Assim Araujo Porto Alegre, escreveu numerosas Operas Liricas como "A Noite de São João", "Prestigio da Lei" e que foram musicadas. Norberto de Souza e Silva fez de Colombo o heroi de sua opera *Colombo ou o Descobrimento da America, Opera lirica*. Só o segundo (O descobrimento) appareceu em a Grinalda (p. 65-95) e não foi nunca representado, ao que sabemos.

Para estimular estas tendencias, abriu-se tambem um concurso e de cujo julgamento foi encarregado o Conservatorio Dramatico brasileiro. Em seguida a este apelo o estabelecimento que vimos de citar, recebeu tres textos de opera, cujos assuntos são tomados às epopéias nacionais "O Uruguai" e o "Caramuru". São os dramas liricos: *Lindóia, Moema e Moema e Paraguassu*. O primeiro appareceu sob o titulo *Lindóia*.

Tragedia lirica em quatro atos por Ernesto Ferreira França, (Leipsig, 1859, 12.º).

O doutor Ferreira França atualmente professor de direito, fez-se conhecer por seu Livro de Irtília, coleção graciosa de cantos e sonetos eroticos, como "O Cassino, poema lirico." (322) O assunto de *Lindoia* é o episodio tão conhecido (v. cap. VI) do Uruguai de Basilio da Gama. Não se pode senão aderir à opinião dos cinco membros do jurí, impressa no fim do livro. Declararam todos que o trabalho de nosso poeta não vem em absoluto a uma opera, mas que tem em si mesmo um valor poetico consideravel. Deste ponto de vista, preferem a *Lindoia* às duas outras peças, ainda ineditas, ao que supomos. Com effeito, o poeta, não teve em absoluto em vista a musíca, porque, alem de os fragmentos a varias vozes estarem quase que completamente ausentes, seria difficil encontrar cantores capazes de executar os dois papeis principais de *Lindoia* e *Guaicambo*, como se deveria exigir. A dicção é empolgante e a versificação harmoniosa. Ademais, contem cenas verdadeiramente poeticas como a do começo do segundo ato, em que os dois amantes vem separar-se no naseer do dia e procuram iludir-se sobre os sinais que annunciam a aurora.

Ao lado destes dramas, produzidos pela civilizaçã, e cuja tendencia nacional é evidente, o Brasil conser-

(322) V. acima Guanabara, II, p. 177-180. Só conhecemos mais o titulo das duas coletaneas citadas acima. O deutor Ferreira França, além disto, fez imprimir as obras seguintes na Alemanha, onde morou durante muito tempo, acabando por aprender o idioma: *Brasilien und Deutschland*, Leipzig, 1858, 8º; *Institutiones Justiniani*, Leipzig, 1858, 8º; *Chrestomathia da lingua Brasil*, (da lingua tupi), Leipzig, 1859, 8º.

vou as velhas peças populares, cuja forma continua a mesma. E' o que vemos pela noticia seguinte do "Annuaire des deux mondes". (janeiro 1850 pag. 1102) "Existem ainda no interior do Brasil alguns costumes da idade media. Não é raro, em certos dias de festa, verem-se ai representações de misterios, nas quais apparecem o diabo, os pecados capitais, Judas, São Pedro, A Virgem e o Padre Eterno; são peças sempre improvisadas."

CAPITULO XVIII

INTRODUÇÃO DO ROMANCE NA LITERATURA BRASILEIRA — ROMANCES DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA E OUTROS; ELOQUENCIA E PROSA — FR. ADOLFO DE VARNHAGEN.

E' natural que o romance e a novela não tenham sido cultivados no Brasil, enquanto ele foi dependente de Portugal, do ponto de vista literario. Todos sabem com effeito que, depois de os romances de cavallaria terem succumbido aos impactos formidaveis que lhes infligiu Dom Quixote e que os romances pastorais acabaram com a existencia ficticia que levavam, Portugal não produziu, deste ponto de vista, senão algumas novelas no genero das de Espanha. E é só depois de vinte anos que foram aí traduzidos ou imitados os romances francezes ou ingleses.

Este genero literario só poude introduzir-se no Brasil no periodo que nos ceupa; revestiu, desde o inicio sua forma mais moderna; é essencialmente realista, social e subjectivo.

No Brasil, Caetano Lopes de Moura (323) igualmente abriu o seu caminho neste dominio, traduzindo pela primeira vez em portuguez, romances ingleses, francezes e mesmo alemães, por exemplo desde 1837 os de Mme. de Genlis, Marmontel, Châteaubriand, Walter

(323) V. sobre este escritor e suas obras I. Fr. da Silva. *Dicionario*, II, p. 324.

Scott, Cooper e Kotzebue. Também appareceu no Rio de Janeiro uma tradução do Werther de Goethe. (324)

Mas logo encontraram-se talentos que ousaram ensaiar-se num genero que supera no momento a todos os outros da Europa. Sua tentativa foi coroada do melhor exito.

Citemos de inicio, Joaquim Manuel de Macedo, de que já falamos como poeta lirico e dramatico, mas cujo romance é, ao que supomos, a sua força principal. Em 1839, com a idade de dezoito anos, fêz o seu primeiro ensaio intitulado "O Forasteiro" que só começou a publicar em 1835 no Rio de Janeiro (só conhecemos dois de seus volumes) depois de ter adquirido grande renome em outras obras do mesmo genero. Como ele diz no prefacio, não fez mais que polir um pouco o estilo; aqui denota já um grande talento de invenção e de pintura dos caracteres, assim como uma facilidade consideravel na exposição que é viva e animada. Semelhante a todos os outros, este romance tem por assunto a condição social do Brasil, porem ele tem uma cor historica maior que a dos seguintes, porque a ação decorre durante o seculo passado, no tempo da colonia. O autor lembra Walter Scott pela minuecia com que descreve os costumes, os usos, a região etc. "O Forasteiro" é livro serio. Em troca, revemos aqui um traço caracteristico não apenas dos romances de Macedo, mas dos escritores brasileiros em geral, queremos falar da tendencia para o misterioso, de fazer um dos principais noveis da ação, um estrangeiro, um desconhecido, um mascarado, um

(324) *As amorosas paixões do jovem Werther. Historia verdadeira publicada em alemão pelo celebre J. W. de Goethe. e oferecida ds almas sensiveis pelo tradutor portuguez. Rio de J., 1842, 2 vol. in-12.*

menino encontrado ou trocado. Os portuguezes e os espanhois provavelmente ligaram essa tendencia aos americanos.

O romance que assegurou a reputação de Macedo é "A Moreninha", Rio de J. 1844; 2; ed. um volume ibid. 1849. Macedo aqui desenvolve todas as particularidades de seu talento, o que faz dele um pintor de costumes da sociedade moderna; as cores são vivas, a pintura dos caracteres chegam às vezes à caricatura, principalmente nas partes comicas; a mistura enfim do gracioso com o sentimental é das mais felizes. Macedo gosta principalmente de descrever os primeiros germes da paixão num casal adolescente. Numerosos malentendidos vem agora entrar-lhes o amor. Seu heroi é ordinariamente um estudante entregue a todas as loucuras da juventude. Ele desperta o ciúme de sua amada, e que o paga com a mesma moeda. Enfim, o coração dos dois amorosos, excelente no fundo, faz valer seus direitos, explica os malentendidos, expia as faltas e reconhece que o amor ingenho que ele viveu e conservou não obstante todos os obstaculos, é agora purificado e bastará para a vida inteira.

O mais celebre dos romances de Macedo, depois de "A Moreninha" é o *O Moço loiro*, Rio de J. 1845, 2ª. edição 1854, 2 vol. Além do interesse poderoso excitado por uma intriga tão complicada, nucleada por um desconhecido que aparece sob os mais diversos disfarces, e que não é outro senão o moço loiro, este romance atingiu um valor artistico mais alto ainda por dois caracteres de mulheres, habilmente desenhados e bem desenvolvidos. Honorina e Raquel são unidas por uma amizade real e profunda, embora sua educação e seu temperamento sejam os mais opostos. A primeira, natureza virginal, sonhadora e romanesca, creceu no campo sob a vigilancia severa de sua avó, a segunda.

energica, ardente, livre até a emancipação, foi cedo introduzida na alta sociedade cujos defeitos o pai lhe apontava. Ela zomba do amor, encara-o como ficção, convensão ou pura mentira. Não obstante, se apaixona violentamente por um moço louro, que ama sua amiga e que é por ela amado. O poeta desenvolveu bem este conflito de caracteres e situações, e principalmente sua influencia salutar sobre Raquel que tem a generosidade e a força de domar sua paixão. Ela se curva diante da força e a verdade do amor e resigna-se mesmo a preteger a felicidade de sua amiga, sem revelar-lhe o sacrificio que lhe faz.

No romance "Rosa" (apareceu antes como suplemento nos anos de 1849 a 1853 do Guanabara e depois à parte, Rio de Jan. 1854, 2 vols. in-2) os caracteres são mais carregados, enquanto que o humor malicioso que reina em todo ele, e um dialogo transbordante de espirito fazem pensar que o autor esteve na escola de Pigault Lebrun. Como são brilhantes e espirituais por exemplo a introdução de sua heroína e as palavras do poeta sobre o poder das "belas"!

Macedo escreveu ainda os romances seguintes: *Os dois amores, Romance brasileiro* (Rio de J. 1848, 2.^a ed. 1854, 2 vol. 8), *Vicentina* (Rio de Janeiro, 1853, 2.^a ed. 1859, 3 vol. 12), e a *Carteira de meu tio* (viagem fantastica — Rio de Janeiro, 1855, 2.^a ed. 1859, 2 vol. 16) testemunham sua fertilidade como seu talento para este genero literario.

Como Macedo, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, de que falamos tantas vezes em sua qualidade de poeta lirico e dramatico, encontrou no romance um genero que melhor convem a seu genio.

A força de Teixeira e Souza reside principalmente na invenção de intrigas complicadas, de imbroglios in-

teressantes, de soluções surpreendentes, assim como na verdade de suas descrições, suas tendências merais e suas vistas serias. Ultrapassa ainda Macedo por seu amor do misterioso, e cremes que ele seja mais original e nacional do que ele. Mas é-lhe inferior na descrição dos caracteres, na vivacidade do dialogo e do espirito. Ele não sabe como Macedo faz alternar agradavelmente o comico e o humoristico com o sentimental e o sério: a ironia e os bons ditos deste romancista lhe são desconhecidos. Tudo isto torna Teixeira e Souza muito mais monotono, tanto mais que as suas inelinações o arrastam para a pintura do sombrio e do terrivel, para as catastrofes tragicas. Enquanto que em Macedo não se pode desconhecer a influencia dos modelos francezes, como a imitação de um autor especial como Pigault-Lebrun, poder-se-ia frequentemente comparar as obras de nosso escritor às dos romancistas ingleses, principalmente James.

Seu primeiro ensaio no genero é provavelmente seu "*O filho do Pescador, Romance Brasileiro*" (325). O autor diz no prefacio querer escrever não apenas um livro interessante, mas também *Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto posso de moral.* Mas a personagem principal, a esposa do pescador, é uma eriminosa tão ignobil, que inspira mais nojo que interesse. Seu arrependimento tardio, e nada menos que espontaneo, a pena relativamente branda (reclusão num

(325) Embora a edição que temos em mão, só tenha apparecido em 1859 no Rio de J. e que não tenhamos nenhum conhecimento de uma edição anterior, o romance em questão deve portanto ter sido composto antes de 1844 e publicado numa revista qualquer, porque no prefacio o autor fala de seu poema "Os Tres dias de noivado" que appareceu em 1844 e acrescentou: "*Obra que estava inédita, quando se publicou este romance*".

convento) que lhe é infligida por crimes como o adultério, o incendio, tentativas de assassinato, na pessoa do esposo, não são de natureza a satisfazer o sentimento moral. Em suma neste ensaio vemos transparecerem bem os lados fracos do poeta, que ama sacrificar o seu interesse psicologico e artistico ao que há de grosseiro no assunto, e que, para captiva-lo mais, desdenha os quadros dos caracteres e o encadeamento dos fatos.

“A Providencia” Rio de Janeiro, 1854, 5 partes, é muito melhor; é mesmo o que Teixeira e Souza nos deu de melhor neste genero. Este romance prova o grande talento de invenção de nosso poeta; aqui os caracteres são alem do mais, melhor esboçados e desenvolvidos. Com isto, o romancista representa uma verdade chocante e quase tragica, a idéia moral que faz o fundo de sua composição, a vingança tardia, mas segura que detem o criminoso no caminho dos seus crimes. O autor aqui documenta em particular sua força que reside nas descrições das localidades e dos costumes. A ação se passa no tempo da colonia, como era de habito de Teixeira e Souza e nos dá um quadro curioso da vida nas plantações do Brasil. A descrição da cidade de S. Pedro perto da baia de Araruama e da procissão que aqui se fazia no seculo passado à sexta feira santa, é muito viva e tem mesmo alguma coisa de humoristico. (*A aldeia de S. Pedro e a Procissão dos Passos*). Alguma ideia verdadeira e original de uma paisagem brasileira nos dá a descrição dos “Campos Novos”. E’ preciso dizer no entanto que o romance teria ganho muito mais, se o autor tivesse resumido ou deixado de lado numerosos episodios muito extensos, como a narração das viagens ao Oriente de Filipe e do padre Chagas. Era tanto mais necessario que o leitor tivesse dificuldade em seguir o fio da narração, cujo interesse palpitante lhe faz lastimar toda digressão inutil.

Conhecemos ainda de Teixeira e Souza, dois romances: *As fatalidades de dois jovens*. *Recordações dos tempos colonias*. (Rio de Janeiro 1856, 3 vol. 8.º) *Maria ou a menina roubada*. (Rio de J. 1859, 12.º) Os seus assuntos são interessantes mas cederu muito em valor poetico à "Providencia."

O caminho seguido por Teixeira e Souza, parece ser o que convem melhor ao gosto nacional, porque os outros romances brasileiros, que nos chegaram, trazem todos mais ou menos o mesmo sinal. Mas os lados fracos do autor que vimos de citar, chocam mais ainda; o interesse aqui é produzido por meios mais grosseiros e reside unicamente no assunto, as intrigas são tão complicadas quanto possível; todos enfim se distinguem por uma tendencia pronunciada para o misterioso e mesmo o melodramatico. Nenhum deles tem o valor literario dos romances de Macedo e mesmo de Teixeira e Souza. (326)

(326) Lemos os seguintes romances: "*Os dois matrimonios malogrados ou as duas vítimas do crime*. Romance historico tirado da Viagem do Cusco ao Pará, pelo doutor José Manoel Valdez, da qual é um episodio", Rio de J., 1845, 8.º

O autor deste romance muito aventureseo é um peruano. I. Fr. da Silva fala dele em seu *Diccionario*, V, p. 11. Depois *Nossa Senhora dos Guararapes*, Romance historico, descritivo, moral e critico, por B. F. F. Abreu e Castro. Pernambuco, 1847, 8.º, 2 vol.

O romance em si é insignificante; não passa de um quadro da peregrinação à Igreja da Virgem de Guararapes. O autor conta detalhadamente a sua fundação mas de maneira muito secca; o mesmo acontece com a narração dos combates contra os holandeses, que tiveram lugar nas montanhas próximas da Igreja. *Eduardo ou as vítimas do amor*, por M. C. Rio de J., 1850, 12.º. O autor é hispano-americano e mora em Montevideu. Sua obra não passa de um tecido de adulterios, assassinios e incestos! Não conhecemos senão por citação as seguintes obras: *O Capitão Silvestre e Fr. Ve-*

Só o "Guarani" de Alencar pode fazer exceção, mas não conseguimos lê-lo.

Os brasileiros tiveram menos successo na novela que no romance. Para responder às exigencias do gosto, uma novela deve oferecer num quadro restrito a pintura arredondada de uma situação, caracteres vigorosamente esboçados e uma conclusão quase epigramatica; ella está para o romance assim como o quadro de genero está para um grande quadro historico. Uma forma assim precisa, assim tão realista, não poderia convir a um povo, a quem a sua natureza tropical faz amar a abundancia das materias, a imaginação exuberante, o desenvolvimento luxurioso e o encanto do fantastico. Encontram-se no Brasil numerosos romances de pouca extensão ou narrativas, participando dos defeitos e das qualidades dos primeiros, mas poucas novelas propriamente ditas, e de valor literario consideravel.

Um dos primeiros (330) autores de narrativas e dos mais famosos é Norberto de Souza Silva, de que falamos mais de uma vez. Publicou um volume, *Romances e Novelas*, Niteroi 1852, 8º que contem as narrativas seguintes: (331) *Maria ou vinte anos depois*, *Januario Garcia ou as sete orelhas*, *As duas orfãs e*

Ioso, ou a plantação do café no Rio de Janeiro; romance brasileiro, por Luis da Silva Alves de Azambuja Susano, Rio de J., 1847, p. 32. *Simá. Romance historico do Alto-Amazonas*, por Lourenço da Silva Araujo e Amazonas (Pera., 1857. 8º). V. sobre os autores dos últimos romances Fr. da Silva, *Diccion.*, V, p. 199 e 225. — *A filha da vizinha, Romance original* por Antonio Fernandes dos Reis. — *Memorias de um sargento de milicias. Romance original.*

(330) Entre estes é preciso, citar D. J. G. Magalhães; falamos de sua novela no capitulo XIV.

(331) É a narrativa mencionada no capitulo anterior, onde falamos do drama de Martim Francisco Ribeiro de Andrada que tem o mesmo assunto e o mesmo nome.

O Testamento falso. Embora o autor dê à primeira e à última o nome de novelas, não passam de narrativas; a última principalmente é um pequeno romance. Salvo esta que tem por assunto as intrigas ocasionadas por um processo de herança, e que é mais realista que as outras, são quase todas verdadeiros melodramas, às quais convem a epigrafe da terceira: "O horrible! (horrible, most horrible!)"

Alguns ensaios de J. M. Pereira da Silva, outro escritor consumado, tem ainda menos valor. (332)

E' preciso dizer, no entanto, que aparece ainda um grande numero de produções semelhantes nas revistas literarias e nos folhetins dos jornais politicos. As que pudemos compulсар têm apenas um valor efemero, e às vezes não passam de enchimento puro e simples. A maior parte, como as provenientes da academia de direito de São Paulo (333) são imitações exageradas das produções da pseudo-escola pseudo-romantica, há muito tempo fora de moda na Europa, mas que procuram ultrapassar por sua imaginação desregrada.

A eloquencia e a prosa desenvolveram-se continuamente no periodo que nos occupa. Já observamos muitas

(332) Seus dois ensaios de novela *Uma paixão de artista*, Devaneio de 1838, e *Religião, amor e patria*, Novela de 1839, foram reimpressas em suas *Variedades literarias (Obras literarias e politicas, I, Rio de J., 1862, 8º)*. A primeira destas novelas não passa com effeito da pintura de uma extravagância de artista, da monomania amorosa de um jovem pintor, que morre dela. Se o fundo é verdadeiro, esta narrativa só pode interessar ao psicólogo. Na segunda novela, o assunto pobre em si perde-se na historia detalhada da guerra entre os irmãos D. Pedro e D. Miguel.

(333) Nos *Esboços literarios. Jornal redigido por Academicos*, S. P., 1859 e anos seguintes, "As pessoas descritas nas Cartas", — Romance de A. B. Campos, não passam de caricaturas fantásticas à Hoffmann, cadaveres galvanizados, como o proprio autor os designa.

vezes que os brasileiros têm talento e uma predileção marcada pela eloquencia e a arte oratoria em geral. Enquanto que outrora só se exerciam na oratoria sacra, as instituições parlamentares e as academias que possuem, lhes forneceram a oportunidade de brilhar na tribuna e no pulpito. O Brasil já viu nascer oradores politicos distintos como os irmãos Antonio Carlos e Martin Francisco Ribeiro de Andrada, Lino Coutinho, o marques do Paraná, Bernardo Pereira de Vasconcelos, e o visconde de Jequitinhonha que deu provas de sua eloquencia politica em seu "Liberdades das Republicas", o marques de Abrantes etc.

Entre os oradores academicos, distinguem-se particularmente os do Instituto Historico e Geografico. Basta citar Manuel de Araujo Porto Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Norberto de Souza e Silva etc.

O conego Lopes Gama publicou uma obra sobre a teoria da eloquencia.

Este elemento retorico mostra-se, levado provavelmente até o excesso, nas obras biograficas e literarias de J. M. Pereira da Silva.

Entre as obras historicas, a Historia do Brasil de Fr. Adolfo de Varnhagen (334) merece ser citada, antes de mais nada, do ponto de vista do estilo, que é calmo, digno e claro, como convem à historia. Sem cair no defeito de seus compatriotas, muito amigos da

(334) V. sobre este escritor e suas numerosas obras I. Fr. da Silva, *Dicton.*, II, p. 319-322. Acrescentemos à lista de suas produções, que aqui é dada, o seguinte livro: "A Caça no Brasil, Manual do Caçador em toda a América Tropical". Por um brasileiro devoto de S. Huberto. Rio de Jan., 1860, ln. 12. Este pequeno escrito muito curioso é o primeiro que sobre a materia aparece na América do Sul.

pompa retórica, o autor sabe, no entanto, elevá-la e dar-lhe qualquer coisa de vivo e tocante, como nas descrições.

• • •

Por imperfeito que seja este ensaio, o leitor poderá tirar dele os resultados seguintes: a literatura brasileira pode pretender a justo título o direito de ser encarada como verdadeiramente racional; nesta qualidade, tem o seu lugar marcado no conjunto das literaturas do mundo civilizado; enfim, no último período principalmente, ela desenvolveu-se em todas as direções e produziu nos principais géneros obras dignas da atenção de todos os amigos das letras.

Damos em seguida o índice da antologia que Wolf anexou ao seu livro:

- EUSEBIO DE MATOS:** Ao Ecce Homo — A Soledade da Virgem Maria.
- GREGORIO DE MATTOS GUERRA:** A certos sujeitos hipocritas, e murmuradores, sobre serem viciosos; ou aos costumes da Bahia — Aos encantos da vida religiosa — Aos namorados — Trabalhos da vida humana — Metaphora d'uma flor — Desenganos da vida humana. Soneto — Ao mesmo assunto. Soneto — Estando para morrer. Soneto — Idem. Soneto.
- MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA:** A Ilha da Maré.
- MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA:** Excertos do Poema dos Eustachidos — Descrição da Ilha Itaparica.
- SEBASTIAO DA ROCHA PITTA:** Descrição da natureza do Brasil.
- ANTONIO JOSÉ DA SILVA:** Vida de D. Quijote — As guerras do Alecrim e Mangerona — Soneto — Aria.
- JOSÉ BASILIO DA GAMA:** Excertos do Uruguai — Lindoia e Morte de Moema.
- JOSE DE SANTA RITA DURÃO:** Excertos do Caramuru — Discurso de Jeraraca e Morte de Moema.
- CLAUDIO MANUEL DA COSTA:** Fabula do Ribeirão do Carmo — Soneto — Soneto — Cantata — Canção lirica.
- TOMAS ANTONIO GONZAGA:** Marcha de Dircou: Lira (I 6) (I. 26) (I. 34) (II. 1) (II. 2) (II. 23) (II. 35) (II. 38).
- MANUEL INACIO DA SILVA ALVARENGA:** Glaura, Rondós: O Cajueiro — O Cajueiro do amor — A Lua — Madrigals.
- INACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO:** Ode á Rainha D. Maria I.
- DOMINGOS CALDAS BARBOSA:** Soneto — A melancolla — Que é saudade.
- ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS:** Soneto — Ao homem selvagem — A criação — A immortalidade da alma.

- FREI FRANCISCO DE S. CARLOS: Excertos do Poema da Assunção: O Paraiso — Rio de Janeiro.
- JOSE ELOY OTTONI: Glosa — Soneto — Soneto.
- JOSE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA: Aos Gregos — Aos Bahianos.
- FRANCISCO VILELA BARBOSA, MARQUEZ DE PARANAGUA: Excerto da Cantata á Primavera — A morte do Senhor D. Pedro I.
- MANUEL ALVES BRANCO, VISCONDE DA PEDRA BRANCA: A flor saudade — O Beija-Flor — O nome do Rei.
- JOSE DA NATIVIDADE SALDANHA: Ode — Soneto.
- LUIS PAULINO PINTO DA FRANÇA: Soneto — Soneto.
- JANUARIO DA CUNHA BARBOSA: Extratos do poema "Niteroi": A baía do Rio de Janeiro — Profecia de Glauco.
- LADISLAU DOS SANTOS TITARA: Metamorfose. Abatirás e Tiapira.
- JOAO GUALBERTO FERREIRA DOS SANTOS REIS: A saudade paterna.
- ALVARO TELXEIRA DE MACEDO: Excertos do Canto último da festa de Baldo: Introdução — Os convidados da festa — Queixa do mestre Berto.
- FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO — Epístola.
- ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA: O Sabiá. Lira.
- Fr. FRANCISCO DO MONTE ALVERNE: Excertos da Oração em ação de graças por a Elevação do Brasil a Reino.
- MARIANO JOSÉ PEREIRA DA FONSECA, MARQUEZ DE MARICÁ: Maximas, pensamentos e reflexões.
- DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES: Suspiros poeticos e saudades: Deus, e o Homem — A Velhice — O Canto do Cisne — Napoleão em Waterloo — A Confederação dos Tamolos. Canto IV — Urania: Hino ao amor — Não sentes tu amor? — A Predição da Cigana — O Caçador.
- MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE: A Destruição das Florestas. Canto II. A Queimada — Colombo. Sages (fragmento).
- ANTONIO GONÇALVES DIAS: Seus olhos — Olhos verdes — Poésias americanas: Canção do Exílio — O Canto do Piaga — Marabá — A mãe d'água.
- JOAQUIM MANUEL DE MACEDO: Extratos do poema Intitulado: A Nebulosa.

MANOEL ODORICO MENDES: Hino á tarde.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA: O mendigo. Balata — D. Maria Ursula, Balata — O adormecer de amor. Canção americana — O embalar da rede. Canção americana — Contos épicos. A cabeça do mar'tir.

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA: Extratos do poema romantico intitulado: Os tres dias de um Noivado.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA: Fabulas. O Burro politico — O Raposo monarchista — O Cão vendedor e o Cão comprador.

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO: Anjos do mar — A cantiga do Sertanejo — Crepusculo de mar — Vagabundo — É ela! é ela! é ela! é ela! — 12 de Setembro — Lembrança de morrer — Se eu morresse amanhã — O Poeta moribundo — A minha mãe.

LUIS JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE: Um pedido — A profissão de frei João das Mercês Ramos — A Meditação — Frei Bastos.

JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA: Epigramas: Acredita, amigo, que — Procurava o ladrão no tempo antigo — A respeito dos prazeres — Parabolias: O organista — A Capivara — A Transformação — O Recruta — Excerto do Romance: O Moço Loiro por J. M. de Macedo — Excerto do Romance: Rosa por J. M. de Macedo — Excerto do Romance: A Providencia por A. G. Teixeira e Souza. A aldeia de S. Pedro e a Procição dos Passos — Excerto do mesmo romance: Campos Novos.

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN: Descrição do Porto do Rio de Janeiro.

★

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 36, SÃO PAULO,
PARA A
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
EM 1954.

★

O BRASIL LITERÁRIO
(história da literatura brasileira)

Exemplar N.º **541**

1955

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

FERDINAND WOLF

O BRASIL
LITERÁRIO

(história da literatura brasileira)

Tradução, prefácio e notas

de

JAMIL ALMANSUR HADDAD



984
155

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Bibl. Central

SS. 42

A Sua Majestade o Imperador do Brasil

Senhor!

Dignando-se aceitar a dedicatória desta obra, Vossa Majestade não teve em vista senão o meu desejo de fazer apreciar na Europa a bela literatura do Brasil.

Uma obra que apareça sob a augusta egide de Vossa Majestade não deixará de atrair a atenção de todo o mundo civilizado.

Eu me sentiria feliz, se pudesse orgulhar-me de ter produzido uma obra digna do insigne favor que Vossa Majestade houve por bem lhe conceder. É o alvo que visaram todos os meus esforços.

*Sou, com profundo respeito,
Senhor,*

*de Vossa Majestade Imperial,
o muito humilde e muito obediente servidor*

FERDINAND WOLF

FERDINAND WOLF E A AURORA DO ROMANTISMO NACIONAL

Na historiografia literária do Brasil, êste livro é marco. Estranha que, estando-se inclusive nas proximidades de comemorar-lhe o centenário, não haja sido ainda traduzido. Alegra-nos portanto êste labor a que nos dedicamos, transpondo-o para a nossa lingua — tipo do trabalho que se insere entre numerosos de que está à espera a nossa cultura — humildes, poren dos mais proveitosos.

Foi êste livro o compendio mais importante entre os que precederam a História da Literatura de Silvio Romero. História a que às vezes se apõe o epíteto de “monumental” mas que se sente definitivamente superada. Verdade é que não podemos dizer com segurança quem a haja superado... pois que os moços do Brasil estão à espera de um historiador da literatura que lhes dê na matéria o livro atualizado.

Aonde queríamos chegar é que antes do livro de Silvio havia o de Wolf e agora está se esperando que appareça o terceiro compendio destinado a substituir Romero.

As vezes sobre o autor do livro que agora traduzimos paira a arguição de que teria sido simples obra de camaradagem, com o fito principal de agradar a Magalhães e com muito favor ao amigo dêste. Porto Alegre. Não é verdade. E' preciso ignorar demais as coisas para que se tenha Wolf na conta de mero diletante. A enumeração aparatosa de titulos que traz o frontespicio de sua obra, com todas as ressalvas que se queira

fazer a esse tipo de glórias e gloriolas, é sugestiva. De mais a mais, a fora o nosso livro, a produção de Wolf em setores diversos do da literatura brasileira é ponderável. De modo a nossa literatura honrar-se sobremaneira em ter a certa hora despertado atenção e interesse de Ferdinand Wolf.

Este é um livro de história literária e cumpre o dever mínimo do historiador, o de possuir um método. E este método qual é? Apenas aquele que lhe poderia propiciar a hora romântica; e certa faceta do Romantismo que em Wolf também encontra um dos seus símbolos mais claros.

Para Wolf, romantismo não é subjetivismo, nem lirismo, nem é deliquescência mórbida, não é exagero melodramático, nem loucura. Não é a arte que no Brasil está sob o signo de "A Noite na Taverna". A sua concepção do fenómeno romântico é mais higida. Liga-o preponderantemente ao "nacional" na literatura. Daí deduzir-se o sentido de sua crítica: O autor será tanto mais importante quanto mais tiver contribuído para firmar-se o carácter nacional da literatura, sem o que ela não é digna do nome, tanto maior quanto mais "patriota".

É um país como o Brasil poderia prestar-se à maravilha para a experiência da aplicação de semelhante critério que a hora romântica, de certo modo, puuha em grande voga e premente presença sob o rótulo inclusive de princípio nas nacionalidades — fundamental no momento. O problema do historiador da literatura brasileira em Wolf apresenta-se claro: o que é preciso é desde o início ir rastreando os sinais de nativismo (este embrião de nacionalismo) e que os poetas e os escritores vão entremostrando. E fá-lo iniciando uma tradição de pesquisa de elementos de brasilidade literária que mais tarde se tornaria um lugar comum em exege-

ses desse tipo. Iriam faze-la inclusive um Silvio Romero, tão cheio de restrições a Wolf; e mais nos nossos dias, o sr. Nelson Werneck Sodré. No entanto, literatura não é função apenas de "nacionalismo" e não basta apenas ser patriota para ser grande. Wolf tem noção clara do valor dos elementos propriamente estéticos e fa-los figurarem com sentido decisivo na apreciação critica do romance e do poema principalmente — pois que quase só de poesia é que a sua historia pode tratar. Estes valores ele pode chamá-los dieção harmoniosa, originalidade e que associados ao elemento nativista, estruturam idealmente a obra literaria que se preze.

Os elementos brasileiros vão despontando, vão se firmando cada vez mais e quando chegam ao esplendor mais caracteristico já é a hora do romantismo, ou personalizando, a hora de Domingos José Gonçalves de Magalhães. Pode-se afirmar que o livro de Wolf dá a impressão de uma piramide, cuja base se vem estreitando cada vez mais, terminando num ápice chamado nacionalismo (que no caso é praticamente sinonimo de romantismo) e nesta ponta, glorioso como em estatua equestre, o homem de "Suspiros Poeticos e Saudades". E mesmo dentro da obra de Magalhães o que há de mais importante não é o que ela possa apresentar de efusões liricas, de lamentos sobre as ruinas romanas, nem de Napoleão em Waterloo, nem de revogação de moldes classicos peremptos, os de Boileau, as famigeradas tres unidades... a grandeza maior de Magalhães está no seu indianismo, e este fulge na "Confederação dos Tamoios".

Grande parte do livro é dedicada a Magalhães, o que o transforma numa contribuição de relevo ao estudo desta fase auroral de nosso romantismo. Por aí é que o nosso autor foi ineriminado de exagero ou ca-

maradagem. Mas é possível que Magalhães haja merecido tamanho relevo. O que aqui importa não é a nossa perspectiva do fenómeno Magalhães. Mas sim a do tempo de Wolf. E principalmente a do tempo anterior a Wolf. E este tempo consagrava Magalhães. Entusiasmos como os do historiador austriaco foram suscitados em grande numero de eseritores nossos. A admiração pelo genio do homem de "Napoleão em Waterloo" não estava longe de ser unanime e não estava longe tambem dos possiveis excessos de nosso historiador de agora.

A posição de Magalhães como primeira — cronologicamente — figura de nosso Romantismo tem sido quase que universalmente aceita. Dizemos quase, em vista da divergência do sr. Afranio Peixoto que faz o nosso romantismo iniciar-se com José Bonifacio, com suas poesias de America Elíseo publicadas em 1825.

Esta é mais uma das tradicionais ceneadas do sr. Afranio Peixoto. O renome e o prestigio de que o seu nome a certa hora desfrutou, como é provavel que ainda desfrute, pode determinar o perigo de que muitos dos seus erros encontrem circulação facil, e este pode ser o caso desta fantastica precedencia do Patriarca em relação a Magalhães. Aventuramo-nos a analizar-lhe os pontos de vista.

As razões em que se assenta a tese do romancista de "Bugrinha" são as seguintes:

- a) O seu livro foi impresso em Bordeus em 1825, — antecipando-se, pois, aos "Suspiros Poéticos e Saudades" de Magalhães, que são de 1836.
- b) José Bonifacio, em seu livro, cita Ossian, Byron e Walter Scott.
- c) Traduz Young.
- d) Faz os seus poemas em versos brances.

- e) Dá aos seus poemas côr local, com comparações da natureza brasileira e em vozes brasileiras.
- f) Faz odes à liberdade da Grécia e à liberdade do Brasil (Ode aos Baianos).

Analisemos, item por item, o arrazoado do polígrafo baiano.

a) O argumento cronológico não vale nada. Se o livro de José Bonifácio é de 1825, é lógico admitir-se que conste de poesias compostas antes desta data. E é-nos extremamente fácil a tarefa de determinar a data de composição de seus poemas, pois muitos d'êles vem datados pelo Patriarca:

- 1 — Ode à Poesia — 1785.
- 2 — O Inverno — 1788.
- 3 — Ode ao Príncipe Regente de Portugal. — “No tempo da Invasão dos francezes” .. por 1808 por conseguinte.
- 4 — Epístola. “Escrita em Coimbra no comêço da primavera de 1785”.
- 5 — Ausência — em Paris — 1780.
- 6 — Improvisado “feito quando o autor tinha 16 anos” 1781 por conseguinte.
- 7 — Soneto — 1781.
- 8 — Soneto — Improvisado na partida para Portugal — em 1783.

Os poemas de Américo Elíseo foram publicados em 1825, contando o poeta então 60 anos. Mas pelo que ficou assinalado acima, quase tôda a sua obra poética é obra de mocidade. A dar-se valor ao argumento cronológico, temos que José Bonifácio teria sido romântico antes de Lamartine, Chateaubriand e Hugo, romântico

muito antes do Romantismo. No Brasil, êstes movimentos literários sempre chegavam com considerável atrazo, mas agora graças ao gênio poético de José Bonifácio, nós é que nos antecipávamos. A hipótese de haver precursor desta ordem é aceitável pelo menos do ponto de vista doutrinário. Mas francamente não é o caso de Américo Elíseo.

b) Essas citações não dizem nada a favor do Romantismo do poeta, pois na mesma ocasião em que os cita, fala em Apolo, Gregos e Romanos etc..

c) Traduz Young. Mas o sr. Afrânio Peixoto se esquece de dizer as outras coisas que José Bonifácio traduziu. Complete-mos a sua lista de traduções: traduziu dois trechos da Teogonia de Hesíodo a que dá tanta importância que a antecede de uma "advertência" em prosa em que afirma que encontra no grego "trechos de grande valentia e sublimidade." Traduz ainda a ode Primeira das Olímpicas de Píndaro, que êle considera "o maior e o mais sublime dos líricos antigos". Traduz Meleagro; traduz Vergílio; tem poemas que chama uns "sáficos" e outros "anacreônticos" e a outros por fim "báquicos". A quase totalidade das peças que José Bonifácio verteu era constituída, pois, de autores clássicos e o pré-romântico Young aparece apenas como exceção que serve para confirmar a regra.

d) Verso branco nunca foi sinal de Romantismo. Muito antes de haver Romantismo já havia poesia e o verso nascera branco, sendo a rima aquisição posterior (ao contacto da poesia árabe como quer Sedillot). Se verso branco fôsse documento, então teríamos que recuar o início do nosso Romantismo até Basílio da Gama, cujo "Uruguai" é todo em versos brancos.

f) Esta nota brasileira é excessivamente tênue. Não merecia ser assinalada.

g) Quanto à liberdade da Grécia está certo, mas quanto ao Brasil, analisemos os fatos com mais cuidado.

Realmente em "Ode ao Baianos" encontramos esta estrofe:

"Amei a liberdade e a independência
Da doce cara Pátria e quem o luso
Oprimia sem dó, com riso e mofa,
Eis o meu erime todo".

Esta demonstração de patriotismo do poeta não convence, porque, pelo menos a julgar a coisa pelos seus versos, o seu patriotismo sempre foi um patriotismo... português. Em 1820 pelo menos era assim, o que nos dá a impressão de que êle não sofria tanto com o jugo lusitano, pois que, nesta ocasião fazia uma ode "no gôsto oriental" ao Senhor D. João VI

"O infante que apenas lava os beijos
No leite maternal, teu doce nome
Já repete risonho..."

Antes disso já se havia esfalfado na realização de uma ode ao Príncipe regente de Portugal:

"João, do Brasil glória e esperança!"

Terceira ode bajuladora perpetra ainda para o Senhor D. João VI "no faustíssimo dia 13 de Maio de 1820":

"E tu, João Augusto, ouve êstes versos
Que o Brasil arrancou do esperto peito".

José Bonifácio sente-se feliz em ver o Brasil qual

"nova China
Que teus lusos povoam fértil, rica".

Às páginas 68 de seu dissaborido livro chama o Brasil de "Nova Lusitânia", o que não era muito hon-

roso para quem estava destinado a ser dois anos depois o Patriarca da Independência brasileira.

Na sua "Ode aos Baianos", temos o seguinte verso:

"Para mim o Brasil não é mais Pátria".

Para chegarmos à conclusão de que o Patriarca nada tem de romântico, nem é preciso abrir o seu livro. Na capa, em vez de aparecer por extenso o nome do Sr. José Bonifácio de Andrada e Silva, temos o de Américo Elíseo. Ora, este pseudônimo é de ressonância tipicamente arcádica. Pelo menos tanto Termino Sepílio, Clauceste Satúrnio, Alcindo Palmireno e outros poetas moradores da Arcádia. De modo que sem ler o livro, temos o direito de suspeitar que José Bonifácio não é um romântico mas um arcade. E a leitura então confirmará a suposição.

José Bonifácio é realmente um clássico de ampla tonalidade arcádica. As suas amadas recordam as pastoras aborrecidas dos arcades. Uma delas é Eulina (os nomes de tôdas as suas mulheres é suspeito de arcadismo) e êle ao gosto arcade apresenta-a como pastora:

Amor entre pastores não é crime.

Outra amada arcádica: Nize, com ressonâncias típicas dos velhos poetas da chamada "escola mineira":

Nize, tirana,
Tem dó de Armido.

Outra amada arcádica: Nareina:

"O colo de alabastros nu mostrava
A meu desejo ardente a incauta avara
Com ponteagudas setas que ela hervava
Bando de Cupidinhos revoava..."

Não é romântico mas absolutamente clássico quem fala em "curios suspendidos", "gentis Camenas", "os frescos vales do sagrado Pindo", "zéfiro prazenteiro", "barbaras Napéas", "divina Urânia", "ódio de Jove", "tágides", "zêrvidos etantes", "buliçoso favônio", "negro Averno", "o festivo esquadrão dos Cupidinhos"... Enfim todo o aparato mítológico dos clássicos está em José Bonifácio, imponente no seu ranço.

Agora se se quizer pôr de lado o Romantismo como realização efetiva e rastrear-se na nossa história literária os primeiros indícios de Romantismo como teoria ou postulado programático, aí a possível pendência não se resolveria entre nenhum dos dois poetas assinalados porem em favor de Ferdinand Denis.

Estudamos o assunto em nossa "Revisão de Castro Alves". Temos que voltar, pois, às idéias fundamentais que a este propósito expendemos neste livro. Diziamos então:

"O prefácio de Cromwell do Romantismo Brasileiro não foi lançado, em 1836 como afirmam os compêndios (Suspiros Poéticos e Saudades...) mas em 1824 por um livro de Ferdinand Denis, cuja importância na gênese dêsse momento de nossa evolução literária mereceu já um estudo de Paul Hazard. O livro em questão e que é de significação fundamental, intitula-se "Scènes de la Nature sous les Tropiques et leur influence sur la Poésie" cujas idéias são corroboradas por seu "Resumé de l'Histoire du Portugal et du Brésil".

O primeiro é marcado pela tradição da influência mesológica, não sendo de molde a deixar dúvidas a citação em epígrafe, de Humboldt: "Não se poderia duvidar que o clima, a configuração do solo, a fisionomia dos vegetais, influam sobre o progresso das artes e sobre

o estilo que distingue as suas produções." E faz uma exaltação retórica da grandeza e da luxúria da nossa selvagem paisagem romântica, plenamente na linha de Roeha Pita e de todos os nativistas do período colonial, prenunciando de maneira ainda clara Domingos Magalhães, Gonçalves Dias e Castro Alves. O "nosso céu tem mais estrélas" nasce positivamente com Ferdinand Denis para quem "os rios aqui correm suas águas com mais majestade, as florestas aqui são mais vastas, as montanhas mais elevadas" e além: "os animais são revestidos de roupagem mais variada, os pássaros ornados de plumagem mais brilhante" e ainda "o próprio céu se enfeita de fogos que têm mais brilho..." Raízes longínquas do "me-afanismo" e do próprio Hino Nacional.

E a tarefa dos poetas do Novo Mundo está aí visível: que grandes êles seriam no dia em que se aproveitassem desta natureza como Bernardin de Saint Pierre e Chateaubriand! Denis publica ainda em 1826 um resumo da história literária do Brasil (juntamente com a de Portugal) em que faz uma exortação nacionalista aos brasileiros. Começa por proclamar que a América "deve enfim ser livre em sua poesia como em seu governo".

E para que se consiga êsse objetivo, recomenda o abandono do obsoleto aparato mitológico e a entrega em plenitude à natureza americana".

E Wolf aplica rigorosamente, transpondo-as para a critica literaria as vistas romanticas de Ferdinand Denis.

JAMIL ALMANSUR HADDAD

"Entre as suas obras destacam-se: Ueber die neuesten Leistungen der Französer für die Herausgabe ihrer National-Heldengedichte; Die Sage von Bruder Rausch, em colaboração com Endlicher; Floresta de rimas modernas castelha-

nas; Ueber die Lais, Sequenzen und Leich; Rosa de Romances; Ueber sine Sammlung spanischer Romanzen in Fliegenden Blättern auf der Universitätsbibliothek zu Prag (Viena, 1850); Studien zur Geschichte der Spanischen und Portugiesischen Nationalliteratur (Berlim, 1859; traduzido por Menéndez y Pelayo, Madrid, 1896). Com Conrado Hoffmann publicou uma coleção de romances espanhóis mais antigos, intitulada Primavera y flor de romances (Berlim, 1856). Publicou alguns artigos, entre eles Jahrbucher der Literatur, e muitos mereceram edições como Beiträge zur Geschichte der kastilischen Nationalliteratur (Viena, 1832); Ueber altfranzösische Romanzen und Hofpoesie (Viena, 1834); Ueber Romanzpoesie der Spanier (Viena, 1837); etc. Para a tradução alemã de Geschichte der spanischen Literatur, de Tiecknor's (History of Spanish Literature) contribuiu Wolf com eruditas retificações e edições complementares e, depois de sua morte, foi publicado um suplemento seu a essa obra (Leipzig, 1867). Seu filho e successor no cargo de conservador da Real Bibliotheca, Adolfo Wolf (f. em 1875), fez editar uma seleção da correspondência de seu pai, com várias pessoas do mundo culto. Suas Kleinere Schriften foram editadas em 1890."

Algumas referências sobre Wolf da HISTÓRIA de Silvio:

"O livro de Ferdinand Wolf, LE BRESIL LITTERAIRE (1863), tem sido, e continua a ser com razão, o oráculo de todos na matéria; porque é único em seu gênero. O escritor austríaco foi o primeiro a fazer um quadro mais ou menos inteiro de nossa literatura, quadro pálido e incorreto, é certo, mas que se impõe, por estar no singular. E já lá vão bastantes anos que o livro foi publicado e até bem pouco era o compêndio oficial de nossos cursos!" (1º tomo, 3ª edição, p. 37).

Diz PINHEIRO CHAGAS:

"Publicou muitas memórias que pela originalidade e importância das investigações foram de mais proveito para a ciência do que os volumes do que nelas tratou Wolf. Foi ele um dos primeiros a adivinhar que a lenda espanhola da rainha Sibila tinha a sua origem num poema francês que depois se encontrou e foi impresso. Foi ele quem encontrou na biblioteca de Viena o primeiro volume de ROMANCE DA RAPOSA, e quem mostrou que ora o princípio do poema

guardado na biblioteca de Paris num manuscrito cuja primeira parte se julgava perdida" (DICIONÁRIO POPULAR, 14º vol. Lisboa, 1885, p. 162).

Diz LAROUSSE:

"Sous la double influence de l'école romantique et des tendances plus larges que prenait la philologie allemande, il se voua presque exclusivement à l'étude de quelques langues romanes et en particulier du vieux français, de l'espagnol et du portugais. L'italien et le provençal ne l'ont occupé qu'accessoirement. On lui doit un grand nombre de découvertes fort intéressantes, car il avait le flair de l'érudit intelligent. Son jugement était sûr, sa critique nette et précise. Il a publié un grand nombre de comptes rendus qui, par l'originalité et la profondeur des recherches, sont souvent plus utiles à la science que les volumes dont il parlait. L'un des premiers, M. Wolf a deviné que la légende espagnole sur la "reine Sibille" devait son origine à un ancien poème français, qui a été trouvé depuis et publié. C'est lui qui a signalé à la bibliothèque de Vienne le premier volume de ROMAN DE RENARD LE CONTREFAIT et établi que c'était le commencement du poème conservé à la Bibliothèque nationale de Paris dans un manuscrit dont la première partie passait pour perdue. La France a donc de grandes obligations à ce savant, qui lui a révélé quelques uns des morceaux les plus curieux de son ancienne littérature".

"... Il avait préparé aussi une édition d'un poème inédit de BAUDOIN DE CONDE, destinée à faire partie de la collection complète des oeuvres de cet auteur publiée par l'Académie de Belgique, et du roman en vieux français, de Raoul de Houdenc, MERANGIS DE PORTLESGUEZ" (Grand Dictionnaire Universel, tome quinzisième, 1876, p. 1367).

Vejamos as palavras de ARTUR MOTA:

"No ano immediato (1863) foi publicada a obra de FERDINAND WOLF, sob o titulo LE BRÉSIL LITTÉRAIRE — HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE (1863), graças aos bons auspícios de Domingos J. Gonçalves de Magalhães, Manuel do Araujo Porto Alegre e Ernesto Forreirã

França, que lhe forneceram dados e informes, materiais de toda a natureza. Principalmente o primeiro foi o inspirador da obra de Wolf.

O livro é mais fornido de indicações concernentes ao Brasil, do que o precedente. Além da parte histórica, sem descontinuidade, desde os primórdios da nossa formação histórica até meados do século XIX, apresenta uma antologia de autores nacionais, desde Euzébio de Matos até Francisco Adolfo Varnhagen. Representa notável progresso sobre a contribuição anterior". (HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, Época de formação (séculos XVI e XVII) São Paulo, 1930, p. 272-3).

José Veríssimo qualifica o livro de Wolf de "estimável", e em seguida afirma que foi a "primeira narrativa sistemática e exposição completa, até aquela data, da nossa atividade literária, compreendendo o romantismo." (HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 3º milheiro, Rio, 1929, p. 22).

— (Estes dados sobre Wolf aparecem em REIS — Antônio Simões dos — Bibliografia da História da Literatura Brasileira, de Silvio Romero — tomo I — Livraria Zello Valverde, Rio — 1944.

